

um conto de fadas torna-se realidade...

SIMPLESMENTE

marina carvalho

ANA



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



# Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Prólogo](#)

[A filha do rei](#)

[Então, você é uma princesa?](#)

[Aqui não é o Brasil](#)

[Alguém já ouviu falar na Krósvia?](#)

[O filho da rainha](#)

[Laika é nome de gente?](#)

[Dias de tensão](#)

[Fixação: minha assombração](#)

[Aspirante a Lady Di](#)

[O pescador de corações](#)

[Papa-paparazzi](#)

[Feijoada com farinha](#)

[It's. My. Life.](#)

[Não temos esse direito](#)

[O recado de Catarina](#)

[Meu mundo caiu](#)

[Só sentimos saudade em português?](#)

[Meu caminho é você](#)

[O melhor lugar do mundo](#)

[Dois anos depois...](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

SIMPLESmente  
ANA

UM CONTO DE FADAS  
TORNA-SE REALIDADE...

Marina Carvalho





# Prólogo

Durante minha vida inteira, desde que era muito pequena, tive um sonho recorrente, daqueles que são sempre iguais e você nunca sabe quando virão. É um sonho tranquilo, mas misterioso, e nada nele muda. Nunca. É sempre a mesma cena: estou sozinha num campo muito verde, com flores de todas as cores plantadas numa espécie de canteiro nas laterais. Uso um vestido amarelo-ouro, longo, tomara que caia e bem rodado a partir da cintura. Ele é lindo. O tecido é tão fino e sedoso que consigo senti-lo enquanto sonho. Meus cabelos estão presos num coque perfeito. Nenhum fio ficou de fora. Atrás de mim, há uma escadaria cujo fim não consigo enxergar. Não sei para onde ela vai, nem imagino o que há depois dela. Só sei que fico olhando para o alto, primeiro com uma expressão confusa, mas depois acabo por sorrir. Então, de repente, começa a ventar, e venta tanto que meus cabelos se soltam e disparam a rodopiar em volta de minha cabeça. Olho para cima outra vez e fico transtornada. Não sei o que vejo, mas não deve ser coisa boa. Em seguida, algo chama minha atenção do outro lado do campo e eu me viro. Alegro-me com seja lá o que for que tenha surgido e estendo a mão. Sei que vou tocar alguma coisa, mas, quando estou prestes a saber o que é, acordo.

Por causa desse sonho, já fiz sessões de psicanálise e a psicanalista disse que, inconscientemente, eu estava em busca de algo para minha vida que só eu poderia descobrir o que era. Não diga! Fui a cartomantes, médiuns e videntes e todos afirmaram que me prendi a algum carma deixado por minhas vidas passadas. Pois é! Um padre disse que eu precisava frequentar mais a igreja. Sem



tempo. E então minha melhor amiga, Estela, depois de anos de convivência comigo, concluiu que o sonho não tinha nenhum significado específico e que eu deveria deixá-lo para lá, uma vez que ele não revelava nada importante, tipo com quem eu me casaria — se é que eu faria isso —, nem nada bombástico, como a data de minha morte, por exemplo.

Mas o mais sinistro de tudo isso era a cara que minha mãe fazia sempre que eu anunciava que tinha sonhado com aquilo outra vez. Ela simplesmente arregalava os olhos e dizia:

— Esqueça isso!

Assim que entrei para a faculdade, parei mesmo de dar atenção a essa história. Não que o sonho tivesse desaparecido, mas resolvi assumir para mim mesma que todos nós temos uma pedra no caminho, e até que a minha não era tão grande assim. Afinal, não passava de um sonho.

Um sonho bobo, sem significado. Não era uma mensagem, um sinal ou coisa assim. Bom, era isso que eu achava.

Até hoje.

---

## A filha do rei

Diga o que você faria se, ao abrir seu perfil no Facebook, desse de cara com esta mensagem, em inglês:

“Desculpe, mas acho que sou seu pai.”

Acho que fiquei uns cinco minutos em estado de choque, imóvel em frente do computador, lendo e relendo essa única frase que não revelava nada, mas, ao mesmo tempo, queria dizer tudo. Isso porque eu nunca soube quem era meu pai. A história que minha mãe me conta desde sempre é a seguinte:

Assim que fez 18 anos, ela foi para a Inglaterra, onde ficaria estudando inglês por um ano. Lá, conheceu meu pai, um estudante de Oxford, estrangeiro como ela, de um pequeno país da Europa chamado Krósvia. Minha mãe conta que meu pai era um cara bem bonito e simpático, de conversa agradável, e ficou a fim dela logo de cara. No princípio, foram só amigos e saíram juntos para ir ao cinema, almoçar, visitar pontos turísticos. Mas não demorou muito e começaram a namorar.

Segundo minha mãe, eles não se desgrudavam, e era tão bom ficar com ele que ela chegou a cogitar a possibilidade de estender sua estadia em Londres. Ele pareceu adorar a ideia. E tudo ia muito bem, até que meu pai passou a ficar distante e viajar constantemente, sem revelar o motivo.

Nesse meio-tempo, minha mãe descobriu que estava grávida e se apavorou. Com razão; afinal, ela só tinha 18 anos. E então, quando contou a novidade para meu pai, ele pulou fora. Simplesmente deu as costas para ela e se mandou de volta para o país dele.

Meus avós buscaram minha mãe na Inglaterra e a apoiaram, para o bem dela, que tinha ficado totalmente desnorteada com a situação. Ela nunca mais teve notícias de meu pai. Eu cresci imaginando as piores coisas sobre ele e sem a menor vontade de conhecê-lo.

Adulta, eu já nem pensava mais nessa história toda e provavelmente jamais voltaria a pensar se essa mensagem não tivesse aparecido na minha frente, assim, do nada, com direito a uma foto do homem que dizia ser meu pai ao lado da mensagem.

Sem raciocinar, resolvi responder. Eu sei, eu sei, não sou uma boba que cai na conversa de qualquer um que esteja conectado à Internet. É claro que aquele cara poderia ser um maluco qualquer. Mas não foi nem a foto nem o texto que me induziram a responder. Foi seu nome: Andrej Markov. Só alguém nascido lá pelos lados da Rússia ou do Leste Europeu mesmo poderia ter um nome desses! E bendito seja o Google, que esclarece todas as nossas dúvidas, porque só precisei copiar e colar aquele nome no espaço de busca para descobrir de quem se tratava.



— Por que só agora você resolveu me procurar?

Sentada no terraço da suíte presidencial do Hotel Ouro Minas, de frente para um homem que até poucos minutos antes não existia para mim, mas era absurdamente parecido comigo — o olhar, a cor dos cabelos —, só uma coisa passava por minha cabeça: *Por que*

*agora?*. De acordo com a versão de minha mãe, ele não quisera saber de mim. Se ficara 20 anos sem dar notícias, devia ser porque continuava sem interesse nenhum na filha. E, do nada, ele resolvera aparecer...

Eu não deveria ter ido lá. Mas a curiosidade foi maior do que a indignação, principalmente por ser ele quem era. Portanto, enquanto Andrej Markov não explicasse o motivo de seu súbito aparecimento, eu não sairia dali.

— Eu não sabia sobre você. — A voz de meu suposto pai soou firme, mas deu para sentir o nervosismo transparecendo bem lá no fundo.

Por falta de palavras, dei um sorriso irônico. Dizer que não tivera conhecimento da gravidez de minha mãe era demais!

— É verdade — insistiu ele, em inglês. Óbvio que ele não entendia minha língua. Sorte minha que sou fluente em inglês, embora nunca tenha morado fora do país. — Sua mãe terminou comigo e desapareceu. Disse que não queria manter o namoro e voltaria para o Brasil.

— *Humpf.* — *Esqueci como se diz "ah, que beleza".*

— acredite, Ana Carina...

— Ana. Só Ana.

— Ok. Ana. Eu preciso que acredite em mim, porque jamais soube de você, jamais soube que seria pai e nunca mais procurei sua mãe porque ela desmanchou o namoro e nós éramos muito jovens. É claro que eu namorei outras garotas depois dela e, sim, ela ficou no passado. Não pensei mais na Olívia até esta semana, quando cheguei ao Brasil.

— Você quer que eu acredite que minha mãe mentiu para mim esse tempo todo? — Acho que o início de um sentimento de raiva

acabou me fazendo reencontrar as palavras, que saíram de minha boca num tom mais elevado do que eu gostaria.

— E para mim também — suspirou ele, pegando em minhas mãos, e eu deixei que ele as segurasse. — Achar você foi a maior coincidência da minha vida.

Assenti sem falar nada.

Meu suposto pai me contou que, enquanto se arrumava para uma reunião com a presidente brasileira (Olha o nível do cara! Eu não consigo ser recebida nem pelo reitor da universidade em que estudo), deixou a televisão do quarto ligada como distração, mesmo não compreendendo o idioma. Estava passando um programa de culinária, desses matinais, com apresentadoras loiras e simpáticas, e ele não deu muita atenção. Até que surgiu no cenário uma mulher bonita, charmosa, na casa dos 40 anos, que por algum motivo o fez fixar o olhar na tela.

— Percebi que havia algo familiar nela — disse ele, com um olhar distante. — Então, a apresentadora chamou-a pelo nome e eu tive certeza.

Fiquei quieta, esperando que ele continuasse. Aquilo tudo era muito improvável, mas eu tinha que admitir: estava realmente acontecendo e, pior, fazia muito sentido.

O rei (sim, rei!) Andrej (pronuncia-se Andrei, com i) revelou que ficou assistindo ao programa, meio que enfeitiçado pela visão de minha mãe, até que a apresentadora começou a fazer algumas perguntas mais pessoais. Como não compreendia as falas, ele pediu ao intérprete que o acompanhava que traduzisse.

— Sua mãe se esquivou de algumas perguntas, mas, quando a mulher falou sobre família, Olívia não hesitou e contou muitas coisas sobre você.

Ele me encarou. Não dava para ignorar a emoção que transbordava dos olhos dele e eu fiquei sufocada. Cara, minha mãe mentiu para mim a vida inteira!

— Ela disse que você estudava Direito e que era muito inteligente, além de linda.

Senti minhas bochechas esquentarem. Não acredito que minha mãe disse essas coisas no ar, para milhões de telespectadores. E que meu suposto pai estava repetindo toda essa baboseira bem na minha cara. Deu uma vergonha...

Andrej apertou minhas mãos nas suas e me encarou.

— O resto foi fácil. Achar você, quero dizer.

Assenti. Nem se eu vivesse mais mil anos imaginaria que um dia poderia ficar sentada diante de um rei de verdade e que a atenção dele estaria toda voltada para mim.

*Eu tenho um pai, pensei. E ele é um rei.*

— Então, eu sou uma princesa?

Ele riu.

— Sim, Ana. Você é uma princesa, herdeira de tudo o que eu tenho. Não tive outros filhos, embora tenha me casado, e vai ser a maior alegria da minha vida compartilhar tudo com você, minha filha.

Quando Andrej fez menção de me abraçar, desvencilhei-me rapidamente. Calma aí! Já pulamos para esse nível? Já estamos falando de vida em família?

— Olha só, Andrej — comecei, devagar, tentando demonstrar maturidade e controle, o contrário do que sentia. — Eu nem conheço você. Mesmo que eu seja sua filha de verdade, e isso ainda não foi

confirmado, acho que é meio tarde para começarmos uma relação de pai e filha agora.

— Nada disso. Não concordo — retrucou ele, cheio de convicção. — E tenho certeza de que você é minha filha. Por acaso não percebeu como somos parecidos?

É. Eu tinha percebido, sim. Minha visão funciona muito bem.

— Preciso falar com minha mãe — disse, por fim.

— É claro. Eu também gostaria de falar com ela.

Concordei. Era hora de ouvir o outro lado da história.



Minha mãe é uma mulher branca, com um leve tom dourado na pele, adquirido nas horas trabalhando a céu aberto, quando está realizando eventos ao ar livre. Por isso é que fiquei tão chocada ao vê-la empalidecer, como se tivesse visto um fantasma. Tudo bem, foi como se ela tivesse realmente visto um fantasma, só que no sentido metafórico.

A cor de Andrej Markov também não estava das melhores. Os dois ficaram encarando um ao outro com tanta surpresa no olhar que chegava a ser palpável. Naquele momento, tive certeza: estava diante de meus pais e nenhuma palavra que minha mãe dissesse conseguiria negar isso.

Caraca, eu poderia até *pirar* por conta dessa reviravolta em minha vida! Não ter um pai já era ruim, mas descobrir que minha mãe e talvez até meus avós mentiram descaradamente sobre isso por anos era pior. Bem pior.

— O que você está fazendo aqui? — minha mãe perguntou num inglês perfeito, mas com a voz carregada de sentimentos não definidos.

Andrej sorriu de um jeito meio constrangido, meio emocionado, e disse:

— Acho que você ficou com uma coisa minha quando me deixou.

*Uau! Que resposta!*

Estávamos os três no escritório da empresa de minha mãe (ela é dona de um buffet), todos de pé, mas eu fiquei mais afastada, assistindo ao diálogo dos dois como se fosse só uma espectadora de um dramalhão mexicano. Ninguém pareceu sentir falta de minha participação na discussão, que transcorreu mais ou menos assim:

MÃE: — Como foi que nos encontrou?

PAI: — Você acha que isso é o mais importante agora? Depois desse tempo todo, nem uma maldita palavra! Como você teve coragem de esconder nossa filha de mim?

Meu coração perdeu uns dois batimentos. Era estranho escutar um homem se referir a mim como filha.

MÃE: — Quem disse que a Ana é sua filha? Você está deduzindo isso baseado no fato de ela ter 20 anos?

PAI: — Não, estou simplesmente seguindo o princípio de que a Ana é a minha cara.

*Ei, caso eles não tenham percebido, a Ana está aqui, bem na frente deles.*

Minha mãe bufou de um jeito nem um pouco bonito.

MÃE: — Até parece! A Ana, a sua cara?

PAI: — Você sabe que sim. Mas não é só por isso. Olívia, você fugiu da Inglaterra de uma hora para outra e terminou comigo sem explicar direito o motivo. Eu não imaginei naquela época que fosse



por causa de uma gravidez. Mas agora tudo faz sentido. Você ficou com medo.

Minha mãe abaixou a cabeça e pôs-se a encarar as pontas finas de seus sapatos de salto altíssimo. Ela ainda é muito bonita e se veste muito bem. Nós não somos parecidas. Enquanto ela tem os cabelos escuros e meio ondulados, olhos quase negros e uma elegância nata, eu nasci para ser comum. Meus cabelos são tão lisos que não dá para fazer nada neles além de um corte reto e são castanho-claros, acobreados. Meus olhos são acinzentados e não sou nem um pouco elegante. Estou mais para básica. Resumindo: minha mãe gosta de saltos; eu, de sapatilhas. Até porque já sou, digamos, meio alta, se é que me entendem.

MÃE: — Eu tive razão para ter medo, você não acha?

Embora a voz dela tenha saído bem baixinho, acho que minha mãe acabara de assumir que Andrej era mesmo meu pai...

MÃE: — Você é um rei. Eu deveria ter ficado longe de você desde que soube desse “detalhe”. Não temos nada a ver um com o outro. E uma filha ilegítima certamente não se encaixaria nos planos dos seus pais para você.

Andrej suspirou, enquanto eu preni a respiração. Ele passou as mãos repetidas vezes pelos cabelos, acho que tentando articular o que pretendia dizer. E então falou:

PAI: — Olívia, que pena que você acredite demais em contos de fadas.

MÃE (gaguejando): — C-como a-assim?

PAI: — A família real de Krósvia leva outro tipo de vida. Somos tão humanos como qualquer pessoa. Sua gravidez teria sido recebida com um susto, sim, porque éramos muito jovens, mas

jamais com desprezo. Já passou pela sua cabeça que nós poderíamos ter nos casado?

MÃE: — Rá! Você diz isso agora. Queria ver se fosse naquela época.

PAI: — Não, você não queria. Por isso fugiu.

Andrej estava certo. Minha mãe fora covarde. Por outro lado, até entendo o lado dela. Afinal, ele era um rei, e o que sabemos das famílias reais que existem por aí? Basta procurar Lady Di no Google.

O celular de meu pai tocou antes que ele recebesse uma nova réplica de minha mãe e ele se virou para atender.

Só então ela notou minha presença. Olhou para mim com olhos suplicantes, aguardando minha reação.

É claro que não fugi, nem gritei com ela, nem disse que não queria vê-la nunca mais. Pelo amor de Deus, já sou bem grandinha, dá para pular a parte da revolta. Cheguei perto e segurei as mãos dela, que estavam frias e trêmulas. E disse:

— Você poderia ter me contado, mãe. Eu entenderia.

Então ela chorou, em silêncio mesmo. E eu soube naquele momento que não importava ter ficado sem um pai por 20 anos. Porque eu pude ter minha mãe comigo nesses anos todos.

---

## Então, você é uma princesa?

— Você está de brincadeira.

Estela, minha melhor amiga de todos os tempos, tinha acabado de receber a notícia e reagiu com ceticismo.

— É verdade. Sou uma princesa. Meu pai é o rei Andrej Markov, da Krósvia.

Antes que pudesse ser pega pelo professor de Direito Penal, Estela se escondeu atrás do livro e segurou uma gargalhada. Alguns instantes depois, jogou um bilhete para mim:

“Pare de brincar. Vou acabar levando uma suspensão por sua causa.”

Dei de ombros. Não poderia convencê-la durante a aula mesmo.

Um pouco mais tarde, sentada com ela na cantina da faculdade, tentei mais uma vez:

— Estela, sei que parece a maior maluquice do mundo, mas descobri quem é meu pai e ele é, sim, o rei da Krósvia. Na verdade, foi ele quem me achou e ontem mesmo tivemos uma conversa reveladora no hotel onde ele está hospedado.

Contei para Estela tudo o que ficara sabendo por Andrej e, depois, por minha mãe, quando já estávamos em casa, a sós.

E minha mãe tinha confirmado a história toda, nos mínimos detalhes. Mas, ao contrário do que eu estava pensando, meus avós também não sabiam de nada: acreditavam tanto quanto eu que o namorado europeu é que tinha dado no pé ao saber da gravidez. Ainda bem. *Menos dois mentirosos*, pensei.

— Então, você está me dizendo que é filha de um rei? — A expressão no rosto de Estela já não era mais de ironia. — E agora? — indagou ela, abrindo um sorriso todo satisfeito. — Você vai ser coroada? Caraca, Ana, já parou para pensar que você agora vai ser uma celebridade? Vai aparecer em tudo quanto é revista e vai ser disputada por jornalistas daqui e da Europa! E vai ganhar um monte de roupas e sapatos de grife! Uau! Que demais!

Sinceramente, tem horas que eu acho que Estela vive em outro planeta. Eu conto para ela que finalmente tenho um pai e a garota só pensa em futilidades!

— Por que eu ganharia roupas, Estela?

Ela revirou os olhos, como se minha pergunta tivesse sido ridícula.

— Minha filha, todo mundo vai querer vestir a mais nova princesa do pedaço.

— Eu estou mais preocupada em descobrir como vou lidar com isso agora. Meu pai quer que eu vá ficar com ele durante um tempo, para conhecer minhas origens e ser apresentada ao país dele. Eu não sei...

— Não sabe por quê? É claro que você tem que ir.

— É que não estou preparada para mudar minha vida assim — disse, enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos. — Hoje estou aqui, sentada com você, tomando um suco de manga de caixinha, completamente anônima e dona do meu nariz. Se amanhã

eu for para a Krósvia, não vou ter controle de mais nada. Vou ser vigiada e controlada o tempo todo, coisa que nunca fui, nem mesmo pela minha mãe, você sabe.

— Você está tomando por base os filmes da Sessão da Tarde. De repente, fazer parte da família real de um país pequeno como a Krósvia nem é tão sensacional assim. Aposto que as outras princesas e os príncipes de lá têm uma vida normal.

Soltei a mecha e suspirei.

— Aí é que está. Não existem outros príncipes e princesas. Meu pai não teve mais filhos e só tem uma irmã com filhos ainda pequenos, que nem são herdeiros do trono.

A gargalhada de Estela ecoou por toda a cantina.

— Herdeiros do trono? Parece que você está falando de um filme de época.

— É. Eu sei. É ridículo. Viu como eu não posso ir? Já me imaginou vestida de princesa, toda produzida e maquiada que nem as Barbies da sua irmã?

— Não seja dramática. Você tem que ir porque é a outra metade da sua história. Ser mineira, de BH, estudante de Direito e apaixonada pelo abestalhado do Artur é fácil. Você tira de letra. Só que você não é só isso e precisa descobrir como é ser de outro jeito, mesmo que depois prefira a forma antiga.

Sério. Às vezes, Estela me surpreende com sua filosofia. Mas ela não deixava de ter um pouco de razão, afinal.



— O que sua mulher, quero dizer, a rainha, acha de tudo isso? — perguntei a Andrej, assim que me encontrei com ele de novo, mais tarde, no Ouro Minas.

Eu estava sentada em uma poltrona bem confortável, saboreando um maravilhoso café da tarde e pensando se a vida dele era sempre assim: luxo e comida com fartura.

— Ela morreu há dois anos, Ana — disse meu pai depois de um suspiro melancólico.

Coloquei a mão sobre a boca, chocada.

— Mas... o que houve com ela?

— Câncer.

— Puxa. Eu sinto muito mesmo. Deve ter sido muito triste para você — falei, com sinceridade.

— Sim. Para o país inteiro. A Elena era muito querida e carismática. E jovem. Tinha acabado de fazer 45 anos.

*Nossa! Definitivamente, o dinheiro não é capaz de salvar tudo, não é mesmo?*

— Por que não tiveram filhos? — ousei perguntar. Já que estávamos nesse processo de recuperação do tempo perdido, achei que não faria mal me envolver mais. Juro que não perguntei só por curiosidade.

— Ela teve. Quando nos casamos, a Elena já tinha o Alexander, mas não podia mais engravidar porque tivera que retirar o útero.

— Ela era mãe solteira? — Eu quase gritei ao fazer a pergunta. E minha mãe com medo de ser rejeitada...

— Viúva. Então, nós nos casamos e criamos o Alex como se ele fosse de nós dois. Só que ele não é meu sucessor ao trono, porque nossa legislação não permite isso para filhos adotivos.

— Então você o adotou?

— Não no papel. A Elena não quis porque o Alex tinha conhecido o pai biológico e gostava muito dele. — Andrej sentou-se a meu lado e tocou a ponta de meu nariz. — Mas ele é como um filho para mim, assim como você é minha filha.

Sorrimos um para o outro.

Eu nunca tinha conhecido um rei de verdade e sempre pensei que eles fossem pomposos e esnobes. Mas Andrej Markov, meu pai, é o contrário disso, o que me deixa muito feliz. Já pensou se eu tivesse que conviver com uma pessoa intratável, arrogante e soberba só por causa do grau de parentesco?

— Quantos anos o Alexander tem hoje? — quis saber. Já deu para notar que sou muito curiosa, não?

— Humm... — ele parou para pensar. *Homens!* — Acho que 25. Hoje ele não mora mais comigo, no Palácio Sorvinski. Desde que saiu da escola, ganhou sua independência e viveu vários anos fora do país, nos Estados Unidos.

— Então, você está sozinho? Digo, não tem companhia no palácio?

— O que mais tenho é companhia — disse Andrej, com humor. — Você vai ver só quantas pessoas moram lá comigo.

Abaixei a cabeça. Ainda não tinha certeza se queria mesmo conhecer minhas origens europeias. O medo permanecia à espreita.

— Andrej, eu... não sei se posso sair do Brasil agora. Você sabe, tem a faculdade e eu faço estágio num escritório de advocacia. É complicado.

Ele pareceu decepcionado, mas não desistiu.

— Filha, você pode trancar matrícula por um semestre. Não precisa ficar na Krósvia mais do que seis meses, se não quiser. Mas

acho que não pode virar as costas para parte do que é. Lá também é o seu lugar e, se não tivesse sido por todo esse mal-entendido, você teria vivido na Krósvia a vida inteira. Eu não estou pedindo para você assumir o trono ou começar a governar o país junto comigo. Nem para abandonar o Brasil de vez e esquecer o que viveu aqui. Será só uma experiência. Eu prometo.

Bem que eu gostaria de acreditar em tudo isso, porque uma parte de mim queria muito ir com ele. Mas havia muitos fatores a considerar, como minha mãe, meus avós, meus amigos, Artur.

Com Artur, era um pouco diferente. Não é como se fôssemos namorados nem nada. Estávamos começando o que poderia ser uma relação duradoura, e viajar agora poderia significar o fim. Os homens não são muito de esperar, principalmente quando o vínculo ainda não é tão forte.

Mas eu gostava dele e queria mesmo investir nesse relacionamento. Ou seja, mais um empecilho para minha temporada na Krósvia.

*Será que estou sendo ridícula?*



— É claro que está!

Vovó foi enfática. Para ela, não existia um porém. Era só questão de ajeitar a parte burocrática (trancar matrícula, pedir demissão, fazer o passaporte) e partir. Eu não tinha o que pensar a respeito.

— Você encontrou seu pai. Ele quer muito passar um tempo com você. O fato de ele ser um rei é só um detalhe. Não pode deixar passar essa oportunidade.



— Um detalhe? Vovó, não é como se ele fosse só rico. Ele é um rei! Isso não é só um detalhe.

Ela torceu o nariz.

Minha avó é minha segunda mãe. Boa parte de minha infância foi passada na casa dela, com meu avô também. Por isso, há muita afinidade entre nós e não temos receio de falar tudo uma com a outra. Estamos acostumadas com esse excesso de sinceridade, que com minha vó é até maior do que entre mim e minha mãe.

— Se você não for, vai ser como fugir, exatamente como a Olívia fez — profetizou ela, enquanto aumentava a velocidade da esteira ergométrica.

Ah! Esqueci de dizer. Vovó é tão preocupada com a aparência quanto sua filha, minha digníssima mãe. O dia em que ela não faz exercício é tão raro que eu nem me lembro mais de quando foi o último. Hoje, vovó está na esteira, mas também tem hidroginástica, ioga, pilates e dança de salão. Não esperem encontrar minha avó na cozinha, assando tortas. Ela não é como a maioria.

— Não é questão de fugir, puxa! Eu só acho que ainda não estou preparada para encarar tudo isso.

E foi assim com todo mundo. Ninguém achava que eu deveria esperar mais um pouco e me acostumar primeiro com a ideia de ser uma princesa antes de viajar para a Krósvia. Até mamãe foi a favor, pois ela também acreditava que os sentimentos de meu pai por mim eram verdadeiros e que ele queria mesmo que eu conhecesse e fizesse parte de seu mundo.

Assim que cheguei em casa, à noite, corri para meu quarto e liguei o computador. Havia várias mensagens em minha caixa de e-mail, a maioria banal. Só houve uma que realmente me interessou. Era de Artur, que dizia:

De: Artur Ribeiro  
Para: Ana Carina Bernardes  
Assunto: Você existe?

Ei, lindinha!

Tá sumida, hein? O que anda aprontando?

A gente precisa se ver... Tentei ligar pro seu celular hoje, mas só deu caixa postal. Quer encontrar comigo mais tarde? Posso te pegar na sua casa?

Beijão!

Artur 😊

A primeira coisa que fiz quando li a mensagem foi checar meu celular e, para minha surpresa, constatei que ele estava sem bateria. *Porcaria!*

Eu queria muito ver Artur, mas, ao mesmo tempo, estava receosa. E se ele não quisesse me esperar? Ou se eu desistisse de ir por causa dele e depois me arrependesse? De qualquer forma, eu teria que descobrir o que aconteceria a seguir.

De: Ana Carina Bernardes  
Para: Artur Ribeiro  
Assunto: Sim. Existo.

Oi!

Desculpa por ter desaparecido. É que aconteceram umas coisas e eu fiquei superenvolvida.

Também quero te ver, até porque preciso te contar uma história. Pode me pegar às oito?

BJ

Mal terminei de enviar o e-mail e Artur me chamou no MSN. Acho que ficou curioso e não quis esperar até a noite para saber a tal história.

Artur: oq houve? problema?

Aninha: naum. ou melhor, talvez seja um problema, sim. mas naum é nd sério.

Artur: naum vai contar?

Aninha: nem sei por onde começar, kkk. é complicado.

Artur: tente. eu to aqui. naum vou a lugar nenhum.

Aninha: vawew... eh q eu descobri ontem quem é meu pai.

Artur: sério?! mas isso eh ótimo! neh?

Aninha: sim, eh otimo. ele eh superbacana e ficou muito a vontade comigo. ele nem sabia q eu existia, acredita? foi pura coincidência ter me encontrado.

Artur: jura? q incrível! mas entaum qual eh o problema? quero dizer, ja q ele eh legal e tal...

Aninha: bom, eh q meu pai naum eh brasileiro. e ele quer que eu fique uns tempos c/ ele, p/ gente se conhecer melhor e tb p/ eu ver o lugar onde ele mora.

Artur: vc vai morar com ele? tipo, sair do Brasil?

Aninha: isso, mas so por uns meses.

Artur: entendo. mas vc não disse de onde seu pai eh

Aninha: de um país pequenininho na europa, entre a italia e a eslovenia. o nome é KRÓSVIA.

Artur: KRÓSVIA?! mas fica longe p/ caramba! pow! nunca pensei que vc fosse descendente de europeus.

Aninha: nem eu. p/ dizer a verdade, eu ja tinha me conformado em ter so mae. parei de pensar nas minhas origens paternas ha muito tempo.

Artur: eu achei legal.

Aninha: serio? pensei que vc fosse ficar triste.

Artur: ana, entende que vc naum pode deixar de ir? eh a sua história e nada pode te forçar a ficar. eh claro que vou ficar triste, a gente ta começando um lance legal e eu queria investir nisso. mas a gente pode esperar um pouco, neh?

Aninha: quer dizer q vc ta dando um tempo, tipo, ate eu voltar?

Artur: não eh isso, sua encucada. quero dizer que to disposto a esperar. vc naum leu direito? eu disse que quero investir na gente. naum importa o tempo que vc vai ficar lá na... Krosvia, eh isso?

Aninha: isso. bom, tb penso assim, mas naum posso impor nada... vc tem toda a liberdade de pular fora. naum estamos namorando.

Artur: naum?

Aninha: estamos?

Artur: kkkkkkkk

Aninha: ?????????

Artur: podemos chamar o que temos um com o outro do q vc quiser.

Aninha: ta. entaum vamos deixar para dar nome ao nosso... lance quando eu voltar. justo?

Artur: como quiser. qdo eh q vc vai pra la?

Aninha: naum sei. ainda nem dei a resposta ao Andrej, digo, meu pai. mas ele precisa voltar logo, por causa dos... negocios.

Artur: e o q ele faz la?

Aninha: jura q naum vai rir?

Artur: XD

Aninha: ele eh... bom... o rei do pais.

Artur: !!!



— Você não pode estar falando sério.

Estava sentada em frente a Artur numa lanchonete aonde resolvemos ir depois do cinema. Contemplava a expressão dele, que demonstrava um misto de dúvida e divertimento.

Fazia três meses que estávamos saindo e ainda eu não me acostumara com sua aparência. Isso porque Artur é um cara bem bonito, daqueles que vivem sendo perseguidos pelas garotas — e até por alguns caras também.

Ele é alto e moreno e meio musculoso, mas não em excesso como aqueles lutadores do *Ultimate Fighting*. Tem cabelos escuros e olhos profundos, que me deixaram sem ar quando os vi pela primeira vez, numa festa da universidade. Desde esse dia a gente vinha se encontrando com frequência e não era segredo para ninguém que eu estava bastante interessada...

Afinal, não é todo dia que a gente encontra um cara lindo, sexy, legal e disponível por aí. Portanto, se essa minha ida súbita para a Krósvia não esfriasse nosso *affair*, teríamos um futuro.

— Não, Artur, isso é sério. Entra lá no Facebook que você vai ver a mensagem que o Andrej mandou para mim. Pode parecer assustador e sinistro, mas é a mais pura verdade.

Meu possível futuro namorado exalou o ar devagar.

— Isso significa que você é uma princesa?

Por que essa tem que ser a primeira constatação de todo mundo?

— Seja lá o que isso signifique na Krósvia — respondi, cansada.

— Bom, quem diria, hein? Quando essa notícia vazar, ninguém vai te deixar em paz.

— Eu sei. Vai ser terrível. Só espero já estar bem longe quando isso acontecer. Não quero ser bombardeada pelos fofoqueiros de plantão.

— Pois então se prepare. A imprensa da Krósvia vai ficar muito mais ouriçada do que a nossa. — Artur segurou minha mão, transmitindo um calor reconfortante. Se eu pudesse ter um pouco de meus dois mundos ao mesmo tempo, encararia tudo com mais facilidade.

— Por favor, não vamos mais falar sobre esse assunto, tá? — pedi. Cheguei bem perto dele e toquei seu rosto. — Será que podemos aproveitar o tempinho que nos resta? Vou embora no fim da semana.

Artur me deu um beijo leve e balançou a cabeça.

— Tão cedo?

— Sim — suspirei, voltando a me recostar na cadeira. — Quanto mais cedo eu for, mais rápido volto.

Fiz uma careta nada graciosa.

— Desse jeito, parece que você está indo para a forca. Se liga, Ana! Aproveita a viagem. Vai ser legal, você vai ver.

Sorri. Artur tinha razão. Eu estava sendo boba. Mas é difícil relaxar quando uma vizinha fica sussurrando na sua cabeça coisas

do tipo: *Prepare-se. Nada será como antes.*

---

## Aqui não é o Brasil

Meus olhos ainda estavam inchados de tanto que eu tinha chorado. Não esperava a festa de despedida que meus amigos e minha família prepararam para mim no salão de festas do prédio de meus avós.

Depois de me despedir de todo mundo no escritório na sexta-feira, fui à universidade e resolvi o problema com o trancamento da matrícula. Também passei por um doloroso processo de despedida lá, com alguns funcionários que me conhecem.

Estava indo para casa, cabisbaixa, pensando nas coisas que ainda tinha que fazer — terminar de arrumar as malas, separar os livros que queria levar —, quando minha mãe ligou e pediu para eu me encontrar com ela na casa de meus avós. Na hora, não entendi bem o motivo, já que estava combinado que eles iriam comigo até o aeroporto no dia seguinte. Mas, para evitar o falatório de mamãe na minha cabeça, obedeci sem contestar.

Estranhei quando o porteiro avisou que eles estavam esperando por mim na área de lazer. Ele ficou dando umas explicações sem sentido, que minha avó queria que eu desse uma olhada no equipamento novo de ginástica que o condomínio tinha acabado de comprar.

Inocentemente, sem desconfiar de absolutamente nada, fui ao encontro deles. Então, no momento em que pus os pés no salão de



festas, as luzes se acenderem e vários rostos conhecidos e queridos apareceram.

Fiquei por um instante meio congelada, em estado de choque, procurando entender o que estava acontecendo. Mas a ficha caiu rapidinho, assim que avistei meus amigos atrás de uma nuvem de balões coloridos, com os olhos brilhando de emoção. E como tinha gente!

Na mesma hora, senti um aperto na garganta que quase me sufocou. Tantas pessoas estavam lá só para me homenagear, para demonstrar que se importavam comigo e que sentiriam minha falta!

Minha mãe, vovó Nair, vovô Felisberto, meus tios e primos de Itabirito, Estela, Lu (minha segunda melhor amiga), Artur, até meu pai! E muito mais.

Passei a festa inteira chorando, relutando em me despedir das pessoas que eu amo, querendo me sentir bem, mas com uma sensação terrível de solidão.



Agora eu estava ali, sentada há 13 horas na confortável poltrona do avião da família real de Krósvia, observando o país — que agora também era meu — aproximando-se gradativamente, enquanto a exuberante aeronave de Andrej Markov executava os procedimentos de aterrissagem.

Ainda não sabia o que me esperava lá embaixo. Tive medo de perguntar a meu pai e ouvi-lo dizer que haveria uma comitiva para nos receber. Estava no escuro, com a adrenalina a mil.

— Nervosa? — ele quis saber minutos antes do pouso.

— Sim. — Minha boca estava seca.

— Ajuda se eu disser que ninguém sabe da nossa chegada, ou melhor, ninguém que não deva saber? — Andrej sorria de um jeito encorajador.

— Você quer dizer a imprensa? — questionei, sentindo-me um pouco melhor.

Ele concordou.

— Além de alguns puxa-sacos que só aparecerão para especular. Quero fazer as coisas do meu jeito, do jeito certo. Haverá um momento adequado para eu apresentar minha filha ao país. Mas primeiro eu quero que você se sinta à vontade.

Achei esse gesto muito fofo. Dei um sorrisinho antes de abraçá-lo. Não sei se ele notou, mas era a primeira vez que nos abraçávamos. Foi a primeira vez que eu quis fazer isso.

Ficamos assim por um tempo, até que o piloto informou que já estávamos em solo krosviano. Então, surgiu meu primeiro pânico concreto: como eu me comunicaria com as pessoas se não sabia pronunciar uma só palavra da língua delas?

— Todo mundo fala inglês por aqui? — perguntei antes de descer do avião. — Caso contrário, você sabe, vou ter um probleminha de comunicação.

Andrej soltou uma gargalhada sonora.

— Não se preocupe. Com o inglês você vai se virar muito bem. Mas, se quiser, pode aprender o krosvi.

— Humm... — engasguei. — Acho que não sei se consigo arrastar tanto os érrres.

Ele riu de novo.

Meu pai tinha dito a verdade. No aeroporto da capital, Perla, só havia um motorista num carro preto com vidros escuros esperando

por nós. O visual nem era tão impressionante assim. Acho que Andrej pensara em tudo. Porque, com toda a certeza, aquele veículo não pertencia à família real.

Com um aperto de mão caloroso, ele cumprimentou o motorista, que abriu a porta de trás para que nós entrássemos.

Era final de outono na Europa, mas o tempo estava muito agradável, mais para frio até. Ao sair do aeroporto e pegar a avenida que levava ao centro da capital, percebi que a natureza era muito receptiva ao clima. Como havia flores em Perla! De todas as cores e tamanhos, ornamentando praças, canteiros, jardins e janelas. Como o céu estava muito azul, o contraste entre as cores, naquela manhã, era belíssimo. Isso acalmou um pouco meus ânimos.

Quase perdi o fôlego diante do palácio administrativo, de onde meu pai governava Krósvia e se reunia com o parlamento. Era uma construção maravilhosa, gigantesca. Andrej me explicou que o palácio fora construído numa planície da região central da cidade, no século XV, durante o reinado de Nicholai III, com o intuito de ser a moradia da família real. Possuía inúmeras alas, com salões imensos, desproporcionais para uma residência familiar. Por isso, alguns sucessores de Nicholai preferiram morar em outros lugares, menores e menos visados. Era o caso de meu pai, que mora no Palácio Sorvinski.

Mas, afinal, o que mais me impressionou foi a fonte em frente do palácio. Ela ficava dentro de um imenso lago cristalino e devia ter mais de 20 jatos de água, que se alternavam em jorros dançantes.

Depois, à medida que nos aproximávamos do Palácio Sorvinski, a paisagem urbana foi dando lugar a um cenário bucólico, quase paradisíaco. Já dava para ver o mar! Meu Deus! Que demais! Só agora eu me dava conta de que passaria uma temporada à beira do oceano. Para nós, mineiros, isso é uma tremenda sorte.

*As ondas são suaves. Será que o mar é quentinho? Porque, se for, vou querer dar um mergulho assim que puder.*

E então, enquanto eu devaneava sobre água e mergulhos, o palácio surgiu. E meu queixo caiu. Nem tanto pelo prédio em si — que é grande também —, mas pelo conjunto formado pelo castelo, a fonte, o jardim opulento e o Mar Adriático atrás. O que senti não tem explicação.

O carro parou num pátio imenso, onde já havia outros veículos. No mesmo instante, surgiu uma mulher bonita, de cabelos loiros presos num coque perfeito. Ela esbanjava eficiência, tanto pela postura quanto pela aparência, vestida com um *tailleur* cinza-chumbo, meia-calça e saltos altos com pontas finas, que faziam barulho no piso a cada passo que ela dava.

— Oh, majestade! Como é bom vê-los! — saudou ela, olhando de meu pai para mim, fazendo uma avaliação pouco disfarçada.

— Ah, por favor, Irina, sem o “majestade”. Já passamos disso faz tempo.

Segurei o riso para não magoar... Irina. Coitada. As bochechas branquinhas dela estavam pegando fogo. Deu para perceber que o rei Andrej Markov não era muito de meias palavras.

— E esta é a Ana Carina. — Franziu a testa. — Quero dizer, é a Ana — corrigiu-se ele —, minha filha. Espero que você tenha feito tudo o que pedi.

— Oh, é claro, majes... digo, Andrej. — E, virando-se para mim, Irina disse: — É um grande prazer conhecer você, querida! Estávamos todos muito ansiosos.

*Todos?* Ela continuou:

— Espero que goste do seu quarto e do palácio, ah, e do país inteiro. Aqui tudo é perfeito, maravilhoso mesmo.

Pobre Irina! Ela estava uma pilha de nervos. Não sei se por minha causa ou pela presença marcante de meu pai, que revirava os olhos a cada vez que a mulher falava.

Mas eu gostei dela. Achei-a espontânea e simpática. Precisava daquela primeira impressão para poder continuar.

— Ana, a Irina será sua... hã... companhia, assessora, secretária... não sei bem como chamar essa relação. Na verdade, ela trabalha para mim, mas penso que você precisará de uma ajuda para se ambientar aqui — explicou Andrej. — Não conheço ninguém melhor para isso do que a nossa querida e fiel Irina.

Epa! Ele estava dizendo que eu teria uma babá?

— Andrej, eu... eu não vou poder andar por aí sozinha? — O pânico tomou conta de mim. Se eu tivesse que andar acompanhada o tempo todo, não aguentaria. Sério.

— Filha, você poderá fazer o que quiser, especialmente quando estiver na propriedade. A Irina só está aqui para ajudar, entende?

Balancei a cabeça, concordando.

— Mas é claro que, assim que a notícia de que eu tenho uma herdeira se tornar pública, teremos que tomar algumas precauções.

— Devo entrar em pânico agora? — brinquei, mas um pouco tensa, na verdade.

— Claro que não — garantiu Andrej.

— Vamos entrar? — sugeri Irina, pegando minha mão e levando-me até a porta de entrada do palácio.

Eu não via a hora de ficar sozinha e ligar para todo mundo no Brasil. Estava me sentindo uma princesa dos contos de fadas da Disney. Estela adoraria tudo isso.



A escadaria da frente do castelo era um prenúncio do que viria a seguir. De alguma forma, ela me pareceu meio familiar. Acho que me lembrou a mansão do Sr. Darcy no filme *Orgulho e Preconceito*. Os degraus eram de mármore, ladeados por um guarda-corpo em colunas. Tudo muito antigo.

Ao passar pelo portal de entrada, tão enorme e pesado, com o brasão da família Markov esculpido no centro, dei de cara com um salão gigantesco, mobiliado ao estilo do século XVIII. Longas e pesadas cortinas de veludo cobriam as janelas; havia várias poltronas escuras, parecidas com as dos filmes e novelas de época; tapetes — será que da Pérsia? — forravam o chão de mármore branco e polido. U-au! E o lustre? Nunca tinha visto um assim: do teto, pendia uma escultura de cristal formada por uma infinidade de gotas cristalinas. A peça devia ter o tamanho de um Fusca. Sem brincadeira.

Irina não se cansava de explicar a história da família e do castelo. Ouvindo o incansável falatório da secretária/governanta/assessora/sei lá mais o quê, seguimos pelas escadas — longas e adornadas — que levavam ao segundo andar.

Para dizer a verdade, o cansaço foi me dominando e eu pouco escutava o que Irina dizia. É claro que eu estava encantada com tudo. Afinal, nem em meus sonhos mais loucos eu me imaginara passeando por um castelo de verdade, quanto mais como uma princesa. Mas tudo o que queria era ficar sozinha por pelo menos algumas horas e deixar meu corpo voltar a seu lugar. Sim, porque o fuso horário — adiantado cinco horas em relação ao Brasil — e a desgastante viagem resultaram numa fadiga que só um banho quente e muitas horas de sono poderiam resolver. No entanto,

precisei me manter firme e seguir em frente, pois, sem quarto, não poderia ter nada disso.

Andrej não nos deixou sozinhas durante a excursão pelo castelo. Tenho certeza de que estava tão esgotado quanto eu. Mas acho que desejava causar uma boa impressão e se manteve firme.

Subimos mais um lance de escadas e minha cabeça já havia flutuado até Marte. Se eu estivesse no paraíso ou no inferno, não saberia dizer. Continuei andando como uma cobra-cega até que Irina finalmente abriu uma porta no meio do corredor. Entramos em uma suíte que mais parecia um apartamento, de tão grande. Calculei mentalmente e concluí que aquele quarto deveria ser quase do tamanho do que eu tinha em BH, junto com o da minha mãe, mais a sala de televisão. Não preciso de tudo isso, deixo bem registrado aqui. Mas não nego que era lindo e eu até poderia ter chorado de prazer e admiração se não estivesse tão exausta.

As paredes eram pintadas de bege e adornadas por dois quadros cujas pinturas lembram o movimento impressionista. Será que eram autênticos Monets? Ou Degas? Desculpe, estou me exibindo.

A cama — gigantesca — ficava no centro do dormitório, encostada numa parede recoberta por um papel de parede listrado de bege e marrom. Havia também uma lareira e, em frente a ela, duas poltronas cor de pêssego.

Um painel de madeira escura cobria toda a parede em frente da cama. Nele, estava instalada uma televisão enorme de LED com entradas e saídas para tudo o quanto é tipo de mídia.

— O que achou, senhorita? — Irina estava se roendo de ansiedade, esperando uma palavra de aprovação. E Andrej parecia sentir o mesmo.

— É lindo! — murmurei. — Muito lindo mesmo. Eu não precisava de tudo isso.

— Ah! Então, venha ver o closet. — Irina me puxou pela mão e me levou ao outro ambiente. — Veja só o tamanho do seu armário!

— Armário?! — engasguei. — Esse closet é maior do que meu quarto no Brasil. Minhas coisas vão sumir aqui dentro.

Um sorriso insistente e fácil grudou em meu rosto. Nada se comparava a essa sensação de ser querida num meio completamente estranho e novo. Irina tivera um trabalhão para deixar aquele quarto perfeito para mim. E eu fiquei, é claro, muito grata.

— Puxa, Irina! É tudo tão maravilhoso! Obrigada, de verdade.

Ela abriu um sorriso maior do que o meu e então eu soube que aquela moça espreitada tinha um coração imenso e seria uma grande amiga nessas terras estrangeiras.

— Oh, querida, fico feliz que tenha gostado. Mas não posso receber os louros sozinha. O senhor Andrej me orientou em tudo, lá do Brasil ainda.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Meu Deus! Aquele homem existia? Como a louca da minha mãe deixara um príncipe como ele (na verdade, um rei) escapar? Só sendo muito doida mesmo.

— Obrigada — disse, enquanto me aconchegava nele para um abraço cheio de ternura.

— Filha, quero fazer tudo por você, tudo o que estiver ao meu alcance — disse meu pai, com emoção. — Posso ter perdido 20 anos de convivência com você, mas não quero perder mais nada daqui pra frente.



Assenti. Nem eu queria. Porque, admito, queria muito aproveitar esse pai que caíra do céu para mim.



Depois que os dois saíram do quarto para me deixar descansar, a primeira coisa que fiz foi tirar a roupa que vestia havia quase um dia inteiro e mergulhar na banheira que eu tinha só para mim num banheiro acima de todas as classificações dos hotéis de luxo (não que eu estivesse familiarizada com eles).

Devo ter ficado dentro da água por quase uma hora e só saí porque comecei a cochilar. Muito relutantemente, me arrastei — sem roupa mesmo — até a cama gigantesca e me joguei nela. Acho que adormeci em seguida.

Quando acordei, já estava escuro e eu tremia sob a colcha com a qual me enroscara durante o sono. Custei a sacar onde estava. Meu cérebro não fez o processamento automático de minha localização. Por uns instantes, pensei que estava sonhando ou num universo paralelo.

Logo que recuperei a consciência, uma ansiedade me dominou. *Gente, sou uma princesa! E estou na Krósvia para desempenhar meu papel, ou melhor, meus dois novos papéis: o de princesa e o de filha com pai. Sinistro.*

Lembrei que ainda não tinha dado notícias ao Brasil e minha mãe devia estar desesperada lá em Belo Horizonte. Se bem que, a essa altura, do jeito que ela era stressadinha, já devia ter tomado a iniciativa.

Levantei-me com muita preguiça e olhei a tela do celular. Dito e feito. Havia mais de 20 chamadas não atendidas e umas 10 mensagens de texto. A maioria delas era de minha mãe, mas outras

eram de Estela. Só estranhei não ter nenhuma de Artur. Ele provavelmente teria tentado se comunicar comigo pela Internet.

Sem ânimo para bater papo e responder ao vivo a todas aquelas perguntas de praxe (*Como foi o voo? Você passou mal? A Krósvia é legal? E o palácio?*), mandei notícias por escrito, as mesmas para minha mãe e minha amiga, dizendo que estava tudo bem, que eu dormira demais e que no dia seguinte ligaria para todo mundo.

Enrolada num lençol, agachei-me em frente a uma de minhas malas, que ainda estavam feitas, e tirei uma peça de roupa limpa. Não sabia que tipo de traje a situação exigiria de mim, então optei pelo básico (que novidade!): calça jeans escura e justinha — uma da Colcci, linda, que ganhei de vovó —, camiseta branca lisa e um casaquinho ajustado na cintura, vermelho, de veludo. Calcei as mesmas sapatilhas vermelhas de antes e escovei os cabelos. Meu rosto estava meio pálido, então passei um gloss rosado nos lábios e um pouquinho de blush nas bochechas para dar um ar saudável. Meti meus brincos de strass em formato de estrela nas orelhas (tenho dois furos em cada uma) e saí do quarto, não sem antes respirar fundo umas cinco vezes para tomar coragem.

Foi aí que percebi que estava perdida. O palácio era enorme, cheio de portas e corredores e, na chegada, eu não prestara atenção suficiente para decorar o caminho. Poderia voltar ao quarto e fazer uma ligação de pedido de socorro para Irina — minha suíte tinha um aparelho que se conectava com todos os cômodos do castelo, como nos filmes. Mas seria humilhante demais. O jeito era arriscar.

— Direita — disse em voz alta, tomando a decisão de me localizar sozinha.

Saí às cegas pelo palácio, abrindo portas que levavam a cômodos estranhos, sem esbarrar em nem um ser humano sequer.

Os únicos rostos de gente que vi estavam pintados nos inúmeros quadros pendurados nas infinitas paredes. Isso me lembrou da vez que entrara num daqueles castelos mal-assombrados dos parques de diversão. Na verdade, fora no Shopping Del Rey e, mesmo sabendo que era tudo de mentira, eu quase tinha vomitado em cima de um dos monstros que ousara me ameaçar com uma foice. Saíra de lá aos berros, chorando feito um bebê. Eu já tinha 14 anos.

Agora, bufando de raiva por estar perdida e suando de indignação, parei diante de uma grande porta dupla, feita de madeira trabalhada com o que só podia ser o brasão da família real. Se eu acreditasse em forças ocultas, diria que alguma coisa havia me impulsionado a abrir aquela porta e entrar. Mas, como sou quase uma cética quando o assunto é misticismo, ponho a culpa na curiosidade imensa que me atingiu.

Sem pensar demais, empurrei a porta e entrei. Como já era noite, não se enxergava nada. Tateei a parede em busca de um interruptor e não demorei a encontrá-lo. Assim que as lâmpadas se acenderam, senti minha boca se escancarar de choque e surpresa. Minha abelhudice me levava a um lugar incrível, do tipo que eu só havia visto na televisão ou em livros. Eu estava na maior e mais recheada biblioteca particular do mundo! Bom, pelo menos do *meu* mundo.

Havia estantes cobrindo todas as paredes do salão, que era grande, mas não a ponto de parecer frio e impessoal. Em cada canto havia livros, todos dispostos de maneira planejada nas prateleiras feitas de uma madeira quase negra. Meu coração disparou só de imaginar as horas que eu passaria ali, recostada na *chaise* de veludo verde estrategicamente posicionada debaixo de uma janela ampla, de vidro, cuja vista só podia ser de tirar o fôlego.

Fui caminhando para aquele interior mágico, aconchegante, pisando sobre um tapete não muito felpudo, mas fofo, como se estivesse nas nuvens. Não é exagero meu. Sou louca por livros! Já deixei de ir a muitas festas só para não perder o fio da meada de uma história. Eu trouxera para a Krósvia uma mala só de livros — meus preferidos e aqueles que ainda não lera. Comprava tantos que meu salário como estagiária era quase só para isso. Então, fala sério, aquela biblioteca era tudo!

Os livros eram separados por assunto e, em seguida, por autor. Passei os dedos por eles, sentindo a textura, tentando captar sua aura. Aleatoriamente, retirei um da estante. Era *Guerra e Paz*, de Tolstoi. Um original, de capa dura e letras douradas! Uma relíquia!

Eu já tentara ler *Guerra e Paz* uma vez, mas confesso que saltei tantas páginas antes de chegar ao fim que não posso dizer que o li realmente. Mas tentei e me orgulho disso. E já vi o filme, só para saber como terminava a história.

Coloquei-o de volta ao lugar e já ia pegar outro quando um carrilhão, no qual eu não tinha reparado, deu o ar da graça, informando as horas com batidas fortes: oito da noite! Puxa! Era tarde e, se eu não me apressasse, Andrej e Irina mandariam uma equipe de resgate atrás de mim.

Prometendo a mim mesma que voltaria mais tarde para uma nova inspeção, dei as costas aos livros, só para me chocar com um corpo grande e rígido, parado no meio da sala.

— Ai! — dei um gritinho, mais pelo susto do que pela dor que atingiu minha testa.

Ainda não tinha visto o rosto do dono daquela parede que se chocou contra mim quando uma voz meio rouca e profunda disse, em inglês:

— O Andrej está maluco atrás de você.

O tom era meio ríspido, por isso dei um passo para trás e ergui os olhos. Dei de cara com um homem jovem, de rosto bonito, mas sério, encarando-me com um olhar irritado. Vestia uma roupa casual — jeans e camiseta de malha — e parecia muito à vontade naquele ambiente.

Tive que engolir em seco, porque aqueles olhos duros — e verdes — estavam me queimando.

— Você pode bisbilhotar mais depois — prosseguiu ele, agora, sim, deixando-me indignada. Como assim, *bisbilhotar*?

— O que disse? — engasguei.

Ele só balançou a cabeça e me pegou pelo braço, guiando-me porta a fora. Não sou nenhuma leitora de linguagem não verbal, mas podia jurar que o cara bonito estava detestando a função de me levar até meu pai.

— Ei, eu posso andar sozinha — protestei. Ele soltou meu braço sem pensar duas vezes, como se eu estivesse pegando fogo ou fosse transmitir uma doença contagiosa.

Em silêncio, caminhamos por mais um corredor e descemos um longo lance de escadas — eu tinha que guardar esse caminho — até chegar a uma sala decorada por uma mesa enorme, onde Andrej e Irina conversavam de pé perto de uma das cabeceiras. Eles abriram um sorriso ao me verem e acho que meu pai respirou aliviado. *Será que ele achou que eu havia fugido?*

— Ana! Você sumiu! — observou ele, todo feliz com minha súbita aparição. Chegou perto e beijou meu rosto.

— Desculpa — encolhi os ombros, realmente envergonhada. — Primeiro eu me perdi. Não sabia que direção tomar. Constrangedor,

eu sei. Depois, descobri a biblioteca e, bom, quase desmaiei de empolgação diante daqueles livros todos.

Andrej e Irina soltaram uma gargalhada contagiante, mas meu "salvador" continuou rígido e sério como os Dragões da Independência.

— Tudo bem, filha. Fique à vontade para explorar tudo o que quiser neste castelo. Tem minha permissão. Só ficamos preocupados com seu sumiço.

— Desculpa — repeti —, vou ficar mais atenta.

— Então, vamos jantar! — Andrej esfregou uma mão na outra, demonstrando o tamanho da fome que sentia.

Foi então que percebi que eu também estava faminta. Só de pensar na comida, senti meu estômago estremecer. Apertei-o discretamente para que não fosse flagrada por ninguém. Seria uma humilhação se minha barriga rugisse naquela hora.

— Parece que você já conheceu o Alex — Irina comentou.

Meus olhos, mais que depressa, voaram até o homem emburrado, que levantou uma das sobrancelhas, numa atitude meio *blasé*.

— Oh! É claro! Que cabeça a minha! — Andrej me pegou pela mão e se aproximou do sujeito, todo cheio de afeto — Filho, esta é a Ana, minha menina perdida. E este é o Alexander, Ana. Meu filho postiço.

Nós dois nos encaramos por um instante e, quando eu já ia estender a mão para cumprimentá-lo, coisa que nenhum dos dois tinha feito até então, ele arqueou uma das sobrancelhas e disse:

— Que providencial ela ter sido encontrada justo agora, não é mesmo?

Não sei se Andrej e Irina perceberam o tom, mas para mim ficou claro: Alex foi extremamente sarcástico, o que me levou a acreditar que ele não me queria ali. Fiquei magoada. Até poucos dias atrás, eu mesma relutara em aceitar conhecer essa outra parte de minha vida. Será que aquele playboyzinho estava pensando que eu tinha segundas intenções, tipo, dar um golpe em meu próprio pai? O que não seria pouca coisa, já que ele era um rei. Fala sério!

Ninguém respondeu àquela provocação. Fechei a cara para ele e me sentei na cadeira que Andrej puxou para mim, bem a seu lado. Alex ficou de frente para nós e nem por um momento relaxou a expressão. Por isso, o jantar foi tenso. Quero dizer, não só por isso. A comida também não ajudou. E olha que eu estou acostumada a comer de tudo, já que minha mãe é dona de buffet e tal, mas nunca havia experimentado aquelas coisas, como, por exemplo, salada de estrela-do-mar! Só de ver os tentáculos do bicho espalhados no meio da travessa, quase passei mal.

Eu queria picanha, arroz, feijão, farofa. Será que eles não conheciam esse tipo de comida? Será que eu teria que fazer um regime forçado pelos próximos seis meses?! Ah, não. Se fosse preciso, eu mesma iria para a cozinha. Aprendi com minha mãe a fazer muitas receitas e sei me virar muito bem. Fome eu não passaria.

Percebendo minha relutância em engolir, Irina quis saber:

— A refeição não está do seu agrado, meu bem?

Fiquei roxa de vergonha, até porque Alex semicerrou os olhos, de um jeito maligno, aguardando minha resposta.

Eu poderia mentir e dar uma desculpa qualquer. Aliás, as frases mentirosas chegaram até a ponta de minha língua. Mas mudei de ideia a tempo. Se eu quisesse sobreviver na Krósvia, precisaria ser sincera com todos — e comigo também.

— É que eu não conheço esses pratos — confessei. — Estou acostumada com outras coisas, tipo arroz e feijão. Já ouviram falar?

Andrej caiu na gargalhada e, para minha surpresa, Alex também sorriu. E, Nossa Senhora das Graças, quando ele sorriu, tudo mudou naquele rosto. A carranca desapareceu e deu lugar a uma boca muito sexy, meio torta, com dentes branquíssimos e enfileirados. Eu ainda não tinha reparado numa pintinha minúscula acima dos lábios, no canto esquerdo. Muito charmosa a combinação.

De repente, peguei-me perdida naquela imagem, como uma garotinha de olho na Barbie Castelo de Cristal. Alex percebeu e fechou a cara novamente. Ainda bem. Se não, até que horas eu ficaria ali pagando aquele mico?

— Claro que conhecemos arroz e feijão — esclareceu Irina, paciente. — Na verdade, mais o arroz. Mas ele não faz parte das refeições diárias dos krosvianos. Nosso clima não é muito favorável ao seu cultivo.

— Certo. E vocês suprem as necessidades diárias de carboidratos com...?

— Pães e massas, é claro. — Irina foi rápida no gatilho. Mais parecia uma guia de excursão, com suas respostas para todos os tipos de pergunta. O engraçado é que não vi nenhum pão e nenhuma massa naquele jantar. Se eles tivessem sido servidos, eu não estaria passando fome.

No final das contas, Andrej me salvou. Pediu à criada que trouxesse um sanduíche de presunto e queijo para mim, o que me deixou imensamente grata.

Alex, depois do sorriso não intencional, voltou à careta de sempre e ficou quieto, só falando quando a palavra era dirigida a ele.



Consegui observá-lo um pouco mais e concluí que, mesmo bonito, ele era dominado por seu mau temperamento. Queria muito saber se ele agia assim sempre, com todo mundo, mas não tive coragem de perguntar nem para Andrej, nem para Irina. Pareceria invasivo demais, além de dar margem para possíveis especulações.

Então, no momento em que Alexander virou as costas e foi embora para seu apartamento, que ficava sei lá onde em Perla, grudei a língua no céu da boca para não perguntar nada e também saí, refugiando-me em meu novo — e maravilhoso — quarto.

Queria notícias de meu povo e aproveitei a falta de sono e a solidão para entrar em contato com todos. Assim que liguei o computador e me conectei à Internet, as mensagens começaram a pipocar.

De: Olívia Bernardes  
Para: Ana Carina Bernardes  
Assunto: Chegou bem?

Minha querida filhinha,

Tudo bem aí? Chegou bem? Por que não deu notícias até agora? Aconteceu alguma coisa? Você quer voltar? Saiba que estaremos aqui, de braços abertos, caso queira retornar ao Brasil, que é seu lar.

Sei que essa mudança não deve estar sendo nada fácil para você e compreendo se estiver em dúvida. Aliás, todo mundo entende. Não quero que se sinta obrigada a nada.

Então, não me deixe nessa agonia e dê sinal de vida, O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL, tá?

Te amo muito, minha flor. Sempre.

Beijos...

Mamãe

Ai, ai. Essa é minha progenitora. Às vezes, ela é tão dramática, tão superprotetora. Acho que, no fundo, ela estava torcendo para que eu estivesse bem deprimida e voltasse correndo para seu colo. *Manhê, não vai rolar, tá? Ainda estou inteira.*

A próxima mensagem era de Estela, toda animada, perguntando sobre tudo, especialmente sobre a aparência dos krosvianos. Queria saber se eram charmosos como os italianos ou rústicos e misteriosos como os russos. Como assim? No final do e-mail enorme, ela aconselhou:

De: Estela Rodrigues  
Para: Ana Carina Bernardes  
Assunto: Conta tudo!

(...)

Não deixe que seu lance recente com o Artur te impeça de paquerar muuuuito por aí. Independente de os krosvianos serem parecidos com os italianos ou com os russos, aposto que são gatos demais, uns gostosos de cabelos claros e olhos verdes. Ah! Com uns narizes charmosos, claro.

Quando puder, tire umas fotos daí e me mande por e-mail. Estou megacuriosa, pode crer.

Agora tenho que ir. Minha irmãzinha quer que eu a leve ao cinema.

Se cuida, amiga.

BJKS!

Estela 😊

Olha só o conselho da menina! Como poderia achar graça em qualquer outro cara estando completamente apaixonada por Artur? Aliás, meu coração perdeu uns dois ou três compassos assim que avistei o nome dele em minha caixa de entrada.

De: Artur Ribeiro  
Para: Ana Carina Bernardes  
Assunto: Oi

Princesa (rs),

Já estou morrendo de saudades. Falei com a Estela mais cedo, mas ela ainda não tem notícias suas. Entendo. A viagem deve ter sido cansativa e desde que chegou aí você provavelmente tem passado por muitas coisas!

Mas isso não me impede de sentir sua falta. Ontem, quando saí com meus amigos e fomos àquela nova boate nas Seis Pistas, fiquei me lembrando do dia em que a gente se conheceu. Tive que tomar todas para ficar numa boa e não deprê.

E você? Está com saudades também? Aposto que ainda não conseguiu processar direito essa nova realidade, né?

Espero que esteja gostando de tudo. É muito importante que você fique bem e curta muuuuuuito sua viagem.

Escreva depois, contando as novidades. E não se esqueça de mim!

Mil beijos, gatinha.

Artur

Peraí! Para tudo! Boate nova? Seis Pistas? Tomar todas? Era assim que ele estava sofrendo de saudades? Até parece... Tudo bem que eu mesma não tivera tempo de parar para sofrer e lamentar a

distância. Nós também não estávamos namorando nem nada. Mas nem por isso eu já tinha caído na noite e tomado um porre com a desculpa de me animar. Essa não colava!

Mas tudo bem, tudo bem. Foco, Ana. Não era o fim do mundo. As palavras dele demonstraram afeto e carinho e, no momento, isso era tudo de que eu precisava. Né?

Ainda li outras mensagens, de mais amigos e da vovó, e todas continham basicamente o mesmo tema. Bateu uma saudade danada de todo mundo e, depois daquele jantar esquisito, com comida estranha e olhares assassinos, fiquei me perguntando se valia a pena insistir nessa maluquice de ser princesa.

---

## Alguém já ouviu falar na Krósvia?

Os dias seguintes à minha chegada foram de reconhecimento de terreno. Ou seja, fui levada de um lado para o outro por Irina, mas meio clandestinamente. Por mais que Andrej não tivesse divulgado oficialmente a minha existência, ele temia por minha segurança. Isso era muito engraçado porque, até então, a única preocupação de minha mãe tinha sido garantir que eu chegasse em casa todos os dias com a cabeça bem grudada no pescoço e todos os meus fios de cabelo no lugar.

O que Andrej não queria era que eu sofresse o assédio da imprensa antes da hora e não pudesse curtir anonimamente meu novo país. Palavras dele. Meu pai também queria evitar que a notícia se espalhasse pelo Brasil e se tornasse assunto das revistas de fofoca.

Sendo assim, para que as coisas acontecessem do jeito certo, Andrej estava planejando um evento de apresentação de sua filha — ou seja, euzinha — ao povo da Krósvia. Nesse dia, ele faria um comunicado oficial e divulgaria ao mundo que tinha uma herdeira legítima.

Quando ele me contou tudo isso, comecei a rir. Fiquei me lembrando de um livro que li sobre uma princesa americana recém-descoberta. Eu estava vivendo algo bem parecido, com a exceção dos cabelos indomáveis. Isso eu não tenho, graças a Deus.

Bem, passei dias andando com Irina para todos os cantos de Perla e me deslumbrando com a beleza da cidade. Havia tantas praças e todas eram tão bem cuidadas e floridas! Não vi lixo espalhado nem bancos estragados. As crianças brincavam — livres e seguras — nos parquinhos.

E as flores! Era tanta variedade, tanta cor que fiquei sem fala. Aliás, parecia que Perla nascera para ser florida. Cada casinha tinha um canteiro na frente, fosse no chão ou nas sacadas. Tudo muito caprichado, como se as pessoas tivessem orgulho de viver naquele pedaço do mundo.

Irina disse que sou engraçada. Normalmente os turistas se encantavam pelos palácios, pelos monumentos históricos, pela arquitetura eclética... e eu lá, babando na natureza e nas casas das pessoas comuns.

Não é bem assim. Também gosto das construções. Pelo amor de Deus, nasci em Minas Gerais! Sou fã de Ouro Preto. Adoro antiguidades. E Perla tinha um monte delas. Mas não dava para ignorar quão generosa a natureza foi com a Krósvia ao dar ao país um clima agradável, propício a tudo, além de um litoral digno de catálogos turísticos. Paradisiáco.

Sem brincadeira. Ao afundar meus pés naquelas areias brancas e finas, fiquei imaginando uma cena idílica com Artur e eu como protagonistas. Minhas bochechas chegaram a queimar. Não vou descrever o que passou por minha cabeça. Só sei que foi bom e desejei muito que as imagens passassem a ser reais. Ai, ai.

Outra marca registrada de Perla eram os cafés. Assim como eu imaginava que seria em Paris, havia um em cada esquina, todos cheios de turistas, homens e mulheres de negócios, estudantes, boêmios. Claro que fui conferir dia após dia se eles eram tão bons

quanto aparentavam e, como cafezeira de primeira, atesto que foram mais do que aprovados.

Devo registrar que a energia de Irina não tinha fim. Quando pensei que já tinha visto tudo, conhecido todos os lugares, ouvido todas as histórias, ela me apareceu com mais um roteiro.

— Vamos seguir hoje a trilha da moda e do consumismo.

Eu chegara à Krósvia com uma pequena reserva financeira, conquistada com meu irrisório salário de estagiária, mais a mesada que recebia de minha mãe para não ter que ficar pedindo dinheiro toda hora. Mas nem bem tinha respirado os ares europeus e Andrej aparecera com um sorriso nos lábios e um cartão de crédito nas mãos. Não adiantou argumentar, dizer que não precisava, que ficaria bem com o que trouxera e coisa e tal. Ele enfiou o cartão em meu bolso e ordenou: *Use sem moderação.*

Nunca tivemos problemas econômicos, digo, minha mãe e eu. O trabalho dela é bem remunerado e vivemos com certo conforto. Mas eu jamais ouvira essa frase em toda a minha vida. Mamãe sempre regrou tudo. Primeiro, porque a gente não nadava em dinheiro. Segundo, bem, por motivos óbvios. Todo mundo sabe que não se pode dar a uma criança ou a um adolescente tudo o que eles querem.

Aí aparece o meu pai e me diz uma coisa dessas, ainda por cima sorrindo. Inacreditável. Se eu ainda fosse pequena, ele poderia estragar minha educação. Que bom que já estava bem crescidinha...

Então, por excesso de responsabilidade — e pela boa educação que recebi de dona Olívia —, insisti que não queria cartão de crédito nenhum e que nem era tão consumista assim. Essa característica era forte em minha mãe e em vovó, mas eu sempre fui básica, como todos bem sabem.

Andrej virou as costas e me deixou com cara de tacho. E o cartão na mão.

Só por isso, Irina inventou de me levar às compras. Fala sério. Ela disse que eu precisava de roupas novas. E sapatos. E bolsas. E maquiagem. Então eu fui, fazer o quê?

Sem que eu me desse conta disso, já estava enfiada num megashopping, gastando feito louca, comprando coisas que eu nem sonhava ter.

Por sorte, as atendentes das lojas falavam inglês (o país estava bem preparado para o turismo) e não houve o menor problema de comunicação. Elas ficavam empolgadas quando Irina contava que eu era brasileira e faziam um monte de perguntas, a maioria do tipo: *Você usa biquíni fio-dental?* Ninguém merece.

Acabei comprando três calças jeans — uma de cintura baixa e justinha, outra básica e uma de estilo masculino, meio larga no bumbum, da Dolce & Gabbana, pode? —, cinco vestidos básicos, dois vestidos de festa, sete blusas, um casaco de lã e um *blazer*. Ah! E um lenço também. E um par de luvas de couro vermelhas.

Tá bom. Para quem se diz não consumista, exagerei nas compras. Mas era tudo tão lindo, e eu agora tinha tanto dinheiro...

Apaixonei-me pelos sapatos italianos Manolo Blahnik, dos quais eu só tinha ouvido falar nos livros de Meg Cabot e Sophie Kinsella, e acabei levando três pares exclusivíssimos e carésimos: uma bota preta de bico fino, cano alto e salto agulha, um “meia pata” rosa-choque, furado na ponta para deixar os dois primeiros dedos do pé à mostra, e uma sandália de festa creme. De outra boutique, levei ainda uma bolsa de couro verde-escura e uma rasteirinha com as tiras bordadas com pedras douradas.



Consumida pela euforia, acabei renovando minha gaveta de lingerie, dando-me de presente alguns conjuntos de renda bem sexies da Victoria's Secret, para uma emergência. Vai saber? Não que eu esteja planejando algo... Ou talvez esteja, sei lá! Pelo menos, foi o que fiquei repetindo para mim ao pagar as calcinhas e os sutiãs novos, embora, só de pensar na possibilidade de concretizar minhas fantasias na areia da praia, sentisse a barriga gelar.

Cheia de sacolas nos braços, um sorriso de prazer na face e um rombo na conta bancária — de meu pai —, avistei um salão de beleza e decidi que precisava fazer as unhas. Sou básica — ou era? —, mas não sei ficar com as unhas por fazer.

Graças a Deus, havia uma manicure no salão e ela estava com tempo para me atender. Irina aproveitou a oportunidade para trocar a cor do esmalte.

Sentei-me diante da moça e estendi as mãos para ela, que pegou uma lixa e começou a aparar minhas unhas.

Notei que não havia nenhum sinal de alicates e removedores de cutículas. Como, por Deus, a manicure pretendia dar um trato legal nas minhas unhas sem um bom e afiado alicate?

Quando a manicure, depois de guardar a lixa, retirou uma base da gaveta e quis saber qual cor eu gostaria de passar, puxei rapidamente as mãos e perguntei, incrédula:

— Você não vai colocar minhas mãos de molho para tirar as cutículas?

— As cutículas? Tirá-las? Como assim? Posso empurrá-las, se fizer questão.

De queixo caído, balancei a cabeça energicamente. Não dá para fazer as unhas sem eliminar as cutículas! A beleza do negócio está

na eliminação das benditas cutículas. Todo mundo sabe disso, não sabe?

Remexendo a bolsa, encontrei o saquinho de chita onde guardava os apetrechos que levava para minha manicure de Belo Horizonte quando ia arrumar as mãos e os pés.

— Olha — comecei, paciente —, eu não sou manicure, mas posso lhe dar umas dicas. Porque não dá para ficar com as unhas bonitas e nenhum esmalte as realça se as cutículas continuarem aqui.

— Senhorita, eu realmente...

— Veja bem, hã, Virna — li o nome da moça em seu crachá. — Você consegue um par de luvas de plástico com a cabeleireira?

Virna se limitou a balançar a cabeça, mas se moveu em busca das luvas.

— Muito bem — disse eu em tom professoral. — Agora, a gente borrifa um pouco de água dentro de uma delas primeiro. Pode colocar uma pequena dose de creme hidratante também. Depois, é só calçá-la em uma das mãos. Enquanto lixa as unhas da outra mão, a água e o creme vão amaciar as cutículas desta e daí você poderá cortá-las com o alicate. Assim. Dê aqui sua mão.

Sem nem perceber o que estava fazendo, executei todas as etapas relatadas para Virna na própria Virna, sob os olhares atentos e incrédulos das clientes e funcionárias do salão. Sem contar a boca escancarada de Irina, que devia estar a ponto de me arrancar dali e me prender dentro do castelo. Seu olhar dizia o que ela pensava: *O rei vai me matar! Estou expondo a filhinha dele!*

A manicure ficou muda. Mesmo não tendo destreza para fazer uma unha com perfeição, consegui demonstrar à moça como deveria

ficar uma mão bem-feita. Recebi aplausos entusiasmados assim que terminei.

— Nos pés, você pode usar sacos plásticos — finalizei a lição. — E agora? Vai fazer minhas unhas direito?

Virna concordou e tratou de aplicar as técnicas recém-aprendidas. Tudo bem. Admito que não ficou uma maravilha, mas já era um começo. E, como já estava em um salão de beleza mesmo, lavei e sequei os cabelos.

Ao me olhar no espelho, senti-me renovada. Com o guarda-roupa reestruturado, as unhas feitas e o cabelo limpo e brilhante, estava pronta para encarar essa vida diferente e mágica que caíra de paraquedas sobre minha cabeça.



Tudo lindo... até eu chegar em casa. Irina e eu entramos no castelo pela entrada secundária, destinada aos funcionários e moradores por ser mais curta e de acesso mais fácil.

A essa altura, ou seja, quando eu já estava havia quase duas semanas na Krósvia, todo mundo no palácio sabia quem eu era e conhecia meus hábitos — principalmente os gastronômicos.

Amiga que fiquei de Karenina, a principal cozinheira do castelo, sempre passava pela cozinha antes de me enfiar na biblioteca e ficar entocada lá até que a noite caísse. E não era só para bater papo com ela que eu ia até lá. Era também para provar tudo o que ela preparava, principalmente as massas maravilhosas. Eu ficara, sim, assustada com a comida servida em meu primeiro dia na Krósvia. Mas agora Karenina conhecia minhas preferências e adorava me paparicar.

Exausta com as compras desenfreadas, entrei encurvada na cozinha, resmungando algo ininteligível, principalmente porque falei em português.

— Kare, preciso de energia — implorei, fazendo uma voz de criança carente e usando o apelido carinhoso que dera a ela.

Karenina sorriu, mostrando sua dentição perfeita, mas quem respondeu não foi minha cozinheira favorita — depois de minha mãe, claro.

— Estou vendo que participou de uma orgia consumista.

A voz profunda me atingiu em cheio. Desde aquele jantar fatídico, eu não vira mais o dono daquela voz. Ainda bem, pois não estava preparada para suportar as indiretas e os olhares mordazes outra vez.

Passara uns dias andando feito lagartixa pelas gretas, com medo de dar de cara com ele. E, quando eu já nem me lembrava mais de sua existência, Alexander me vinha com essa frase *carinhosa*.

Respirei fundo para responder à altura, mas foi só olhar para ele que esqueci o que pretendia dizer.

Alex parecia um deus grego. Como eu não notara isso da primeira vez? Talvez fosse a roupa. De calça jeans desbotada e rasgada na coxa, botas marrons e camisa de malha demarcando seus músculos peitorais — Jesus, que tórax era aquele? —, ele estava de parar o trânsito.

Senti-me obrigada a admitir que o cara era uma *coisa* e tinha um corpo muito apetitoso. Não sei por que, mas nessa hora meu cérebro resolveu se lembrar das lingerie novas da Victoria's Secret. Que belo senso de oportunidade!

— É — concordei, mais por impulso do que por concordar com ele. — Não resisti à tentação.

Epa! Frase ambígua. *Droga, droga, droga!* O sorrisinho safado que Alex esboçou era a prova de que tinha captado o duplo sentido.

— Fico feliz que esteja aproveitando seu tempo aqui da melhor maneira possível. Afinal, de alguma forma tem que valer a pena, né?

Franzi a testa. Não tinha a menor ideia do que exatamente ele estava falando. Estaria tirando uma da minha cara? Provavelmente. O santo dele definitivamente não tinha batido com o meu.

— Quer comer o que, meu bem? — quis saber Karenina, indiferente a toda a estranheza do diálogo entre mim e Alexander.

— Tem café? Se tiver, preciso de uma garrafa inteira. E pão.

Minha resposta me levou a um arrependimento imediato. Deu a entender que eu estava desesperada, isto é, mais munição para a língua ferina do enteado de meu pai.

— Também quero, Karenina — disse Alex. — Não pelos mesmos motivos, mas também estou um bagaço.

Chatinho ele, não? Coisa de mauricinho, só podia ser. De repente, deixei de ter fome e só queria ir para meu quarto e fugir daquele olhar verde e provocador.

Mas, resignada e com o estômago reclamando, sentei-me em frente à mesa da cozinha, enquanto Karenina servia um lanche com muito mais itens do que eu havia pedido. Alex fez o mesmo, mas sentou-se de um jeito bem mais despojado, com um braço sobre o encosto da cadeira e as pernas meio abertas. Ficou me encarando descaradamente, uma sobrancelha arqueada, desafiando-me a fazer o mesmo.

No entanto, tudo o que eu consegui encarar foi a tatuagem que se insinuou debaixo da manga da camisa dele, bem no tríceps. Não sei ao certo o que era. Parecia uma dessas tribais, toda preta. E sexy. Muito. Engoli com dificuldade enquanto desviava o olhar para o armário das louças, para minha própria segurança.

— Estava reparando daqui — disse ele, começando uma conversa mansa, aparentemente despretensiosa, mas que eu sabia que era pura fachada. — Seus olhos são bonitos.

*Oi?*

— Meio puxados, né? Cílios longos... — Alexander me estudava como se eu fosse um rato de laboratório. Senti que fiquei vermelha e não havia jeito de disfarçar isso. — Muito sensuais. E a cor é meio indefinida. Não sei ainda se são castanhos-claros ou esverdeados.

Karenina riu e se intrometeu na conversa, salvando-me de um constrangimento ainda maior.

— Menino, para com isso! Não vê que a Ana ficou envergonhada? E é claro que os olhos dela são cinzentos, não percebeu ainda, seu tonto?

Se era para melhorar a situação, adianta que ela não alcançou seu objetivo. Fiquei ainda mais sem graça. E, sim, Karenina estava certa. Meus olhos são cinzentos, um tom tão morno quanto um dia nublado.

Alexander sorria de modo irritante. Senti que as engrenagens do cérebro dele estavam trabalhando a mil, provavelmente para soltar mais uma pérola.

Distraí-me mordendo um pãozinho de batata bem quente, recheado com requeijão, recém-saído do forno. A sensação dele em minha boca era tão boa que, por um instante, esqueci que aquele idiota gostosão permanecia plantado diante de mim.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ele, enquanto terminava de engolir um pedaço de pão. — Embora eu não acredite muito nessa história de filha perdida no mundo, até que você se parece com o Andrej. Nem precisa fazer o exame de DNA, eu acho.

Quase cuspi o café naquela cara safada. Quer dizer que a birra toda dele era porque pensava que eu era uma fraude, uma golpista de quinta, de olho na fortuna de Andrej? Seria possível que ninguém tivesse feito o favor de contar para o ordinário que fora meu pai quem me encontrara, que *ele* viera atrás de mim, e não o contrário?

Mas não consegui abrir a boca para protestar. E não foi só por causa do enorme choque e da indignação, mas principalmente porque fiquei magoada. Isso mesmo. Eu não queria que Alexander pensasse mal de mim, mesmo não entendendo o motivo de eu me importar com isso.

Levantei-me da cadeira, já sem apetite. Lutando contra um nó dolorido que subia por minha garganta, finalmente disse:

— Você não sabe nada sobre mim. Nada. Então, não fique falando do que não conhece.

Por mais que ele tenha se assustado, pelo menos um pouco, com minha reação, ficou parado como uma estátua.

Enquanto eu me dirigia para fora da cozinha, sem me despedir de Karenina, escutei-a ralhar com Alexander como se ele fosse um garotinho levado. E não era isso mesmo o que ele era? Um filhinho de papai mimado?



EU: — Aí eu saí pisando duro e deixei o metido a besta sem fala!

Já fazia quase meia hora que falava ao telefone com Estela. Já que Andrej resolvera me dar carta branca para gastar à vontade,

que mal havia em abusar das chamadas internacionais? Proporcionalmente à minha vida em Belo Horizonte, era o mesmo que comprar balas na cantina da faculdade. Mixaria.

EU: — Até agora estou sem acreditar que o idiota teve a coragem de dizer na minha cara que duvida das minhas intenções. Vê se pode, Estela! Até outro dia eu nem sabia onde a Krósvia ficava no mapa!

ESTELA: — Ana, eu...

EU: — Desde o primeiro dia ele fica me encarando de um jeito irônico, com uma das sobrancelhas meio repuxada para cima, me avaliando como se eu fosse uma biscateira.

ESTELA: — Sinceramente...

EU: — Você acredita que ele disse que nem vou precisar fazer o teste de DNA porque eu "até" pareço com o Andrej? É muita cara de pau.

ESTELA: — Bom, talvez...

EU: — O pior é ter que olhar para aqueles olhos verdes profundos, porque é difícil, levando em consideração a estatura do idiota. Sabe, Estela, você precisa ver, ele é superalto. E tem uns músculos bem definidos, deu para perceber.

ESTELA: — Bom...

EU: — Mas isso não quer dizer nada, já que ele perde todo o charme assim que abre a boca e solta uma daquelas frases sarcásticas, tipo, que eu participei de uma orgia consumista hoje cedo.

ESTELA: — Orgia consumista!

EU: — Vou falar com o Andrej, se você quer saber. Isso! Vou pedir para ele evitar encontros entre nós dois. Senão, vai ser



insuportável ficar aqui, entende?

ESTELA: — Puxa...

EU: — Já não está muito fácil, embora eu esteja recebendo mimos e paparicos de todos aqui na casa. Mas meu pai mal tem tempo para mim e a gente quase não se vê, exceto na hora do jantar, que é sagrada. Mas eu não o culpo, porque sei que a rotina dele é complicada.

ESTELA: — Ana...

EU: — Está resolvido! Nada de contato com o mauricinho gostosão do Alexander.

ESTELA: — Mauricinho gostosão?

EU: — Nem se ele aparecer sem camiseta, exibindo aquela tatuagem sex... digo, brega. De agora em diante vou ignorá-lo solenemente. Nada vai me fazer mudar de ideia. E então? O que você acha?

ESTELA: — ...

EU: — Ei, você está aí?

ESTELA: — Ah! Agora você percebeu, né? Não notou que eu não consegui formular uma única frase desde que você me ligou? Ana, está tão nervosa que ficou falando sozinha, de um jeito totalmente alucinado. Parece que o mauricinho-gostosão-com-tatuagem-sex-digo-brega mexeu mesmo com seus nervos.

EU (tomando fôlego): — Desculpa, Estela. Mil vezes desculpa. Realmente não estou nos meus melhores dias, tudo por causa desse, desse... Aaaai! Nem consigo dizer o nome dele sem ficar brava! E era para eu estar no céu, já que comprei quase o shopping inteiro hoje.

ESTELA: — Ah, tá! A tal orgia consumista.

EU: — Isso. Quero dizer, mais ou menos.

ESTELA: — Mas o que deu em você? Comprando feito louca, se zangando com um desconhecido...

EU: — Duas coisas: um pai muito rico e generoso mais um enteado arrogante.

ESTELA (rindo): — Segura sua onda aí. Seja proativa, reverta o jogo a seu favor.

EU: — Acho que você está lendo Roberto Shinyashiki demais.

ESTELA: — Não é nada disso. Só acho que, se um cara gostoso está dando sopa aí na sua frente, aproveita a situação, sua boba.

EU (indignada): — Alo-ô. Esqueceu do Artur?

ESTELA (não muito natural): — Ah, é, mas deixa ele pra lá por enquanto...

EU: — Do que você está falando? E quem disse que eu quero aproveitar qualquer coisa que se refira ao Alex? Não estou te entendendo.

ESTELA: — Não é nada, Ana. Bobagem. Mas vê se manda uma foto do mauricinho-gostosão para que eu mesma possa avaliar a situação

EU: — Nem morta!

Saí do quarto e fui direto atrás de meu pai. Estava resolvida a dar um basta naquela situação com o enteado dele. Se o cara estava cismado comigo, provavelmente era porque tinha intenções duvidosas. Cheguei até a pensar que o golpista poderia, na verdade, ser ele mesmo. Quem me garantiria que o queridíssimo Alexander não estava de olho na fortuna de Andrej? Afinal de contas, ele era filho da falecida rainha e devia acreditar que era o único a ter direito à herança. Agora, eu entendia tudo.

Só que eu não estava nem aí para ele e me lixava para suas cismas. Queria apenas distância para que eu pudesse curtir meus meses na Krósvia sem estresse.

Até porque havia uma pequena luz vermelha piscando dentro de minha cabeça, como se fosse um sinal de alerta, querendo me dizer alguma coisa que eu não estava conseguindo perceber. Assim como meu sonho — aquele do vestido amarelo —, que preencheria boa parte da minha vida sem fazer muito sentido, agora havia essa luz. No fundo, eu devo ser meio esquisita mesmo. Mas não queria me concentrar nisso agora. Não mesmo.

Achei meu pai em seu escritório, uma saleta aconchegante, com uma grande mesa no meio e todo aparato necessário para ele se manter conectado ao mundo, mesmo estando em casa.

Percebi que ser rei é muito mais do que representar um país com roupas de príncipes de contos de fadas. Andrej trabalhava o tempo inteiro, no castelo ou em qualquer lugar do planeta. Nunca desligava seus três telefones particulares, jamais saía sem seus assessores e vivia rodeado de políticos, que tinham uma ligação verdadeira com a Krósvia. Estavam sempre planejando coisas e tomando decisões importantes. Parecia até que eu estava no meio de um filme americano, daqueles que mostram o presidente deles — sempre muito altruísta — e sua filha em busca de liberdade. A única discrepância era a ausência da esposa forte e compreensiva.

Mas dava orgulho constatar que o líder de uma nação dedicava sua vida a ela, de coração mesmo, e se doava à população de corpo e alma, procurando o melhor para todos. Por sinal, esse cara generoso era meu pai.

Encontrei-o recostado na lateral da mesa, de braços cruzados no peito, ouvindo os argumentos de uma outra pessoa. Ele parecia bastante concentrado e satisfeito, já que exibia um ligeiro sorriso.

Estava prestes a interromper fosse lá quem fosse quando escutei a já familiar voz expondo com veemência seu ponto de vista. Obriguei-me a ficar onde estava, bem imóvel para que eles não notassem minha presença. Sei que escutar a conversa dos outros é muito feio, mas não resisti à tentação assim que ouvi:

— Andrej, sei que a Irina tem feito tudo o que pode para ambientar a Ana, mas tem muito mais para ela conhecer e aprender, e eu posso ajudar. Estou mesmo precisando tirar uns dias de folga do escritório.

*Como é que é?*

— Acho que seria uma boa, Alex — Andrej concordou. — Não estou conseguindo parar o trabalho para ficar com minha filha. Ela tem sido muito compreensiva, mas não deve estar sendo fácil.

*Está, sim. Facílimo.*

— Então — Alexander prosseguiu —, deixe a Irina cuidar dos preparativos para o evento de apresentação da Ana e eu fico responsável por ela, quero dizer, responsável por sua aculturação. O que acha?

*Acho péssimo, horrível, detestável, o fim da picada!*

— Perfeito. Você é jovem como ela, conhece muita coisa. Vai ser muito bom para ela.

— O que vai ser muito bom para quem? — Resolvi interromper a conversa, já que eu estava a ponto de implodir.

Os dois olharam para mim na mesma hora, tentando descobrir de onde eu tinha saído. Fixei o olhar em meu pai, que respondeu, cheio de entusiasmo:

— Ana! Tenho boas notícias. O Alex está se oferecendo para acompanhar você nos passeios pela cidade. Ele quer ajudá-la a se

ambientar, a conhecer nossos costumes, quem sabe até a língua?

Involuntariamente, torci o nariz. Andrej interpretou meu gesto de forma errada.

— Ei, não se assuste. O krosvi não é tão difícil assim.

— Não vai ser ótimo, Ana? Quero levar você aos lugares mais incríveis, inclusive fora de Perla. — Alex era só sorrisos. Se eu não fosse macaca velha, acharia que ele era a personificação da ingenuidade.

— Olha só, Andrej. A Irina tem sido maravilhosa e nessas duas semanas eu conheci muita coisa. Não gostaria de incomodar o Alex. Se for para deixar a Irina cuidar do trabalho dela, posso ficar por minha conta.

Tentei dizer tudo isso num tom tranquilo, procurando não demonstrar minha ira e contrariedade. Se eu tivesse uma foice, acho que a atiraria na fuça daquele enteado metido a espertinho.

Meu pai caminhou até onde eu estava e passou um braço em volta de meus ombros. Então ele disse, como se estivesse se dirigindo a uma garotinha de fitinha rosa nos cabelos:

— Filha, tudo bem. O Alex não se importa. E ele terá mais tempo para ficar com você. Está passando da hora de fazermos sua apresentação ao país e a Irina estará cem por cento envolvida nos preparativos. Faz mais sentido deixar o Alex fazer as honras da casa, já que eu não posso, infelizmente.

— É claro — concordou Alexander, entusiasmado como um cachorrinho solto. — Além do mais, as pessoas podem começar a desconfiar da sua relação com o Andrej. E se elas começarem a invadir seu espaço, bom, acho que a Irina não vai conseguir ser muito persuasiva.

Como eu recusaria a oferta dele sem demonstrar minha antipatia? Já que não queria chatear Andrej, só me restou concordar com aquela proposta indecente, sabendo que isso não ia prestar.

Mas deixar meu pai contente foi o que realmente contou para minha decisão. Ele merecia tudo de mim.

Seu celular tocou enquanto ainda estava abraçado comigo. Por isso, ele se afastou cedo demais, deixando-me numa saia-justa com Alexander. Eu deveria ter me mandado dali o mais rápido possível. Porém, antes que eu me desse conta, ele segurou meu braço e me tirou do escritório do rei.

No corredor, Alexander aproximou o rosto de meu ouvido, sem me soltar, e sussurrou com uma voz deliberadamente sedutora.

— Esteja pronta amanhã bem cedo.

Minhas pernas instantaneamente ficaram moles. Quem ele pensava que era para fazer isso comigo?

— Venho te pegar às oito. — Então recuou um passo e me olhou dos pés à cabeça, lentamente. — Vista algo confortável. Nem pense em colocar as lingerie novinhas da sua orgia consumista de hoje.

E foi embora, enquanto eu ruminava o fato de ele ter tido acesso àquela informação para lá de privilegiada. Como pôde?

---

## O filho da rainha

*PAM!*

Pulei da cama com o coração disparado. Estava no meio de meu sonho recorrente quando ouvi o barulho. Por um instante, pensei que estivesse em meu velho quarto em Belo Horizonte e a faxineira, com toda a sua delicadeza, estivesse dando uma geral no apartamento.

Mas não era nada disso. Foi só abrir os olhos para dar de cara com uma realidade muito mais assustadora. De pé, diante de mim, Alexander exibia toda a sua gostosura.

Puxei o lençol até o pescoço, desejando cobrir também o rosto. Afinal, experiências anteriores comprovavam que eu não era nada atraente ao acordar.

Quis perguntar o que ele estava fazendo ali, mas Alex foi mais rápido.

— Eu disse que te pegaria às oito. Você não honra seus compromissos?

Encarei-o com os olhos pesados de sono, estupefata. Gente, estava para nascer um sujeito mais autoconfiante e sem noção. Como ele tinha coragem de invadir meu quarto e praticamente me agredir verbalmente? E se eu dormisse pelada ou estivesse toda

aconchegada num ursinho de pelúcia? Não que eu tenha um. Quero dizer, tenho, mas não durmo com ele. Não mais.

Puxei meu celular da mesinha de cabeceira e constatei que passava das nove da manhã. Ainda bastante cedo para quem estava de férias.

Alexander saiu andando pelo quarto, puxando as cortinas e abrindo as janelas, como se fosse o dono do pedaço. Quanto a mim, não tinha conseguido recuperar minha voz ainda e só ficava olhando para ele, esperando acordar do que parecia ser um pesadelo.

— Vamos lá! Saia dessa cama! Mexa-se! Vou estar aqui na sacada. Tem cinco minutos.

O pior foi que eu obedeci. Sentindo-me como um soldado acatando as ordens de um general autoritário, corri até o banheiro só para quase desmaiar assim que vi minha imagem no espelho. SOCORRO! Ajeitei-

-me como pude e, no closet, coloquei a primeira roupa que vi. Acho que cumpri o tempo que Alex me dera, pois, quando o encontrei na sacada, ele abriu um sorriso desconhecido até então. Parecia verdadeiro.

— Agora, você pode me dizer por que entrou no meu quarto daquele jeito? — questionei, voltando a falar de repente. — No meu país, isso se chama invasão de privacidade.

Ainda sorrindo, porém com um novo tom — mais crítico —, ele retrucou:

— Aqui, chama-se cobrar uma promessa.

— Eu não prometi nada a você — disse, cruzando os braços no peito.

— Não conhece o ditado “quem cala consente”?



Nossos olhares se cruzaram e deixamos que ficassem assim por um momento, como se tivéssemos disputando um jogo: quem desvia primeiro? Claro que perdi.

Apoiei-me na mureta da sacada e deixei a beleza da paisagem acalmar meus nervos. Eu tinha, de meu quarto, a vista mais esplêndida do mundo: o oceano azul, a areia branca e fina, as ondas em seu vaivém ritmado, montanhas ao fundo e pássaros marinhos sobrevoando tudo. Quando eles se cansavam da luta pela conquista de um peixe, pousavam nas rochas que contornavam o lado esquerdo da praia. Magnífico.

Acho que Alexander percebeu meu encantamento, pois também se recostou na mureta, bem a meu lado, mas ficou em silêncio.

— O que é aquilo? — perguntei, apontando para uma pequena ilha a quilômetros da costa.

— É a Ilha de Catarina — respondeu ele, acompanhando a direção de meu dedo indicador.

— Tão pequena...

— Sim. E é justamente por ser pequena, distante, mas ao alcance da vista, que se tornou a Ilha de Catarina.

— Como assim? — Virei-me para Alexander, esperando uma história. Entre tantas qualidades, também sou curiosa. Hehe.

Alex suspirou, concentrando-se. Então, começou:

— Em 1925, o avô do seu pai, Miroslav Markov, casou-se com a filha de um nobre russo, chamada Catarina Sorvinski. Ele já tinha sido proclamado rei da Krósvia e o parlamento estava fazendo a maior pressão para que ele se casasse. Você sabe, naquela época um rei sem rainha não tinha muita credibilidade, e Miroslav não possuía uma imagem muito positiva perante o povo. Ele era muito mulherengo.

Revirei os olhos, como se aquilo fosse uma grande novidade. Junte as palavras HOMEM + PODER e o resultado será LUXÚRIA. Fiquei com vontade de dizer isso em voz alta, mas me contive para não estragar a história.

— Catarina era jovem, rica e linda — Alex continuou. — O que mais Miroslav poderia querer? O pai dela ficou exultante quando seu tataravô pediu a mão de Catarina. Afinal, ele era um imperador. Mas Catarina pouco conhecia Miroslav e não queria se casar, pois não simpatizava com ele.

— Por que não? — indaguei. — O que ela sabia sobre ele?

Alexander respondeu sem tirar os olhos da ilha:

— Sabia tudo. Sabia sobre as amantes e sobre as viagens secretas para a Itália, onde era frequentador de um dos prostíbulos mais famosos da época. E o pai de Catarina também sabia, mas achava esse comportamento normal. Coisa de homem. E, como não cabia às mulheres escolher o marido, Miroslav e Catarina se casaram. Ela tinha acabado de completar 19 anos.

— Coitadinha... — murmurei, de repente sentindo uma empatia enorme com minha antepassada.

— Pois é. E ela sabia que não seria fácil, mas foi pior. Ele não a tratava com carinho e ainda trazia as amantes para o castelo.

Cobri a boca aberta com a mão. Quanta humilhação e submissão!

— E entre quatro paredes, bom... — Alexander parecia tímido agora. — Dizem que Miroslav não era dos mais gentis.

— Meu Deus! Como Catarina aguentou viver assim?

— Bom, ela acabou conhecendo uma pessoa, um homem que a fazia esquecer os sofrimentos.

— Um amante?! — perplexa, olhei outra vez para a ilha. Que vida agitada tivera aquela pobre mulher, minha bisavó!

— Sim. Era um dos empregados do castelo, mas não sei bem o que ele fazia. Os dois se encontravam escondidos e logo começaram a levantar suspeitas. Até que um dia seu bisavô descobriu tudo e acabou com a festa deles, se é que você me entende.

— Como assim?

— Fácil adivinhar, não?

— Ele os matou?! — a frase soou mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

Alexander balançou a cabeça.

— Mandou matar, mas só o homem.

— Oh... — Meus olhos se encheram de lágrimas e foi inútil tentar segurá-las. Gotas grossas começaram a descer silenciosas por minhas bochechas.

— Para Catarina, o castigo maior era continuar a viver sem o amado. Com toda a sua maldade, Miroslav mandou construir um chalé na ilha e a levou para lá. Nunca mais Catarina colocou os pés deste lado do mar. Morreu sozinha e infeliz poucos anos depois.

— Anos? Ela ficou presa lá por anos? Meu Deus do céu! Quanta crueldade!

Limpei as lágrimas com as costas das mãos e fiquei de frente para Alex, deixando as palavras daquela história trágica assentarem em meu cérebro. Ele também me olhou e não estava nem um pouco indiferente a tudo. Recontar a história pareceu mexer com seus sentimentos.

— Meu bisavô era um monstro — murmurei. — Como Catarina sobreviveu na ilha?

— Todos os dias, uma empregada ia até lá de barco. Levava comida, livros, contava histórias, falava do filho que ficou para trás e voltava chorando de pena de Catarina. Seu avô, o príncipe Viktor, era pequeno e não entendia o que havia acontecido com a mãe. Quando soube a verdade, já era tarde.

— Nossa! — foi tudo o que consegui pronunciar.

— É isso. E está tudo nos livros de história que as crianças leem na escola. Todo mundo por aqui conhece a tragédia dos Markovs, que foi, de certa forma, compensada mais tarde pela bondade do rei Viktor e do filho dele, seu pai.

Assenti, sem saber ao certo com que concordava. Não conseguia despregar os olhos da ilha. Definitivamente, as pessoas não foram ficando mais maldosas ao longo dos anos. Elas sempre foram.



Depois da sessão *recordações dolorosas* na varanda de meu quarto, tratei de tirar Alexander de lá, pois o clima ficou meio esquisito, como se tivéssemos transposto uma barreira, mas não soubéssemos como lidar com o novo território compartilhado.

Eu praticamente o escorracei porta afora e ele ficou resmungando umas frases ininteligíveis, acho que em krosvi. Acredito que no meio daquele jorro de palavras deva ter saído muito palavrão.

Mas, enfim, fiz o que Alex e meu pai queriam. Segui o filho da rainha, obediente e resignada.

Minha primeira reação ao ver a moto estacionada no pátio foi de desconfiança. Já contei que sou meio medrosa? Pois é. Ficar sentada

a dez palmos do chão numa máquina em movimento acelerado não é a imagem da diversão para mim.

Alexander riu e disse que eu não precisava me preocupar, pois a BMW S1000RR não deixava ninguém na mão. Palavras dele. Só que o pior não é deixar alguém na mão, mas sim estatelado no chão.

Com aquele seu jeito delicado como um trator, ele me mandou sentar logo na garupa e nem se deu ao trabalho de me contar aonde íamos. Mas, assim que me encaixei atrás dele e senti a rigidez de seus músculos abdominais, deixei para lá todo o receio de cair. Eu já estava meio abobada pelas insinuações promovidas pela camiseta apertada. Imagine como foi sentir aquele corpo com minhas próprias mãos.

Se Alexander percebeu a situação, preferiu não comentar. Então, voamos do castelo direto para uma estrada de terra que cortava uma campina muito verde, salpicada de flores selvagens.

Embora o capacete me sufocasse um pouco, consegui sentir o perfume da natureza e fiquei absorvendo os aromas, quase em transe. Até que me dei conta de que boa parte dos odores era do próprio Alex. Ele exalava um perfume masculino, cru, com um toque amadeirado.

Dizer que meu coração perdeu umas duas batidas seria mentir descaradamente. Ele deixou de bater por uns cinco segundos mesmo. E depois, quando voltou, espalhou uma onda de eletricidade por todo o meu corpo.

*Cara, eu devo estar muito carente, pensei, bem a perigo mesmo, para ter uma reação dessas.* Afinal, eu nem gostava de Alex. Não tinha a menor simpatia por ele.

Ainda bem que minha atenção foi desviada para algo muito mais seguro: a praia paradisíaca. A paisagem surgiu de repente,

fazendo-me ofegar de surpresa. Aquele lugar não poderia ser real.

Alexander parou a moto e eu pulei na areia, completamente arrebatada pela beleza do lugar. Arranquei o capacete e inspirei o ar marinho, tão raro para mim. Livrei-me também de minhas Havaianas, chutando-as de qualquer jeito, e afundei os pés na fofura daquela areia branca. Que sensação maravilhosa!

— Este lugar é lindo! — suspirei.

Alexander pegou minha mão e me puxou consigo, enquanto dizia:

— Você ainda não viu nada.

Procurei não dar atenção ao encontro de nossas mãos, unidas pelo único propósito de me guiar até onde Alexander pretendia me levar. Mas que aquele contato inesperado mexeu com meus nervos, ah, mexeu. Afinal, sou mulher, sou humana e tenho hormônios. Ninguém em meu lugar ficaria indiferente àquele modelo de testosterona, tão másculo, tão charmoso e lindo. Ele podia ser o cara mais irritante do mundo, mas ainda assim sabia ser gostoso.

Enquanto me puxava, reparei no movimento de suas pernas e até um pouquinho mais acima, bem no... Bom, melhor não dizer nada. Porque chega a ser falta de educação aquilo tudo numa pessoa só.

Sem falar na tatuagem, que estava me deixando louca. Apesar de não ter coragem de fazer uma em mim, sempre achei homens tatuados um charme, quero dizer, contanto que não fosse nada exagerado, tipo o braço todo ou as costas inteiras.

O próprio Artur tinha uma bem na panturrilha esquerda, mas eu não sabia bem qual era o desenho, pois não costumava vê-lo muito de bermuda — o que era uma pena, já que ele também tinha um corpo bonito. Pensando bem, comparado com o de Alex, o corpo de

Artur não era tão maravilhoso assim. Como será que Alex conseguia manter a forma? Devia viver na academia, só podia.

— Chegamos!

A voz de Alexander me tirou daquele transe perigoso e só então eu constatei que tínhamos caminhado por um bom pedaço da praia e estávamos sobre rochas, bem acima do mar.

— Quero que você conheça a Caverna do Pirata — exclamou ele, com um sorriso genuíno nos lábios.

— Caverna do Pirata?

— É. Vai me dizer que nunca ouviu falar da lenda do Capitão Barba Longa?

Neguei com a cabeça, prevendo outra história daquelas. Alexander fez cara de mistério e, conforme caminhávamos até uma gruta escondida entre as rochas, contou:

— Há muito tempo, mais ou menos uns 500 anos atrás, o Capitão Barba Longa era o rei dos sete mares. Tinha um navio enorme, cheio de alçapões, onde costumava esconder os tesouros que roubava de imperadores e nobres. Também era conhecido como o pirata mais destemido de todos os tempos, pois saqueava os navios dos rivais e sempre levava a melhor. Ninguém tinha coragem de enfrentá-lo, pois bastava uma provocação e ele apontava seus canhões para seus inimigos. Barba Longa já possuía muitas riquezas, mas não havia quem o fizesse largar aquela vida. Ele queria sempre mais e mais. Até que um dia apareceu um pirata à sua altura: o Capitão Caolho.

Nesse ponto da história, comecei a rir. Alex havia alterado o timbre da voz, que soou muito engraçado.

— Qual é a graça? — questionou, de testa franzida.

— Nenhuma. Continue.

— Então. O Capitão Caolho era mais jovem do que Barba Longa e queria muito roubar seus tesouros. Sendo assim, travaram uma batalha sem fim. Ora um vencia, ora o outro. E Barba Longa foi vendo muitas de suas relíquias serem levadas pelo rival.

— O Capitão Caolho invadia o navio de Barba Longa para saquear? — perguntei.

Alexander me encarou, mas os olhos enxergaram além de mim.

— Sim. Mas nunca consegui levar tudo, pois havia muitos tesouros. Então, Barba Longa montou uma estratégia. Em vez de levar os tesouros roubados para seu navio, começou a escondê-los em praias desertas. Por onde ia, deixava algo para trás. Depois, voltava ao local e levava o tesouro consigo, quando fosse seguro. O Capitão Caolho chegou a pensar que Barba Longa já tinha perdido tudo e parou de persegui-lo. Mas, como em toda história de pirata, havia um traidor entre os tripulantes do navio de Barba Longa. Esse cara, que se chamava Bad Shark, contou ao Capitão Caolho todo o plano bolado por seu capitão.

— Mas como Bad Shark fez isso? — interrompi. — Onde ele se encontrou com o Capitão Caolho? E qual foi a intenção dele ao fazer isso?

Eu estava adorando a história e, de repente, senti-me totalmente envolvida. Alexander riu.

— Sei lá! Só sei que o Capitão Caolho ficou puto da vida. Queria porque queria conquistar mais riquezas. Para isso, precisava ser mais esperto e chegar ao lugar onde os tesouros estavam escondidos antes que Barba Longa voltasse para pegá-los. Com a ajuda do traidor Bad Shark, conseguiu ter sucesso muitas vezes. No entanto, Barba Longa, que não era bobo, desconfiou que havia algo



errado e, ameaçando jogar todos os seus homens ao mar, conseguiu descobrir que Bad Shark estava servindo a Deus e ao diabo ao mesmo tempo.

— Você quer dizer a dois diabos, né? — emendei.

— É verdade — Alex concordou e mais uma vez segurou minha mão para me ajudar a subir um pouco mais. — Então, antes de fazer Bad Shark andar na prancha e cair na boca dos tubarões, Barba Longa o obrigou a indicar locais falsos para o Capitão Caolho. Ao perceber que havia sido enganado, Caolho passou a dedicar cada dia de sua vida a tentativas de matar Barba Longa. Até que, um dia, ele conseguiu.

— O quê? Ele matou Barba Longa? Assim, sem mais nem menos? — fiquei indignada. — Logo agora que eu estava torcendo pelo corsário veterano...

— É — Alex sorriu, parando de caminhar. — Por isso, muitos tesouros ficaram perdidos para sempre, escondidos em praias desertas de todo o mundo. E uma delas fica bem aqui, em Perla, mais precisamente ali, na Caverna do Pirata.

Segui o olhar de Alexander até me deparar com a entrada da gruta. Fiquei imaginando se tudo não passava de uma lenda boba ou se a história era realmente verdadeira.

— Essa foi boa! — disse, exalando o ar de uma só vez. — Você quase me pegou.

— Ah, é? E o que me diz... disso?

Alexander tirou de dentro da mochila uma moeda de ouro, muito antiga mesmo. Estendeu-a para mim.

— Achei-a durante um mergulho no lago da gruta, há alguns anos.

Fiquei muda, perplexa.

— Se não acredita, pergunte a outros mergulhadores. Melhor ainda: pergunte a qualquer morador daqui. Todo mundo vai confirmar a história.

— Está certo — disse, por fim. — Você está me saindo um exímio contador de histórias.

— E você é muito impressionável.

Sem dizer mais nada, entramos finalmente na gruta, ou melhor, na Caverna do Pirata. E minha perplexidade só aumentou. Como o interior de uma rocha poderia ser ainda mais belo do que a praia de onde viéramos? Havia um lago transparente e as frestas entre as pedras faziam a luz do sol penetrar e ser refletida pela água cristalina. Um espetáculo! E depois de toda aquela história de pirata, verdadeira ou não, a aura ali dentro parecia mágica. Cheguei a ouvir as vozes do Capitão Barba Longa e de sua tripulação. Meu corpo se arrepiou todo.

— Lindo... — murmurei.

— Não é? — disse Alex, quebrando meu encantamento. — Esta gruta é um dos meus refúgios secretos. É para cá que corro quando as coisas não estão muito boas. É tão calma, solitária...

Gente, esse cara era o mesmo que tinha me arrastado outro dia da biblioteca e dito um monte de asneiras na minha cara no dia anterior? Porque não parecia. Não quando ele dizia aquelas coisas, não falando exatamente comigo, mas mais consigo mesmo.

— Entendo.

— Jura? — De repente, seu tom voltou a ser ácido. — Pois parece que você mergulha suas frustrações numa boa ida ao shopping.

Aquilo soou como um tapa na cara. Depois de ser praticamente sequestrada e arrancada da cama, sem falar da viagem na garupa de uma moto a jato, ouvir uma história em tom de brincadeira e ser apresentada a uma paisagem de tirar o fôlego, eu esperava que as defesas de Alex contra mim tivessem desaparecido. Concluí que ele deveria ser bipolar. Só podia!

Afastei-me um pouco, procurando me concentrar nos detalhes da gruta, por exemplo, no arco-íris que se formava sobre o lago e no brilho das pequenas pedras em torno dele.

— Desculpe — Alex disse momentos depois, e eu o vi passar uma mão freneticamente nos cabelos castanho-claros. Quando interrompeu o gesto, uma mecha caiu sobre um dos olhos e ele retirou-a instintivamente. — Me expressei mal. Não quero implicar com você, pelo menos não agora, não aqui.

Pisquei.

— Mas quer fazer isso depois. Posso saber por quê?

— Hummm... Digamos que tenho meus motivos.

— Baseados em conceitos pré-concebidos, imagino.

Nossos olhares ficaram duelando e, pela primeira vez, notei um brilho diferente em seus olhos verdes.

— A gente precisa voltar — disse ele. — Se quiser, depois posso trazer você para mergulhar.

*Bipolar. Com certeza.*

— Vamos ver — respondi, passando por ele e saindo da Caverna do Pirata, sem olhar para trás nem uma vez.

Voltamos para o castelo no meio da tarde. Eu estava exausta, suada e até meio molhada. Alexander me deixou na entrada e foi

embora, montado em sua moto de rebelde sem causa. Nisso ele me surpreendeu. Imaginava que tivesse um daqueles carros esportes, conversíveis e potentes. Não que a moto não fosse veloz — e garanto que era —, mas pensei que um mauricinho como ele ficaria bem longe de uma máquina daquelas, para não estragar o penteado. Bom, mas me enganei. O cara adorava emoções fortes e era bem chegado em esportes radicais.

Sentindo um nojo tremendo de minhas roupas e de meu corpo melado de sal e areia, corri para debaixo do chuveiro e deixei que a água lavasse os vestígios de nossa aventura — a primeira da minha vida, até onde me recordo. Tinha a intenção de falar com minha mãe e talvez com Estela, mas deixaria isso para mais tarde, assim que me sentisse mais revigorada.

---

## Laika é nome de gente?

Na manhã seguinte, Alex não apareceu. Deixou um recado com Irina, dizendo que não poderia sair comigo naquele dia. Só fiquei um pouquinho brava, não pelo bolo, mas, puxa, tinha acordado cedo para não precisar ser escorraçada da cama outra vez por ele!

De qualquer forma, como já estava de pé, resolvi fazer uma caminhada por conta própria, na beira da praia particular do castelo. Prendi meus cabelos num rabo de cavalo e, depois de tomar café na cozinha mesmo, saí rumo ao sol.

Dei dois passos do lado de fora antes de ser "atacada" por um enorme cão cor de chocolate, que chegou todo assanhado, mexendo o rabo freneticamente. Ele enfiou o focinho na palma da minha mão, exigindo carinho.

Eu já o conhecia. Era Bruce, um dos cachorros do castelo, um labrador sapeca que adorava saltitar pela propriedade, mais parecendo um cabrito. Fuçava o jardim e deixava os empregados loucos. Por isso, quase sempre ficava de castigo, preso no canil.

Acariciei o pelo atrás das orelhas dele e fiz sinal para que me seguisse. Bruce era moleque e partiu na minha frente, chafurdando na areia molhada.

Atrás dele, caminhei fazendo um balanço de minha vida nos últimos tempos. Tanta coisa havia mudado, mas eu me sentia a mesma. Eu tinha um pai que, apesar de ser um doce e querer o

melhor para mim, era muito ausente. Por outro lado, a saudade que sentia de minha mãe fortaleceu ainda mais meus laços com ela. Falávamo-nos quase todos os dias, por telefone, MSN ou qualquer outro meio. Na noite anterior, ficamos cerca de uma hora conectadas. Ela me contou que o buffet estava a mil por hora e que vovó ia participar de uma maratona em volta da Lagoa da Pampulha. Não sei por que isso não me surpreendeu. Minha avó tinha mais energia e disposição do que eu.

Na noite anterior eu falara com Estela. Ficamos trocando mensagens pelo Facebook. Primeiro, escrevemos banalidades, mas depois, quando perguntei por Artur, senti que ela desconversou um pouco. Achei esquisito. Aliás, já fazia um tempinho que uma pulga andava morando atrás de minha orelha. Eram raros os momentos em que Artur me procurava e, quando o fazia, esquivava-se de assuntos mais íntimos. Ficava no oba-oba de velhos amigos, mas jamais falava de nós como um casal.

No início, achei que era uma forma de ele bloquear a saudade. Só que, mesmo não sendo uma expert em relacionamentos, notei que as coisas não eram assim tão claras. Ele parecia estar fugindo. *Se isso for verdade, pensei, acho que nunca ficaremos juntos para valer. Se o que espero for maior do que o que o Artur quer, será difícil levar qualquer coisa adiante.*

Eu ainda me considerava apaixonada por ele. Quero dizer, talvez. Ou sei lá! Como eu disse, não era exatamente experiente nessas questões de romance e isso contava muito no modo como via as coisas.

Bom, voltando a falar de Estela, gostaria muito que ela viesse para cá. A gente se divertiria horrores. Sugeriu isso e ela quase desmaiou — pelo menos, foi o que demonstrou. Combinamos de arranjar a vinda dela para minha cerimônia de apresentação ao povo

da Krósvia, mesmo eu não tendo ideia de quando isso aconteceria. Irina dizia que seria em breve, mas ainda não tinha uma data marcada nem nada. Eu queria só ver. Esperava que ninguém me obrigasse a vestir um traje de princesa, todo repolhudo, cafona e tal.

Agora, depois de meia hora de caminhada na areia, eu já estava suando. Então decidi mergulhar no mar, gesto imediatamente copiado por Bruce. A água estava fria, mas nem liguei. Achei a sensação deliciosa e fiquei nadando e furando ondas durante um tempão.

Assim que cansei daquilo, estendi uma saída de praia na areia e deitei sobre ela, tendo o cuidado de não encostar o corpo molhado nos grãos para não virar um filé empanado. Bruce se deitou a meu lado, todo fiel, e nós dois curtimos uma boa manhã na praia, como eu fazia quando era criança e ia para Guarapari com minha mãe, meus avós e tios.

Não demorou muito e meu estômago deu sinal de vida. Que inferno, eu vivia para comer naquele lugar! Tinha mais é que caminhar mesmo.

Corri até a cozinha, farejando o aroma de coisas gostosas. Como previ, Karenina preparava um molho para rechear a torta que serviria no almoço. Cheguei por trás dela e a agarrei pela cintura. Ela deu um pulo, segurando o peito.

— Menina, assim você me mata! Que susto! — exclamou, toda esbaforida, para me dar um sorriso supercarinhoso em seguida.

— Puxa, Kare, estou com uma fome...

— Senta aí que eu te sirvo. O que quer? Uma saladinha de frutas? Suco?

— O que eu queria mesmo não existe aqui na Krósvia. Chama-se pão de queijo. Conhece?

Ela olhou para o alto, refletindo.

— Pão de queijo? Acho que não. Como é?

De repente, tive uma ideia.

— Kare, eu sei fazer pão de queijo! Aprendi com minha mãe um tempo atrás e me lembro da receita. Posso te ensinar?

— A se-senhorita? — gaguejou. — Me-mexer na cozinha? Seu pai me mata.

— Ah, deixa disso! Eu sou boa de cozinha. Lá no Brasil, quando estou com fome, quase sempre me viro sozinha. Não faz diferença estar lá ou aqui. E então? Quer ou não quer aprender? Garanto que não vai se arrepender...

— Tem certeza? — Ela ainda estava insegura. — Ai, meu Deus, se seu pai descobre...

— Ele não vai fazer nada. — garanti. — Aliás, ele vai adorar poder comer os pãezinhos depois. Vamos! Me ajude a juntar os ingredientes.

E foi o que Karenina fez. Ainda bem que tínhamos tudo, afinal, a receita do pão de queijo até que é simples. Então, depois de limpar a areia das mãos, comecei a dar a primeira aula de culinária de minha vida — o que jamais imaginei que fosse fazer um dia. E minha aluna não era qualquer uma, não. Era simplesmente a cozinheira-chefe do castelo da família real da Krósvia. Se minha mãe me visse agora...

— O único problema, Kare, é que não temos queijo Minas. Vamos ter que improvisar com este aqui — avisei.

Ela me olhava atenta, encantada por estar aprendendo uma nova receita, que depois poderia ser servida nas mais variadas ocasiões.



— Quando um chefe de Estado vier se reunir aqui com o Andrej, você pode servir pão de queijo, que fica bom com vários acompanhamentos. O ilustre visitante vai te elogiar e até querer levá-la para o país dele. Já pensou?

— Mas isso está totalmente fora de cogitação — Karenina retrucou, com muita veemência. — Meu lugar é aqui. Sempre foi e sempre será.

Sorri. Continuei a lição, esforçando-me muito para não me esquecer de nada.

— O polvilho doce pode ser substituído pela mesma quantidade de polvilho azedo, Kare. Tanto faz usar um como outro — expliquei. — Se quiser congelar a massa, faça bolinhas e congele-as num recipiente aberto para não grudarem. Só depois coloque-as num saquinho. Entendeu? Vamos assar?

Rapidamente o cheiro do pão de queijo invadiu a cozinha. A essa altura, várias ajudantes de Karenina nos rodeavam, aguardando ansiosas o resultado de nosso projeto. Não revelei isso, mas eu também estava na expectativa. Se ficasse ruim, acho que morreria de vergonha.

Enquanto o tempo passava, sentei-me na bancada da pia e fiquei mordiscando uma maçã. Karenina voltou para o molho dela e ambas esperamos num silêncio confortável, só interrompido por uma voz que começava a assaltar com certa regularidade meus pensamentos.

— Que cheiro é esse? Hummmm...

Alexander. Ele nunca aparecia sem fazer uma entrada triunfal. Parecia que ficava esperando o momento certo.

Pulei da bancada e dei as costas para ele. Achei melhor ir checar os pãezinhos em vez de olhar para seu rosto tão

rapidamente. Sabe-se lá o que Alex poderia ler em meus olhos.

— Oi, meu filho! Chegou na hora certa — Karenina saudou-o com entusiasmo, indo até ele para dar-lhe um abraço. Não deixei de observar que Alexander retribuiu da mesma maneira. — A Ana acabou de preparar uma receita nova, típica lá do Brasil, sabe? Pão de queijo.

Endireitei o corpo e olhei para ele. Não posso afirmar se o que vi foi real ou se minha imaginação hiperativa me levou a enxergar aquilo, mas tenho quase certeza de que os batimentos cardíacos de Alexander passaram por uma ligeira alteração. Não sou paranormal, não leio pensamentos nem tenho pressentimentos, mas parece que a veia do pescoço dele ficou mais alta. Só isso, e só talvez; não estou afirmando.

Outro detalhe: Alex estava de terno. Era a primeira vez que eu o via em traje social. Como defini-lo? Ora, um verdadeiro príncipe!

Então ele se aproximou devagar e estendeu o braço em minha direção. *Ele vai me tocar!* Pensei, excitada demais para meu gosto. E foi exatamente isso que Alex fez, mas não para um carinho nem nada. Com o polegar, ele limpou algo que estava sobre meu nariz, bem na ponta.

— Farinha — disse ele, sorrindo com apenas um dos cantos da boca.

Afastei-me depressa, levando automaticamente uma das mãos ao nariz. Roxa de vergonha — e com o coração aos pulos —, agradei, meio sem jeito, voltando a olhar para o forno. Eu não queria tentar explicar o frio na barriga que senti quando ele encostou aquele dedo em mim.

— O pão de queijo está pronto — anunciei. — Espero que esteja bom.

Karenina me ajudou a retirar o tabuleiro do forno. Pela cara, os pãezinhos só poderiam estar ótimos.

Alexander, posicionado estrategicamente atrás de mim, perguntou:

— Desde quando você sabe cozinhar?

Ainda sem encará-lo, fui retirando os pãezinhos, um a um, e ajeitando-os numa cesta de palha, delicadamente forrada com um pano bordado à mão.

— Para seu governo — respondi —, aprendi com minha mãe, há muito tempo. — Estendi a cesta para Karenina primeiro e depois para Alex. Enquanto os dois provavam o famoso pão de queijo mineiro, continuei tagarelando: — Caso você não tenha percebido, não nasci em berço de ouro e sei me virar sozinha desde pequena. Na minha casa não fico esperando minha mãe me dar tudo de mão beijada, como se eu fosse uma princesa afetada.

Tive vontade de engolir o restante daquela frase absurda. Mas nem Alex nem Karenina prestaram atenção a nada que eu disse. Eles estavam se deleitando com o pão de queijo, comendo um atrás do outro, como se fosse um manjar dos deuses. Fiquei toda orgulhosa.

Fingi que não notei e perguntei, sendo humilde:

— E aí? Ficou aceitável?

Karenina me olhou com os olhos esbugalhados e só soltou um *huuuummmm* bastante significativo. Alexander grudou o olhar em minha saída de praia meio transparente e disparou uma de suas já famosas pérolas:

— Já vi que você é cheia de surpresas, né?

Não consegui identificar a real intenção daquele comentário, mas, de certa forma, aquilo me animou. Um pouco.

Juntei-me a eles na mesa e procurei manter um clima superficial, como se aquela cena fosse comum no meu dia a dia, se é que se pode chamar de normal estar sentada à mesa da cozinha de um castelo verdadeiro, de frente para um pseudopríncipe danado de charmoso, comendo pão de queijo.

— Você deu um jeito de se divertir sozinha hoje, pelo visto — observou Alex, voltando a encarar meus trajés sumários. — Tive uns contratempos...

Ele foi interrompido pelo toque de um celular: o dele. Sua expressão adquiriu um tom sério assim que leu o nome no visor do aparelho. Fiquei doida para saber quem era, mas fingi não ter prestado atenção. Porém, para minha decepção, toda a conversa ocorreu em krovvi e a única palavra que consegui identificar mais ou menos foi "Laika". Ele poderia estar falando sobre um cachorro, uma marca de carro, um tipo famoso de balas — se bem que essas se chamam Lalka — ou sobre qualquer outro assunto. A meus ouvidos analfabetos na língua daquele país, nada daquilo fazia o menor sentido.

Sem parar de falar, Alexander se levantou e começou a andar pela cozinha, indo para lá e para cá de forma inconsciente. Karenina se aproximou de mim e cochichou:

— Aposto que é a Laika.

*Hein?*

— Quem é a Laika? A cadelinha dele? — Não consegui deixar de ser irônica.

Sem perceber o tom, Karenina riu.

— Não, Ana. É a namorada do Alex.



Primeiro: Laika, no meu país, é nome de cachorro, *sim*. Minha prima de Itabirito já teve uma poodle com esse nome.

Segundo: namorada? Como eu não ficara sabendo, depois de todo esse tempo? Não que eu tivesse direito a algum tipo de explicação e tal, mas esse é o tipo de informação que não se deixa de fora. Não é?

Bom, está certo que eu nunca perguntei — nem jamais perguntaria, que isso fique bem claro — e o assunto nunca surgiu de fato. Seria meio esquisito se Alexander tivesse dito: “Olha, aquela é a Caverna do Pirata. Ah! E eu tenho namorada”. Ou: “Você se parece muito com o Andrej. Nem precisa fazer exame de DNA. E, a propósito, eu tenho namorada”.

Mesmo assim, eu já deveria saber disso. Não é por nada, mas pelo menos eu teria um fortíssimo motivo para parar de colocar na mesma frase os nomes Alexander e Victoria’s Secret. Se pelo menos Artur assumisse mais seu papel de quase-namorado, eu pararia de imaginar coisas com outros caras...

Ah, pelo amor de Deus! Quem eu estava querendo enganar? Outros caras nada. Alexander. Só ele. Quem mandou ser tãããã... sexy.

Mas agora já era. Eu não me permitiria nem mais um pensamento censurável. Nunca mais olharia para aquela tatuagem impressa naquele tríceps modelado. Nem sequer andaria na garupa da BMW sei lá das quantas. Ou melhor, poderia até andar, mas seguraria na própria moto. Nada de agarrar a cintura cheia de músculos de Alexander.

Também nunca mais queria ouvir Lady Gaga cantando “Alejandro”. Sim, porque eu ainda não tinha admitido em voz alta, mas toda vez que escutava essa música... bom, digamos que os nomes — Alejandro e Alexander — não sofrem grandes alterações fonéticas.

Oh, céus!

Ainda bem que sou uma pessoa lúcida, madura e sei lidar muito bem com esse tipo de situação. De qualquer forma, assumo que senti um prazer gigante quando Karenina contou que a tal Laika era uma patricinha e que ninguém ia muito com a cara dela. Quando ela disse *ninguém*, referiu-se, na verdade, a ela mesma, Irina e os outros empregados do castelo. Porque aparentemente a moça era bem esnobe.

Segundo Irina, Laika era filha de um antigo adversário político de meu pai. Agora, o cara era senador e tinha muita influência no Congresso. Ela fizera faculdade de Administração na Inglaterra e trabalhava na empresa da família: uma fábrica de peças de avião. Moça poderosa!

Alexander e Laika estavam juntos havia dois anos, de acordo com a boca miúda de Karenina, e a garota estava doida para enfiar uma argola dourada no dedo anelar da mão esquerda. Mas Alex ainda não se decidira, embora o tal senador estivesse fazendo uma certa pressão, do tipo “ou casa ou cai fora”.

Eu teria caído fora, sem dúvida. Mas essa é só minha opinião.

Assim que Alex desligou o telefone, olhou para mim meio sem graça e deu uma desculpa qualquer para sair às pressas, não antes de confirmar uma nova excursão no dia seguinte. Eu deveria ter recusado, devido à reviravolta no contexto, mas fiquei bem quietinha e concordei com a cabeça.

Com a deusa, fugi da cozinha, pronta para me enfiar no chuveiro e tirar a mistura de sal e areia do corpo. No entanto, fui obrigada a adiar meu compromisso com a sessão de limpeza corporal, pois trombei com Irina nas escadarias e ela acabou me puxando para uma conversa em seu escritório.

— Está vendo esta papelada aqui? — indagou, segurando um bolo de papéis e sacudindo-os na minha frente. — Está tudo planejado, Ana.

— Planejado? — Não consegui captar seu raciocínio.

— Sim. Sua apresentação à população da Krósvia como filha do rei Andrej Markov! — anunciou, como se estivesse fazendo uma tremenda revelação. — Tudo resolvido. Ah, seu pai vai ficar tão feliz! Finalmente ele vai poder contar ao mundo que tem uma filha e mostrar a todos como você é linda e adorável.

Sorri, meio sem jeito. Irina podia ser como um canarinho amarelo saltitando sobre o alpinista, mas era também uma pessoa incrível.

Então, lembrei-me de algo que vinha me perturbando ocasionalmente:

— Andrej tem uma irmã e sobrinhos. Por que ainda não os conheci? Eles não sabem de nada também?

— Não. Seu pai quer contar pessoalmente e não teve tempo para fazer isso. Mas vai fazer antes da apresentação oficial. Parece que na semana que vem.

Assenti. Como seriam essas pessoas? Meus parentes de sangue, mas sujeitos completamente estranhos e sem significado para mim. Será que me aceitariam? Que me entenderiam?

— E quando vai ser o evento? — quis saber. — Demora?

— Daqui a 20 dias, se seu pai confirmar a data para mim.

De repente, tive uma ideia brilhante:

— Irina, será que posso convidar minha mãe e meus avós? E também minha amiga Estela? Seria tão maravilhoso poder contar com eles aqui nesse dia! Minha avó ficaria maluca, tenho certeza.

— Claro que pode. Eu já estava contando com isso e seu pai faz questão que eles fiquem aqui no castelo.

— Ele disse isso para você?

— Sim. E não comentamos nada porque queríamos fazer uma surpresa.

Dei a Irina meu sorriso mais genuíno, além de um abraço apertado. Se todos topassem, tudo ficaria mais que perfeito.

Ainda com a história da namorada Laika na cabeça, aproveitei a presença de Irina para fazer mais perguntas, de uma forma bem sutil, é claro. Afastei-me da secretária de meu pai e fingi estar compenetrada na paisagem do lado de fora da janela. Então, mandei:

— A Laika ainda não apareceu desde que cheguei — comentei com uma inocência tão fingida quanto o amor dos políticos brasileiros pelas criancinhas pobres. — Ela não costuma vir aqui com o Alex?

Sem tirar os olhos de sua papelada, Irina respondeu, muito pouco interessada no assunto:

— Quase nunca.

— Por quê? Ela trabalha muito? — Precisei aumentar meu poder de persuasão. Não sei por quê, mas eu estava empenhada em saber tudo sobre o namoro até então desconhecido de Alexander com a Nome de Cachorro.



Irina suspirou e foi a primeira vez que demonstrou uma ligeira irritação na voz.

— Sim, ela é ocupada demais e não gosta muito do clima bucólico do castelo.

Entendi. Melhor mudar de assunto. Laika não era o tema preferido de Irina para uma conversa amistosa. Despedi-me dela, mais uma vez agradecendo pelo carinho que tivera comigo.



Os dias seguintes foram bastante agitados e diferentes. Caí numa rotina com Alexander, mas uma rotina boa. Não tomei mais nenhum bolo dele, que me levava para conhecer os lugares mais legais do mundo. Eu levantava cedo, tomava café na cozinha e às nove horas já estávamos de saída.

Admito que uns dias eram melhores do que outros. Algumas vezes, Alex chegava para me pegar com um humor tão obscuro que era melhor ficar na minha, deixando a poeira se assentar sozinha. E, quando eu menos esperava, estava ele todo alegre, falando besteira, deixando o clima leve e agradável.

Ele nunca mencionou o nome da namorada. Por alguma razão, esse era um assunto que não fazia a menor questão de dividir comigo. Aliás, jamais falávamos sobre nós mesmos, nem de nada profundo. Só amenidades entravam em nosso repertório. Melhor assim. Sem tentações, sem riscos.

Naquela sexta-feira, estávamos tomando sorvete na praça de uma cidadezinha rural ao norte de Perla. Não era a primeira vez que saíamos da capital. Já haviam se tornado comuns os passeios pelo país afora, que não é tão grande assim. Para dar uma ideia da coisa, a Krósvia é do tamanho do Rio Grande do Sul. E tudo dentro de seus limites é lindo, seja na região urbana, seja no campo.

Escolhi um sabor diferente, meio picante. Enquanto degustava meu sorvete, concentrada nas crianças que corriam entre os bancos, Alexander perguntou de supetão:

— Você tem namorado?

Engasguei na mesma hora. Dei uma abocanhada tão enorme no sorvete que ele desceu rasgando minha garganta, fazendo minhas narinas arderem e meus olhos se encherem de lágrimas.

— Não — gemi. — Mais ou menos — acabei corrigindo. Minha situação com Artur não havia mudado nada. Aliás, as coisas pareciam cada vez mais frias. Fazíamos pouco contato e, quando acontecia, era estranho, sem química. Estela continuava se esquivando das perguntas sobre ele, o que, na minha concepção, só podia significar que Artur devia estar aprontando no Brasil. Mesmo assim, não consegui responder outra coisa. Em minha cabeça, ainda que não ficássemos juntos quando eu voltasse, tínhamos que resolver tudo pessoalmente.

— Não ou mais ou menos? — repetiu Alexander, olhando mais para seu sorvete do que para mim.

— Mais ou menos. — Definitivamente, eu não estava a fim de falar sobre isso com ele.

Mas Alex insistiu:

— Nada sério, então?

— Isso. Por enquanto.

Ele estreitou o olhar, igualando-o à minha altura, como se estivesse me desafiando a falar mais. Eu não estava com a menor vontade de continuar, mas acabei cedendo, nem sei por quê.

— Eu estava começando um relacionamento quando saí do Brasil. Decidimos manter contato, mas sem chamar de namoro. Não

enquanto eu estiver aqui. Entendeu agora? — Minha voz saiu mais ríspida do que eu gostaria.

Alex deu um meio-sorriso, aquele que fazia meu coração dançar em ritmo de Timbalada, de tão sensual que era.

— Eu, no lugar dele, estaria maluco — disse ele, como quem não quer nada, sem saber que aquele simples comentário fez o ritmo de meu coração passar para bateria de escola de samba. — Será que seu quase-namorado não fica se perguntando quantos caras dão em cima de você todo dia aqui na Krósvia?

Tive que rir. Aquilo não condizia com o que vinha acontecendo. Fora umas olhadas que ganhava de um ou outro cara mais atiradinho, ninguém jamais me paquerara de verdade em solo krosviano. Alexander só podia estar de brincadeira.

— Nada a ver, Alex — foi só o que disse em resposta ao comentário sem noção.

— Nada a ver? Um cara interessado de verdade numa mulher pensa nessa possibilidade o tempo inteiro. Eu ficaria doente se estivesse no lugar dele.

Não entendi direito o que ele quis dizer. Alex ficaria doente se a namorada dele fosse embora para outro país ou se ele fosse Artur? A primeira hipótese me deixava com dor de estômago e a segunda... bom, também.

— Sua namorada não te deixa assim?

Ai, minha mãe, foi só eu dizer isso que quis engolir tudo de novo. Para todos os efeitos, Alex não sabia que eu sabia sobre Nome de Cachorro.

Ele franziu a testa. Senti que o clima ia azedar.

— Como sabe sobre a Laika?

Eu quis mentir, juro. Inventar uma desculpa qualquer, dizer que joguei verde. Mas a palavra Laika, proferida de forma tão séria por aquela boca linda, me fez ter uma crise de risos. Daquelas bem demoradas, que fazem a gente perder o fôlego e o nariz escorrer.

Alexander ficou me olhando como quem olha para uma louca de pedra.

— Desculpa — disse, enxugando as lágrimas e tentando me recompor.

— O que é tão engraçado?

— Nada.

— E então? Vai dizer como ficou sabendo sobre o meu namoro? Suspirei. Eu não podia entregar Karenina.

— Bom, eu só fiquei sabendo, nem lembro bem como.

— Sei. Como se ninguém tivesse feito uma fofoca sobre isso, certo?

*Fofoca?*

— Fofoca? — Eu me fingi de indignada. — Nada disso. Foi só um comentário que escutei, nada de mais. E por que está tão nervosinho? Por acaso namora escondido? Eu, hein! Se namora, assume!

E saí toda enfezadinha, marchando feito um soldado norte-coreano bem treinado. Na verdade, eu estava mesmo era com raiva. Por que Alexander sempre conseguia me tirar do sério?

Mas ele me alcançou logo e segurou meu braço, obrigando-me a ficar de frente para ele.

— Ei, calminha. Não precisa ficar brava. Eu só achei que você não soubesse. Mas tudo bem. Não é segredo.

Fiz que sim com a cabeça. No entanto, eu preferiria que Alex tivesse dito que era tudo mentira. Só não me peça para explicar por quê.

— Vou conhecer uns parentes amanhã. — eu disse. A mudança brusca de assunto foi intencional. — Moram lá em Craiev. Conhece?

Pela expressão de seu rosto, pude ver que ele notou a reviravolta do tema em discussão. Então, me soltou.

— Claro. A tia Marieva, o marido e os filhos. São gente boa, você vai ver.

Uma vez perdido, o clima ameno não se restabeleceu entre nós. Voltamos para casa sem falar muito e, pela primeira, vez agradei por estar na garupa da moto, cujo barulho não permitia conversas.

Eu já estava praticamente dentro do castelo quando Alex me chamou e disse algo que nunca vou esquecer:

— Eu não queria estragar nossos momentos com um assunto tão complicado.

E aí ele partiu, deixando um rastro de poeira atrás de si e infinitos grilos em minha cabeça.

## Sou brasileira, com muito orgulho, com muito amor

Sabe quando o professor marca prova oral e você fica esperando sua vez de ser chamada? As mãos ficam geladas, o coração bate acelerado, a garganta se fecha. Não é assim?

Pois eu estava me sentindo desse jeito a caminho de Craiev. Tudo bem que Andrej estava a meu lado — ou melhor, no banco da frente — e, pela primeira vez desde que cheguei à Krósvia, éramos só nós dois. Exceto pelo motorista, Jorgensen.

Para não chamar a atenção, Andrej abriu mão de visitar a irmã num dos carros da família real. Fomos num veículo alugado por Jorgensen, como dois meros mortais. Aparentemente, a viagem seguia tranquila. Sem o celular na orelha e o notebook no colo, meu pai e eu estávamos conseguindo desenvolver uma conversa com mais de cinco frases. Falamos do tempo, de meus passeios com Alexander, de minha adaptação, da festa de apresentação da filha do rei para o povo... Assuntos não faltavam.

Andrej é um sujeito interessante. Ele sabe escutar quando alguém fala com ele e raramente julga as atitudes das pessoas. Quando revelei que estava com medo de aparecer na frente de todo mundo, ele concordou com a cabeça e se virou para apertar meu joelho. Em momento nenhum disse que seria fácil. Não mentiu. Isso,

de certa forma, era reconfortante, pois eu soube que podia confiar nele.

Apesar disso, nada tirava de mim a aflição por estar indo conhecer meus parentes. Agora a tal da tia Marieva já sabia sobre mim. Andrej não quisera chegar à casa dela de supetão e dizer: *Eis aqui minha filha Ana*. Preferira prepará-la primeiro. Melhor assim, eu acho.

E até que a reação dela fora bem tranquila. De acordo com meu pai, minha nova tia recebera a notícia com euforia. Eu queria só ver.

Mas não era só isso que estava me atormentando. Desde o dia anterior, eu sentia meu coração perder um ou dois compassos sempre que pensava em Alex e naquela despedida esquisita. Duas coisas ficavam martelando minha cabeça: ele ter dito “nossos momentos” e “assuntos complicados”. Por que, como assim? O pronome *nosso* é tão íntimo, não é? Eu acho. *Nosso* é meu e seu, é compartilhamento. Se os momentos eram nossos, é porque deviam ser especiais. Será que eu estava viajando nas ideias?

E se os assuntos eram complicados, significava que o relacionamento deles não estava bom? Por mais que eu não fosse “a melhor amiga” de Alexander, era muito esquisito eu nunca ter sido apresentada a tal Laika. Namorados não vivem sempre juntos? Pelo menos, é isso que se espera deles, ora.

Eu não deveria me preocupar tanto. Alexander era apenas um ser humano a mais no mundo e, se eu ficava pensando nele de vez em quando, era por estar longe de meus amigos e das pessoas que amo. Enfim, nada de mais. Também havia a questão da aparência e tal. Nós, garotas, somos muito suscetíveis à beleza. Gostamos de sapatos por serem belos, minha gente!

Desculpe se pareço superficial, mas a beleza externa serve para ser apreciada. Claro que num relacionamento de verdade isso conta

muito pouco. Ou só um pouco.

O que eu precisava mesmo era deixar aquela maldita frase de lado e esquecer tudo. Estava só de passagem na Krósvia e, em breve, tudo voltaria ao normal. Ou seja, eu, no Brasil, sendo simplesmente Ana Carina Bernardes, sem Markov.

Por falar nisso, Andrej queria porque queria mexer em minha certidão de nascimento. Ele fazia questão de preencher o campo PAI em meu documento, vazio desde que nasci. Tudo bem. Eu aceitei acrescentar o sobrenome Markov a meu já comprido nome. Tá, tá... Fiquei feliz. Muito. Pronto, falei.

— Olhe ali a casa da sua tia, Ana.

De repente, a viagem acabou. Meu pai interrompeu meus pensamentos e meu nervosismo subiu à quinta potência.

Enquanto Jorgensen manobrava o carro, fiquei olhando para o lugar. Craiev era uma cidade do interior, mas nem por isso parada no tempo. O bairro de Marieva era bem moderno e cheio de construções novas — e caras.

— Dê uma olhada para lá.

Ao virar o rosto na direção apontada por Andrej, dei de cara com três crianças paradas na varanda. Atrás delas, uma mulher mais velha do que eu acenava para nós com um imenso sorriso nos lábios. Respirei fundo para adquirir confiança.

Desci do carro com as pernas bambas. E, antes de dar dois passos, fui atingida por três cabeças loiras e seis braços branquíssimos. Meus primos.

— Crianças, deem espaço para a Ana. — Marieva também se aproximou. — Ela deve estar cansada. — Então ela me viu de perto. E abriu a boca num “o” chocada. — É a sua cara, Andrej!



A constatação foi imediata, assim como o abraço que recebi em seguida. Afinal, a tia Marieva parecia ser tão simpática quanto o irmão. Ufa!

— Oi — respondi, meio sem graça.

As crianças continuaram me rodeando, como se eu fosse um duende do Papai Noel. E eram tão fofas! Duas meninas e um menino, o menorzinho de todos. A euforia deles era tanta que me abaixei para igualar nossos tamanhos. Falei:

— Oi! Eu sou a Ana. Tudo bem?

A garotinha do meio, desde já mostrando-se a mais articulada, respondeu em inglês, que é definitivamente a segunda língua do país:

— Sim! Eu sou a Giovana, minha irmã é a Luce e o pequeno aqui é o Luka. É verdade que somos primos?

Uns fofos mesmo. Aquele pedacinho de gente não poderia ter mais do que 6 anos.

— Sim — disse Marieva, puxando-me pela mão e mais uma vez me encarando. — Estávamos ansiosos para conhecer você, Ana. Quando seu pai contou a história sobre vocês, fiquei muito contente. Só achei um absurdo ele ter demorado tanto para me contar. Eu teria ido a Perla para recebê-la.

Sorri. E completei:

— Também estava ansiosa. Até com medo — confessei. — Não sabia como seria recebida.

— Que bobagem! — Ela passou o braço sobre meus ombros, um gesto tão casual, mas ao mesmo tempo carinhoso. — Andrej merecia esse prazer na vida.

Vi meu pai revirar os olhos. Estava constrangido, sim, mas também orgulhoso, como pude constatar pelo brilho no olhar.

Fomos caminhando em direção à casa, tão chique como as que vemos nas revistas de decoração. Meus três priminhos saltitavam atrás de nós e volta e meia tentavam chamar minha atenção. Tão lindos! Todos loirinhos. Mas, enquanto as meninas tinham cabelos lisinhos e cortados à altura das costas, Luka parecia um anjo. Era cheio de cachinhos que desciam pela testa, orelhas e nuca. Os olhos dos três eram tão azuis que lembravam o mar num dia bem ensolarado.

Marieva também era assim: muito loira, muito branca, de olhos muito azuis. Somente o formato do rosto lembrava um pouco o de Andrej. Mas ela também era bem bonita e jovem. Calculei que devia estar na casa dos 37 anos.

— O Marcus está lá nos fundos — anunciou minha nova tia. — Insistiu em preparar um churrasco, porque leu não sei onde que os brasileiros adoram. Verdade, Ana?

— Sim. Adoramos. Nós, brasileiros, amamos comer e eu, particularmente, sou fã de uma boa carne.

Andrej deu uma gargalhada forte e comentou:

— É verdade, Mari. A Ana é uma comilona e também sabe cozinhar muito bem. Outro dia ela ensinou a Karenina a fazer pão de queijo. Você acredita nisso?

Agora foi a vez de Marieva gargalhar.

— Como foi que conseguiu essa mágica? Aquela lá não deixa ninguém entrar na cozinha dela.

Dei de ombros. Não era nada de mais, de qualquer forma.

Fui conduzida pelo andar de baixo da casa, sempre escoltada pelos três irmãos. Não pude reparar em muita coisa, pois poderia parecer bisbilhotice, mas notei a decoração de excelente bom gosto e o estilo moderno do lugar. Bem diferente do Palácio Sorvinski, com certeza.

Andrej me contou que minha tia era uma mulher muito engajada em causas sociais, embora tivesse dinheiro para comprar uma ilha. Era formada em antropologia, trabalhava como pesquisadora numa universidade de renome na Krósvia e ainda era voluntária numa entidade assistencial que cuidava de crianças órfãs. Além de ser mãe e esposa. Que jornada, hein!

Já o marido dela, o tal Marcus, era empresário. Nascera na Itália e se mudara para a Krósvia para expandir os negócios do pai, que consistiam em nada mais, nada menos do que uma vinícola superfamosa. Com a mudança, ele levava a marca para o país vizinho e simplesmente multiplicara o faturamento da empresa. Andrej disse que Marcus exportava vinho para o mundo inteiro, inclusive para o Brasil. E passava mais tempo na fazenda — em Craiev mesmo — do que em casa. Agora, não me pergunte quando é que esses dois pais atarefados tinham tempo para aquelas três crianças. Vai saber.

Depois de percorrer uma sala ampla e clara e atravessar uma cozinha cheia de aço inoxidável, chegamos ao que só podia ser o jardim de tia Marieva. Ou terreiro, sei lá. Na verdade, era uma área enorme, toda gramada, com uma piscina no centro, contornada por um caramanchão ornamentado por trepadeiras floridas, muito parecidas com as nossas conhecidas buganvílias.

Para um dia frio como aquele, nadar era uma opção descartada. Mas as crianças estavam mais interessadas em mim do que em diversão. Ou será que *eu* era a diversão do dia?

Marcus largou a churrasqueira para vir nos receber. Ele tinha o porte de um homem bem-sucedido, sem sombra de dúvida. Caminhou até nós com altivez e elegância, sem deixar de sorrir por um segundo sequer. Mas não um sorriso simplesmente simpático ou amistoso. Isso também, mas muito mais de sondagem misturada com poder, se é que eu tenho *feeling* para perceber esses pormenores.

Feitas as apresentações, iniciamos nossa jornada em busca do clima perfeito, ou seja, todo mundo tentando me deixar relaxada, apesar de quererem me encher de perguntas. Mas ficaram nas amenidades, tipo:

- Está gostando da Krósvia?
- Já se acostumou com o clima?
- Tem tido tempo de passear?

E por aí vai.

Claro que eu respondia tudo na maior boa vontade, até porque preferia falar sobre essas coisas a entrar num terreno mais constrangedor. Por exemplo, não seria nada confortável contar a história de como Andrej e eu nos conhecemos. Ou por que minha mãe nunca dissera nada sobre mim a meu pai.

Mas captei toda a curiosidade saindo pelos poros de Marcus, que estava se segurando para não ultrapassar a barreira do constrangimento. Mais em respeito a meu pai, óbvio. Não sei, não, mas o cara ficava me olhando de um jeito desconfiado, mais até do que Alexander nos primeiros dias. Ah, não! Mais um para achar que sou biscateira. Fala sério.

- É verdade que as brasileiras usam biquíni fio-dental?

De repente, passamos a escutar o canto dos pássaros. E o zunir dos mosquitos. Dá para acreditar que a pequena Luce tinha acabado

de me fazer essa pergunta? Parecia brincadeira.

Tia Marieva, vermelha feito a bandeira da China, tossiu, mas logo recuperou o ar e disparou:

— O que é isso, menina? De onde tirou essa ideia?

— Ué, meu p...

— Ninguém disse nada, não é, meu bem? — Luce foi interrompida por um Marcus encabulado. — Ela deve ter ouvido isso na televisão.

— Mas como é um biquíni fio-dental? — insistiu ela, com a carinha mais inocente do mundo.

Não sei por que, mas é incrível como brasileiro tem fama ruim. Vira e mexe alguém dá a entender que somos todos depravados, liberais e sem censura. Em parte eu sei o porquê. Basta assistir a um desfile de escola de samba no carnaval e ao festival de nudez promovido principalmente por artistas — ou aspirantes a artistas — desesperados por atenção. Mas, puxa! Nós nem fazemos *topless* com tanta frequência quanto as europeias, que são bem mais liberais do que nós em muitos aspectos. Dá tanta raiva!

Uma vez, uma amiga de minha mãe viajou para Dubai e foi conhecer o tal Dubai Mall, o maior shopping center do mundo, aquele que abriga um gigantesco aquário com mais de 33 mil espécies de animais marinhos! Pois bem. Chegando lá, ela se deparou com uma loja que se chamava Brazilian Lingerie. Para sua surpresa — e indignação — todos os manequins usavam calcinhas fio-dental. Como se usássemos roupas íntimas sensuais 24 horas por dia. No dia a dia, gostamos mesmo é daquelas peças confortáveis, de preferência as sem costura. Adoro...

— Filhinha — começou tia Marieva. — Você não quer mostrar seu caderno de desenhos para a Ana? Aposto que ela vai achar tudo

lindo.

Bela saída. No mesmo instante, a pequena Luce disparou para dentro de casa para pegar o tal caderno. Os outros dois, Giovana e Luka, mantiveram-se por perto, tentando entrar na conversa, cada um querendo se exibir mais que o outro para mim. Hilário.

Depois do incidente do fio-dental, os ânimos deram uma acalmada. As crianças me puxaram para um passeio pelo jardim da casa, mas só fui após analisar cada desenho feito pela espontânea Luce.

— Você é nossa prima? — indagou Luka.

— Sim. Filha do tio Andrej — respondi, igual a uma professora do maternal. Deu certo, já que eles continuaram.

— Quem é sua mãe? — agora foi Giovana.

— Ela se chama Olívia e mora no Brasil.

— Por que não é a tia Elena? — perguntou Luce.

— Bom, porque... — engasguei. Como contar para uma menina de 8 anos que as pessoas não precisam ser casadas para terem filhos?

— Ela morreu. — Luka, no auge de seus 5 anos, livrou-me da saia-justa. — A mamãe ficou triste. E o tio Andrej também. Eu vi ele chorar.

— É normal as pessoas chorarem quando alguém de quem gostam muito morre. Até os adultos. Eu mesma choro o tempo todo. Sou a maior chorona.

— A Giovana também chora à toa. Parece um bebezinho — acusou Luka.

— Não choro nada! — protestou a garotinha, franzindo a testa para o irmão. Depois, olhou para mim e confessou: — Só às vezes, quando me machuco e quando o Luka corta os cabelos das minhas bonecas.

Juro que quis ficar séria para mostrar àquele garoto que não se deve fazer essas coisas com as pobres coitadas das bonecas. Mas acabei deixando um sorriso escapar de meus lábios e isso foi suficiente para ele enganchar sua mão na minha. De repente, tínhamos criado um vínculo.

— O Alex também chora. — A declaração de Luce me desconcertou. — Eu já vi.

— É mesmo? — perguntei, devagar.

— Hum-hum. Mas faz um tempão. Eu ainda era pequena.

Fiquei olhando para Luce, tentando imaginar o que ser pequena significa para ela. Porque ter 8 anos devia significar muita coisa mesmo.

Queria saber mais, mas tia Marieva nos chamou para almoçar. Ela foi simpática o tempo todo. E natural também. Não ficou tentando me agradar em excesso nem agiu com formalidade.

— Você precisa mostrar seus dotes culinários para nós, Ana. Fiquei curiosa — pediu ela.

— Prometo cozinhar para vocês quando forem ao castelo. Mas meu repertório não é muito grande, não — avisei. — Se quiserem experimentar uma comida típica do Brasil, sugiro feijoada.

— Ah, eu conheço! — exclamou Marcus. — Já estive no Brasil, na Bahia, e tive o prazer de experimentar a mais que famosa feijoada.

— Pois é. Todo mundo adora e vocês também vão gostar — disse, olhando para Andrej e Marieva. — Mas preciso de um tempo para planejar, encontrar os ingredientes...

— Prometemos lhe dar um tempinho. Mas você não vai escapar dessa — Marcus disse, brincando. Todo mundo riu. Menos eu.



Um pouco mais tarde, Andrej recebeu um telefonema da Irina para avisar que Alexander e sua digníssima namorada — vulgo Nome de Cachorro — jantariam no castelo conosco naquela noite mesmo. Posso até ter ficado um pouco irritada com a notícia, mas a curiosidade de conhecer a tal Laika superou meu mau humor. Estava torcendo para ela ser um dragão de dentes tortos e cabelo embarçado.

Como *eu* não queria parecer um dragão, passei mais tempo me arrumando para o encontro do que normalmente ficaria. Fiz faxina completa: tomei um banho de banheira e depois lavei os cabelos no chuveiro. Sequei-

-os com secador na temperatura morna — para ressaltar o brilho — e me enfiei num dos vestidos novos que comprara com a Irina no shopping. Por dispensar a impressão de brasileira assanhada, optei por um pretinho básico, de um ombro só. Discreto, mas lindo. Calcei saltos e me maquiei — só um pouquinho. Como toque final, espalhei um pouquinho de perfume nos pulsos e atrás das orelhas, um verdadeiro Dolce & Gabbana que ganhara de minha mãe no último Natal. Nos lábios, gloss.

Mal tinha terminado de esfregar um lábio no outro para espalhar o brilho quando ouvi um barulho de porta sendo aberta e fechada. Levando em consideração que a acústica do castelo é perfeita, esse barulho só poderia ser da minha porta. Saí do banheiro apressada, pensando que encontraria Irina. Estava prestes



a fazer uma piada qualquer no momento em que dei de cara com Alexander, parado de braços cruzados bem no meio de meu quarto. De novo.

De calça jeans de cintura baixa e camisa xadrez perigosamente justa, ele era a personificação do diabo. Passeou os olhos demoradamente por meu corpo, fazendo uma avaliação mental do que via diante de si. O processo todo demorou uns três segundos, mas eu posso garantir que durou até demais, o suficiente para eu perder o fôlego.

— Decididamente, você não sabe bater — acusei, com medo de que minha voz tivesse saído pouco natural e ele percebesse meu nervosismo. — E se eu não estivesse vestida?

Desejei não ter dito isso.

— Então eu teria muita sorte — respondeu, erguendo levemente a sobrancelha esquerda.

— Posso saber o que você quer? — questionei, toda armada. — Já estou pronta e no horário combinado. Não precisava ter se dado ao trabalho de vir me buscar.

— Não foi um trabalho — ele disse. — E eu não vim te buscar.

Alexander se jogou em minha cama, esticando-se todo, como se fosse o gesto mais natural do mundo. Colocou os braços atrás da cabeça e fingiu estar avaliando a qualidade do colchão. Pode?

Tudo o que eu fiz foi ficar encarando a cena, incapaz de mover um músculo para impedir aquilo. Afinal, era Alex na minha cama. Sagrada face do Pai Eterno!

— Você é muito folgado! — soltei. — E sem noção. Por sua culpa, vou ter que começar a trancar minha porta.

— Ei, eu só vim ver como você estava. Por causa da visita de hoje, lembra? Como foi?

Suspirei. Não. Aquilo não estava acontecendo.

— Não dava para perguntar na hora do jantar? — continuei, relutante. — Precisava invadir meu quarto? Eu poderia estar...

— Sem roupa — completou. — Eu sei. Você já disse isso.

Bufei, furiosa. Claro que eu poderia ter deixado Alexander sozinho e saído do quarto, magnânima, altiva, por cima. Mas não sei o que dava em mim sempre que ficava perto dele.

— E então? Não vai contar como foi com os tios?

— Tudo bem — respondi secamente.

— Tudo bem que vai contar, ou lá foi tudo bem? — Dá para alguém ser mais chato que esse sujeito, meu Deus? — Não precisa ficar economizando palavras. Temos um tempinho.

Revirei os olhos com o máximo de desdém que consegui demonstrar e mandei um comentário muito criativo — e maduro, diga-se de passagem:

— Você é ridículo, Alexander.

Nesse instante, Alex se levantou de um pulo só e parou a centímetros de distância de mim. Dava até para eu sentir o cheiro másculo do perfume que usava, algo seco e selvagem.

— Repita o que disse — ordenou ele, com os olhos faiscando.

— O quê? — eu disse, como se meus nervos estivessem no melhor dos estados. — Que você é ridículo?

Alexander se aproximou ainda mais, a ponto de nossa respiração se misturar. Ele exalava creme dental de menta. E eu? Será que meu hálito estava pelo menos agradável?

— Não. Alexander.

*Hein?* Fiquei olhando para ele com a maior cara de boba, porque eu realmente não tinha entendido nada. Então, Alex esclareceu:

— Diga meu nome de novo.

Então era isso. Mas o que *isso* representava, afinal? Um caso esquisito de narcisismo, ou seja, um amor enorme pelo próprio nome que o fazia querer ouvi-lo pronunciado pelas pessoas?

— Co-como? — gaguejei.

Alexander tocou uma mecha de meu cabelo tão lentamente que fiquei em estado de choque, sentindo o trajeto dos dedos dele desde a altura da orelha até as pontas dos cabelos.

— Gosto da maneira como você pronuncia meu nome — justificou-se, concentrado no ato de sentir a textura de meu cabelo. — Aliás, é a primeira vez que você me chama de Alexander. Para todo mundo eu sou só Alex.

— Hum-hum. — fiz. Mas, se ele tivesse me dito que a Terra é quadrada, eu teria concordado da mesma forma.

— Soa diferente na sua voz — continuou. — Deve ser porque você não fala krosvi.

— Pode ser — respondi, meio que no piloto automático.

— Ou é só por causa dessa sua boca mesmo. — Dito isso, Alex traçou o contorno de meus lábios com o polegar e eu fechei os olhos para sentir melhor o toque.

O que estava acontecendo ali? Alex estava me paquerando? Mas não podia! A namorada dele deveria estar a caminho do castelo, se é que já não havia chegado e esperava por ele na sala de jantar!

Apesar disso, pensei que ele fosse me beijar. A forma como encarava minha boca não deixava margem para dúvidas. Os olhos dele ainda faiscavam, mas não era de raiva nem de impaciência. Era algo muito mais poderoso e forte, que o puxava para perto de mim como se fosse uma espécie de hipnose.

No entanto, como isso era possível? Nós nem gostávamos um do outro. Vivíamos implicando e jogando indiretas, mal nos tolerávamos. Eu não suportava aquele homem, mesmo quando ele fazia meu coração dar piruetas só de vê-lo ou me levava para conhecer os lugares mais lindos.

Ele também não morria de amores por mim. Sempre que podia, deixava claro o que pensava a meu respeito e não titubeava em me tirar do sério.

Então, por que agora tudo me levava a crer que Alexander estava prestes a colar seus lábios nos meus? E pior: por que eu ansiava desesperadamente por isso?

Porém, no momento em que meus ombros relaxaram e eu pensei que as coisas iam progredir entre nós, Alexander se afastou. E o encanto se desfez. Só aí escutei o toque de um telefone. Meu celular!

Corri para pegá-lo na mesa de cabeceira e chequei o visor. Artur! Se isso não fosse um sinal, não sei o que mais poderia ser.

Tentei o máximo que pude controlar minha respiração. Mas, se eu pensava que Alexander estava prestes a deixar meu quarto, me enganei redondamente. Tudo o que ele fez foi esperar que eu atendesse à chamada. Será que agora ele adivinhava as coisas?

No entanto, eu tinha um grande trunfo para o caso de Alex querer ouvir minha conversa. Falaria em português. Bem feito!

— Oi, princesa! — saudou Artur, todo animado. — Saudades...

— Hã... Oi, Artur — disse. — Que surpresa!

Alexander usou sua marca registrada ao me encarar: levantou uma das sobrancelhas. Demonstrou estar indignado com minha recusa em deixá-lo entender o diálogo. Curti demais esse momento, soberana.

— Pois é — Artur respondeu. — Andei meio sumido. Sabe como é, muito trabalho, muitas matérias para estudar. Mas estou sentindo sua falta. Demais. Já está pensando em voltar?

— Voltar? Não, ainda não. Preciso ficar mais um pouco. Ainda nem fui apresentada à população da Krósvia.

Meu coração batia forte no peito. Minha dúvida era se isso acontecia pelo fato de estar falando com Artur ou porque ainda podia sentir os vestígios do quase-beijo entre mim e Alex.

— Puxa, como vou fazer para controlar essa saudade louca que ando sentindo? — quis saber Artur, cheio de graça.

Não sei, mas um mês longe dele me fizera perceber que nossa paixão não era tão grande assim. Afinal, fazia dias que eu nem pensava nele direito. Também havia outros motivos, tipo ele quase nunca fazer contato ou ser evasivo nas poucas conversas que tínhamos. Mas nada a ver com Alex, que isso fique bem claro.

— Bom, a gente já tinha combinado que deixaria para resolver a situação quando eu voltasse ao Brasil — contemporei. — É difícil falar sobre isso pelo telefone.

— Falar sobre o quê? — questionou Artur. — Sobre saudade? Não vejo problema nenhum.

Fiquei impaciente. De repente, queria desligar logo a praga daquele aparelho e descer para jantar com meu pai.

— Beleza, Artur. Gostei da sua ligação. Mas agora eu preciso ir. Meu pai está esperando...

— Certo — cortou ele. — Já entendi. Você está me dispensando.

*Oh, Senhor!*

— Eu não faria isso. — Não pelo celular, há quase 10 mil quilômetros de distância. Mas isso eu não disse em voz alta.

— Bom, princesa. Vamos deixar as coisas como estão. Prevalece então o que combinamos aqui no Brasil, certo?

Eu não queria dizer sim. Não estava preparada para reforçar nosso combinado. Já não sentia o mesmo por Artur, não conseguia me imaginar apaixonada por ele, namorando ou, pior, usando *com e/e* minhas lindas lingerie da Victoria's Secret.

— A gente se fala depois — prometi. Era o mínimo que eu podia fazer.

Desliguei o telefone, sabendo que Alexander estava prestes a fazer uma observação. Levantei os olhos para ele, que apenas comentou, em inglês, claro:

— Essa língua portuguesa é muito confusa.

Sorri. Ele completou:

— Vem. Vamos jantar.



Dizer que a tal da Laika era bonita é ser econômica. A danada da garota era maravilhosa, aquele tipo de mulher que faz com que qualquer outra se sinta o cocô do cavalo do bandido, se é que me entendem.

Na hora que bati o olho nela, me lembrei logo de Ana Hickmann: alta, esguia, loira, fatal. Se eu tivera a ridícula sensação de que Alexander vinha flertando comigo, acabei de constatar que tudo não passava de invenção de minha cabeça. Eu devia ter interpretado aquele lance do quase-beijo de forma totalmente errada.

De cima de um salto agulha de uns dez centímetros, Laika me analisou minuciosamente assim que pus os pés na sala de jantar. Instantaneamente, fiquei constrangida, sentindo-me pequena e... bem, básica. Ao contrário de mim, Laika não se importou em parecer extravagante. Vestia um short curto, branco, meio solto, e uma camiseta de seda coral, cujo decote deixava muito pouco para a imaginação alheia. As já mencionadas sandálias tinham um tom neutro e faziam a dona delas ainda mais alta. Os cabelos batiam nos ombros e foram cortados de um jeito despojado, num estilo que só as mulheres muito confiantes têm coragem de assumir.

Mas resolvi manter o apelido secreto Nome de Cachorro. De que outra forma eu poderia desdenhar daquela que em poucos minutos se tornara alvo de minha inveja? Bonita, bem-vestida, *fashion* e ainda namorada de Alexander. Dava para ser pior?

Alexander se adiantou a mim assim que viu a namorada. Por alguma razão, eles não chegaram juntos e o fato de nós dois termos aparecido no mesmo momento não passou despercebido a Laika. Antes de mais nada, ela o beijou. Na boca. Na frente de todos nós, ou seja, Andrej, Irina e eu. Nem consigo descrever a fincada que senti quando presenciei aquela cena, bem no meio do peito. Ainda bem que a cara de Irina também não era das melhores. Já meu pai parecia indiferente a qualquer tipo de animosidade.

Depois, Nome de Cachorro resolveu me dar atenção e esticou uma mão branca, fina e cheia de anéis para me cumprimentar. O

aperto que trocamos foi mole, fraco, como se ambas tivéssemos medo de tocar na mão uma da outra.

— Kosov — ela disse.

*Quê?* Não acredito que ela usou krosvi para falar comigo. Se me cumprimentou ou me chamou de vaca, eu não tinha como saber.

Meu pai sorriu e explicou:

— Não, Laika, a Ana não fala nossa língua. Todos nós nos comunicamos com ela em inglês. — Então, ele se dirigiu a mim. — E a Laika disse “muito prazer”, Ana.

Juro por Deus que tentei ser simpática e tal, mas, só de olhar para a cara daquela garota, mal conseguia disfarçar minha antipatia. Tive que me segurar para não fazer uma piadinha com o nome ridículo dela ou chamá-la de patricinha afetada na frente de todo mundo. O que estava acontecendo comigo, hein?

— Finalmente, Ana! Demoramos a nos conhecer, mas só outro dia fiquei sabendo sobre você. Engraçado o Alex nunca ter mencionado nada. Ou melhor, ele falou, sim, mas só muito recentemente.

Com certeza essa foi uma tentativa de deixar bem claro que Alexander não dava a mínima para mim. Lancei os olhos na direção dele e, pela primeira vez na vida, Alex pareceu desconcertado.

Decidi entrar no jogo.

— Ainda bem. Estamos procurando manter segredo por enquanto, sabe? Manter as coisas só entre a família mesmo. — Em seguida, dirigi-me a meu pai. — Viu, Andrej? O Alex é um cara de palavra.



Sabe aqueles personagens de desenhos infantis que soltam fumacinha pela cabeça quando estão com raiva? Pois é. Se a Laika fosse um desses, estaríamos presenciando uma cena assim.

Andrej indicou o lugar para cada um de nós à mesa de jantar, mas foi o último a se sentar. Antes, puxou a cadeira para Irina e para mim. Claro que Alexander fez o mesmo para a namorada, que lutava para parecer descontraída. Mas o que a postura dela demonstrava era justamente o contrário. Não sei por que cargas d'água a bela filha de senador/executiva/namorada de Alex estava muito incomodada com minha presença. Então, o sentimento era recíproco.

— Que bom estarmos todos aqui hoje! — exclamou Andrej, enquanto Karenina e uma outra moça, Petra, serviam o jantar. — Temos muitas novidades, não é mesmo, Irina?

Com o peito estufado de prazer, Irina assumiu a responsabilidade pela atualização das últimas notícias.

— Bom, já temos uma data para a apresentação da Ana — anunciou, olhando diretamente para mim. Limitei-me a sorrir para não interrompê-la. — Será no dia 10 de outubro.

— Puxa, que notícia maravilhosa! — Minha adrenalina ficou a mil. — É uma data ótima para o pessoal do Brasil, porque o dia 12 é feriado lá. Ai, Irina, que maravilha! Talvez fique mais fácil para eles agora.

— Você ainda não os convidou? — perguntou Andrej, tocando de leve em minha mão.

— Comentei por alto com a Estela, minha melhor amiga, mas ainda não combinei nada, nem com minha mãe. — De repente, uma

sombra nublou minha euforia. — Peraí! Eu não vou ter que usar nenhum vestido repolhudo, né?

Todos ficaram me olhando com uma expressão de dúvida, como se não tivessem entendido meu questionamento. Apenas Laika escondeu um sorrisinho malicioso atrás de uma das mãos.

— Vestido repolhudo? — indagou Andrej.

— É, tipo cheio de babados e todo rodado, ou, pior, cem por cento rosa-bebê. Porque eu não uso rosa-bebê. De jeito nenhum.

Meu pai riu, enquanto Irina parecia processar o que eu havia acabado de dizer, anotando mentalmente minhas recusas.

— Não vai precisar — assegurou-me ele, respirando com prazer em cima de seu prato recém-servido.

— Ah, majes... digo, Andrej, mas é claro que a Ana vai ter que vestir um traje bonito, condizente com a posição de princesa da Krósvia — Irina replicou. — Não dá para aparecer na frente do mundo inteiro vestindo calça jeans e camiseta.

— E como seria um traje condizente, Irina? — eu quis saber.

— Sugiro um longo, claro — interveio Laika. — Mas nada de azul ou *nude*. Não combinam com sua pele.

*Ui!* Magoei. Eu amo azul!

— Ana, vamos ter que sair para escolher o vestido ideal para a ocasião. E deve ser o mais rápido possível. — Às vezes, a eficiência de Irina beirava o fanatismo.

— Outra orgia consumista?! — Alex se manifestou. — Cuidado, Andrej. Essas duas soltas pelos shoppings são um perigo para sua conta bancária.

Fuzilei-o com os olhos. Era a primeira vez que o olhava abertamente desde que nos reunimos para o jantar. Mas não encontrei crítica nem desprezo naqueles olhos verdes que vinham assombrando meus pensamentos há dias. O que eu vi foi diferente, porém, reconfortante. Quase sorri para ele, mas tive medo do outro par de olhos que também me encarava.

— Não faz mal — replicou meu pai. — Já deixei claro para a Ana que ela tem carta branca para gastar quanto quiser. E ela é bem consciente, não é, filha?

— Se você está dizendo — respondi. — Minha mãe não acharia o mesmo.

O cheiro da sopa servida como entrada fez minha boca se encher de água. Mergulhei uma fatia de pão no caldo e suspirei enquanto degustava toda aquela delícia.

Irina me olhou, perplexa.

— Não vai querer saber o que vai acontecer nesse dia, Ana? Como vai ser a cerimônia?

Com a boca cheia, tive que responder balançando a cabeça. A verdade é que eu nem tinha pensado nisso. Acreditava que era só aparecer em público, de preferência através da TV, e dar um *oi* para a galera.

— Bom — continuou ela. — Primeiro, seu pai vai reunir a imprensa e fazer o comunicado oficial. Em seguida, ele vai chamar você. Nessa hora, a população vai estar reunida em frente ao Palácio de Perla. Você vai surgir na sacada principal.

— Quê?! — engasguei. O pedaço de pão ficou entalado em minha garganta e foi preciso um generoso gole de água para soltá-lo de lá. — Vou ter de aparecer em público?

Olhei para Andrej, suplicando por apoio, mas ele apenas devolveu uma expressão condescendente.

— Ora, Ana — disse Laika, nada simpática. — Você queria o quê? Um tchauzinho diante das telas e pronto? O povo merece sua consideração.

Por quê? Eu não significava nada para aquele país e ninguém nem ao menos sabia de minha existência. E, por mais que eu estivesse curtindo de verdade meus dias na Krósvia, ainda não me sentia pertencente àquele lugar.

De repente, perdi a fome.

— E depois? — murmurei.

Irina se animou novamente:

— Bom, daí você e seu pai saem numa volta em carro aberto pelas ruas de Perla. O Alex também vai, claro.

— Quê?! — repeti, mas agora em coro com Alexander.

— Gente, eu não sou a Kate Middleton — argumentei.

— Andrej, não acho que minha presença seja necessária — disse Alex.

Irina olhou de mim para ele, desaprovando nossa postura com um gesto de cabeça. Pela primeira vez na vida, vi meu pai falar de um modo que não permitia questionamentos:

— Você, Ana, precisa entender que as coisas por aqui são assim.

Envergonhada, murchei na cadeira.

— E você, Alex, é tão parte desta família como a Ana. Portanto, não estamos lhe fazendo um convite. Entendido?

Alex e eu nos entreolhamos. Se a situação não fosse dramática, seria cômica. E Alexander parece ter pensado a mesma coisa. Dissimulamos um sorrisinho antes de concordamos em uníssono:

— Sim.

Quem não gostou nada dessa cumplicidade foi Laika, que cruzou os braços, emburrada. Se dependesse de mim, ela não teria a menor participação nesse circo chamado Cerimônia de Apresentação da Princesa Ana.

---

## Dias de tensão

EU: — Diga que vem!

Mal terminei o jantar e corri para falar com minha mãe. Estava desesperada para ouvir a voz dela e contar as novidades, inclusive sobre o convite de meu pai para que ela, meus avós e Estela viessem à Krósvia para a cerimônia, blá-blá-blá. Já não suportava mais falar nisso.

Não foi um jantar totalmente desagradável, tampouco divertido. Depois do papo sobre o qual eu não queria falar, o assunto simplesmente não fluiu.

Conversamos um pouco sobre tia Marieva e eu aproveitei para elogiar meus priminhos. Mas meu cérebro insistia em me levar a um terreno perigoso, ou seja, ao que havia acontecido — ou quase — com Alex e eu em meu quarto, um pouco antes.

Eu ainda podia sentir minha pele formigando com a expectativa do contato e tenho certeza de que Alexander não ficara indiferente. Por mais que Laika estivesse ali, atracada com o pescoço dele, tinha havido um momento de atração entre nós. Aliás, passava da hora de eu admitir, pelo menos para mim, que essa atração não era nova coisa nenhuma. Desde que eu pusera os olhos nele pela primeira vez, fora atraída como por um ímã.

Numa situação diferente, eu provavelmente estaria de olho em Alexander. Por exemplo: se estivéssemos no Brasil e eu fosse simplesmente Ana Carina Bernardes e ele, um cara gostoso qualquer, sem nenhum parentesco com a nobreza, a chance de haver uma paquera entre nós seria bem grande. Não estou falando de namoro nem nada, mas de um xavequinho inocente.

Mas ali isso era impossível porque:

1º: Ele tinha namorada (e isso, por si só, já era empecilho mais que suficiente).

2º: Alex era enteado de meu pai. Ou seja, para todos os efeitos, éramos quase irmãos (eu ainda não tinha refletido por esse lado).

3º: Artur. Por mais que não fosse namoro, era alguma coisa.

4º: Eu não ficaria na Krósvia para sempre.

Ainda bem que eu não chegara a me apaixonar por Alex. Ufa! Seria complicado... Nada de paixão. Nadinha. Zero...

Voltando à conversa com minha mãe:

MÃE: — Filha, eu gostaria muito, mas não sei se consigo deixar o buffet. É um período complicado.

EU (suplicando): — Mãe, por favor. São poucos dias. Você não pode deixar outra pessoa responsável pelos negócios?

MÃE: — Você sabe como são meus clientes. Gostam de me ver por perto. Mas vou dar um jeito, é claro.

EU: — Você acha que a vovó e o vovô viriam?

MÃE: — Não sei. Sua avó, talvez. Mas o papai não gosta de fazer longas viagens de avião. E também não fala inglês.

EU: — Puxa... Estou tão ansiosa, mãe. Precisando de um colinho. Já estou vendo minha vida de pernas para o ar. Quanto tempo você acha que a imprensa brasileira vai demorar para cair matando?

MÃE: — De verdade? Tempo nenhum. Assim que seu pai fizer o anúncio, aposto que os jornalistas vão fazer fila na porta do palácio. Sabe como é, né? Notícia nova, diferente, até meio romântica, se quer saber.

EU (suspirando): — E se eu estiver arrependida?

MÃE: — Não, você não está. Pode estar com medo da repercussão, mas não arrependida. De todo modo, quando a notícia ficar velha, todo mundo vai acabar esquecendo.

EU: — Espero que sim.

MÃE (mais animadinha): — E quanto ao resto? Como andam os passeios com o Alex?

EU (sentindo o rosto corar): — Legais.

MÃE: — Só isso? Legais?

EU: — Legais, diferentes, excitantes...

MÃE (cheia de malícia): — Excitantes, é? Como assim?

EU (reativa): — Ora, excitantes, emocionantes. Ah, mãe, você sabe que sempre vamos de moto. Isso é excitante. E também os lugares aonde a gente vai.

MÃE: — Sei.

EU: — É sério, tá? E não estou a fim de falar mais nisso.

MÃE: — Tudo bem. Só quero que você esteja feliz aí, aproveitando bastante.



EU (suspirando de novo): — Eu estou, mãe. De verdade. Só queria ter vocês perto de mim no dia da minha apresentação. Acho que vou suportar melhor.

MÃE: — Tá bom. Pode contar comigo. Dou um jeito por aqui, mas não vou te deixar na mão quando mais precisa de mim. Que tipo de mãe eu sou, afinal?

EU (exultante): — A mãe mais maravilhosa do mundo!



Os dias passaram voando. Sei que essa frase é um clichê barato, mas não inventaram nada melhor para traduzir a sensação de ver o tempo passar sem a gente perceber. Apesar de todos os novos passeios com Alex — que ficaram escassos depois de meu encontro com Laika —, da busca desenfreada pelo vestido perfeito — que acabou se convertendo em dois (mas isso é assunto para depois) — e dos preparativos sem-fim, tudo aconteceu muito depressa.

Contudo, foi mais fácil suportar o estresse pré-apresentação depois de saber que minha mãe, vovó e Estela estariam presentes. Como isso era uma coisa boa, esperar pelo grande dia não foi algo tão traumático.

Assim que convidei Estela, a menina só faltou pirar. Primeiro, teve medo de não poder ir por falta de grana. Foi então que Andrej anunciou que fazia questão de bancar a vinda de minhas convidadas. Mamãe recusou na mesma hora. Ela disse que jamais aceitaria viajar com o dinheiro de Andrej, nem que essa decisão lhe custasse a viagem.

Vovó Nair fez coro a ela e também não aceitou a oferta de meu pai. Mas tenho a impressão de que, no fundo, ela não se importaria de aceitar. Mesmo assim, optou por dar apoio moral à filha.

Por outro lado, Estela não pensou duas vezes. E a justificativa dela era muito válida.

— Como eu não tenho dinheiro e meu pai disse que não pode abrir mão dessa quantia para uma viagem que ele considera supérflua, o jeito é aceitar a caridade do seu pai.

Nem era uma caridade. Andrej queria que eu ficasse feliz e acabou dando o jeito dele. Só quero esclarecer que o dinheiro das passagens de Estela não saiu dos cofres públicos. Sei que não mencionei isso antes, mas meu pai possui outras rendas, como imóveis alugados, ações na bolsa, essas coisas.

Apenas Estela ficaria hospedada no castelo. Minha mãe queria manter distância para que ninguém pensasse que ela estava a fim de reviver os velhos tempos. Quando digo “ninguém”, refiro-me principalmente à imprensa. O último desejo dela seria as pessoas murmurando que a mãe da princesa estava de olho no trono do lado direito do rei. Mais uma vez, vovó a acompanhou.

Mas Estela era aguardada com as pompas e honras de uma personalidade. Dias antes de sua chegada, Irina mandou preparar um quarto especial para minha melhor amiga, com direito a lareira, closet e sacada. Pedi a Karenina que fizesse pão de queijo e também sua especialidade: *struklji*, rolinhos de farinha com recheio de carne, vegetais e queijo, uma iguaria típica da Eslovênia, país vizinho da Krósvia, no lado direito do mapa.

Mamãe e vovó fizeram reserva num hotel em Perla. Depois, fiquei sabendo que ficava próximo ao prédio de Alexander, onde, aliás, eu jamais estivera. E todas as três estavam prestes a chegar.

Queria ter ido buscá-las no aeroporto, mas Andrej achou melhor me manter em segurança durante o dia. A população não tinha noção do que seria anunciado mais tarde, mas já havia sido avisada

sobre o pronunciamento do rei, que revelaria algo bombástico às 4h da tarde.

Sendo assim, de acordo com meu pai, quanto mais guardadinha dentro de casa eu ficasse, menores seriam as chances de algum curioso descobrir a verdade antes da hora.

Jorgensen acabou indo ao aeroporto sozinho, outra vez num carro alugado, para não levantar suspeitas. Escolhi como companhias, enquanto elas não chegavam, um livro, um roupão de *fleece* e meu travesseiro. Ou seja, fiquei quietinha em minha cama, aconchegada sob o edredom, lendo uma história bem *light* para jovens adultos, que me deixou concentrada e, ao mesmo tempo, relaxada.

As pessoas mais íntimas chegariam ao castelo por volta do meio-dia. Desse grupo, faziam parte meus tios e primos de Craiev, Alex e o primeiro-ministro da Krósvia — que era um grande amigo de Andrej —, Zlater Muriev, com sua esposa, Stephania. Ah, e, claro, minha mãe, vovó Nair e Estela.

Almoçaríamos juntos à 1h30 da tarde, depois teríamos um tempo para nos trocar e então seguir em comboio para o Palácio de Perla.

Propositalmente, Laika não pertencia ao grupo de íntimos. Acredito que Irina teve grande influência nessa decisão e eu não pude — nem quis — fazer nada para mudar. Tampouco Alex pareceu chateado.

Sobre os dois vestidos, agora já posso explicar. É que à noite haveria um baile para convidados especiais, e Irina insistiu que eu não poderia usar a mesma roupa da cerimônia de apresentação. Por isso, fomos à caça de dois, o que se converteu numa jornada difícil e estressante, pois nada do que eu gostava agradava Irina

e vice-versa. Por fim, ela sugeriu que contratássemos um estilista, mas recusei. Gosto de comprar minhas roupas, de experimentá-las nas lojas, e não ficar esperando alguém confeccioná-las para mim. Dá muito trabalho.

Quando quase não havia mais esperanças, acabei encontrando na mesma boutique os dois vestidos de uma só vez. Para a cerimônia, eu usaria um tubinho azul-marinho, justo — mas comportado —, tomara que caia, com um bolero de renda da mesma cor por cima. Irina sugeriu que eu prendesse apenas um dos lados do cabelo, mas que deixasse o restante solto, para “exibir minha beleza e exuberância”. Ah, tá!

Porém, à noite, o estilo mudaria totalmente. De tanto folhear as revistas de celebridades e visitar as lojas mais descoladas do país, concluí que os longos estavam com tudo, especialmente os com fendas até o meio de uma das coxas, sensação da temporada. Seguindo o conceito elegante-mas-sexy, meu coração quase parou assim que bati os olhos no vestido de meus sonhos: um longo rosê — contrariando a dispensável opinião de Laika de que minha pele não combinava com tons pastel — de uma seda puríssima, quase diáfana, com decote profundo na frente, ajustado na cintura por uma faixa do mesmo tecido, presa por um broche de cristais. A saia era reta, mas se abria gradualmente por causa da fenda na lateral esquerda. MA-RA-VI-LHO-SO! Minha mãe amaria, já que ela se ligava muito mais nessas coisas de moda do que eu. E ai de quem o achasse feio. Era da Dior Couture! Socorro! Eu não via a hora de colocá-lo novamente no corpo e desfilá-lo pelo salão. Epa! Será que eu estava me tornando uma garota fútil? Foco, Ana.

O livro que eu lia já tinha passado da metade quando o telefone do quarto fez um barulho estridente. Pelo toque, não era uma chamada externa. Alguém de dentro do castelo queria falar comigo.

— Oi?

— Ana! Depressa! — exclamou Irina. — Elas chegaram!

Desci feito uma louca as escadas até o hall de entrada, esquecendo-

-me completamente de meus trajes — ou da falta deles. Mas, naquele momento, não importava se eu estivesse de biquíni ou enrolada numa toalha. Tudo o que eu mais desejava era ver as três mulheres mais importantes de minha vida: minha mãe, minha avó e minha melhor amiga.

Quando aterrissei no andar térreo do castelo, avistei as três, de boca aberta e olhos esbugalhados, mal segurando o choque por estarem diante de um lugar tão magnífico. Sorri, ao mesmo tempo em que as lágrimas embaçavam minha visão.

— Mãe! — berrei, saltando feito um cabrito para os braços dela.

As três, ao notarem minha presença, aproximaram-se de mim e nos unimos num abraço único e emocionado.

Nem reparei em quem estava na sala. Pouco me importava ser pega naquelas condições, desde que os braços de minhas queridas continuassem a meu redor. Como elas fizeram falta!

— Oh, meu amor! — disse vovó. — Que saudade!

Mamãe se afastou um pouco para analisar minha aparência. Pareceu gostar do que viu.

— Você está ótima! Corada, reluzente.

— É claro! — interrompeu Estela, cujas malas — mais de uma — estavam nas mãos de um Jorgensen aturdido. — Quem ficaria mal num lugar como este? Isso tudo parece um sonho, Ana!

— Vocês ainda não viram nada. Espero que dê tempo de mostrar todas as coisas lindas que encontrei por aqui — desejei. E

então alguém tossiu.

Era meu pai, parado a certa distância, contemplando a cena do reencontro. A seu lado, a sempre fiel Irina.

— Espero que tenham feito uma boa viagem — disse ele, formal, mas em inglês, imaginando que todas eram fluentes naquele idioma. Mas depois relaxou. — E gostaria muito que ficassem à vontade para conhecer o que quiserem, dentro e fora do castelo.

Minha mãe balançou a cabeça, mas foi vovó quem respondeu, também em inglês (vovó Nair não vive na idade da pedra, não, senhor!):

— Obrigada, Sua Majestade. O senhor é muito gentil. E estou feliz porque vejo que tem cuidado muito bem da minha neta.

— Poderia estar fazendo melhor — Andrej retrucou. — Se tivesse um pouco mais de tempo. A Ana fica praticamente por conta da Irina e do meu enteado, o Alex.

Estela fez uma cara safada ao escutar o nome Alex.

— E, por falar em Irina, esta é a responsável por tudo isso aqui hoje. — Andrej empurrou-a de leve em nossa direção, fazendo-a corar de prazer.

Se havia uma pessoa que adorava ser reconhecida como eficiente, essa pessoa se chamava Irina.

— Ela é meu braço direito em assuntos domésticos — continuou ele. — E também uma fã de carteirinha da nossa Ana.

Corei com o emprego do pronome “nossa”. Sou tão afetuoso.

— E minha grande amiga — concluí, segurando as mãos dela, de forma a retribuir tudo o que vinha fazendo por mim.

Houve um instante de cumprimentos e trocas de beijinhos no rosto, gesto que nós, mineiros, não titubeamos em utilizar. Notei que Irina ficou toda vermelha com tanta demonstração de afeto, coisa com a qual ela não estava acostumada. Outro dia, eu perguntara a ela sobre sua vida amorosa e ganhara uma resposta sucinta, sem direito a réplicas:

— Não tenho tempo para isso.

Mas, não sei, não. Ficara a impressão de que Irina tinha uma quedinha por meu pai. E ele, por viver atolado em trabalho até o pescoço, nunca se permitira perceber os sentimentos da moça. Tadinha... Até que os dois fariam um casal bonito.

Andrej levou as visitantes para o salão de recepção, onde Karenina lhes serviu um lanche de primeira. Havia estrelas nos olhos de cada uma e essa aprovação delas de "minha vida lado B" me fez muito bem.

— Daqui a pouco chegam os demais convidados para o almoço — anunciou Andrej. — Olívia, acho que você vai gostar de rever minha irmã, Marieva. Lembra dela?

— É claro. Como não? Parece que nos encontramos só uma vez, mas gostei dela.

Graças a Deus não foi estranho para os dois iniciar uma conversa despreocupada. Depois dessa, todo mundo no ambiente deu uma relaxada legal.

Até que Alexander apareceu, de supetão como sempre, e nos presenteou com sua presença marcante. Fiquei uns cinco segundos sem respirar, cada vez mais ligada à existência dele.

— Olá para todos — cumprimentou despojadamente, mas aprumou o corpo assim que viu minhas convidadas do Brasil. — Oi. Desculpem. — Ficou desconcertado. Uma gracinha.

— Alex, que bom que chegou! — disse Andrej. — Estas são Olívia, dona Nair e Estela, mãe, avó e melhor amiga da Ana.

— Só Nair, por favor — retrucou vovó, toda coquete.

Alex se dirigiu a elas e cumprimentou uma a uma com um aperto de mão. Fingi que não vi, mas Estela estava prestes a fazer algum comentário, um daqueles bem ambíguos, só para ver minha reação.

— Chegaram agora? — Alex perguntou, educado, mas de olho em mim. Engraçado: ele parecia estar segurando o riso, como se estivesse olhando para um palhaço ou coisa parecida.

— Sim. Faz pouco tempo — respondeu Estela, analisando nossas reações.

— E devem ter pegado a Ana de surpresa, né? Já que ela nem teve tempo de vestir uma roupa.

Olhei para mim devagar. Já tinha até me esquecido de que usava meu roupão verde-água com bolinhas lilás, de *fleece*. Macio e confortável, mas ridículo. Ai, que vergonha!

Todos riram, menos eu, é claro, que estava prestes a correr dali. Disparei a gaguejar:

— A-cho que vo-ou sub-bir para me tr-trocar.

— Vou com você! — E tinha jeito de Estela não se prontificar a me acompanhar? Eu já podia até escutar as engrenagens do cérebro dela fazendo barulho.

Acabei ajudando-a com as malas. Pelo jeito, ela pretendia passar mais do que um feriado prolongado na Krósvia.

Fomos direto para meu quarto e prometi levá-la ao dela mais tarde.



— Nossa, Ana! Que lugar é este?! Você tem vivido bem, hein, garota?

— Não é? Às vezes, eu penso: pra que tudo isso? Mas acho que vida de gente importante é assim mesmo — justifiquei-me de dentro do *closet*, onde aproveitei para escolher a roupa que usaria no almoço.

Estela pôs-se a passear pelo quarto, absorvendo os detalhes feito Hercule Poirot à procura de provas criminais nos livros da Agatha Christie.

— Nunca imaginei que um dia fosse entrar num castelo como este — observou ela. — Muito menos que seria a melhor amiga da princesa.

— É inacreditável mesmo. — Concordei por concordar, porque a essa altura minha ficha já havia caído havia muito tempo.

— E você é uma sortuda com S maiúsculo — continuou Estela. — Além de tudo isto — ela fez um movimento com os braços, como se estivesse abrangendo tudo ao redor —, ainda tem o Alex. Por que você nunca o descreveu direito para mim?

— Peraí. Vamos por partes. — Saí do *closet* com o zíper da saia aberto. — Eu não *tenho* o Alex. Isso é piração sua. Além do mais, como assim descrevê-lo? Pelo que me consta, eu mencionei todos os detalhes importantes.

— Por acaso você me informou que ele era lindo e charmoso e tinha os olhos mais verdes e penetrantes do mundo?

— Não, mas fui bem sincera ao falar sobre a implicância dele comigo e sobre como os tais olhos verdes penetrantes só sabiam me fuzilar no princípio. Sem mencionar a desconfiança, lembra?

Consegui subir o zíper e ajeitar a saia sobre a blusa de seda. Voltei para o *closet* atrás dos sapatos.

— Ana, eu queria detalhes que você deixou de lado, acho que de propósito. Pode confessar que tentou guardar esse tesouro só para si. Eu não ligo.

— Fala sério, Estela! — Dei meia-volta, com os dois sapatos nas mãos. — Você enlouqueceu. Se eu não te descrevi o Alex é porque não era importante, tá legal? Nem reparei direito, se quer saber.

Levei o maior susto com a gargalhada sinistra que Estela soltou.

— Ah, claro, a senhorita não reparou! Então, deve ter sido outra pessoa que o chamou de mauricinho gostosão.

Não acreditei que ela se lembrava disso!

— Isso foi abrangente, Estela. Não foi uma declaração nem nada — expliquei, sabendo que a desculpa não colou.

— Entendo. Realmente, o adjetivo *gostosão* abrange muitas coisas mesmo. — Que raiva! Estela não queria largar o osso. — E define bem o nosso Alex. Porque ele é isso mesmo, um gostosão. Mas, quanto ao mauricinho, sou obrigada a discordar de você.

Joguei-me na cama, sentindo-me meio derrotada. Enfiei os saltos nos pés e encarei minha amiga.

— Tudo bem, Estela. Eu me rendo. Admito que o Alex é um gato, que mexe com meus nervos de um jeito inédito pra mim.

Ela levantou as sobrancelhas, como se dissesse “não falei?”.

— Mas nada disso importa. O Alex é um cara comprometido. E enteado do meu pai — acrescentei depressa. — Ou seja, é quase meu irmão.

Agora, sim, a gargalhada me deu medo. Foi igual à de uma bruxa desvairada.

— Conta outra, Ana Carina! Quase irmãos...

É sempre assim. Quando Estela está a fim de me enfezar, ela me chama de Ana Carina. Todo mundo sabe que não gosto de ser chamada pelos dois nomes.

— Olha, Estela. Não sei por que estamos perdendo tempo discutindo esse assunto. O Alex e eu somos duas pessoas convivendo uma com a outra por obrigação, pela situação. Não fosse isso, jamais teríamos nos conhecido, ou talvez sim, mas não seria nada de mais. E não é, mesmo agora. Daqui a uns meses eu volto para o Brasil e fim.

— Se você está dizendo. — Estela deu de ombros. — Mas eu particularmente penso...

— Pensa coisa nenhuma — cortei-a. — Vamos, venha me ajudar com a maquiagem. Daqui a pouco precisamos descer e não quero aparecer de cara limpa.

— Uau! E depois você diz que é indiferente ao “mauricinho gostoso”. — Estela fez sinal de aspas no ar.

— Cala a boca!

E acabei ganhando mais uma sessão de gargalhadas.



Eu deveria estar histérica. Mas, estranhamente, me sentia bem. Como tudo transcorreu na santa paz durante o almoço, presumi que os demais momentos daquele dia interminável também seriam tranquilos.

Estela não falou mais sobre Alexander. De vez em quando, ela desviava a atenção para ele e ficava babando como uma tiete diante do ídolo. Não fiquei com raiva nem nada, só achei meio ridículo.

Mamãe e vovó engataram uma conversa animada com tia Marieva, enquanto as crianças me rodearam para contar as

novidades. A mais impressionante de todas foi que Giovana perdera seu primeiro dente de leite. Ela esticou os lábios para me mostrar a janelinha com um orgulho muito pouco disfarçado.

Zlater e Stephania Muriev demonstraram ser um casal simpático. Participaram das conversas como se fossem gente de casa, ignorando solenemente o assunto política. Achei essa atitude excelente, e contou pontos para os dois.

Alex tentou chamar minha atenção o tempo todo. Mas decidi ignorá-

-lo — 1, por causa da história do roupão, e, 2, devido às minhas reações nada naturais diante dele. E olhe que ele utilizou várias abordagens: fez piada com meu medo de andar de moto, fofocou que eu era impressionável em se tratando de histórias antigas, contou que eu levava jeito na cozinha — o que deixou minha mãe toda orgulhosa. Por fim, deu um chute em minha canela e eu juro que quase reclamei em voz alta, bem assim:

— Paiê, o Alex me chutou!

Só que não fiz nada disso, é óbvio.

Quando o almoço terminou, despedi-me apressadamente de todos, pois Irina anunciou em alto e bom som que Virna, minha primeira e única manicure na Krósvia, estava me aguardando no quarto.

Mamãe e vovó também se despediram e foram levadas ao hotel para um descanso rápido. Elas acompanhariam a cerimônia de apresentação no Palácio de Perla e seriam levadas até lá por Jorgensen, que estava por conta delas. Não foi fácil separar nós três. Desejava mais um tempo de mimos e paparicos. Por outro lado, sabia que a ocasião exigia paciência. Depois da apresentação, teríamos mais liberdade.

Virna caprichou na produção. Agora já expert nas técnicas brasileiras de manicure e pedicure, fez um trabalho perfeito em minhas unhas. Escolhi vermelho vivo para as mãos e os pés. Quem sabe a cor desviasse a atenção de cima de mim? Quanto menos pessoas ficassem me encarando, melhor seria para meu coração descompassado.

Unhas feitas, hora do cabelo. Eis que surgiu na minha frente a figura mais exótica da face da Terra para “dar um *up*” em meu visual. Nome: Patrick. Gênero: duvidoso.

Simultaneamente batendo palmas e estalando os dedos, Patrick invadiu meu quarto agarrado numa maleta pink e falando pelos cotovelos. Em krosvi.

— Ei! — praticamente tive que gritar para ser ouvida. — Em inglês, por favor.

Patrick arregalou os olhos — muito bem delineados de lápis preto — e abriu a boca. Mas de lá não saiu mais nenhuma palavra.

— Oh-oh — disse eu. Pelo jeito, ele não falava nem entendia nada daquela língua. E agora?

— *I don't speak English* — alegou, num inglês para lá de macarrônico.

— *And I don't speak Krosvi* — retruquei, exasperada. Como é que ficaria meu cabelo se nós não conseguíamos entender a língua um do outro? Na certa, se eu pedisse para deixar liso, Patrick acabaria fazendo um permanente.

Levantei as duas mãos para ele, fazendo um gesto para que esperasse. Recorri a Irina, que teria que dar uma de intérprete. Quem mandou contratar um cabeleireiro com o qual eu não conseguia me comunicar?

Resolvida a questão, deixei que ele trabalhasse em minhas madeixas. Até que a figura tinha dedos de anjo, pois fui ficando grogue de sono enquanto Patrick mexia para lá e para cá nas minhas mechas.

— Ele está dizendo que seus cabelos são muito sedosos, Ana. — Irina me tirou do torpor traduzindo a frase de Patrick.

— O que ele não deve estar querendo dizer em voz alta é que esses meus cabelos são teimosos como uma égua selvagem. E não traduza isso! — ordenei. — Verdade. Posso ter cabelo liso, mas não é nada fácil lidar com ele.

Por fim, tive que admitir que o resultado ficou muito bacana. Patrick fez como Irina sugeriu, prendendo só um dos lados com grampos. Em cima deles, tanto para escondê-los como para dar um charme, colocou um prendedor bonito, incrustado de minúsculas estrelas de cristal.

— Patrick está dizendo que a cor dos seus cabelos é bonita. — Outra tradução feita por Irina. — E que, se você quiser clareá-los mais um pouco, pode procurá-lo. Ele terá o maior prazer de se tornar o *hair stylist* oficial da princesa Ana da Krósvia.

Revirei os olhos, achando a oferta uma graça. Clarear os cabelos? Quem sabe?

Da maquiagem eu mesma cuidei, pois já estava acostumada. Nunca saía à noite sem maquiagem em BH e, de dia, estava sempre de *gloss*, pelo menos.

Assim que me olhei no espelho de corpo inteiro de meu *closet* e constatei que não faltava mais nada, suspirei. A sorte estava lançada. Em poucos minutos, eu deixaria de ser simplesmente Ana Carina Bernardes para me tornar algo próximo a uma celebridade.

Soube que a imprensa brasileira invadiu Perla em peso, mesmo sem saber absolutamente nada sobre mim. Mas, como a assessoria de imprensa do governo soltara uma nota informando que a notícia que o rei Andrej daria naquela tarde dizia respeito ao Brasil também, os jornalistas não ficaram parados, esperando para ver. Acamparam no pátio do Palácio de Perla com câmeras e microfones e lá ficaram o dia todo.

Uma leve batida na porta me provocou um sobressalto. Pensei logo em Alexander, mas ele jamais batia. Entrava de uma vez, com ou sem autorização. Já vacinada contra suas invasões, preferi atender pessoalmente, em vez de mandar entrar.

— Olá! — Era meu pai. — Como está esse coração?

Abri caminho para ele e então vi seus trajes. Andrej estava alinhadíssimo, num fraque impecável, talvez até demais para o horário. Mas, como não entendo muito de etiqueta, nem sei se tinha ou não razão quanto a isso.

— Batendo acelerado — confessei.

Ele me olhou com aprovação.

— Você está linda. Parece uma princesa.

Sorrimos. Ele estava fazendo piada, embora de uma forma bastante sutil. A cara de Andrej.

— Queria garantir a você que será rápido, que você não ficará exposta demais — disse, com uma expressão carregada de ternura.

— Que as pessoas não atormentarão você...

Balancei a cabeça, compreensiva.

— Mas eu não posso... — meu pai assumiu, por fim. Deu um longo suspiro, que depois se transformou num sorriso consolador. — Só quero deixar as coisas mais confortáveis, se é que tem jeito. Não

haverá coroação, não agora. Príncipes e princesas não precisam ser coroados para serem reconhecidos como herdeiros do trono. Mas, no seu caso, faço questão disso... caso você decida viver aqui para sempre.

Uma camada de ar gelado percorreu minha coluna vertebral. Achei que já tinha deixado bem claro que voltaria para o Brasil, independentemente de qualquer coisa.

Parece que Andrej leu meus pensamentos, pois tratou de esclarecer:

— Não estou exigindo que more na Krósvia, que deixe o Brasil de vez. É só um desejo meu muito, muito forte.

Assenti. E ele voltou a pisar em terreno sólido.

— Vou ficar do seu lado o tempo todo. Você não precisa dizer nada, se preferir assim.

— Prefiro — concordei mais que depressa.

— Só lhe peço um único favor.

— Pode pedir. — Senti que era necessário abrir a guarda. Esse pai era mais do que eu merecia.

Andrej enfiou a mão no bolso do paletó e retirou uma caixinha azul. Fiquei olhando para ela, sem entender. Ele me daria uma joia?

Ao abrir a embalagem, apareceu um colar, que eu julguei ser de ouro branco. Na verdade, era uma correntinha prateada, muito fina e delicada, com um pingente brilhante no formato de um botão de rosa.

— Este diamante pertenceu à minha mãe, sua avó Andrina. — *Diamante!* E eu pensando que fosse, no máximo, um cristal Swarovski. — Quando me casei, ela o deu de presente para Elena,



esperando que um dia tivéssemos uma filha que herdasse a joia. Quero que a use hoje.

Andrej ficou atrás de mim e colocou o colar em meu pescoço. Instintivamente, toquei o pingente. Tão lindo!

— Elena morreu sem saber sobre você. Mas acredito que, se estivesse aqui, faria o que estou fazendo agora, e até melhor, Ana. Ela era uma pessoa maravilhosa e teria amado você tanto quanto eu.

Senti lágrimas formando-se em meus olhos, mas eu não choraria. Por mim, por meu pai, por tudo, ficaria firme até o fim.

— É lindo — murmurei. E o abracei em seguida. — Obrigada por tudo. Vou fazer meu melhor. Prometo, papai.

E essa foi a primeira vez que chamei Andrej de pai. Deliberadamente.

O rosto dele adquiriu uma expressão de realização, como se aquela simples palavra fosse a mais bonita e importante do mundo. Naquele momento, ela era, sim. Pelo menos para nós.

---

## Com vocês, a princesa Ana da Krósvia!

Parecia uma novela de época. Só trocaram as carruagens por automóveis. Mulheres em seus melhores trajes, empregados por todos os lados e homens, bem, de preto.

A caravana era grande: um carro com tia Marieva e família, outro com o casal Muriev, Irina e o assessor de Andrej, cujo nome eu não havia guardado ainda, além do nosso, digo, o que levava meu pai, Estela, Alex e eu.

Sim. Eu estava imprensada entre Estela e Alexander. Claro que aquela posição foi minuciosamente orquestrada por minha amiga maquiavélica e fiquei me questionando por que meu “quase irmão” não saíra direto do apartamento dele.

Tudo bem que a visão era das melhores. De fraque, Alexander fazia astros de Hollywood, como Robert Pattinson e Zac Efron, por exemplo, parecerem simples mortais. Ele até tinha domado a juba, embora despenteado fosse o estilo ideal para ele.

Mas o que realmente estava me tirando do sério e me ajudando a não pensar na cerimônia que me aguardava a poucos quilômetros dali era a perna direita de Alex pressionando minha perna esquerda, com apenas o tecido da calça dele servindo de barreira entre nós.

Como se não bastasse, devido a seu avantajado tamanho, ele precisou passar o braço atrás de minha cabeça e posicioná-lo sobre o encosto para não ficar todo espremido. Com isso, seu perfume subiu até minhas narinas ultrassensíveis, o que foi suficiente para eu ter um flash bastante vívido do sonho que tivera na noite anterior. Como eu poderia ter esquecido?

Foi assim:

Alex e eu estávamos na Caverna do Pirata, mas dessa vez fomos até lá para mergulhar. Usávamos roupas leves — short e camiseta —, mas eu tinha consciência do biquíni por baixo de tudo.

Caminhamos calados sobre as pedras, só que de mãos dadas. E nossos dedos estavam entrelaçados. Percebi que isso fazia uma diferença enorme.

Ao entrarmos na caverna, Alex disse que eu precisava me preparar para nossa primeira aula. Portanto, eu deveria colocar um macacão de mergulho. Por sorte, ele havia levado dois dentro da mochila que se materializou nos ombros dele. Atirou o traje para mim e começou a se despír para vestir seu próprio macacão.

Senti um perfume amadeirado quando sua camisa voou até o chão e minha boca ficou seca de repente. Alexander estava na minha frente, só de sunga. Então, ele ordenou que eu me apressasse e vestisse logo meu macacão, pois o tempo dele era curto.

Obedeci a ordem, morrendo de vergonha de ficar só de biquíni. Pedi que ele olhasse para o outro lado e Alex me atendeu. Mas só em parte. Foi só eu tirar o short que ele quebrou a promessa e me encarou. Primeiro, deu uma boa olhada em meu corpo. Depois, cravou os olhos nos meus. Fiquei roxa.

Deu um passo, depois outro, devagar, até ficar a um palmo de distância de mim. Minha respiração perdeu a regularidade e ficou pior quando Alex se inclinou. Fechei os olhos, pois sabia que o beijo era uma questão de milésimos de segundo.

De repente, eu sabia que estava sonhando. Sabe aquela sensação? Mesmo assim, eu queria aquele beijo mais do que tudo no mundo.

Mas não aconteceu. Nem no sonho. Claro que acordei na hora H e estraguei tudo. Que ódio!

*Olha só a que ponto cheguei. Agora, fico desejando ser beijada por Alex, acordada ou não. Será que existe remédio para obsessão?*

Senti seu olhar desviando-se de vez em quando em minha direção. Algo me dizia que minha perna roçando na dele não distraía só a mim.

Estela também estava lutando para se conter. Eu previa sua ânsia de dizer algo. Então, adiantei-me, surpreendendo todo mundo.

— Estela, falei com o Artur outro dia. Ele queria saber que dia eu volto para BH. — Fiz questão de pronunciar cada uma daquelas palavras em inglês, só para Alexander escutar e ficar sabendo que ele não era o único que tinha o direito de esfregar a namorada na nossa fuça.

— É mesmo? — Estela se sobressaltou. Pareceu surpresa. — Pensei que o lance entre vocês tivesse minguado.

Alex se remexeu, mudando a posição do braço. Agora ele estava ao lado do meu, pressionando-o como se quisesse o espaço só para si. *Ô, Estela, me ajuda aí!* Alexander pregou o olhar em mim, aguardando minha resposta. Já que eu tinha começado, o jeito seria ir até o fim.

— Bom, se depender do Artur, acho que não — esnobei.

— Tem certeza? — indagou Estela, sendo irritante ao extremo. *Que amiga eu fui arranjar.*

— Como assim? — Já estava mais do que na hora de eu entender por que Estela resolvera ser tão do contra em se tratando de Artur e eu. — Você está sabendo de algo que não sei?

Alexander pigarreou. Estava se divertindo às minhas custas. Ai, que ódio! E eu querendo fazer ciúmes nele, nem que fosse só um pouquinho...

Andrej se ajeitou no banco da frente. Até ele queria ouvir a resposta de Estela. Dava para a situação ficar pior? *Para que fui provocar, meu Deus?*

— Bom... — começou ela, hesitante. — Você não quer conversar sobre isso depois?

Transferi o olhar de meu pai para Alex, tentando me decidir. Se eu fosse sensata, acataria a proposta dela e deixaria o papo para mais tarde — ou para outro dia. Mas quem disse que sou?

— Fala, Estela.

Primeiro, ela tossiu. Na verdade, forçou a tosse. Em seguida, olhou para Alexander, buscando cumplicidade. Por mim, Estela poderia dizer que Artur saía cada dia com uma garota diferente no Brasil, desde que ela parasse de olhar para Alexander daquele jeito!

Opa! Que droga de pensamento fora aquele?

— Chegamos! — exclamou Alex, apontando com o indicador os fundos do Palácio de Perla.

Lógico que todas as atenções foram desviadas de mim para o prédio — e foi melhor assim. Escrachar minha vida *nada* amorosa na frente de Alexander seria, no mínimo, humilhante. Estela soltou o ar

como se fosse um balão furado. Mais do que nunca, eu tinha certeza de que as notícias sobre Artur não prestariam. Não mesmo.

Assim que o carro estacionou na garagem do palácio, constatei que meus batimentos cardíacos deviam estar como os de um corredor dos cem metros rasos. Claro que era por causa da situação e zero devido a Artur. Quer saber? Nada que Estela pudesse me contar teria importância, pois eu não gostava mais dele.

Estávamos prestes a seguir até o elevador quando Alexander segurou meu braço e me fez parar. Estela olhou para a cena e decidiu não interromper, nem deixar que alguém fizesse isso. Manteve o ritmo e levou Andrej consigo. Por algum motivo, meu pai achou que não tinha nada de mais eu ficar para trás com seu enteado.

— Que foi agora? — Usei um tom carregado de impaciência, só para disfarçar o nervosismo.

Alexander estreitou o olhar, que não se dirigia a mim. Ergueu uma das mãos e tocou o pingente em meu pescoço sem nem sequer encostar em minha pele. Achei o gesto bastante calculado, por sinal.

— Como foi que conseguiu isso? — ele questionou, ao mesmo tempo em que ficava traçando os contornos da rosa de diamante.

— O Andrej me deu. — Fiz questão de empinar o nariz. Se ele pretendia me acusar de roubo ou coisa parecida, encontraria uma resistência hercúlea.

Mas Alex apenas balançou a cabeça, bem de leve, em transe.

— Foi da minha mãe — disse. Ainda sem me olhar. — Mas primeiro foi da mãe do Andrej, sua avó.

— Eu sei — murmurei.

Queria saber se ele havia ficado chateado. Queria perguntar como era a sensação de viver sem a mãe, pois eu não poderia nem imaginar ficar sem a minha. Queria mergulhar meus dedos nos cabelos dele e consolá-lo. Sei lá! Queria ser algo mais que uma simples turista na terra dele, a quem ele era obrigado a tolerar por consideração ao rei. Queria... queria tanto...

— Ficou bem em você — concluiu, retirando a mão do colar.

— Alex, eu...

— Está atrasada — ele completou. — Venha. Todo mundo está esperando você.

Literalmente, o mundo inteiro.



Eu não fazia ideia. Poderia até ter previsto, mas jamais dimensionaria com exatidão o tamanho daquilo. Não estou falando do Palácio de Perla nem das proporções de seus aposentos. Refiro-me ao número de pessoas que estavam esperando pelo pronunciamento de Andrej, dentro e fora do palácio, e à importância que isso tinha para a população da Krósvia.

Entramos juntos — Andrej, Alex e eu — no gabinete do rei, enquanto os demais membros de nossa comitiva foram instalados numa sala de estar, com direito a um coquetel maravilhoso e uma televisão gigantesca, conectada no maior canal do país, de onde o pronunciamento seria transmitido.

Todo mundo decidiu que me beijar me deixaria mais calma, e minha mãe acabou batendo o recorde. Sentei-me toda dura na ponta de uma poltrona, mal ouvindo o que meu pai e Alexander conversavam. Nesse meio-tempo, um homem que vestia um terno preto, com um microfone de apresentador de TV, entrou e ficou

dando instruções para Andrej, tudo em krosvi. Meu pai só concordava, mas depois traduziu tudo para mim.

— Chegou a hora, Ana. Preciso ir. Daqui a pouco a Irina vem chamar você. Vou estar na sala ao lado. Como eu disse, não vai precisar dizer nada. Por isso, tente ficar calma, certo?

*Impossível.* Seria impressão ou minha barriga estava começando a doer? Ah, não! Por favor, intestino, colabore!

— Alex, fique com ela. E, quando a Ana for chamada, quero você junto de nós o tempo inteiro. Entendido?

— Sim. Vou cuidar para que nossa Aninha aqui não desmaie nem saia voando pela janela — disse ele, cheio de graça.

Andrej sorriu. Alex tinha dito o que ele queria escutar.

Juntei uma mão na outra e esfreguei-as com força. Havia pouco mais de um mês, era uma garota normal que pensava que o auge de sua vida seria a viagem à Europa que pretendia fazer quando se formasse. Na televisão, nunca sonhara aparecer, a não ser por meio dos vídeos caseiros que fazia com sua câmera digital — e com aquelas fitas de VHS, quando era criança. Entrar num castelo de verdade? Só se ele fosse aberto à visitação pública. Bater papo com um rei? Talvez o Rei Momo no Carnaval do Rio de Janeiro. E nunca, jamais mesmo, essa garota fora chamada de princesa na vida, exceto pelo projeto de namorado chamado Artur. Mas isso não contava.

Senti dedos longos e ásperos procurando os meus. Eu não esperava que Alexander fosse se aninhar a meu lado, nem que tivesse intenção de segurar minha mão. Levei o maior susto, embora soubesse que era um gesto inocente, tranquilizador, sem segundas intenções.



Deixei que ele fosse meu apoio e não senti vergonha ao me recostar nele, minha cabeça descansando confortavelmente em seu peito. Alex reagiu fazendo carinho em meus cabelos com a outra mão.

Suspirei, mais relaxada do que deveria, vamos combinar.

— Eu ainda não disse que você está linda — elogiou ele, devagar. Sua voz saiu distorcida devido à nossa posição.

— Não — concordei, adorando estar sendo paparicada por Alex pela primeira vez.

— Está linda, Ana — repetiu, com mais ênfase. — Uma princesa!

— Não tem mais raiva de mim? — indaguei, incapaz de olhar em seus olhos.

— Nunca tive raiva de você — rebateu, segurando-me nos ombros para me encarar.

— Como não? Vai dizer que eu imaginei todas as vezes que você foi rude comigo?

— Não — reagiu. — Mas não era por ter raiva de você.

— Então, era por quê?

— Ana, venha! — Irina interrompeu. Que droga! Eu estava prestes a ter uma revelação. Por que comigo as coisas sempre pareciam ficar pela metade? Mais cedo, com Estela e a história sobre Artur. Agora, com Alex.

Fui levada às cegas até a sala de imprensa, a tempo de ouvir meu pai anunciar em krosvi e, depois, em inglês:

— Quero que todos conheçam finalmente minha filha, Ana Carina Bernardes Markov, a princesa Ana da Krósvia.

Por pura falta de iniciativa da minha parte, Alex me puxou consigo. Minha aparição na frente dos jornalistas provocou o caos. Todos começaram a falar ao mesmo tempo e *flashes* brilhantes espocaram diante de mim como se eu fosse a nova sensação de Hollywood.

Sorri timidamente, sem saber o que fazer. Sorte que Andrej segurou meu braço e me fez ficar entre ele e Alex para que os fotógrafos pudessem nos fotografar à vontade. Então, as perguntas recomeçaram, algumas em krosvi, outras em inglês e até em português!

— Ana, como você se sentiu ao saber que era filha do rei Andrej?

— Ana, como está sua vida depois de ter recebido essa notícia?

— Ana, de uma universitária comum a uma princesa. Fale um pouco sobre essa reviravolta.

— Ana, você pretende ficar definitivamente na Krósvia?

— Ana, Ana, Ana!

Minha cabeça deu uma rodada legal e minhas pernas perderam a rigidez. Gente, eu ia desmaiar na frente daquele mundaréu de jornalistas, em rede nacional — e internacional também —, pagando o maior mico em minha primeira aparição pública. Mas Alex envolveu minha cintura com o braço e apoiou meu corpo no seu, mantendo-me de pé, enquanto Andrej solicitava:

— Amigos, por favor, vamos deixar as perguntas para outra ocasião. Ana está cansada e ainda não entende o krosvi. Prometo marcar uma coletiva na semana que vem e então vocês poderão perguntar à vontade, certo?

Ouvi inúmeras reclamações, mas senti que, de certa forma, eles estavam satisfeitos. A notícia era quente e eu fiquei parada diante

deles por tempo suficiente para que fizessem fotos e mais fotos.

— Só mais uma pergunta! — ouvi alguém gritar. — Ana, você e o Alex Jankowski são irmãos ou namorados?



A água de minha banheira tinha a temperatura ideal, tanto para relaxar meu corpo quanto para aliviar as dores musculares. Do ombro aos dedos do braço direito, tudo latejava de tanto acenar para as pessoas na rua. Meus músculos faciais ficariam uns três dias sem voltar para o lugar, pois eu grudara no rosto um sorriso que não me abandonara ao longo de todo o trajeto pelas ruas de Perla.

Aconteceu também de, a certa altura, eu ficar com enjoo. Sou um pouco intolerante a passeios em veículos automotores que durem mais de meia hora e não atinei que deveria tomar um Dramin antes de me enfiar no conversível que nos levou para cada canto daquela cidade. Mas consegui me segurar e não vomitei, o que teria sido o fundo do poço para mim.

Alexander passou todos os segundos do malfadado desfile praticamente agachado no banco de trás. Até que foi engraçado — e prazeroso — vê-lo vermelho de vergonha por estar naquela situação um tanto quanto constrangedora. Pelo menos, não era só eu que estava pagando mico.

Mas nem tudo foi um martírio. Confesso que quase cheguei às lágrimas mais de uma vez — bem mais, aliás — em diversos momentos:

1. Na sacada do palácio: tive medo de levar uma pedrada ou um tiro de escopeta assim que encarei a população krosviana, a imprensa e os turistas do alto da sacada do Palácio de Perla. Depois do episódio da coletiva com os jornalistas, quando fiquei

na maior saia-justa devido à pergunta ordinária que um repórter fez (falo mais sobre isso depois), achei que todo o restante seria um desastre. Portanto, qual não foi minha surpresa ao enxergar a multidão acenando para mim, aos gritos, como se eu fosse uma celebridade das mais amadas! Tinha gente abanando lençinhos e a maioria empunhava com o maior orgulho a bandeira da Krósvia, daquelas feitas de papel e palito de madeira. Não fui apedrejada. Pelo contrário. Recebi sorrisos, lágrimas, beijos enviados ao vento, tudo isso entremeado por um coro arrepiante: “A-na! A-na! A-na!”. Foi lindo e mágico. Mais tarde, vi a cena com olhos de espectadora — baixei um vídeo no Youtube — e a classifiquei como surreal.

2. No centro de Perla: quando o príncipe William da Inglaterra se casou com a plebeia Kate Middleton, eu nem quis ligar a TV para não ser mais uma brasileira a dar ibope a uma história que não era nossa, mas que estava sendo tratada como se fosse. Achei ridícula toda a atenção que a imprensa mundial dispensou ao fato e, deliberadamente, tive um ato de rebeldia. Durante a transmissão, passei o dia estudando e trabalhando, como se nada estivesse acontecendo. Para mim, não estava mesmo. Mas não pude ignorar os *flashes* que passaram mais tarde no telejornal noturno, nem as fotos que saíram em todos os periódicos do dia seguinte. E pensei que o tchauzinho armado de Kate, enquanto desfilava de carro pelas ruas de Londres, fora, no mínimo, artificial. Mas, coitada, como fui preconceituosa! É difícil ser natural numa situação dessas. Embora as câmeras tendam a focalizar o objeto famoso — no caso, Kate —, por trás delas, há milhares de pessoas com um único objetivo: demonstrar sua aprovação e respeito por aquela que está no veículo. Foi o que eu vi de meu ponto de vista e isso me emocionou de verdade. Não sei se meu tchau saiu

artificial ou não, mas garanto que meus sentimentos foram 100% sinceros.

3. No estacionamento do palácio: após duas horas de tchau e sorrisos, nosso conversível finalmente estacionou nos fundos do palácio. Foi um alívio. Nada se compara ao que senti assim que desci do carro e pisei no chão firme: leveza, sensação de dever cumprido, êxtase. Andrej, Alex e eu fomos recebidos por uma salva de palmas dos funcionários do Palácio de Perla, que entregaram um buquê de rosas para mim. Tive que chorar — de novo.
4. Na sala de estar do Palácio Sorvinski: fui recebida com honras de... bom, de uma princesa ao retornar para casa. Não só por minha querida família brasileira e minha melhor amiga, mas também por tia Marieva e seus filhos, além dos empregados do castelo. Minha mãe e minha avó choravam copiosamente, mas quem me surpreendeu mesmo foi Karenina. Com lágrimas nos olhos, ela me abraçou e disse que me considerava uma filha e que gostaria de me dar um presente muito caro e maravilhoso, mas tudo o que tinha era uma cesta de pães de queijo e mousse de chocolate meio amargo. Derreti.



Saí do banho e me enrolei num roupão. O baile para convidados especiais estava marcado para as 9h da noite. Então, eu tinha um tempo só para mim. Se bem que Estela não tardaria a aparecer, pois só tinha ido tomar um banho também. Minha avó e minha mãe retornaram ao hotel, mas estariam de volta na hora do baile. Adivinha quem ficou de trazê-las? Isso mesmo: Alex.

Conectei-me à Internet e fui à caça de notícias sobre minha cerimônia de apresentação. Nem me dei ao trabalho de procurar os

sites de notícias da Krósvia. Entrei direto nos brasileiros, rezando para as coisas estarem na maior calma e que a notícia de que uma brasileira era princesa na Europa fosse só uma brisa.

Ô ilusão! Minha foto estava na primeira página de todos os sites, em vários ângulos e cenários diferentes. As manchetes:

“Rei da Krósvia apresenta filha brasileira” — no terra.com.br

“Princesa brasileira encanta população de país europeu” — no globo.com

“Universitária mineira é filha do rei Andrej Marcov, da Krósvia” — no em.com.br

“Princesa brasileira esbanja simpatia e bom gosto na Krósvia” — na caras.uol.com.br

Bom gosto? Eu? Tive que rir. Mas fiquei realmente muito chocada com a quantidade de matérias sobre mim. Eram tantas que não consegui ler todas. Algumas publicaram até uma minibiografia, revelando informações que passavam longe da realidade, tipo, que eu era muito popular na faculdade e que meu pai me achara com a ajuda de um detetive. Bom, só se o Facebook tivesse mudado de nome.

Fiquei apreensiva ao ver minha mãe na boca da mídia também. Por um lado, era até uma divulgação positiva para o buffet. Em compensação, alguns veículos de comunicação pegaram pesado, referindo-se a ela como se fosse a bruxa má na história da princesa. Sacanagem. Andrej teria que reparar isso.

— Amiga — Estela disse, entrando em meu quarto —, já recebi um monte de mensagens e ligações do pessoal de BH. Está todo mundo passado!

Segui o exemplo dela e chequei meu celular. Estava entupido de mensagens e ligações perdidas.

— Estou ferrada, não estou? — resmunguei, deixando o computador de lado.

— Ana, só você para achar isso ruim — ela disse, desaprovando.  
— Tudo é tão incrível!

— Não se as pessoas ficam inventando coisas a seu respeito e deturpando a história toda! — Virei o computador para que Estela pudesse tomar conhecimento do que eu havia acabado de ler.

— Sinistro, né? — ela admitiu, depois de um tempo. — Mas sem desespero. Isso tudo é de menos. Achei a cerimônia maravilhosa e você estava linda, serena, simpática, apesar de meio tímida. O povo te adorou e a imprensa foi à loucura. Ou seja, está tudo perfeito. Nada de pânico. Querendo ou não, Ana, você vai ter que se acostumar com a mídia, aqui ou no Brasil. É melhor lidar com essa sua nova realidade numa boa.

— Eu sei. Não estou reclamando. O Andrej é um pai maravilhoso e tem feito por mim tudo o que está ao alcance dele. Acho que, com o tempo, acabo me acostumando — concordei.

— E aquela pergunta no final da coletiva? — Estela levantou uma sobrancelha, desviando completamente o assunto. — Você já pensou na resposta?

— Ridículo aquele cara. Onde já se viu soltar uma dessas e sair impunemente? Ele merecia uns bons tapas na cara.

— Não concordo. Acho que ele merecia um troféu pela coragem de fazer aquela pergunta. Ana, você tinha que ver sua cara. E a do Alex também.

— Fala sério, Estela! De que lado você está, afinal de contas? Não quero ficar falando do Alex, não quero imaginar coisas a respeito dele e nem quero que você faça isso. Não existe nada entre nós, nem agora, nem nunca. Eu vou voltar para o Brasil e ele vai

ficar aqui. Estou enrolada com o Artur e o Alex tem a Laika. Sou a filha perdida do rei e o enteado dele não lida bem com isso. Quer mais algum motivo para parar de falar nele ou já basta? — Terminei meu discurso quase gritando.

— Já acabou? — indagou Estela, nem um pouquinho abalada, verificando concentradíssima as cutículas das mãos. — Pois para mim isso tudo é notícia velha. Você só não quer admitir, mas está caidinha pelo Alex. Pode tentar enganar todo mundo, até você mesma, mas não a mim, queridinha, que te conheço desde sempre.

— Ô Estela...

— Não, calma aí que é minha vez de falar — cortou ela, ficando de pé na minha frente, com as mãos na cintura. — O Artur é um... um... idiota, por falta de adjetivo melhor. Ou pior, tanto faz. Enquanto você está aqui toda comportadinha, bancando a namorada fiel, ele está lá, saçaricando, varando as noites na balada, cada dia com uma companhia diferente. Eu nem ia te contar isso, mas acredito que estou no meu papel de melhor amiga aqui.

— Contar o quê? — indaguei, recostando-me nos travesseiros da cama. — Não estou assustada nem surpresa, se quer saber.

— Mas vai ficar agora, porque uma coisa é o cara ciscar feito galinha no terreiro alheio. — Estela tomou fôlego. Ou foi coragem? — Outra é dar em cima da melhor amiga da quase-namorada dele. Pronto. Falei.

Abri a boca, depois fechei e a abri de novo. Mas não consegui falar nada por uns bons 15 segundos. Então, era por isso que Estela sempre travava quando eu perguntava a ela sobre Artur. Também, né? Sendo assediada por alguém que deveria manter uma distância respeitosa, era para ela ficar no mínimo sem jeito, mesmo.

— Isso é horrível, Estela.



— É, sim. Mas não foi culpa minha.

— Claro que não — concordei. Preferi me sentar para digerir melhor a notícia. — Mas não sabia que o Artur era um desses caras.

— Eu suspeitei desde o princípio — acrescentou. — Nunca gostei muito dele.

Fiquei tentando encontrar mentalmente sinais de que o cara por quem eu pensara estar apaixonada fosse um mulherengo. Eu devia ter sido muito cega.

— Tudo bem. Na verdade, não estou nem aí. Faz tempo que o Artur é meio que uma página virada na minha vida e esse lance horroroso não vai me afetar. Ele que se exploda.

— É isso aí! — Estela ficou exultante. — Agora, o passo dois é reconhecer para si mesma que está louca pelo Alex. Tenta, Ana. Você vai se sentir mais leve depois.

— Ha, ha, ha! Muito engraçado — desdenhei. Começava a sentir frio só com o roupão. — Estela, presta atenção. Se eu estivesse... Preste atenção que eu não estou admitindo nada, só levantando uma hipótese, tá? Caso eu estivesse apaixonada pelo Alexander, se isso fosse verdade, eu seria a garota mais triste do mundo, porque, além de ele ter namorada, a Laika é, digamos, um mulherão, e eu não sou páreo para ela. Além disso, eles estão juntos há bastante tempo e não vejo problemas no paraíso dos dois. Aliás, não vejo nada, porque eu pouco encontro com ela. Então, não queira me juntar com o Alex, porque vai dar merda.

— Laika. Que tipo de nome é esse, pelo amor de Deus?

E foi com essa indagação forçada que Estela resolveu ignorar meus argumentos solenemente.



O que um vestido de alta costura não faz por uma mulher! De tanto comprar minhas roupas do dia a dia na C&A e na Renner, para mim elas eram o que havia de melhor. Como eu estava enganada! Uma peça de grife modifica o corpo — para melhor, óbvio.

Por ser magra e alta, curvas são acessórios inexistentes em minha silhueta. Mas juro que o longo da Dior Couture operou milagres em mim. Não é que eu fiquei gostosa? Uau!

Patrick voltou e caprichou no penteado. Ele criou uma coisa meio doida, jogada de lado, para parecer despenteado, mas eu sei que deu o maior trabalhão para fazer. Ficou sofisticado.

Nem sob ameaças eu apareceria sozinha no salão de baile do castelo. Não naquela noite. Peguei Estela no quarto dela e a fiz de minha acompanhante. Se dependesse de Irina, eu teria uma entrada triunfal. Faria uma parada estratégica no topo da escadaria e a música daria uma pausa nesse momento. As pessoas exclamariam “ohhh” e só então eu começaria a descer os degraus, um a um, quase em câmera lenta.

Onde foi mesmo que já vi essa cena, hein? Ah! Em quase todos os filmes bregas. Tô fora.

Mesmo acompanhada por Estela e chegando junto com os convidados — e não depois, como Irina gostaria —, não consegui evitar os olhares e comentários a meu respeito. Uns cochichavam, outros falavam alto para eu escutar e todo mundo queria conhecer melhor a filha do rei Andrej Markov. Dava uma canseira!

Onde estariam minha mãe e vovó Nair? Demoravam tanto! Andrej andava de um lado para o outro, conversando com os convidados, trocando cumprimentos e apresentando-me para as pessoas. Estela me cutucou quando um garçom se postou atrás de nós.

— Vamos encher a cara? — sugeriu. Seus olhos até brilharam de empolgação.

— Até parece — desdenhei, revirando os olhos. — Não posso dar mais motivos para meu nome cair na boca do povo.

— Só champanhe, então. Por favor... — suplicou ela, com cara de bichinho de estimação.

Até que um pouquinho de álcool seria uma boa. Pegamos duas taças e ficamos bebericando devagar, observando os convidados. Era cada figura!

— Olha só aquela mulher. — Fiz sinal para Estela encontrar a direção. — Está parecendo uma cacatua com aquele vestido de plumas. Branco, ainda por cima.

Disfarçamos porcamente uma gargalhada e tivemos que nos virar para não sermos pegas em flagrante.

— E o chapéu daquela ali. Lembra o obelisco da Praça Sete.

Mais risadas. Altas.

— Sacanagem, Estela. Nem está tão alto assim.

— O barrigudo ali é a cara do Denny Devito — comentou minha amiga. — Cruzes, Ana, gente rica é meio sem noção, né?

Essa foi a deixa para a entrada de Laika. Contrariando a afirmação de Estela, Nome de Cachorro abusou do bom gosto para se vestir. Bem que eu gostaria que ela estivesse parecendo uma palhaça. Eu torcera para que sua fonte de inspiração fosse Elke Maravilha, mas ela estava mais para Carla Bruni.

Se a palavra *translumbrante* existisse, seria pouco para defini-la. O que fazer quando seu pior pesadelo surge num vestido longo de cetim vermelho, agarrado ao corpo do busto às panturrilhas, com uma fenda traseira que terminava a poucos centímetros do bumbum

(isso eu vi depois, mas já estou descrevendo)? Como se não bastasse, a parte superior do vestido era de uma renda finíssima e transparente e só um top cor da pele evitava que a bendita estivesse nua na frente de todo mundo.

A seu lado vinha Alex, num smoking impecável. Mais lindo, impossível. Era a personificação de Jared Padalecki, astro da série *Supernatural*, do Warner Chanel. Primeiro, fiquei sem fôlego. Depois, senti meu coração dar cambalhotas no peito. Por fim, fiquei vermelha. Mas isso aconteceu quando os olhos de Alex encontraram os meus, num instante de pura química.

— Ana. Acorda. — Estela me beliscou nas costelas. — Já que não admitiu até hoje que sente algo pelo Alex, deixa pra depois, tá? Agora não é hora de dar bandeira. As pessoas estão olhando.

É por isso que adoro minha amiga. Está sempre me livrando de enrascadas.

Desviei o olhar, desejando nunca ter visto Alexander na minha vida. Por que a existência dele tinha que mexer tanto com a minha? Não acreditava que estivesse apaixonada por ele. Não ainda. Mas havia alguma coisa, uma conexão, caso contrário eu não ficaria tão abalada cada vez que o visse. E nem sentiria tanto ciúme por causa de Laika.

— Presumo que aquela seja a Nome de Cachorro — arriscou Estela, de nariz torcido. Ela também era ótima para comprar minhas brigas.

— Sim.

— E aquelas duas perdidas ali devem ser a Olívia e a dona Nair.

Oh! Nem tinha reparado que mamãe e vovó já haviam chegado. E olha que elas estavam com Alex.

Nós quatro nos juntamos numa rodinha e eu me deixei levar pelos comentários em português que elas faziam sobre o evento. Minha mãe já sabia sobre as notícias sensacionalistas e não se deixou abalar. Contou que passou a noite recebendo telefonemas do Brasil, entre eles de jornalistas ávidos por uma entrevista exclusiva.

— Até a Sônia Abrão me ligou — disse. — Já pensou, Ana, eu sentada no cenário dela, com um ou dois comentaristas, contando nossa história e me submetendo a perguntas invasivas em favor da audiência?

— Uhg! — Só de imaginar a cena, tive náuseas. — Mãe, você está proibida de dar entrevistas. Aliás, as três estão. Vamos evitar a urubuzada, por favor. A não ser que seja uma coisa séria. Não vamos fazer disso tudo um circo de horrores. Combinado?

— É claro, filha. Essa hipótese não está sendo nem mesmo cogitada — garantiu mamãe. — E, a propósito, você está lindíssima. Como eu nunca consegui fazer você usar um desses antes? Aposto que é obra da Irina.

Engraçado. Era para eu ficar feliz com o elogio, mas acabei fazendo comparações, vocês sabem com quem. De repente, meu Dior Couture se transformou numa roupinha sem graça.

— E deve ter custado uma fortuna — completou vovó, admirada. — O Andrej faz tudo por você, não é mesmo?

— Sim. — Não consegui evitar uma olhada na direção dele. Demonstrava estar tão feliz. — Ele é demais, vó. Mãe, você foi uma boba. É difícil encontrar um homem como meu pai no mercado, sabia?

Ela fez uma careta.

— E eu não sei? Por que você acha que estou solteira até hoje?

É. Não fazia mesmo sentido. Mesmo linda e bem cuidada, minha mãe nunca namorava. Ou melhor, até já tinha namorado, sim, mas jamais ficava com uma cara por muito tempo. Agora eu sabia por quê. Era absolutamente impossível existir alguém igual a Andrej.

— Vocês vão me perdoar, mas demais mesmo é o Alex — comentou vovó, com a voz lotada de malícia. — A Olívia está de prova e não vai me deixar mentir nem exagerar. Ele nos tratou com a maior delicadeza. Conversou conosco o tempo todo durante o trajeto de ida e volta, foi gentil abrindo e fechando portas para nós e até nos convidou para conhecer o apartamento dele, mas isso nós tivemos que negar por pura falta de tempo. Agora, na volta, mesmo com a namorada esnobe dele, o Alex procurou ser simpático e demonstrou estar bastante interessado no nosso bem-estar. Estou mentindo, Olívia?

— Não, mamãe. Isso tudo é verdade. Ele é uma ótima pessoa. Bom, pelo menos é o que parece.

Meu Deus do céu! Por que tudo acabava levando a Alexander?

— Mas a tal da Laika é bem estranha — vovó completou.

Saber que essa opinião era um ponto em comum entre nós quatro me deixou mais tranquila. Pelo menos, não era eu a implicante.

A conversa terminou quando Andrej me pegou para desfilarmos juntos pelo salão. Hora de fazer um social. Fomos andando de mesa em mesa, dando atenção aos convidados, que, afinal de contas, estavam ali para me prestigiar. Mas que trabalhinho cansativo! Se antes minhas bochechas doíam, agora gritavam. Não é fácil manter um sorriso na cara por mais de 15 minutos.

E eu conheci gente para caramba, de tudo o quanto é lugar. Mas não me perguntem quem era quem que eu levaria uma vida

para reconhecer todos.

Foi numa dessas andanças pelo salão que topamos com o Casal 20: Alex e Laika. Pretendia ignorá-los por pelo menos mais uma ou duas horas. Contudo, me dei mal.

— Ana — ele disse de forma polida.

— Alex — fiz o mesmo.

— Majestade. — Já Laika era só sorriso, mas um daqueles bem falsos. — Sua festa está linda. E, Ana, acompanhei tudo pela TV e posso garantir que você foi muito bem.

*Fingida...*

— Seu vestido estava um arraso — continuou ela. — E esse também é demais. Você está uma graça.

Entendi a estratégia dela. Laika preferia gastar elogios comigo a deixá-los para o namorado. Ela falava, ele ficava calado. Garota esperta.

— Obrigada — murmurei. E me obriguei a retribuir: — O seu também é ótimo.

Pensando que estava me fazendo um grande favor, Andrej arrastou Alex de perto de nós, com a desculpa que “as meninas querem fofocar”. Acabei ficando sozinha com Nome de Cachorro.

Um silêncio pesado pairou sobre nós, daqueles que são difíceis de administrar. Eu não tinha a menor vontade de trocar amenidades com Laika ou falar do tempo, muito menos saber da vida pessoal dela. Só uma curiosidade martelava minha cabeça: se ela fazia planos de sumir do mapa a curto prazo. Mas isso eu não me arriscaria a perguntar. Nem morta, né, gente?

Foi a própria Laika quem quebrou o silêncio.

— Pretende ficar muito tempo na Krósvia? — Pelo jeito a mesma dúvida que eu tinha também atormentava Nome de Cachorro.

— Planejei passar seis meses aqui — esclareci casualmente. — Devo voltar para o Brasil depois do Carnaval.

— Carnaval? — ela repetiu. — Aquela festa em que as pessoas, bem... se liberam?

Enruguei a testa, preparando-me para defender nossa mais tradicional comemoração, embora eu mesma tenha um pouco de resistência a ela — não aos dias que fico de folga, que fique claro. Mas não era essa a verdade? Dizer que o povo se libera é até eufemismo. Todo mundo solta as frangas, isso sim.

— Acontece em que mês? — Laika quis saber, sem me dar tempo para responder à pergunta anterior.

— No ano que vem vai cair no meio de fevereiro. É que ela varia de ano para ano — expliquei, crente que estava agradando.

— Então, ainda está longe.

Que bela oportunidade para soltar uma frase de duplo sentido! Para qualquer um, soaria como se Laika estivesse se referindo ao Carnaval. Mas não para meu sexto sentido. Tudo me levava a crer que ela estava lamentando o tempo que ainda faltava para eu partir para longe e de vez.

— Passa rápido. — Adorei minha ironia. De vez em quando eu adoro usar uma.

Novo silêncio. Por que eu não aproveitava para dar o fora dali? Meus neurônios começaram a processar uma desculpa com a qual eu pudesse escapulir.

Foi aí que Laika deixou a máscara sair do lugar.



— Ana, se me permite ser sincera — Laika assumiu uma postura felina, como se a qualquer momento fosse enfiar as garras em minha cara —, sei que tem passado muito tempo com o Alex. O fato de vocês terem o rei Andrej em comum acabou forçando uma proximidade, que eu considero próxima até demais.

Meu sangue sumiu de repente. Será que Nome de Cachorro estava concluindo que eu queria alguma coisa com o namorado dela? Alguma coisa como querê-lo para mim? Que viagem! Né?

— Vocês têm ficado muito tempo juntos, mas eu sei que é porque o Andrej confia no Alex. — Laika tratou de justificar seu comentário. Notei que ela desejava me alfinetar e demarcar claramente seu território, mas sem parecer possessiva e ciumenta. Afinal, para que perder tempo com uma garota como eu? — O Alex tem faltado ao trabalho, mas também tem dias que ele fica até tarde no escritório para compensar as ausências. Você já deve saber que ele é um arquiteto muito requisitado e esses sumiços soam mal para a carreira dele.

*Que feio, Laika! Usar o trabalho do cara para disfarçar seu ciúme.* Isso eu só pensei, mas não seria o máximo jogar na cara dela?

— Bom, eu só aceitei essa situação porque meu pai insistiu e, se me permite dizer, Laika, a ideia foi do próprio Alex. Imaginei que ele devia saber o que estava fazendo, afinal ele é um homem adulto. — Falei bem devagar, pisando em ovos, de modo que ela não tomasse minhas palavras como uma afronta. Embora fossem.

Ela riu com escárnio.

— O Alex nunca sabe o que está fazendo, Ana. Ele vive querendo ajudar as pessoas, mas acaba se prejudicando. Sempre foi assim e eu já fiz de tudo para abrir os olhos dele.

Que bruxa manipuladora! Como alguém de espírito livre como Alexander podia se envolver com uma pessoa egoísta e mimada como aquela garota demonstrava ser?

— Então, você está sugerindo que...

— Eu estou *tentando* pedir seu apoio para que o Alex desista desses passeios — ela me cortou, enfatizando cada palavra proferida. — Afinal de contas, acredito que você queira o melhor para ele, já que são quase irmãos, não é mesmo?

Meu rosto enrubesceu com o choque. Aquela Laika não tinha apenas nome de cachorro. Ela era uma cadela por inteiro. Querendo me tirar da jogada com aquela conversinha mole, ainda por cima buscando minha empatia. Fala sério!

— É melhor acabar com isso de uma vez, antes que o Alex perca todos os clientes. Acho que você não gostaria de vê-lo numa situação complicada. Não é mesmo? — completou.

Se eu não soubesse, ninguém precisaria me dizer que o pai de Laika era um político, considerando quanto ela era persistente na persuasão.

— Olha, Laika, não quero prejudicá-lo, mas vou deixar essa decisão para o próprio Alex — afirmei, já bastante desconfortável com a situação. — Talvez conversando, você e ele cheguem a um acordo. Eu prefiro ficar fora disso, certo?

— Ficar fora disso. Seria mesmo uma boa ideia. — Ela também podia ser a rainha da ambiguidade, além de Nome de Cachorro.

Jesus! Que tipo de pessoa era aquela, que usava o lado mais fraco da corda para tentar se dar bem? Mas eu não deveria estar nem um pouco surpresa. Toda história de princesa tem uma megera e ela normalmente é bonita e extremamente má. Como minha vida estava mais para um conto de fadas do que realidade, já era hora de

minha bruxa aparecer, já que nem tudo pode ser um mar de rosas, infelizmente.

— Sobre o que vocês duas tanto conversam?

Alexander. Sempre oportuno!

A máscara de cachorra boazinha de Laika voltou para o mesmo lugar de antes. Eu que não consegui recolocar a minha, digo, não consegui recuperar meu humor, que, se antes não estava bom, pelo menos não era negro. Tremia de cima a baixo e deveria estar até abatida. Discussões sempre acabam comigo, sejam elas veladas ou não.

— Segredinhos femininos, não é, Ana? — cantou ela, altiva.

Elevei meu olhar e a encarei. Laika havia perdido a beleza. Vestidos justos, corpo perfeito, rosto de anjo, nada disso tem significado quando o caráter é uma porcaria.

— Nada disso — retruquei, com um sorrisinho falso. — Besteiras femininas, não é?

Deixei os dois, doída para fugir do baile e chorar sozinha no meu canto.



# Fixação: minha assombração

Estela percebeu a mudança do clima, minha mãe percebeu, vovó Nair percebeu, acho que todo mundo notou. Mas eu fiquei de boca fechada, não por medo de Nome de Cachorro, e sim porque ali não era lugar para descarregar a bomba. Porém, o baile perdeu a graça para mim.

Mesmo a orquestra tocando lindamente e todas as outras pessoas sendo simpáticas e amáveis comigo, fui murchando e perdendo as energias pouco a pouco. Laika conseguira estragar minha festa, literalmente.

Mas eu tive que resistir, com bravura ainda por cima. Teve uma hora em que todo o restante parou para meu pai e eu dançarmos pelo salão. Não me lembrava dessa parte no *script* de Irina. Roxa de vergonha, dancei — ou melhor, tentei dançar — uma valsa nos braços de Andrej, coisa que eu não fazia desde... nunca. O que era aquilo, uma festa de debutante?

Depois de nós, os convidados sentiram-se animados para fazer o mesmo. De repente, o centro do salão havia se transformado numa grande pista de dança e o povo aproveitou. Eu também, mas para escapulir à francesa. Dei um perdido em todo mundo, até em Estela. Necessitava de solidão.

Escapei até o jardim do castelo e me esgueirei entre os canteiros de flores. Eu ainda não sabia o nome delas, mas estava apaixonada por todas. Uma coisa era certa: assim que voltasse para o Brasil, teria meu próprio jardim na varanda de meu quarto.

Baixei meus dedos até as pétalas e as acariciei. Um gesto quase automático, mas que me fez relaxar um pouco. E colocar a cabeça no lugar. Eu não sairia correndo da Krósvia só por causa de Laika, só porque ela estava cismada comigo. Isso era problema dela.

Fazia frio do lado de fora do castelo. Era outono na Krósvia. Senti meu corpo se arrepiar ao ser envolvido por uma brisa gelada. Estava na hora de entrar.

— Por que está sozinha aqui?

A brisa fez meu corpo tremer. Aquela voz injetou calor em minhas veias. Como eu poderia ignorar o dono dela?

Mudei de posição para não olhar para ele. Não queria que ele lesse em meus olhos toda a minha agonia.

— Vim tomar um ar, respirar um pouco. Estou cansada.

— Está frio e seu vestido é bem... pelado — Ele notou. — Vista meu casaco.

— Não! — quase gritei. — Quero dizer, não precisa. Já vou entrar.

Alex fingiu que não me ouviu. Tirou o paletó do corpo e me envolveu com ele, sem minha permissão. Não sei o que mexeu mais comigo: 1, seu gesto, 2, o cheiro dele no casaco, ou 3, o breve encontro de seus dedos com minha pele.

— Você está bem? — ele quis saber, procurando meus olhos.

— Só cansada, como já disse — suspirei, inalando ainda mais o aroma masculino que exalava de sua roupa. Não mencionaria minha conversa com Laika. Não queria resgatar aquilo naquela hora.

Alex sorriu.

— Caso você não saiba, fiquei orgulhoso de ver você hoje. Não sei se aguentaria firme, como você fez. O cansaço agora é mais que natural.

Para tudo! Alexander estava me elogiando!

Ele percebeu meu espanto e continuou:

— É sério. Esteve demais, Ana.

— Obrigada. Vindo de você, esse elogio tem uma conotação muito maior.

— Como assim? — ele franziu a testa. — Vindo de mim?

— Ah, não se faça de bobo. Temos nossas diferenças, não é?

Ele ficou ainda mais sério.

— Temos, é? Não sabia.

Pronto! Agora, aquela. Como se nunca tivéssemos discutido nem nada.

— Alex, por favor... Lembra quando a gente se conheceu? Lembra da cena na biblioteca, das palavras que me disse na cozinha, na frente da Karenina? Garanto que não estou inventando.

— São águas passadas, Ana. Eu não conhecia você direito — justificou-se e fez aquilo de novo, quero dizer, o que sempre fazia quando ficava desconfortável: passou a mão freneticamente pelos cabelos, bagunçando-os um pouco. — Mas agora tudo mudou.

— Mudou, é? Que bom! — Tentei parecer tranquila, indiferente. Mas meu peito palpitava. Que espécie de conversa estávamos tendo? Seria minha imaginação ou havia um clima de flerte no ar?

— Claro! — ele garantiu. — Temos saído juntos e eu pude ver que você é uma mulher autêntica. Gosto do seu jeito, da sua

maneira natural, dos seus ataques de sinceridade. Você é divertida e me faz rir.

Corei. Aquilo não era uma declaração de amor nem nada, mas servia. Alex gostava de mim! Então, não era um avanço?

Andei um pouco entre as flores, afastando-me de Alexander para tomar fôlego. Eu havia acabado de escutar todo tipo de asneira da namorada dele. Não tinha nada que ficar praticamente flertando com Alex pelo jardim. Se eu fosse mais esperta daria no pé o quanto antes.

Mas quem disse que eu era? Quis ficar para ver aonde tudo ia dar.

— Sabe, Alex, quando soube que era filha de um rei, meu mundo virou de cabeça para baixo. — Senti-me compelida a abrir meu coração. O momento se revelou muito adequado. — Eu jamais esperei conhecer meu pai, muito menos receber uma mensagem dele pelo Facebook.

— Então, essa parte da história não é lenda? — debochou ele.

— Não. Foi assim mesmo.

Meus pés latejavam dentro da sandália nova de salto dez. Precisei me sentar um pouco para dar conforto a eles. Ainda bem que o jardim era contornado por bancos.

— Minha mãe mentiu para mim a vida inteira — assumi, aconchegando-me ainda mais no casaco dele. — Segundo ela, meu pai sumiu no mundo quando soube da gravidez. Mas, na verdade, quem sumiu foi ela, e sem contar a ele que seria pai. Ela tentou se proteger e preservar a imagem da família real da Krósvia ao mesmo tempo. Não fosse o Andrej ter me achado, eu jamais estaria aqui.

Alexander também se sentou. No entanto, continuou calado, incentivando a continuação de meu discurso.



— Fazia séculos que eu havia parado de desejar ter um pai. Quando era pequena, pensava nisso o tempo todo. Mas eu cresci e abri mão. Deixou de ser importante.

— Até o Andrej aparecer — Alex concluiu por mim.

— Sim. Ele chegou metendo a cara, cheio de certeza, e mudou meu mundo. De uma hora para outra, eu me vi diante do meu pai, e um pai que não era qualquer um, não. Simplesmente o rei de uma nação europeia, um cara poderoso, influente e... perfeito. Alex, eu esperei 20 anos para conhecer o homem que me deu a vida!

— Não deve ter sido fácil.

— Pior que não mesmo. Mas eu não pedi tudo isso — fiz um gesto com os braços, como se estivesse abarcando tudo ao meu redor. — Você pode não acreditar, mas o fato de o Andrej ser um rei é um mero detalhe para mim. Não foi esse fato que me fez amá-lo.

Alexander segurou minha mão e ficou massageando o dorso com o polegar. Minúsculos cristais de gelo acertaram minhas entranhas, fazendo-me ter um calafrio, uma onda súbita de prazer.

— Eu sei — ele disse, bem baixinho. — O Andrej é um dos homens mais íntegros que conheço.

— É. Ele é demais, com sua honestidade, bondade, paciência. Eu fiquei louca por ele e foi impossível negar seu pedido, mesmo tremendo nas bases de tanto medo.

Alex franziu a testa.

— Que pedido?

— De vir passar uns meses com ele aqui — esclareci. Apesar de parecer segura, minha voz saía meio entrecortada devido ao frenesi

que os dedos de Alex estavam provocando em meu corpo. — Eu não queria vir, mas todo mundo ficou insistindo para eu vir. Ninguém me entendeu, nem o idiota do...

Olha só quem eu estava prestes a mencionar! Eu e minha língua solta.

Alex deduziu logo, pois arqueou uma sobrancelha, daquele jeito sexy que me matava, e sorriu meio de lado, elevando a pintinha no canto da boca.

— Sei, nem o idiota do Artur. De quase-namorado a idiota. Gostei da mudança de posto.

Fiquei muda. Eu que não ia falar sobre o traidor justamente com Alexander. Preferiria ter chiclete colado em meu cabelo.

— Vai ficar calada?

— Totalmente. Sobre esse assunto eu me recuso a falar. — Fingi passar um zíper na boca.

Alex subiu as carícias da mão para o pulso. Aquilo era tortura. Imagina se Laika resolvesse aparecer por ali. Entenderia tudo errado. Bom, eu mesma não estava entendendo muita coisa...

— Então, termina a história. Você não queria vir, mas as pessoas acharam que deveria.

— Resumindo tudo, sim. Relutei bastante, mas vim. Morri de medo de não conseguir me comunicar, mas graças a Deus todo mundo neste país é fluente em inglês. Bom, quase todo mundo. — Lembrei-me de Patrick. Figuraça. — Fiquei insegura quanto à recepção das pessoas, à reação de todo mundo, e quebrei a cara de novo, no bom sentido, pois fui muito bem tratada. Estou sendo, quero dizer. Não tenho do que reclamar. — Exceto por Laika. Mas isso eu não disse em voz alta.

Alex assentiu, meio encantado.

— A Karenina, o Jorgensen, a Irina... Olha só o que ela faz comigo!

Levantei-me e contornei meu corpo com as mãos. Caso não tenha entendido, estava me referindo a meu visual elegante e fashion.

— Atesto para os devidos fins que as intervenções de Irina são de muita valia — brincou. Os olhos dele adquiriram um brilho felino ao visualizarem minha aparência.

Senti meu rosto arder. Eu estava me arriscando demais ficando sozinha com Alexander por tanto tempo naquele jardim.

— Você não contou o que pensa de mim — ele protestou, batendo com a palma da mão no banco, exigindo que eu voltasse a me sentar a seu lado. — Babou no Andrej, elogiou o povo todo do castelo. Não sobrou nada para mim?

Eu poderia dar várias respostas. Ou nenhuma. Mas eu precisaria buscar a verdade lá no fundo de minha alma e estar de peito aberto para aceitar a realidade. Quem procura demais acaba encontrando e eu tinha receio de não gostar do que veria.

— Eu ainda não tenho uma definição específica a seu respeito.  
— Resposta mais em cima do muro impossível.

Alex se sobressaltou.

— Sério? Nossa, estou me sentindo rejeitado.

Bem feito. Quem mandou ser tão volúvel? Ou bipolar, na pior das hipóteses.

— Sério, Alex. Embora a gente esteja tendo uns momentos legais, como agora, por exemplo, ou quando a gente sai por aí e você me apresenta todas as facetas da Krósvia, há momentos em que você se retrai, fica taciturno, vago, até rude. Ainda não consegui te desvendar direito.

— Isso quer dizer que você está tentando? — arriscou ele. — Tentando me desvendar?

— Ah, não fique convencido! — Voltei a ficar de pé. — E está na minha hora. Nosso bate-papo foi ótimo, mas tenho que ir.

Não consegui ir muito longe. Alexander prendeu meu braço com seus dedos fortes e me fez ficar paradinha perto dele. Depois, esticou-se até ficar de pé, a dez centímetros de mim. Eu sou alta. Para a maioria das mulheres no Brasil, ter 1,70 metro é um privilégio. Por sorte, Alex deve ter uns bons 20 centímetros a mais, senão estaríamos cara a cara, com as bocas tão próximas que seria impossível não tentar beijá-lo.

— É impressão minha ou você está tentando fugir de mim, Ana? — questionou Alex, malicioso como ele só.

— É impressão minha ou você está tentando me confundir, Alex? — devolvi a pergunta, mas não esperei a resposta.

Soltei meu braço abruptamente, retirei o paletó de meus ombros — mesmo sofrendo muito para tomar essa decisão, pois ele já estava se tornando parte de meu corpo — e tratei de fugir dali. Alexander era uma ameaça à minha saúde mental — e talvez até corporal, já que Nome de Cachorro deixara meio implícito que não se acanharia em acabar com minha raça caso eu me engraçasse para o lado dele.

Mas, pelo menos, descobri o nome do que eu vinha sentindo por Alex. Obsessão. Menos mal, porque se fosse outra coisa —

paixão, por exemplo —, eu estaria correndo um enorme risco de me machucar gravemente.



# Aspirante a Lady Di

Que saudade do anonimato! Ser uma pessoa pública implica privação — e invasão — de privacidade, além de desestruturar uma vida das mais pacatas, como a minha. Comecei a ter ideia da enormidade da situação no dia seguinte à cerimônia de apresentação. Eu bem achando que poderia dar uma volta pelo Centro de Perla com mamãe, vovó e Estela, como se fosse uma turista feliz, mas Andrej e Irina cortaram meu barato assim que mencionei a possibilidade.

Meu pai perguntou se eu queria ser atropelada pelas câmeras dos jornalistas ou pisoteada pelos curiosos de plantão, que não desgrudavam da entrada do Palácio Sorvinski desde a noite anterior. A guarda do castelo teve que ser reforçada com mais nem sei quantos homens fardados e eu fui terminantemente proibida de sair desacompanhada. Por desacompanhada, entenda-se sem um ou dois guarda-costas truculentos.

Preciso confessar um fato por demais vergonhoso. A gente não deve rir da desgraça alheia, pois há sempre um imenso risco de que ela recaia sobre nós mesmos. É o que está acontecendo comigo. Nunca critiquei tanto uma pessoa como fiz ao ver a Xuxa, numa foto feita por um paparazzo, passeando por um shopping no Rio de Janeiro com seu yorkshire vaporoso e dois armários ambulantes ao lado dela. Pois é. O fato vergonhoso é que agora *eu* tenho meus próprios armários: Zlafer e Boris.

Resultado dessa medida disparatada: decidi que era melhor ficar em casa, na segurança de quatro paredes, do que sair e ser seguida

por duas sombras gigantescas, de terno preto e óculos escuros. Nem se eu me chamasse Stefani Joanne Angelina Germanotta, vulgo Lady Gaga, eu desejaria isso para mim.

Mas, tadinhos, até que Ziafer e Boris eram gente boa. Nunca falavam nada, não me interrompiam jamais. Só ficavam parados, como duas estátuas. O problema eram o tamanho e a envergadura deles. Imaginem aqueles lutadores de MMA, as Artes Marciais Mistas. Então... É bem sinistro.

Sendo assim, em vez de passar dias agradáveis ao lado de mamãe, vovó e Estela, andando despreocupadamente pelas ruas da capital, tive que me contentar com as imediações do castelo. Ou seja, foi um tédio só, até porque as três puderam aproveitar a liberdade delas, enquanto eu fiquei de castigo dentro de casa.

E tem gente que gosta de ser famosa.

Não demorou nada e minhas três convidadas brasileiras já estavam de partida. Por pouco não entrei em depressão, porque foi muito ruim vê-las indo embora e me deixando para trás. Quase desejei nunca ter sido encontrada por meu pai. Eu disse *quase*.

Acabei estabelecendo uma rotina bem caseira: acordar por volta das 9h, levantar às 9h30, tomar café na cozinha com Karenina, caminhar na praia com Bruce, dar um mergulho e pegar um pouco de sol — quando o tempo ajudava, porque, como já disse, estávamos no outono —, voltar para casa, tomar um banho, almoçar com Irina e, às vezes, com Andrej, me enfiar na biblioteca e passar as demais horas do dia entocada, vivendo a vida através dos livros.

Havia dias um pouco diferentes. Eram aqueles em que eu me arriscava a cozinhar um pouco com Karenina. Da última vez, ensinei-a a fazer brigadeiro. Acredita que ela não conhecia esse doce tão popular no Brasil?



Eu ainda estava devendo a feijoada para tia Marieva. Mas nossas agendas — quero dizer, a dela, a de meu pai e a de Marcus — cismavam em não combinar.

Pelo menos eu recebia algumas visitas, especialmente de meus primos com cara de anjo — só cara mesmo. Mas a companhia deles era deliciosa. A gente se divertia horrores fazendo brincadeiras pelos incontáveis aposentos do castelo. Eu nem sabia que gostava tanto de crianças.

Outro dia, Giovana me fez passar horas debaixo de uma cabana improvisada, feita com lençóis e pregadores de roupa, lendo para ela um livro com apenas a luz de uma lanterna. Acabei dormindo sem terminar a história. Já Luce gostava de conversar e fazer perguntas, algumas um tanto constrangedoras, como querer saber com quantos anos dei meu primeiro beijo e em quem foi. Menti dizendo que foi aos 15 anos, mas, na verdade, meu primeiro beijo rolou aos 13, com um colega de escola chamado Vítor Fonseca. Detestei, principalmente porque Vítor usava aparelho e eu fiquei com um pouco de nojo, com medo de ter algum resto de comida agarrado nele. Eu sei. É nojento da minha parte, mas foi esse meu pensamento na hora. Fazer o quê?

Agora, Luka era um caso à parte. Ele era esperto, agitado, inteligente. Era necessária muita energia para acompanhar as peripécias do garoto. Até o Bruce se rendeu numa dessas ocasiões e desistiu de nos acompanhar numa ida à praia. Claro. O menino não deu sossego para o pobre cachorro.

No fim de dias como esses, era gostoso contar com a companhia de tia Marieva. Era sempre ela quem buscava os meninos e aproveitávamos esse tempo para nos conhecer melhor. Ela era tão jovem e engajada! Eu adorava ouvir suas histórias, principalmente sobre as meninas do orfanato onde ela trabalhava como voluntária.

— Você podia ir lá conhecer, Ana — ela me convidou, enquanto tomávamos um maravilhoso café da tarde no terraço.

As crianças perambulavam por perto e, de vez em quando, beliscavam alguma coisa.

— Jura? Nossa, tia, eu adoraria! Não aguento mais ficar presa aqui, com aqueles dois trogloditas atrás de mim. Uma visita ao orfanato seria maravilhosa.

— Então, a gente pode combinar isso direito. É claro que preciso falar com seu pai e ajeitar tudo, de modo que você não corra riscos — disse ela, prevenida. — E podemos fazer isso quanto antes. As meninas gostam tanto de visitantes, especialmente de moças bonitas como você. E famosas. Pensa que elas não sabem?

Sorri. Mas estava com dor na consciência. Tia Marieva estava ali, toda solidária e dedicada, mesmo cheia de trabalhos e compromissos profissionais e pessoais. Eu sempre fui meio indiferente, não daquelas que chutam mendigos na praça, mas entre participar de ações solidárias e dar dinheiro, normalmente optava pela segunda alternativa. Conhecer o orfanato feminino poderia significar um recomeço.

— Eu topo! Mas acho melhor você falar com o Andrej. Ele anda muito protetor ultimamente.

— Com razão, não é?

E foi assim que nasceu minha nova missão. Do nada, eu deixei de ser expectadora para me tornar gente que faz. Ou que tenta, pelo menos.

Meu pai achou a ideia excelente. Encaixava-se direitinho com o futuro que ele almejava para mim: eu definitivamente instalada na Krósvia, realizando atividades condizentes com o papel de princesa, sendo sua representante na comunidade. Através de seus sonhos,

eu me via vestida com um *tailleur* cor de pérola e coque no cabelo, quase uma Lady Di, com uma única diferença: o comprimento dos cabelos. Ah não, duas: não existia um príncipe em minha vida.

Mas Andrej quis articular tudinho do jeito dele. Quem disse que ele não poderia se tornar um pai impositivo? Foi assim:

1º: Nada de chamar atenção. A visita não seria divulgada para não alarmar a imprensa, e todos os envolvidos — inclusive as freiras do orfanato — deveriam manter a máxima discrição. *Credo, pai, duvidar de irmãs de caridade? Essa foi demais.*

2º: Jorgensen não seria o motorista da rodada, porque já estava ficando visado. Tia Marieva também não poderia me apanhar no castelo, pois pareceria suspeito. Achei essa lógica um pouco estranha. Tia Marieva ia muito ao palácio. Sua presença não levantaria suspeitas. Mas, enfim...

3º: Alex me levaria, mas não na BMW S1000RR, por razões que nem vou me dar o trabalho de explicar. O fato de ele ser figurinha constante no castelo lhe dava a invisibilidade necessária para não chamar atenção. Portanto ele, eu e vidros fumês éramos a equação perfeita.

Pena que, na prática, a continha maluca de meu pai tivesse um denominador fora do lugar.

No dia marcado para a visita ao Lar Irmã Celeste — sim, Celeste; a freira que dera nome ao orfanato não era krosviana —, Alexander apareceu de carro. Não entendo muito de marcas, mas sei reconhecer uma bela máquina. Alex surgiu num Audi R8 (li o nome na traseira) prateado, com óculos escuros Ray Ban no rosto e uma Laika muito empertigada no banco do carona. Quase não acreditei

no que meus olhos estavam enxergando. Desejei nunca ter combinado nada com tia Marieva.

Respirei fundo umas cinco vezes para não perder meu autocontrole. Já era difícil ter consciência de que Nome de Cachorro vivia no mesmo planeta que eu, imagine dividir espaço com ela num carro apertado por quase duas horas (só de ida), sem mencionar o tempo que passaríamos no orfanato. Eu não merecia aquele castigo. Em quem eu deveria colocar a culpa por aquela mocreia estar estragando meu dia? Em Alex, no destino, em Deus?

Que saco!

Alexander saiu do carro e deu um sorriso torto. Fiquei sem ar ao vê-lo de jeans preto surrado, camiseta preta de malha, casaco de couro — preto — e botas de combate — adivinhem a cor? Aquilo não era um homem. Estava mais perto de um deus grego, ou que tal um galã de cinema meio *bad boy*, tipo Josh Hartnett. Hum...

Nossos olhares se encontraram de um modo caloroso e, mesmo que as lentes dos óculos estivessem bloqueando a visão dos olhos dele, pude sentir a atração.

— O que é isso? — ele perguntou, desviando o olhar para o pacote que eu levava nos braços.

Custei a raciocinar e entender a que ele havia se referido. Dei pela coisa uns bons segundos depois da pergunta.

— Brigadeiro — esclareci sucintamente. — Estou levando para as meninas do orfanato.

Alex fungou em cima do embrulho para sentir melhor o aroma do doce. Mas foi o cheiro dele que prevaleceu. Para mim, pelo menos.

— Hummm... Parece bom — observou. — Posso provar?

E, antes que eu respondesse, ele já estava enfiando a mão no embrulho. Sem pensar, dei um tapa nela, como as mães fazem com as crianças gulosas que não conseguem esperar a hora dos parabéns para comer as guloseimas.

Acho que minha atitude irritou Laika profundamente, pois ela abriu a porta do carro e saiu de lá pisando duro.

— Ei, amor, anda logo! Esqueceu que não temos o dia todo?

Para tudo! Em primeiro lugar, quem mandou a lambisgoia nos acompanhar? Ela que ficasse em casa tomando martíni com cereja numa taça de cristal. Ou fosse trabalhar, já que era uma grande executiva. Em segundo, como assim *amor*? Vai ser brega assim lá na casa do chapéu!

Bem feito. Alex se voltou para ela, mas abriu a porta para mim. Um a zero, cachorra magrela!

Acenei freneticamente para Irina e Karenina, que, zelosas como elas só, acompanhavam minha saída. No fundo, elas ficavam com pena de mim, pois sabiam como eu detestava viver presa.

Ajeitei-me no banco de trás do carro de modo que não conseguisse enxergar o rosto de Laika pelo retrovisor. Acabei focalizando a linda carinha de Alexander. Mas baixei os olhos para não provocar a garota histérica, que fez questão de segurar a mão direita de Alex enquanto ele manobrava o carro.

— Santa insegurança! — murmurei em português. Aliás, que ideia brilhante! De agora em diante eu xingaria Nome de Cachorro quanto quisesse, mas sempre em minha língua nativa. Ninguém ia nem perceber.

Mas as mãos não ficaram juntas por muito tempo. Alex soltou a dele para mexer no aparelho de som e sintonizou uma música que eu conhecia da frente para trás e de trás para a frente.

*Hoje eu preciso te encontrar de qualquer jeito  
Nem que seja só pra te levar pra casa  
Depois de um dia normal...*

*Hoje preciso de você  
Com qualquer humor, com qualquer sorriso  
Hoje só tua presença  
Vai me deixar feliz  
Só hoje*

Ofeguei. Que Jota Quest era uma banda maravilhosa e amada pelos brasileiros — pelo menos os de bom gosto —, todo mundo sabia. Ou melhor, nós, do Brasil, sabíamos. Mas Alex conhecer o grupo e ainda ter o CD no próprio carro?

— Alex, que música é essa? — quis saber Laika, mas não de um jeito “surpresa agradável”. — E em que língua horrorosa o cara está cantando?

Ah, não! Agora ela tinha extrapolado. Porque tudo bem EU às vezes xingar o bendito ser que criou a língua portuguesa e sua gramática complicada. Mas eu posso, pois falo português desde que saí da barriga de minha mãe. Ou melhor, desde uns nove meses depois disso, vá. Mas *ela*...

Aproximei-me do banco do motorista, agarrando o encosto da cabeça para dar impulso, e exclamei:

— Cara, você conhece o Jota Quest!

Alexander estava se divertindo. Não deu bola para meu espanto, respondendo casualmente:

— Quem não conhece? Eles são ótimos!

— Quem é Jota Quest, gente? — indagou Laika.

Ignoramos a dúvida de Nome de Cachorro.

— Faz tempo que você tem o CD deles? — perguntei, desconfiada. Tinha a impressão de que Alex só estava tentando me agradar.

— Não muito — ele deu de ombros.

— Você sabe o que a letra diz? — Essa pergunta eu fiz bem devagar.

Alex me olhou de esguelha, evitando encontrar meu olhar. Diante disso, levantei algumas hipóteses: Alex sabia. Se sabia, é porque buscara uma tradução para ela, pois não pronunciava nem “obrigado” em português. Se fora atrás da tradução, provavelmente queria entender a letra. E, se ficou sem graça com a minha pergunta, foi porque fizera tudo isso pensando em mim.

Ou não. Ele poderia muito bem gostar mesmo do Jota Quest e já ter esse CD há tempos. E também ser um cara supercurioso a ponto de traduzir todas as línguas que escutava — ou pelo menos as músicas. Mas por que então nunca comentara que curti um conjunto musical brasileiro? Mistério...

— De onde é essa banda, Alex? — Laika guinchou. Estava na cara que ela surtaria a qualquer momento.

— Do Brasil — ele e eu respondemos juntos.

Laika fez uma careta cheia de significado, tipo “eu vou ter mesmo que matar essa garota”.

— O que diz a letra, Alex? — a doida varrida exigiu saber. Mas pela primeira vez eu estava com ela. Vamos, Alex, justifica agora?

— Sei lá — ele se esquivou, girando a chave para ligar o carro. — Como eu posso saber, Laika? Não falo português.

— Ela fala de um cara — resolvi explicar — que teve um dia ruim por um motivo não revelado, e ele diz que precisa encontrar a mulher que ele provavelmente ama para se sentir melhor, pelo menos nesse dia. A música se chama *Só hoje*.

Laika torceu o nariz sem a menor discrição. E ainda completou:

— Parece bem piegas.

Por outro lado, achei que Alexander ficou um pouco mais desconfortável. Para evitar faíscas assassinas em minha direção, coloquei meus óculos escuros no rosto e fingi estar concentradíssima na paisagem.

No entanto, não parei de pensar um minuto sequer em tudo o que vinha acontecendo com Alexander e comigo nos últimos tempos. Olhando em retrospecto, a análise revelou elementos bastante contraditórios.

Alex já tinha me odiado — embora não admitisse —, já tinha desconfiado de minhas intenções. Também já me levava para conhecer boa parte da região de Perla e até lugares exóticos, como a Caverna do Pirata. Já me fizera rir de seu gênio sinuoso e até me protegera.

Fora sarcástico e indiferente, mas demonstrara ter senso de humor. Chegara a se emocionar, mesmo que de leve, em algumas ocasiões, como quando me contara a história de minha bisavó Catarina ou reconhecera o colar de sua mãe em meu pescoço.

Às vezes, demonstrava gostar de mim e até me admirar e me provocava o tempo todo, fosse com palavras, fosse ou atitudes. Mas, independentemente de qualquer uma dessas supracitadas posturas, ele era sempre Alex, o Alex. Aquele que não me dava folga, que me atormentava até nos sonhos e que me fazia sentir coisas que eu nunca sentira antes.



Era por causa dele que eu andava com vontade de quebrar o nariz de Nome de Cachorro desde o dia em que a vira pela primeira vez. Aliás, Nome de Cachorro era um apelido que surgira por instinto, antes mesmo de eu conhecer o caráter podre da garota. Fui motivada por um ciúme que até então desconhecia, já que nunca fora uma pessoa ciumenta.

Também fora devido a Alex que eu deixara de gostar de Artur, por quem julgara estar muito apaixonada. Mas isso tinha sido bom, afinal, o cara era um galinha, uma aberração. Eca!

Então, como, minha Nossa Senhora, como ignorar a verdade se ela estivera o tempo todo estampada em minha cara? Sem medo de plagiar a fala de Charles, personagem do filme *Cartas para Julieta*, ao qual assisti umas 19 vezes no Telecine Pipoca, reconheci que estava completa, absurda e irrevogavelmente apaixonada por Alexander Jankowski. Bom, a fala não era bem assim, mas era quase isso.

E era a mais pura verdade. Toda vez que olhava para ele, meu corpo tremia. Quando seus olhos prendiam os meus num daqueles olhares perigosos, eu quase entrava em parafuso. Só de me lembrar da tatuagem tribal em seu tríceps esquerdo, chegava a ofegar.

Não havia um só dia em que ficasse indiferente a Alexander, mesmo no princípio, quando achava que o odiava.

E o que eu ganhava com essa constatação? Tristeza. Justamente o que eu afirmara para Estela uns dias atrás, quando eu apenas conjecturava.

Afundi ainda mais no banco de trás, temendo que de repente essa paixão ficasse estampada em minha cara. Eu podia estar apaixonada, mas não admitiria essa verdade para ninguém, nem sob tortura. Já era humilhante demais gostar de um cara comprometido e que não sentia o mesmo por mim.

Pior foi ter que aguentar Nome de Cachorro lá na frente, fazendo carinho na nuca de Alexander enquanto ele dirigia, conversando com ele em krosvi para me excluir de propósito. Antes eu tivesse levado meu iPod, só para ficar surda durante o trajeto.

Como coisas ruins tendem a demorar mais a passar do que as boas, achei a viagem lenta demais. No entanto, quando pensava que não chegaríamos jamais, avistei um portão de ferro fundido com uma placa ao lado, cujas palavras em krosvi pareceriam escritas em código, não fosse o nome Celeste. Esse eu não só consegui ler como reconheci. Estávamos, finalmente, no lar das meninas órfãs de Craiev.



— Ana! Que bom que chegaram!

Tia Marieva me viu de longe e se apressou para me encontrar. Trocamos um abraço caloroso, eu equilibrando o pacote de brigadeiros. Ela também cumprimentou Alex e Laika, mas foi minha mão que ela segurou e foi a mim que conduziu para dentro da casa em estilo colonial que abrigava o orfanato.

Depois que saímos do carro, fiz questão de ignorar meus dois acompanhantes. Estar apaixonada não é sinônimo de ser otária. Duas coisas eu não faria de jeito nenhum: mendigar atenção de Alexander e bater de frente com Nome de Cachorro. Eu podia sofrer, podia chorar rios de lágrimas, mas não daria esse gostinho a nenhum deles. Alex e Laika que se agentassem.

Minha mãe sempre me avisou que homens não gostam de mulher grudenta. É diretamente proporcional: quanto mais elas agarram, mais eles se afastam. Tenho tanto pavor de me tornar uma pessoa assim que acabei distante até demais dos caras. Resultado:

não sou nem um pouco fácil, mas também não tenho grandes experiências amorosas para listar.

Segui com tia Marieva até uma sala pequena, onde uma freira colava cartazes numa parede revestida de azulejos amarelos. Lembrou minha antiga escola lá em Belo Horizonte, onde estudei minha vida inteira. As freiras do colégio adoravam pregar mensagens e imagens nas paredes, deixando o ambiente, além de bonito, muito aconchegante.

A irmã, que usava um hábito claro, assim que notou nossa presença, deixou de lado o serviço e caminhou até nós com um sorriso angelical no rosto. Elas sempre têm, não é? Digo, as freiras e os sorrisos angelicais. Marca registrada.

— Irmã Sonja (lê-se Sônia), esta é a Ana, minha sobrinha. Ela veio nos fazer uma visita e conhecer as meninas do Lar.

— Claro! Acompanhei a história dela na televisão. — Como minha tia nos apresentou em inglês, a irmã de caridade deve ter presumido que eu não falava krosvi, pois respondeu na mesma língua. — Seja bem-vinda, Ana. Tenho certeza de que as meninas vão ficar alvoroçadas quando conhecerem você.

Não querendo ficar para trás nem passar por menos importante, Laika deu um pequeno passo à frente, fazendo-se notar. No entanto, ficou calada, pois queria receber a honra de ser apresentada à Irmã Sonja assim como eu fui.

Então, tia Marieva lembrou-se dos outros dois visitantes e tratou de incluí-los na conversa.

— E esta é a Laika, Irmã. Ela é filha do senador Romanov e namorada do Alex, enteado do meu irmão Andrej.

Todos se cumprimentaram, Alex mais amistoso do que a polida Laika.

— Eu trouxe uns doces para as meninas, Irmã Sonja — anunciei, estendendo o embrulho na direção dela. — Não sei se fiz bem. Elas podem comer doces?

Realmente, eu não havia pensado nisso antes.

— Claro, minha filha. Elas vão adorar. E espero que sobre um pouquinho para mim, pois o aroma está delicioso.

Irmã Sonja e tia Marieva nos guiaram pelos cômodos da casa, que estavam estranhamente vazios. Eu esperava encontrar crianças e seus barulhos, mas tudo era calmo demais. Até chegarmos a um pátio, no interior do prédio. Lá, a algazarra era geral. Meninas de várias idades corriam e brincavam pelo espaço, observadas por outras duas freiras e uma mulher “à paisana”, isto é, que não usava hábito.

A princípio, nenhuma delas notou nossa presença. A diversão parecia das boas e um parquinho colorido devia ser bem mais atraente do que cinco adultos plantados na entrada do pátio. Até que tia Marieva bateu palmas. Isso foi suficiente para que as dezenas de pares de olhinhos se voltassem em nossa direção.

Vou contar uma coisa a vocês: foi amor à primeira vista. Assim que pus meus olhos sobre aquelas garotinhas órfãs, meu coração derreteu dentro do peito. Não porque elas fossem bonitinhas — e eram mesmo. Tinham as características do povo eslavo: cabelos e pele claros, olhos variando entre verde e azul, carinhas de anjo. Mas o que me pegou de jeito foi outra coisa. É duro encarar um monte de crianças aparentemente alegres sabendo que elas não têm pai nem mãe. Dá vontade de levar todas para casa e dar tudo para elas, tudo mesmo.

Irmã Sonja fez um gesto com as mãos e, num piscar de olhos, as meninas se juntaram a seu redor, embora os olhares estivessem fixos nas figuras estranhas que quebraram a rotina delas, ou seja,

Alex, Laika e eu. As outras mulheres adultas também se aproximaram e tia Marieva apresentou-as para nós, enquanto Irmã Sonja fazia um pequeno discurso em krosvi para as garotas.

Eu era a única que não estava entendendo nada. E acho que Alex percebeu meu desconforto, pois parou a meu lado e traduziu tudo o que a freira disse, que foi mais ou menos assim:

— Meninas, hoje estamos recebendo aqui na nossa casa uma pessoa muito especial. Ela se chama Ana e veio do Brasil para colorir ainda mais nosso lindo país.

Que fofo!

Uma menininha de uns 7 anos levantou a mão.

— Pois não, Aleksandra? — Alex repetiu as palavras de Irmã Sonja, em inglês e bem baixinho, com a boca quase colada à minha orelha. Mesmo perto de todas aquelas pessoas, senti minhas pernas fraquejarem. Eu estava no limite de me tornar patética.

— Eu sei quem ela é! — a menina chamada Aleksandra falou e Alex traduziu. — Eu vi na TV, lembra, Irmã Catja? Nós vimos juntas! — Ela parou um pouquinho para fazer suspense. — Ela é a princesa Ana da Krósvia.

Gritos agudos dominaram o ambiente. Não eram vaias nem exclamações de espanto, mas de reconhecimento. Subitamente, todas as garotas puseram-se a falar e a gesticular ao mesmo tempo, mas permaneceram sentadinhas no chão, muito disciplinadas.

As freiras pediram calma e tia Marieva assumiu o posto de porta-voz. Mesmo de costas, pude ouvir Laika bufar. Quem dera ela resolvesse dar meia-volta e se mandar dali! Não me importaria nem um pouco se voltasse a pé para Perla.

— Meninas, vou falar em inglês porque sei que vocês são capazes de entender. E também precisam treinar, não é verdade? —

incentivou tia Marieva.

— Siiiiim — responderam elas, em coro. Na verdade foi yeeeeessss.

— Muito bem. A Ana é isso mesmo, Aleksandra. Nossa princesa. Mas também é uma moça muito inteligente e legal. Ela até fez uns docinhos de chocolate para vocês.

— Oba!

— Podemos comer agora?

— Chocolate ao leite ou meio amargo?

— Quantos eu posso comer?

— Ela vai falar com a gente?

Se eu tinha achado a coletiva de imprensa no dia da cerimônia um festival de perguntas, bombardeio mesmo faziam as meninas do Lar Irmã Celeste. Só não cheguei a ficar tonta como na outra vez. Acho que estava me acostumando.

— Calma, garotas. Vocês vão ter tempo para comer os doces e também para conversar com a Ana. Ela vai passar um tempinho aqui com a gente, certo?

— Siiiiim — de novo.

Então, minha tia explicou minha história de forma bem resumida e disse que eu estava preparada para responder às perguntas, contando que cada uma das meninas esperasse sua vez. Elas foram organizadas por Irmã Catja e quase não podiam se conter de tanta ansiedade.

Confesso que estava nervosa. Sentia o suor brotar na palma das mãos e me segurei para não secá-las na calça jeans.

Resolvi me juntar às garotas no chão e me sentei entre elas. Foi minha melhor decisão das últimas horas. Fizemos uma grande roda no pátio e o bate-papo soou bem mais informal do que eu esperava. Ficamos um bom tempo por lá e o assunto entre nós fluiu espontaneamente, como se já fôssemos velhas conhecidas.

De cara, constatei que, embora nenhuma daquelas crianças tivesse família, elas não mostravam olhares tristonhos nem pareciam insuficientemente amadas. Isso me deixou feliz e acabou acelerando uma decisão que eu vinha formatando em minha cabeça desde que entrara no Lar: eu trabalharia ali pelo restante de meus dias na Krósvia. Se tia Marieva, que era casada, tinha um emprego e filhos e dava conta disso, por que não eu, uma desocupada de marca maior?

Claro que primeiro eu teria que convencer meu pai de que ficaria tudo bem. Traduzindo: eu precisaria garantir que não seria atacada nem sequestrada por nenhum maníaco ou terrorista. E eu tinha meus métodos de persuasão.

Quando dei por mim, Laika já tinha sumido do mapa. Acredito que não aguentou me ver no centro das atenções enquanto ela era jogada para escanteio. Aposto que durante sua vida inteira ela sempre fora a estrela principal. Engula essa, Nome de Cachorro.

O legal foi que Alexander permaneceu no mesmo lugar e não deu a mínima para os chiliques da namorada. Eu preferiria não ter que pensar nisso, mas era inevitável. Alex fazia parte da maioria de meus pensamentos durante o dia e de todos os meus sonhos à noite.

Eu não quis encará-lo muito, mas deu para notar o olhar de aceitação dele sobre mim. Tinha um quê de orgulho e admiração, como se eu tivesse me revelado outra pessoa, bem mais digna de sua aprovação. Melhor não se empolgar, dona Ana.

Assim que a conversa com as meninas terminou, seguimos para o refeitório, onde os brigadeiros foram servidos. Para cada garota havia um lugar específico, por ordem de idade, percebi. Na hora, me lembrei daquele desenho *Madeline*, cujas histórias se passam na França. A menininha que dá nome à série também vive num orfanato, coordenado pela bondosa freira Senhorita Clavel. Fiquei esperando a famosa oração que as internas proferem antes das refeições:

*Nós amamos nosso Deus, nós amamos nosso pão, mas acima de tudo nós amamos de coração.*

É claro que não rolou, quero dizer, não assim, com essas palavras. Porém, antes de caírem matando sobre o brigadeiro, as meninas juntaram suas mãozinhas e agradeceram pelo alimento, numa prece sussurrada para Deus e para si mesmas.

Constatei que somos seres muito ingratos. A maioria dos seres humanos comem bem e com fartura e são incapazes de agradecer por isso. Já as garotas do Lar Irmã Celeste provavelmente tinham uma alimentação regrada e ainda diziam “obrigada”. Mais uma lição para minha vida.

— Tia Marieva, estou encantada — confessei, assim que me despedi de todo mundo, prometendo repetir a visita. — Elas são fofas e educadas e muito alegres também.

Atrás de mim, ressurgida de algum esconderijo misterioso, Laika deu uma bufadinha, que eu interpretei como: “Deixa de ser puxa-saco, garota!”. Nem liguei.

— É verdade — concordou Alexander, reforçando minhas palavras. Será que ele podia deixar de ser legal para que eu pudesse voltar a odiá-lo? — São meninas muito espertas.



— Até chegarmos aqui, foi um trabalho longo e difícil — tia Marieva revelou, ajeitando uma mecha dos cabelos impecavelmente loiros atrás da orelha. — Muitas meninas vieram completamente desamparadas, num estado terrível de fragilidade. Mas hoje as coisas são bem diferentes. Ainda bem e graças às irmãs que vivem aqui e se doam integralmente.

Aproveitei a deixa para expor minha ideia:

— Sabe, tia, estive pensando... será que eu poderia trabalhar como voluntária aqui no Lar? Eu poderia fazer qualquer coisa, tipo brincar com as meninas ou ler para elas.

Laika me olhou como se eu fosse uma desvairada, mas Alexander sorriu de um jeito encantador. Tia Marieva pareceu refletir, talvez considerando as possibilidades, e acabou dizendo:

— Ler para elas é uma ótima ideia. O problema é que não temos um acervo muito grande e os livros que temos já foram todos lidos.

Então, tive um momento epifânico, como as personagens de Clarice Lispector, sempre acometidas por revelações que mudam sua história.

— Então o problema está resolvido! — quase gritei de tanta euforia. — Meu pai tem no castelo a maior biblioteca que já vi, só perde para a da minha faculdade. Se vocês não têm livros aqui, podemos levar as meninas a eles. Sei lá, duas ou três vezes na semana. A gente pode passar o dia lendo e aproveitando os ambientes do castelo, como o jardim, o terraço, a praia e, nos dias de chuva, a própria biblioteca. Não é uma excelente ideia?

Por um instante, todo mundo ficou mudo, olhando para mim como se eu fosse uma ET e tivesse acabado de dizer que converso

com animais. Tia Marieva chegou a abrir a boca, mas desistiu no meio do caminho.

— Você acredita que seu pai vai dar corda para essa ideia maluca, Ana? — Laika meio que debochou, mas sem ser muito explícita para não pegar mal, para ela, claro.

— Bom, tudo é negociável — rebati, parada diante de tia Marieva, suplicando por seu apoio. — Não é, tia?

— Acho que pode dar certo — Alex profetizou. — Aquele castelo vai acabar virando um museu se alguma coisa produtiva não for feita o mais rápido possível. Quem precisa de tantos livros se ninguém lê? Ou melhor, ninguém lia, né, Ana? Agora que você está aqui na Krósvia, pelo menos deu uma oxigenada naquela sala abandonada.

Nunca alguém defendera uma sugestão minha com tanta veemência. Normalmente, eu só escuto: “Péssima ideia, Ana”.

— Concordo com isso — tia Marieva completou. — E as meninas vão poder sair do ambiente delas e ter acesso a uma outra realidade. Ana, se você não conseguir convencer o Andrej...

— Eu convenço — Alex prontificou-se.

— Ah, não acredito que você vai entrar nessa, Alex! — Laika bateu na perna, num gesto de extrema impaciência.

— Laika, é o mínimo que eu posso fazer — ele se defendeu, dando uma banana para os protestos da namorada cachorra. — E ainda estou me envolvendo pouco. Queria ter a metade da coragem da Ana para assumir uma responsabilidade dessas para mim.

Corajosa? Eu? Já fora chamada de muitas coisas, mas corajosa não era um adjetivo muito comum, não. Mas vindo de Alexander, era música para meus ouvidos apaixonados.

— Muito bem, então — tia Marieva concluiu. — Acertamos tudo com o Andrej, depois combinamos com a Irmã Sonja. Mas vou sugerir que você fique com um grupo de meninas mais velhas, Ana. São as mais concentradas. Tudo bem assim?

— Tudo ótimo.

— Maravilha! — Fui abraçada por tia Marieva, que me deixou sem fôlego. — Você pode ter demorado a aparecer, Ana. Mas, sem dúvida, é uma de nós. Estou muito orgulhosa, querida.

Como não lido bem com elogios, especialmente em público, corei dos pés à cabeça. Devo ter ficado parecida com um morango.

No trajeto de volta ao castelo, depois de beijos e despedidas, a voz de Rogério Flausino dominou novamente o ambiente interno do carro. A raiva de Laika era quase concreta, enquanto Alexander plantava no rosto uma expressão de desdém que me fez ter até dó da garota. Bom, mais ou menos, né?

Eu, de meu lado, optei por ficar quieta, na minha. Se me fingisse de morta, talvez conseguisse escapar ilesa daquela briga iminente. Graças ao bom Deus que sou fã do Jota Quest. Falar era impraticável, mas não li nenhum cartaz avisando que estava proibido cantar. Então eu cantei:

*A-ha, isso aqui tá muito bo-om!*

*A-ha, isso aqui tá bom demais.*



# O pescador de corações

ESTELA: — Você vai o quê, Ana?

EU: — Você escutou, Estela. Ouvi muito bem, por sinal.

ESTELA: — Sim, mas queria confirmar se ouvi direito mesmo. Então, quer dizer que vai trabalhar com crianças órfãs?

EU (corrigindo): — Meninas.

ESTELA: — Como?

EU (arrancando um generoso pedaço de uma maçã verde): — Vou trabalhar com meninas órfãs, Estela. Elas vão passar duas tardes comigo durante a semana e eu vou ler para elas, contar histórias. Já separei um monte de livros para começar. Lembra quando lemos *A Droga da Obediência* na escola? Pois então. Resolvi começar por ele e vou traduzi-lo para o inglês enquanto leio. Legal, né?

ESTELA: — Dá para parar de mastigar enquanto fala, ô sem noção?

EU: — Credo! Que estresse é esse, hein?

ESTELA: — Um cara chamado Artur. Conhece?

EU (engolindo a maçã depressa): — O que o imbecil fez dessa vez? Deu em cima da minha mãe ou, pior, da vovó Nair? — Não segurei o riso.

ESTELA: — Nada disso. Ele continua atrás de mim, fica me enchendo o saco, dizendo que você o dispensou e que não tem nada de mais a gente ficar.

EU: — Não foi bem uma dispensa, mas ele realmente sumiu. Para mim, foi ótimo. Agora, se você achar que não tem nada a ver...

ESTELA (com o tom de voz aumentando uns decibéis): — Cala a boca, Ana! Eu não quero nada com aquele safado, cara de pau, ridículo. Você fica aí bancando a descolada, mas é porque não tem que aguentar o que eu tenho aguentado. Ele me liga quase todos os dias e fica no maior xaveco. Deve ser para eu te contar e fazer ciúmes em você.

EU: — Ou não. Vai ver que o Artur está mesmo a fim de você. Olha, Estela, por mim, tudo bem. Sério mesmo. Eu não sinto mais nada por ele e não vou ficar chateada caso você resolva ter algo com ele, tá legal?

ESTELA (descontrolada): — Ô Ana Carina, tem nexo isso que você está dizendo? Esse Artur é um mentiroso, um enrolador que não sabe manter a palavra. Disse que ia esperar por você, mas na primeira oportunidade caiu em tentação. E, quer saber, não sou eu quem devia estar dizendo isso, mas você mesma. Que ideia é essa de ficar empurrando o sacripantas para cima de mim, hein?

EU (com lágrimas de riso): — Sacripantas? Quem te ensinou essa palavra, hein? Seu bisavô?

ESTELA: — Se você mencionar o nome do Artur outra vez, vou desligar, Ana. E também vou ficar sem te atender por um bom tempo.

EU: — Ei, tudo bem. Parei, viu?

ESTELA (mais calma): — Ótimo. Agora, me explica direito esse lance com a creche.

EU: — Não é creche, Estela, é orfanato. Vou trabalhar como voluntária, porque fiquei realmente comovida com as meninas e

suas histórias de vida. Já que eu só como, leio e durmo aqui na Krósvia, fazer algo produtivo vai ser, no mínimo, uma distração.

ESTELA: — E como pretende despistar os paparazzi?

EU: — Não vou sair de casa. As meninas vêm me encontrar aqui.

ESTELA: — Aposto que essa revolução tem um dedo do gostosão. Pode confessar.

EU: — Nem uma unha, se quer saber.

ESTELA: — Talvez seja uma forma de você se mostrar como uma pessoa altruísta e, conseqüentemente, subir no conceito dele.

EU (indignada): — Se fosse essa a minha intenção, eu seria uma fútil.

ESTELA: — Pelo visto, continua resistindo, né? Nada de admitir que gosta do Alex.

Até que eu já tinha assumido, mas só para mim. Desabafar com Estela pelo telefone, mesmo ela sendo minha melhor amiga, não estava em meus planos.

EU: — É verdade. Não tem admissão. E vamos parar por aqui, certo? Principalmente porque a conta de telefone vai chegar mordendo o bolso do meu pai.

ESTELA (rindo de alívio): — Antes o dele do que o meu.



Na faculdade, durante as aulas do curso de Direito, eu aprendi que todas as pessoas são inocentes até que se prove o contrário. Mas, observando os rostinhos embevecidos das garotas do Lar Irmã Celeste, pus-me a questionar que tipo de ser humano é capaz de abandonar seus filhos. Sim, porque penso que existem pouquíssimas

justificativas, ou melhor, só uma: a morte dos pais e a total falta de parentes próximos. Qualquer outro motivo não cola.

Elas chegaram ao castelo numa van. Vestiam o uniforme do orfanato — camisa branca, saia azul-marinho plissada, na altura do joelho, casaco da mesma cor, meias brancas e sapatos pretos. Nas costas, todas carregavam uma mochilinha.

Eram apenas dez garotas, com idades entre 6 e 10 anos. Na última hora, eu disse a tia Marieva que não precisava vir com elas. Se eu não fosse capaz de dar conta sozinha de algumas poucas crianças, como lidaria com audiências no fórum no futuro?

Fiquei um dia inteiro por conta dos preparativos. Organizei a biblioteca de modo que parecesse mais aconchegante. Irina me ajudou a escolher umas almofadas bem coloridas e fofas, que deram um ar infantil à sala.

Separei vários títulos interessantes, mas deixei o livro de Pedro Bandeira, *A Droga da Obediência*, meu predileto na pré-adolescência, na frente de todos. Não que eu seja bairrista nem nada — ou só um pouco. Mas que mal tem priorizar meu país, o de nascimento mesmo?

Karenina preparou um banquete digno de chefes de Estado. Caprichou num cardápio condizente com o gosto das crianças e abusou de doces e guloseimas com zero teor de nutrientes.

Por tudo isso, meu coração só faltava transbordar no peito de tanta agitação. Eu queria que as meninas gostassem de passar o dia comigo, queria que elas se divertissem e ficassem à vontade.

Portanto, descii a escadaria da entrada do castelo parecendo um filhotinho de cachorro, ou seja, só faltei balançar o rabinho — caso tivesse um, é claro.



— Olá! — disse num tom alegre — Que bom que vocês chegaram!

As garotas sorriram timidamente, menos uma, que se manteve séria e deu um passo à frente. Logo deduzi que deveria ser uma espécie de líder, a que tinha a responsabilidade de falar pelas outras.

— Bom dia, princesa Ana. Em nome de todas nós, eu gostaria de agradecer pelo convite — disse a menina, mais parecendo uma funcionária de telemarketing do que uma criança.

— Bom dia, minha linda. E me chame só de Ana — pedi. — É mais fácil. Também gostaria de saber o nome de vocês. Mas vamos combinar uma coisa? Cada uma diz o seu. Legal assim?

Como se tivessem combinado, as meninas esperaram a líder falar primeiro.

— Eu sou Sofja. A Irmã Sonja pediu para eu tomar conta das outras. É que eu já tenho 10 anos e sou a mais velha do grupo.

— Que ótimo, Sofja! É uma responsabilidade muito grande. Parabéns.

Ela esboçou uma risada, deliciando-se com o elogio.

— Meu nome é Ekaterina — anunciou uma delas, talvez a menor de todas, com o peito estufado. — E meu aniversário está chegando. Vou fazer 7 anos no dia 8 de novembro. Vai ter bolo.

— Nossa, isso é maravilhoso! — exclamei, dando-lhe minha total atenção. Já vi que criança gosta disso. — Espero ser convidada, combinado?

— Hum-hum.

Em seguida, uma a uma, todas foram se pronunciando, não apenas revelando os nomes — alguns megadifíceis de pronunciar —,

mas também complementando as apresentações com pequenos comentários sobre assuntos diversos. Achei tão divertido...

— Princesa Ana, a Irmã Catja pediu que entregássemos isto para você. — Sofja retirou da mochila um embrulho impecável, feito com papel azul-  
-piscina e fita amarela.

Peguei o pacote de suas mãos e, com cuidado, retirei a fita adesiva que prendia as laterais do papel. Lá dentro, havia uma toalha de banho branca, com meu nome bordado em ponto cruz numa das extremidades e uma tira de renda ornamentando uma das pontas.

— Que linda! — Fiquei emocionada com o gesto carinhoso.

— Foi a Sofja que bordou — alguém contou.

— Menina, como você é prendada! — elogiei. — Eu realmente adorei.

Fiz um sinal para que elas me acompanhassem e segui ao lado das garotas em direção ao interior do castelo.

Nenhuma delas conseguiu segurar os “ahs” e “ohs”. É a reação natural de todo mundo que entra pela primeira vez num castelo de verdade, digo, com moradores ainda vivos, se é que me entendem.

Deixei que as garotas perguntassem o que quisessem e admirassem tudo. Até mesmo eu ainda me impressionava com tanta ostentação e suntuosidade. Teríamos o dia inteiro para ler histórias e, se elas achassem mais interessante ficar perambulando pelo palácio, eu não me oporia.

— Nós podemos ir à praia? — indagou uma delas, Karol, eu acho.

— Karol! — Sofja puxou-a pela camisa e fechou a cara para ela. Ela devia ter recebido mil vezes a recomendação de não permitir que as colegas perdessem o controle.

Mas a pequena Karol não se intimidou.

— Nós trouxemos maiô. Colocamos na mochila, escondidos da Irmã Sonja. — Ela me olhou com a carinha mais fofa do universo, dessas que fazem gelo derreter. — Por favor...

Realmente, eu havia planejado de tudo, menos levar as garotas à praia. Em primeiro lugar, não queria me arriscar caso algumas — ou todas — não soubessem nadar e acabassem se afogando. Depois, estava fazendo frio. E não há nada neste mundo que eu deteste mais do que água gelada em minhas costas.

— Bom, podemos combinar o seguinte... — disse, tentando ganhar tempo para elaborar uma ideia brilhante. — A gente vai à biblioteca primeiro. Quando nos cansarmos de ler, fazemos um piquenique na praia, mas sem usar roupa de banho por enquanto. Legal assim?

Minha proposta foi aceita com entusiasmo. Para quem não vivia rodeada por crianças, eu até que levava jeito. Talvez trocasse de curso assim que voltasse para o Brasil. Pedagogia era uma boa, né? Ou psicologia, quem sabe?

Brincadeira.

Eu sabia que os livros não me decepcionariam. Por quase três horas, ficamos mergulhadas em páginas e mais páginas de ficção. Pedro Bandeira fez o maior sucesso com o grupo Os Karas, mas só com as mais velhas. As menores acabaram escolhendo histórias mais infantis e também se deixaram levar pelo mundo da imaginação.

Gosto de ler desde pequena, graças ao estímulo e ao exemplo de minha mãe. Ela sempre foi uma leitora frenética e nunca negou

sequer um livro para mim. Na verdade, tomei gosto pela coisa com as revistinhas da Turma da Mônica. E não parei mais desde então.

Agora imagino como deve ser motivo de orgulho para um adulto constatar que seu filho aprecia os livros, pois eu estava me sentindo assim: orgulhosa. E olhe que eu não tinha mérito nenhum pela curiosidade literária daquelas meninas.

Karenina entrou com o lanche, depois voltou para buscar o que restara e, nas duas vezes, encontrou todas elas esparramadas pelos tapetes e almofadas, concentradíssimas em suas histórias. Ela apenas piscou para mim e saiu toda satisfeita, também com sua dose própria de orgulho no olhar.

Quando chegasse a hora de voltar para Belo Horizonte, uma parte de meu coração ficaria para trás. Digo isso sem querer ser piegas nem sentimental demais. O fato é que me apeguei às pessoas. Karenina, Irina, tia Marieva, meus primos, as meninas do orfanato — de quem eu queria cuidar, proteger, dar carinho —, meu pai...

E era melhor eu nem colocar Alexander nesse grupo, se não aí é que a coisa ficaria feia mesmo. E eu que achava que sentiria falta de Artur por ficar seis meses na Krósvia. Era até covardia comparar isso com o que eu sentiria quando deixasse Alex para trás.

— Ana, você deixa a gente ir para a praia agora? Hein?

Devanear perto de crianças não é legal. Elas não esperam a gente voltar a raciocinar.

— Podemos, Ana?

— Claro que a Ana vai deixar, não é, princesa?

Dei um pulo. Apesar de todos os rostos terem se mexido automaticamente pela manifestação de uma voz masculina naquele ambiente dominado por garotas, eu me mantive na mesma posição,

ou seja, de costas para a porta e impossibilitada de verificar quem entrava e saía na biblioteca. Não que eu precisasse olhar, diga-se de passagem, pois sabia exatamente quem era o dono da voz mais profunda e sexy da face da Terra.

Por que Alex tinha que aparecer para complicar um dia tão bom? E como assim, me chamar de princesa? Ridículo.

Ainda sem me mover, respondi calmamente — se é que dava para ficar calma naquela situação —, como uma professora das mais pacientes:

— Se vocês estiverem mesmo cansadas de ler por hoje, não vejo nenhum problema em levá-las à praia. Mas não vamos nadar, certo? E só vamos sair depois de guardarmos os livros.

Rapidamente, as meninas deram conta de organizar a sala. Quer motivação melhor que a promessa de um passeio ao ar livre na praia particular do Palácio Sorvinski?

Durante todo o momento de arrumação, senti os olhos de Alex me observando. Ele ficou parado na porta, com um ombro encostado de maneira despojada no batente, de olho em tudo, ou melhor, em mim. Claro que primeiro cumprimentou as meninas e fez um gesto rápido com a cabeça em minha direção, mas nem se preocupou em nos ajudar, nem disse nada. Só ficou lá, com aquele olhar de lince, avaliando meus movimentos, como um encarregado de turma numa fábrica.

— Precisa de alguma coisa? — indaguei, a personificação da indiferença. Pura fachada.

— Nada, não — disse, todo confortável. — Só estou esperando vocês para o passeio. Vou acompanhá-las.

Deu para perceber o tom? “Vou acompanhá-las” e não: “Posso acompanhá-las?”. É muita confiança, fala sério.

— Não precisa. Vamos fazer um programa feminino, não é, garotas?

— Ah... Mas ele pode ir, se quiser — falou Karol, meio enfeitiçada por Alexander. E quem é que não ficaria? Até uma garotinha de 7 anos.

— Obrigado pelo convite, lindinha — agradeceu, charmoso. — Porque, se dependesse dessa princesa aqui, eu ficaria sozinho, sem nada para fazer.

Encarei-o com fúria. Princesa era a vovozinha. Bom, eu também era, mas não precisava ficar lembrando disso toda hora.

— Você não tem que trabalhar? — questionei. Sim, pois, de acordo com Nome de Cachorro, Alexander já tinha perdido tempo demais comigo.

Ele levantou o punho da jaqueta — a já mencionada, de couro, preta — e checkou o horário no relógio de atleta. Sei disso porque esse tipo de relógio é... bom... Ah, sei disso porque sei.

— Trabalhei o suficiente por hoje. Mereço uma tarde relaxante. Concordam, meninas?

— Siiiiim!

Ai, Senhor. Vencida por dez pirralhas que passaram o dia comigo e deveriam estar do meu lado. O que um homem bonito faz com o cérebro das mulheres? Congela?

— O que vocês acham de a gente pescar? — sugeriu Alex, todo empolgado. — Conheço um lugar superlegal.

— Como assim, pescar? — guinchei, de um jeito nada atraente.

— Bom, a gente usa vara, anzol e isca e joga na água. — Alex cruzou os braços no peito e plantou no rosto uma expressão bem

safada. — Se o peixe for fígado, significa que a gente pescou. Entendeu agora?

Ele estava zoando com minha cara. Que sujeitinho mais irritante! Ou ele se achava muito engraçado, ou sabia que me afetava. Senti o sangue subir para minha face, rompendo o restante de autocontrole que eu ainda possuía.

— Nossa! Essa piada foi hilária. Viu como eu ri? — ironizei. — Agora, vamos, meninas, senão fica tarde.

— Ana, eu estou falando sério. Quero levá-las para pescar. O lago da Caverna do Pirata é um lugar excelente para pescaria. Qual é o problema?

Pus as mãos da cintura e empinei o nariz.

— O problema, Alexander, é que não dá para ir a pé até a Caverna do Pirata. E também não temos o equipamento adequado para essa atividade.

Ele não se deixou vencer. Como aspirante a advogada, meu poder de persuasão ia de mal a pior.

— As meninas chegaram aqui de quê? Vi uma van parada no estacionamento. Imagino que tenha trazido as garotas. — Então, ele andou até parar bem perto de mim e completou: — E o castelo tem um depósito cheio de apetrechos de pescaria. Podemos até escolher. E agora? Mais algum empecilho?

A derrotada na discussão acabou sendo eu. O que mais eu poderia alegar? *Não, Alexander, não vamos com você porque quase morro quando estamos juntos.* Ou então eu poderia dizer também: *É melhor não sairmos juntos mais porque eu mal consigo respirar perto de você.*

Murchei os ombros, sentindo-me diminuída. Em compensação, as crianças ficaram em êxtase. Dispararam um falatório em krosvi e

rodearam Alexander, resolvendo deliberadamente que a companhia dele gerava muito mais diversão do que a minha.

Olhei para minhas roupas. Não eram adequadas para uma pescaria. Afinal, um conjunto de *plush* confortável foi feito para, no máximo, uma caminhada com pouco suor.

Alex, percebendo minha hesitação, questionou:

— O que houve agora?

— Nem as garotas nem eu estamos vestidas para a ocasião.

Com a paciência por um fio, Alex passou a mão pelos cabelos e suspirou:

— Ana, pelo amor de Deus, qualquer roupa serve. Vamos ficar sentados na beira do lago, com as varas estendidas sobre a água. Não estamos saindo para mergulhar. Deixa de fazer drama.

Pronto. Agora ele tinha mexido com meu orgulho.

— Tudo bem. — Virei as palmas das mãos na direção de Alex e baixei a guarda. — Mas vamos depressa, antes que fique muito tarde.

Não preciso nem comentar que o sorriso que ele me lançou fez minhas pernas amolecerem e meu coração mudar de ritmo. Não preciso, embora não me canse de contar.



— Os peixes desse lago não são ornamentais?

— Não se tiverem mais de 30 centímetros. E aqui a maioria tem.

Não gosto muito de pescar porque morro de pena dos peixes. Odeio ver o anzol agarrado na boca dos bichos, o que deve causar uma dor horripilante. Mesmo quando a pescaria é do tipo “pesca e



solta”, fico imaginando a sensação de ter a boca furada e ser largado de volta na água.

Mas as meninas estavam achando o máximo. Cada uma ganhou uma vara e se ajeitou em torno do lago da caverna, repetindo tudo o que Alex havia explicado a elas sobre pescaria.

Graças aos céus, o trajeto até a Caverna do Pirata fora tranquilo. Depois das primeiras semanas falando da princesa declarada da Krósvia, os jornalistas começaram a se dispersar e meu pai manteve as medidas de segurança só por garantia. Está certo que eu ainda não tinha permissão para ir e vir a meu bel prazer, mas só o fato de poder entrar numa van sem Zlafer e Boris já era um imenso progresso.

Achei prudente avisar tia Marieva antes de nos aventurarmos fora dos limites do castelo, mas ela concordou que fôssemos passear, especialmente porque Alex iria junto.

Ele aproveitou o percurso para contar a história do pirata Barba Longa para as garotas e elas ficaram tão ou mais impressionadas do que eu. Pena que Alexander não havia levado a moeda antiga para dar um susto nelas, como havia feito comigo.

Sentada numa pedra, meio longe de todo mundo, como boa observadora que sou, fiquei analisando a situação, tentando ser a mais imparcial possível. Alex era mesmo um cara diferente. Além de todas as características que já contei e repeti não sei quantas vezes, ele também sabia lidar com crianças. Na maior paciência, ele ensinou como segurar a vara e lançar o anzol até mesmo para as menores. Quando uma delas errava, Alexander a encorajava a tentar de novo. Ele evitava falar em krosvi para não me excluir, mas a afinidade que criou com as meninas levou-o a acabar se comunicando na língua materna deles, um ato inconsciente.

Tanta observação me deu sono. Eu acabei deitada sobre a pedra e nem vi quando cochilei. Só sei que tudo começou a perder o foco e as vozes foram ficando abafadas e distantes. Fui sugada por Morfeu.

— Você não vai se aproveitar de mim.

Os pingos de água fria e aquela voz de general me libertaram de meu sonho recorrente. Já me disseram que podemos sonhar uma história inteira durante um sono de 30 segundos. E foi justamente isso o que aconteceu comigo. Nem bem fechei os olhos, todo aquele drama de vestido amarelo, ventania, cabelos revoltos e olhares perdidos passou como um filme em minha cabeça. Esse enredo ainda era um mistério para mim.

— O quê? — ofeguei, assustada.

— Pensa que vai ficar numa boa, dormindo por aí, enquanto tomo conta de todas as meninas?

— As meninas? — Meu susto se elevou ao cubo. — O que houve?

Com um pulo, já estava de pé.

Alex começou a rir de um jeito gostoso, relaxado. Então, esticou o braço e tirou uma mecha de cabelo de meu rosto, ajeitando-a atrás da orelha. A sensação foi a mesma de ter sido eletrocutada numa cadeira elétrica.

— Calma, estou brincando. Não aconteceu nada. As meninas continuam bem ali. — Ele apontou para elas, mas continuou olhando diretamente em meus olhos. Temi que eles revelassem meu segredo mais bem guardado.

— Está na hora de voltar?

— Não. Está na hora de você tentar.

Não entendi, de verdade. Tentar o quê, minha mãe? Falar krosvi? Pilotar a moto dele? Beijá-lo?

Alex pegou minha mão e me puxou consigo.

— Você agora vai pescar.

Retirei a mão e empaquei.

— Não. De jeito nenhum. Não tenho vocação para torturadora de animais. Já é bem difícil para mim ver vocês fazerem isso.

— Ana, não estamos torturando nada. É só uma pescaria. Vem. Eu te ajudo.

Com a mão mais uma vez capturada, deixei Alex me arrastar até a beirada do lago. Olhei para as garotas com cara de “socorro”, mas elas só riram de mim e nenhuma tomou meu partido. Traidoras.

— Alex, é sério, me deixe fora dessa. Além de dó, eu tenho nojo de peixe, morto ou vivo.

Ele nem ligou. Limitou-se a me repassar as regras básicas, fazendo os gestos certos de modo que eu o imitasse.

— Pensei que bastasse lançar a isca na água e esperar o peixe fisgar, se fisgar — comentei, esforçando-me para copiar o que Alex fazia. — Em Minas Gerais, o estado onde moro, as pessoas têm o costume de ir a pesque-pagues. Geralmente, são sítios ou chácaras com lagoas e a gente tem que pagar para pescar. Se quiser, pode levar o peixe pescado para casa ou devolvê-lo à água.

— E o que isso tem de emocionante? — Alexander questionou.

— Absolutamente nada. — Eu ri. — É isso o que estou tentando dizer.

— Não, senhora. Deve ser chato pescar peixes confinados, mas esse não é nosso caso.

Olhei para o lago.

— Não?

— Ana, esse lago é formado pelo mar. Se você mergulhar nele, vai enxergar por onde a água do oceano entra.

— Sério?! — exclamei. — Que bacana!

Alex balançou a cabeça, me desaprovando como se eu fosse uma tapada de carteirinha. E eu devia ser mesmo, porque a linha de meu anzol não ficava reta nem por decreto, enquanto a dele estava esticadinha.

— Ana, você precisa fazer o movimento certo com os braços.

— Eu estou fazendo.

— Não está, não. Precisa fazer assim.

Em questão de milésimos de segundo, Alexander largou seu anzol no chão e passou por trás de mim. Antes que eu tivesse tempo de raciocinar sobre o que acontecia ali, ele encostou o corpo no meu e fechou sua mão direita sobre a minha. Meu corpo inteiro se enrijeceu com o contato e eu perdi a noção do que estava fazendo.

— Levante o braço até aqui.

Com a boca a centímetros de minha orelha, seu comando soou como um mantra inebriante. Tive que lutar para não fechar os olhos e deixar meu corpo se recostar no dele. De repente, eu me tornei ultrasensível. Podia sentir todos os músculos dele e também as batidas de seu coração, além do odor masculino que exalava. Tortura pura e lenta.

— Depois, lance a linha desse jeito.

Que linha? E eu lá ligava para aqueles movimentos de pesca idiotas? Se bem que era por causa deles que Alexander estava

grudado em mim. Acho que vou amar pescarias para sempre.

Agora, sua barba por fazer fazia cócegas em minha nuca. E todas as partes de meu torturado corpo começaram a dar sinal de vida. Fui ficando lânguida e muito empolgada, a ponto de quase perder a rigidez nas pernas e cair de cara no lago.

Será que Alexander tinha ideia do que estava fazendo comigo? Já não era fácil quando não havia aproximação entre nós...

Mas ele não se afastou. Parecia tão entusiasmado como eu, preso naquele joguinho safado de sedução. Mais antigo e barato, impossível.

— Não deu certo — sussurrei, quase inaudível.

— Não. Vamos tentar de novo. — Com uma voz rouca, Alexander pronunciou pausadamente cada uma daquelas palavras, prolongando ao máximo aquele momento.

Só que, em vez de explicar os movimentos novamente, ele fez com que meus dedos abrissem e soltassem o anzol, que caiu no chão de qualquer jeito. Acariciou minha nuca com o nariz, abrindo espaço entre meus cabelos soltos, enquanto subia as mãos lentamente por meus braços, só deixando-os para segurar minha cintura.

A respiração dele se tornou mais difícil e pesada e dessa vez eu fechei os olhos para potencializar a sensação de seu toque. Apesar de minha pele estar quase toda coberta pelas roupas, sentia meu corpo queimar onde Alex tocava. Eu estava prestes a entrar em combustão na frente das dez meninas do Lar Irmã Celeste. Se aquilo não era loucura, não sei mais o que seria. Mesmo assim, eu só queria estar ali e em mais nenhum outro lugar no mundo.

E pelo jeito Alex queria o mesmo. Não havia dúvidas. Ele estava se aproveitando de mim, mas de uma forma boa. Seu nariz manteve

o movimento através de meus cabelos, o que me deixou toda arrepiada.

Já fora beijada antes, é claro, muitas vezes até — ok, não tanto. Mas nenhum dos beijos que recebera chegou a ser tão excitante e sedutor quanto o toque sutil de Alexander. A frase “subindo pelas paredes” tinha acabado de ganhar uma nova versão.

— Ana — ele sussurrou em meu ouvido, roçando os lábios em minha orelha, tão de leve que eu poderia ter apenas imaginado. — Eu...

— Ai, pesquei um! — alguém gritou.

Justamente na hora que as coisas estavam ficando quentes, muito quentes mesmo. Entretanto, elas ficaram frias num piscar de olhos, pois o susto fez Alex se deslocar para trás numa rapidez... Sobraram apenas o vácuo e uma sensação estranha de vazio. Meu corpo queria o dele de volta.

Só fui capaz de perceber de onde e por que o grito havia surgido quando meu cérebro tomou as rédeas da situação. Assim que voltei a pensar racionalmente, enxerguei Karol esforçando-se para puxar da água um peixe muito bem fígado.

Como se nada tivesse acontecido momentos antes, Alex agiu como herói, dando a força necessária para que a menina conseguisse fazer o peixe emergir. E, com a ajuda dele, isso não demorou a acontecer. Em poucos segundos, o animal surgiu chacoalhando-se todo, lutando pela vida prestes a ir embora.

As garotas comemoraram com palmas. Estavam maravilhadas com o resultado da atividade que entrara na agenda do dia de maneira inusitada e tornara-se a sensação do passeio. Mesmo não tendo sido ideia minha, a pescaria completou a felicidade delas e só por isso eu já era grata a Alexander.

Por outro lado, meu corpo ainda tentava processar o fato de Alex e eu termos nos deixado levar pelo impulso, o que poderia ter tomado proporções medonhas caso tivéssemos sido flagrados pelas meninas. E eu não me perdoava por ter sido tão descuidada e tão óbvia. Minha aceitação às suas carícias pode ter revelado a ele o que eu sinto. Como eu sabia que o sentimento não era compartilhado — se fosse, ele não estaria com Nome de Cachorro —, tudo o que eu podia fazer era, além de lamentar, fingir que estava tranquila em relação ao fato. Se Alex quisesse se explicar e pedir desculpas, eu daria de ombros e perguntaria: “Está se desculpando por quê?”.

Eu não aguentaria ouvi-lo dizer que nosso esfrega-esfrega havia sido um erro e que não se repetiria mais, nem que ele tinha sido levado pelo calor do momento etc. Preferia seu silêncio a seu remorso.

— Ana, venha ver o peixe que eu pesquei!

A vizinha excitada da pequena Karol me tirou de minha autorreflexão. Olhei para ela com um sorriso amarelo para disfarçar a angústia. Ignorei Alex deliberadamente.

— Puxa, que peixão! — E, realmente, era um dos grandes. — O que quer fazer com ele? Devolver para o lago ou levar para a Karenina preparar um assado?

Não sei de onde tirei tanta tranquilidade para falar sem gaguejar. Acho que foi o receio de me expor ainda mais.

— Posso mesmo ficar com ele? — Karol indagou, com uma súplica muito mal encoberta. — Queria tirar uma foto para mostrar para minhas amigas que não vieram hoje.

— Se o problema é esse, então está resolvido — Alex disse, muito à vontade por sinal. — Estou com meu celular e ele tem uma câmera excelente.

— Então eu quero uma foto que nem as dos pescadores de verdade!

Segurando o peixe pela cauda, Karol posou para a máquina. Enquanto eu torcia o nariz de nojo do bicho, ela e as outras meninas se divertiram, encorajadas por um Alex alegre e despreocupado. Por fim, acabei me rendendo e me juntei ao grupo para uma foto coletiva. Só não consegui encarar a câmera. Como poderia sorrir para o fotógrafo se eu mal conseguia olhar para ele?





# Papa-paparazzi

Ai. Meu. Deus! Eu queria sumir!

Mas primeiro queria matar Alexander. *Juro mato esse cara!* Não fosse por ele, não estaríamos nessa enrascada internacional. Como eu sairia dessa agora?

Eu deveria ter ficado no castelo com as meninas e só saído para ir à praia particular. Mas não. Tinha que ter dado ouvidos a Alex. Por que não fincara o pé e dissera que não íamos? Não havia jeito de voltar no tempo, de apertar o botão de retrocesso dos aparelhos de DVD, que fazia tudo retornar a um ponto qualquer da história? Desculpem o termo chulo, mas eu estava ferrada. Uma palavra mais bonita não amenizaria a situação.

Depois do episódio do peixe pescado por Karol na Caverna do Pirata, recolhemos os equipamentos e voltamos para a van, que estava estacionada na estradinha que terminava na praia. Alex entrou primeiro e se sentou lá no fundo. Levando em conta que eu queria ficar o mais longe possível dele, sentei-me no banco da frente, ao lado do motorista.

Não trocamos uma só palavra desde nosso deslize na caverna (melhor chamar de deslize o que não tinha explicação). Eu ficara sem graça, Alex ficara sem graça, portanto evitar um ao outro se mostrou a única saída. Pelo menos, ele não quis justificar nada.

No trajeto de volta ao castelo, as meninas queriam ouvir Alex, queriam comentar sobre o sucesso da pescaria e se certificar de que haveria próximas vezes. Tagarelaram durante todo o percurso e eu

aproveitei para fechar os olhos e cochilar. Foi bom, pois assim a viagem pareceu mais rápida.

Alexander e eu fomos deixados no castelo e as meninas partiram de volta para o Lar Irmã Celeste, não sem antes nos despedirmos com abraços, beijos e promessas de repetir a dose.

Parados sozinhos na entrada do palácio, na maior sem-gracice do planeta, Alex e eu parecíamos dois completos estranhos. Nunca o silêncio entre nós havia pesado tanto. Preparei-me para dizer “tchau, até logo” e cheguei a abrir a boca, mas Alex se adiantou e disse:

— Ana, sobre aquilo que aconteceu na caverna...

Meu rosto começou a esquentar. Eu não estava preparada para esclarecimentos, por isso usei toda a minha força de vontade para interrompê-lo:

— Alex, você não precisa me explicar nada, certo? Vamos fingir que não houve coisa alguma. E não houve mesmo, né?

— Como assim, não houve? — Alexander segurou meu pulso sem a menor delicadeza e me fez encará-lo. — Então, por que está tão vermelha?

— Eu não estou vermelha! — quase gritei, enrubescendo ainda mais. — Você só estava me ensinando a maneira certa de pescar!

Alex soltou um suspiro profundo e bagunçou os cabelos com a mão. Parecia nervoso.

— Jura que quer acreditar nisso? — questionou ele, com a voz mais controlada.

— É a única verdade para mim — respondi, de olho na ponta de meus tênis.

— Ok. Então, é a única para mim também.

Quase voltei atrás e gritei que era mentira, que eu só estava com medo de confessar a *verdadeira* verdade. Mas me contive. Lógico que Alexander estava me testando. Ele não era apaixonado por mim. Apenas se deixara levar pelos hormônios.

Nem vi que direção Alex tomou depois. Só sei que eu corri direto para meu quarto e me enfiei na banheira quentinha, pedindo a Deus para deixar de gostar de Alexander e acabar com meu martírio.

Até que relaxei bem, considerando as circunstâncias. Fiquei imersa até a água começar a esfriar e meu corpo parar de tremer feito vara verde, consequência do deslize na caverna. Vesti um pijama de flanela comprado em Belo Horizonte, sabendo que teria que tirá-lo na hora do jantar. Mas, já que eu pretendia passar umas horinhas pendurada à Internet, nada melhor do que uma roupa confortável.

Meu navegador abre direto na página do Google. Costumo checar meus e-mails antes de me aventurar pela web e dessa vez não fiz diferente. Em minha caixa de entrada havia muitas mensagens, algumas enviadas havia muitos dias. Por isso, fiquei mais de uma hora lendo e respondendo a cada uma delas. Não tinha interesse em perder contato com os amigos do Brasil, principalmente porque meu tempo na Krósvia tinha prazo de validade.

Assim que terminei a socialização, abri meu perfil no Facebook. Eu perdera o costume de atualizá-lo, logo, pensei que meu mural houvesse se tornado artigo de museu. Ledo engano. Nem sei quantas postagens novas estampavam minha página, todas publicadas por gente que eu nem conhecia. Pelo menos, não pessoalmente.

ALICE NOGUEIRA

Ana, lembra de mim? Estudamos juntas na quarta série! Estou com saudades. Vamos marcar um encontro? Bjssss!

LUCIANO CARNEIRO

Parabéns, Ana, e parabéns, Brasil! Temos uma princesa de verdade, mesmo eu não sabendo onde fica a Krósvia. Que tal nos conhecermos melhor? Não tenho namorada.

FELIPE FONSECA

Ana, vejo você todo dia na faculdade e te acho muito simpática. Por isso merece essa sorte toda. Conta aí: está gostando dessa vida boa?

MARCOS P. PAULA

Que vida boa o quê! Todos nós sabemos que a monarquia é uma forma de governo arcaica e ultrapassada e só serve para encher o bolso dos monarcas e dar status social a eles. Sou como Cazuzza. Acho que a monarquia fede. Fora, Ana!

CRISTIANE ASSUNÇÃO

Amigo Marcos, Cazuzza disse que a BURGUESIA fede.

MARCOS P. PAULA

E não dá no mesmo? É tudo farinha do mesmo saco, uns esnobes afetados que comem caviar no almoço e faisão no jantar. Mas são incapazes de se misturar com o povo. Isso eles mandam seus capachos fazerem.

FELIPE FONSECA

Cara, você é um revoltado. Vai tomar um banho gelado e deixa a pobre da Ana em paz.

MARCOS P. PAULA

Pobre? Huashuashuash

MARIA EDUARDA BALDEZ

Ana, menina, suas roupas são demais. Que vestido MA-RA-VI-LHO-SO é aquele que você usou outro dia? Conta pra mim, conta? Sou sua fã número um. Xoxoxoxox

Transcrevi as postagens acima a título de exemplo, mas eu nem consegui visualizar todas, porque havia mais de 500! Sério mesmo. O ponto em comum entre todas que li era o absurdo da situação. Fossem elogios ou desaforos, ninguém me conhecia a ponto de escrever coisas a meu respeito. Decidi deletar meu perfil e me livrar daquele lixo eletrônico quanto antes. Exposição de menos não fazia mal.

Só atrasei minha decisão uns minutinhos para fuçar no perfil de Alexander. Entretanto, descobri que ele era um daqueles caras reservados, que evitavam as redes sociais.

Mas não me dei por vencida. Como uma fã fanática, digitei o nome de Alex no espaço de busca do Google só para saber o que andavam falando sobre ele. Logo de cara, apareceram inúmeros links. Teria sido um fim de tarde interessante ficar lendo informações a respeito de Alexander se, no primeiro item da lista de opções, não estivesse escrito:

“Princesa Ana Markov e Alex Jankowski têm dia de pescaria com meninas do Lar Irmã Celeste”.

E, como se não bastasse, uma foto — está certo que meio desfocada — abria a notícia, dada em primeira mão pelo maior jornal do país.

Um paparazzo filho da mãe estivera o tempo todo um passo atrás de nós. Como tínhamos deixado esse detalhe passar?!



— Vocês só podem estar de brincadeira.

Com sua voz moderada, mas nem por isso menos assustadora, meu pai olhava de mim para Alex enquanto nos submetia a um interrogatório digno de um tribunal. Eu estava vivendo a hora mais tensa de minha vida. Desde o momento em que encontrara minha cara toda granulada — mas, ainda assim, minha — pipocando nos sites de notícia da Krósvia, do Brasil e sabe-se lá de onde mais, um bolo se formara no meu estômago e não dava sinais de que pretendia ir embora.

Fiquei grudada na cadeira, esperando pensar em outra coisa, tipo, sei lá, que havia seres humanos em Marte. Nem isso me surpreenderia tanto. E não consegui ser a primeira a comunicar a bomba para meu pai. Acho que a assessoria de imprensa do governo foi mais rápida que eu. Só sei que, de repente, meu quarto foi invadido por uma tropa — e eu de pijama de flanela —, encabeçada por Andrej e com um Alex para lá de desconcertado no meio do fogo cruzado. Bem feito para ele. Quem mandou me arrastar até aquela canoa furada?

— Quem explica primeiro?

Estremeci diante do tom incisivo de meu pai. Anotação mental: Andrej é um sujeito tranquilo, mas é melhor não mexer com ele, não.

Não era o fato de eu ter sido fotografada na Caverna do Pirata curtindo uma tarde de pescaria com Alex e as meninas que estava deixando meu pai possesso. Ele até sabia que a gente tinha saído

porque eu tivera que pedir autorização para tia Marieva. E ela só concordara mediante o ok do irmão. Quem dera fosse só isso.

O problema todo se resumia a um pormenor, um detalhezinho de nada: Alex e eu *naquela* posição, tão grudados que parecíamos um só. Dá para acreditar?

Por que, Senhor? Por quê? O que eu havia feito para merecer essa humilhação pública? Não podiam publicar apenas as imagens inocentes, valorizando meu gesto altruísta? Não dava para destacar meu engajamento numa causa nobre?

— Andrej, o que você acha que estávamos fazendo? — perguntou Alexander, ganhando tempo.

— Você não quer que eu descreva, não é? — Meu pai deu um suspiro tão profundo que pensei que fosse engasgar.

— Pelo amor de Deus, eu só estava ensinando a Ana pescar. O fotógrafo aproveitou a posição para vender mentiras por aí.

*Boa, Alex! Continue afirmando isso. Quem sabe essa mentira deslavada vire verdade...*

— É, pai — fiz coro. — Foi uma foto infeliz, uma ilusão de ótica que esses paparazzi sabem projetar como ninguém. O que você acha que poderia estar acontecendo, afinal?

Andrej se sentou na poltrona perto da lareira, mas não tirou os olhos de mim e de Alexander. Deu a entender que queria ler em nossa cara se havia ou não intenções não reveladas.

— Alex, você tem ideia da repercussão de tudo isso? Ilusão ou não, é o assunto da vez. A imprensa vai especular.

Aparentemente menos tenso, Alexander andou um pouco pelo quarto, mas sem sair do campo de visão de meu pai.



— Eu sei. Mas quero que fique claro que não planejei isso, Andrej. Estou disposto a contradizer a versão dos jornalistas publicamente.

Estremeci. Ouvir aquele espetáculo de voz afirmar que não planejara me assediar — para não dizer apalpar — doeu, viu?

Andrej negou com a cabeça a proposta de Alex.

— Nada disso. Falar só vai ouriçar ainda mais esse bando de urubus. Vamos ignorar.

— Não sei se é a melhor atitude, Andrej — um cara interveio. — Talvez devamos divulgar nossa versão.

— Petrov, o assessor de imprensa é você, mas tenho que discordar. Quero todos em silêncio — exigiu meu pai. — Já passei por situações piores e não me pronunciar fez a poeira baixar mais rápido.

Com um gesto e poucas palavras, Andrej dispensou os invasores de meu quarto, mas pediu que Alex ficasse. Preparei-me para uma bronca pesada.

— Pai, eu não vou poder mais me encontrar com as meninas do Lar? — indaguei, sem coragem de olhá-lo nos olhos.

— Eu não disse isso, disse? Quero conversar em particular com vocês porque vou entender caso queiram modificar a versão que contaram na presença dos outros.

Fiquei imóvel, uma verdadeira estátua de pedra, temendo a resposta de Alex, mas desejando que ele dissesse que, na verdade, era louco por mim e não aguentava mais esconder seus sentimentos, mesmo que essa declaração me custasse a paz e o posto de queridinha do papai.

Infelizmente, querer não é poder.

— Andrej, não existe outra versão, tá? Contamos o que aconteceu de verdade — Alexander garantiu, tão seguro e tranquilo que me deixou irritada.

Porque eu não estava louca. Não imaginei as mãos dele acariciando meus braços e segurando minha cintura, muito menos sonhei com o nariz de Alex traçando um caminho sedutor através de meus cabelos. Mentiroso de uma figa!

— Ótimo. Então, não há com que me preocupar. — O tom alegre e despreocupado voltou à voz do meu pai. — Mas você vai ter um trabalhão para convencer sua namorada da sua inocência, meu filho.

*Tomara que a Nome de Cachorro fique transtornada e decida terminar o namoro e depois viaje para bem longe e fique um bom tempo fora da Krósvia, pensei. Se possível, lá na Sibéria.*

— Nem me diga — Alex murmurou.

— E você, Ana, só por precaução, tente permanecer no castelo. Não quero ver seu nome sendo sequer mencionado pela imprensa marrom.

— Eu não gosto de ficar trancada — reclamei. — Preciso ter o controle de meus passos outra vez, pai. Levo uma vida normal em Belo Horizonte e não pretendo me esconder para sempre. Não sou uma celebridade de Hollywood.

— Sei disso, mas é minha filha e quero você segura. Ainda estou devendo aos jornalistas uma entrevista coletiva com você. Talvez, depois dela, eles fiquem mais sossegados.

Quase chorei de frustração.

Andrej se aproximou e deu um beliscão em minha bochecha, como se eu fosse uma menininha pirracenta.

— Não fique triste, Ana. Tudo passa.

— Não sei. Minha vida está tão devassada que tive que excluir meu perfil no Facebook.

Alexander soltou uma risadinha e nem tentou esconder. Pelo contrário, enfiou o dedo inteiro na ferida.

— Verdade, sua página estava parecendo um muro pichado. É sério, nunca vi tanta mer... digo, tanta mensagem sem noção no mesmo lugar. Eu teria feito o mesmo se fosse você.

Alguém mais percebeu o que eu percebi? Sem querer, Alex tinha acabado de confessar que bisbilhotara a minha página. Levando em consideração que homens não são seres tão curiosos como as mulheres — exceto quando têm um motivo por trás disso —, acreditei então que deveria haver um porquê para Alexander ter me bisbilhotado. Teria ficado animada se não estivesse possessa com seu desdém.

Andrej conservou o sorriso no rosto e retomou o controle da conversa:

— Vou marcar logo a coletiva de imprensa e tentar conduzi-la de um jeito que desvie o foco dos jornalistas de cima desse último episódio. Enquanto isso, é melhor cada um ficar no seu canto. Não queremos mais esse tipo de publicidade.

Entendi o recado nas entrelinhas. Meu pai, sutilmente, exigiu que Alexander e eu parássemos de nos encontrar. Só que ele se esqueceu de um detalhe: não fosse com sua permissão — e insistência —, nós nunca teríamos nos aproximado e talvez eu não tivesse me apaixonado por seu enteado.

Mas, antes de sair e me deixar sozinha em meu quarto, Andrej concluiu sua fala de um modo inesperado:

— Eu me refiro a encontros públicos — ele acrescentou, apontando o indicador alternadamente para mim e para Alex. — Aqui dentro, vocês dois estão liberados.

Então ele nos largou no quarto, a sós.

Confesso que não compreendi a frase final de meu pai. Afinal, estávamos liberados para quê? Alex demonstrou não ter entendido também e pousou seus olhos verdes penetrantes nos meus, cinzentos e sem graça. Houve um momento fugaz de pura química e eletricidade. Entretanto, cedo demais o instante se desfez, levando Alexander consigo, além de meu coração, que já não me pertencia havia um bom tempo.



# Feijoada com farinha

Por alguns dias, a imprensa ficou ruminando meu suposto *affair* com Alexander. Os jornalistas, principalmente os especializados em fofoca — mas não apenas estes —, perderam horas e horas com suposições e conjecturas, afirmando categoricamente que tudo indicava que Alex e eu éramos um casal.

Chegaram a publicar reportagens completas com fontes autenticando a versão sensacionalista de um relacionamento fictício. E, pelo jeito a notícia era quente, uma vez que a mídia custou a largar o osso, inclusive a brasileira. Fui procurada até pela produção do *Fantástico*, o único programa no qual meu pai permitiu minha participação.

Então, as portas do Palácio Sorvinski foram abertas para receber a reportagem do *Fantástico*. Foi gostoso contar como minha vida havia virado do avesso da noite para o dia e a repórter se divertiu quando contei que tanto Ana Maria Braga quanto o Facebook foram os maiores responsáveis pela reviravolta. Ela quis que eu explicasse melhor, então eu disse:

— Minha mãe estava no *Mais Você* preparando uma das receitas maravilhosas dela e, sem querer, meu pai assistiu ao programa e soube que ela tinha uma filha. Ele ligou os pontos e recorreu ao Facebook para chegar a mim.

A pergunta que gerara o verdadeiro interesse do programa finalmente acabou sendo feita e não me importei quando o assunto foi abordado, pois não suportava mais ouvir todos os boatos e invenções de boca fechada.

— E então, Ana, o que há entre você e o Alexander Jankowski?

Antes de responder, acabei suspirando inconscientemente.

— Absolutamente nada — afirmei com toda convicção. Porque era a verdade, gostasse eu ou não.

Desde o fatídico — mas excitante — dia na Caverna do Pirata, não tivera mais nenhuma notícia de Alexander. Ou seja, ele ignorara a ressalva de Andrej sobre estarmos livres para passar nosso tempo juntos desde que dentro dos limites do castelo. Portanto, o que mais eu poderia dizer? A única resposta possível era que não tínhamos um relacionamento. Ele não queria nada comigo e uma pessoa sozinha não formava um casal. Simples assim.

Soube que Nome de Cachorro havia armado a maior tempestade quando tivera acesso às fotos do paparazzo — que, aliás, estava lucrando horrores às minhas custas. Irina comentou que fora um barraco daqueles, com direito a quebra-quebra no apartamento de Alexander. Como ela soubera disso? Não me perguntem, mas tenho um palpite: Andrej Markov.

Laika ameaçara terminar o namoro, mas Alex acabara dominando a situação. Conclusão: gostava mesmo da garota, pois a deixa não poderia ter sido melhor.

Depois dessa, caí num processo meio depressivo. Não havia solução para meu amor platônico. No castelo, ninguém entendia meu abatimento, embora quase todo mundo apostasse que a causa fosse a privação de liberdade à qual fui submetida.

As meninas do Lar Irmã Celeste mantiveram suas visitas e só não me deixei embalar totalmente pela melancolia por causa delas, que se tornaram pessoas muito especiais em minha vida. Elas iam até o castelo pela leitura, mas sempre escapávamos para um

passeio pelos arredores, às vezes acompanhadas por Bruce, de vez em quando por Irina e até por tia Marieva e suas crianças.

Esse meu novo lado altruísta também foi explorado na entrevista ao *Fantástico*. Consequentemente, passei a ser comparada a Lady Di, a princesa do povo, dos pobres. Para dizer a verdade, detestei a comparação. Não por Diana, é claro. Só achei uma baita forçada de barra, uma vontade louca de me rotular de uma forma ou de outra.

Mais uma injeção de desânimo.

E o tempo, senhor soberano de nossos destinos, foi passando, empurrando-me para a segunda metade de minha estadia na Krósvia, fato que me consolava, mas também alimentava minha angústia. A situação passou a ser a seguinte: num dia, eu desejava voltar para casa; no outro, chorava só de pensar nisso. Êta hormônios desajustados!

No final de novembro, consegui pagar a promessa de preparar e oferecer uma feijoada a tia Marieva e sua família. O clima contribuiu, pois estava frio, ou melhor, gelado. Escrevi uma listinha de ingredientes e pedi a Jorgensen que fosse ao mercado de importados. Lá, ele achou tudo, inclusive farinha de mandioca torrada na Bahia. Eu estava disposta a caprichar, a fazer com que meus convidados krosvianos jamais se esquecessem do famoso prato brasileiro.

Expulsei todo mundo da cozinha e implorei a Karenina que não aparecesse para bisbilhotar. E fiz mais: convoquei-a para o almoço, não como cozinheira, mas como convidada de honra. Olha, ela chiou, viu? Debulhou um monte de desculpas, mas eu não quis nem saber. O dia era meu, assim como o fogão.

Por estar concentrada no preparo da feijoada, não vi o momento exato em que tia Marieva entrou no palácio, mas logo



soube da chegada, pois consegui escutar os gritinhos de meus primos. Ninguém foi me cumprimentar, já que deixara ordens expressas para nenhum ser humano aparecer na cozinha.

Distraí-me completamente temperando e cortando as carnes, fritando as costelas, os paios, os pedaços de lombos, as fatias de bacon. Cozinhei o feijão preto, descasquei as cebolas e os alhos e piquei a couve com uma precisão cirúrgica. O ambiente foi sendo impregnado pelos odores da culinária brasileira. Se o sabor da feijoada estivesse tão bom quanto o cheiro, calorias subiriam naquele dia.

Em outra panela, refoguei o arroz do jeito que aprendera com minha mãe. Primeiro, coloquei um filete de óleo de canola e fritei os grãos. Só depois temperei com uma colher de sal com alho, mexendo bem para espalhar o tempero. O segredo para deixá-lo soltinho era colocar água previamente fervida sobre o arroz frito e cozinhá-lo em fogo baixo.

Descasquei e fatiei laranjas frescas, refoguei a couve e, antes de servir meus convidados, separei um vidro de pimenta malagueta, um tesouro que Jorgensen trouxera para mim do mercado. Pronto: a hora da verdade havia chegado.

Uma empregada surgiu para me ajudar a levar a comida para a mesa, que já estava divinamente posta. Por um instante, vacilei. Meu cheiro não estava adequado para a ocasião, muito menos minha aparência. Uma manhã inteira dando uma de Tia Anastácia acabava com o charme de qualquer um. Mas tomar um banho era um luxo que eu não poderia me dar naquele momento. Estavam todos me esperando.

Eu só não esperava que entre *todos* Alex estivesse no meio. Semanas sem vê-lo não foram suficientes para que eu o esquecesse, nem para que minha paixão diminuísse. Pelo contrário. Quando

nossos olhos se encontraram — ele, sentado em frente à grande mesa da sala de jantar, e eu, carregando um caldeirão de feijoada —, senti meus músculos se contraírem dentro do peito e uma vontade louca de pular no pescoço dele e beijar aquela boca sensual quase me dominou.

Ainda bem que Nome de Cachorro não fazia parte do grupo. Caso contrário, acho que seria capaz de entornar o caldo de feijão na cabeça loira dela.

Só desviei meu olhar de Alexander porque palmas entusiasmadas chamaram minha atenção. Com certeza elas não tinham nada a ver com minha beleza — ou com a falta dela naquele momento. Aposto que a comoção foi motivada pelas barrigas roncando.

Karenina me olhou com timidez, pois acredito que nunca na vida já estivera sentada naquela cadeira, desfrutando da posição de servida e não de servidora. Irina era só sorrisos e aprovação. Marcus, o marido de tia Marieva, parecia um cachorro raivoso, pois quase pude ver uma baba escorrendo nos cantos de sua boca. Eca!

— Servidos? — perguntei, de repente muito inibida e insegura.

Meu pai, com cara de esfomeado, suspirou:

— Já era tempo!

E como se fôssemos uma família comum, daquelas que a maioria das pessoas tem, atacamos a feijoada, falando e gesticulando, atropelando uns aos outros, fazendo brincadeiras, enfim, deixando-nos levar por uma sensação de bem-estar até então inédita para mim desde que chegara à Krósvia. Nada de criados fazendo as honras de servir um a um, nada de formalidades desnecessárias. Éramos apenas nós, uma família muito barulhenta e animada, empolgadíssima com o prato de domingo.

— Menina, suas mãos são mágicas. — O elogio foi feito por Marcus. — Esta feijoada está divina!

Agradei polidamente.

— É verdade, querida. Até as crianças comeram — completou tia Marieva, admirada com o apetite dos filhos, normalmente chatos para comer.

— Você vai ter que aprender a fazer isso, Karenina — avisou meu pai, já no terceiro prato. Notei que ele havia não só aprovado a farinha de mandioca, mas consumido boa parte dela.

— É. Quando a Ana for embora... — Irina começou a falar, mas deixou a frase morrer. De repente, ninguém sorria mais.

— Ana, você vai embora? — indagou minha priminha Giovana, com uma carinha que só as crianças sabem fazer quando se decepcionam. Senti meu coração partir.

Todos me encararam, na expectativa de minha resposta. E eu preferia ter que comer milho cru a discutir aquele assunto à mesa do almoço.

— Daqui a uns meses, lindinha. Ainda vai demorar um pouquinho. — Quis parecer despreocupada e sorri para autenticar a fachada tranquila.

— Por que você não pode ficar para sempre? — Foi a vez de Luce questionar.

Lá se foi a alegria do almoço. Por que Irina tivera que abrir a boca?

— É complicado, Luce — murmurei, apoiando o garfo no prato. — Gostaria de poder ficar mais, mas deixei minha mãe para trás, meus avós, minha faculdade...

— E quando você se for, vai deixar o tio Andrej, minha mãe, a gente — ela apontou para si e para os irmãos —, o Alex. Não dá no mesmo?

Aquele, sim, era um argumento e tanto. Menina danada, me deixou numa sinuca de bico! Ouvi meu pai fazer um barulho com a boca, como se dissesse: “explica essa agora, Ana”. Relanceei o olhar para Alexander, cuja expressão me desafiava a prosseguir.

— Sim, vai ser muito triste partir — admiti. — Quando eu voltar para o Brasil, vou sentir muita *saudade* de todos vocês. Muita, muita, muita *saudade*.

Como já era costume entre nós, conversámos em inglês. Mas a palavra *saudade* eu fiz questão de pronunciar em minha língua-mãe, para expressar com exatidão o que sentiria ao deixá-los para trás.

— *Saudade?* — tia Marieva repetiu, com uma pronúncia engraçada. — Como assim?

— Sempre ouvi dizer que *saudade* é uma palavra exclusiva da língua portuguesa. Quando dizemos que estamos com *saudade*, significa que sentimos uma falta tão imensa de alguém que a dor queima no peito. É como se a alma ficasse meio perdida sem a proximidade das pessoas de quem temos *saudade*.

Todos me escutaram com atenção, até as crianças. Acredito que estavam processando a explicação que dei e procuravam entender a dimensão do tal sentimento. Alex me olhava de um jeito novo. Parecia melancolia misturada com alguma outra coisa, algo intenso e meio irracional. Mas não consegui identificar o que era.

— *Saudade* é ruim — Giovana concluiu.

— Dependendo do ponto de vista, sim. Ela só é boa quando sabemos que podemos matá-la, ou seja, quando reencontramos quem não está por perto.

— Então, por que você não fica na Krósvia, Ana? E vai ao Brasil só para... matar a saudade? — sugeriu Luka, com toda a sua inocência infantil.

— Bom, acho que daqui para a frente vou viver sentindo e matando saudade, de uma forma ou de outra.

Tia Marieva assentiu. Seus olhos brilhavam, acho que de emoção.

— Crianças, não deixem a Ana triste. Claro que ela vai estar sempre conosco, sempre que puder vir, não é, querida?

Balancei a cabeça, concordando. Mas não queria falar mais. Se fizesse isso, correria o risco de engasgar, levando em consideração quanto meu peito doía. Falar de saudade era tão ruim quanto sentir. Mas pior ainda era sentir saudade de alguém que provavelmente não retribuiria esse sentimento. Portanto, quando a falta de Alexander apertasse de meu lado do Atlântico, seria a saudade mais solitária do planeta.



Tivemos aquele momento deprê durante o almoço, mas ele passou. Com um jogo de cintura digno de uma contorcionista, tia Marieva driblou a saia-justa. O assunto feijoada voltou ao topo das conversas e nós nos deixamos levar pela letargia provocada pela barriga cheia.

Acabamos todos esparramados nas espreguiçadeiras do terraço, com clima frio e tudo, enquanto saboreávamos um cafezinho, indispensável depois de uma comilança daquelas.

O final da tarde chegava lentamente, colorindo o céu de rosa, um indicador incontestável da noite gelada que se aproximava. Já com o repertório de assuntos meio esgotado, passamos a falar de

música. Ao afirmar que era fã de Bon Jovi, Alex abriu um sorriso cheio de intenções obscuras e soltou essa:

— Já vi que não sabe que os caras vão dar um show aqui em Perla na próxima sexta-feira. — Ele balançou a cabeça. — Está desinformada, hein?

— Como é? O Bon Jovi, aquele Bon Jovi lindo, maravilhoso, espetáculo, vai fazer um show aqui?

Alexander franziu as sobrancelhas, com cara de nojo.

— Lindo, maravilhoso, espetáculo, tudo isso é por sua conta — desdenhou ele. — Mas o show vai acontecer mesmo. Estão montando um palco na praia, em frente ao meu prédio.

Abri a boca e me esqueci de fechar. Nunca tinha ido a um show de Bon Jovi. Na última apresentação da banda no Brasil, minha mãe não me deixara ir, pois eles não se apresentaram em Belo Horizonte e viajar para o Rio de Janeiro ou São Paulo no meio da semana não era uma boa ideia. Pelo menos para ela. E agora lá estavam eles, ou melhor, ele, Jon Bon Jovi, em Perla.

Encarei meu pai na esperança vã de que ele permitisse minha ida ao show. Mas nem cheguei a pronunciar um pedido. Andrej foi mais esperto:

— Nem me peça para ir. Imagine você, em público? Não faz o menor sentido.

— Paaaiiii... — Fiz beicinho, não para comover, mas porque estava mesmo disposta a implorar. — Por favor. Eu me disfarço, coloco um boné, pinto o cabelo de roxo, visto uma burca. Mas não me impeça de ir. Eu amo o Bon Jovi!

Meu apelo só serviu para provocar uma gargalhada grupal. Acho que mencionar a burca foi meio demais.

— Não vamos negociar isso, Ana. Fim de papo.

*Droga, droga, droga, droga! Quero a minha vida de volta!*

Saí da espreguiçadeira num pulo, preparada para fazer uma retirada teatral, puxando a capa num gesto dramático (se eu estivesse de capa, digo).

— Andrej, é claro que a Ana não pode assistir ao show no meio do público. — Nem acredito que Alex teve a coragem de concordar com meu pai na minha cara. Que cretino! — Mas da minha varanda tudo bem, concorda?

Da varanda dele? Como assim?

— Da sua varanda...

— É. Vou ter uma visão privilegiada. O palco está na frente do meu prédio. Pensei em reunir uns amigos lá em casa e assistir ao show da varanda ou da cobertura. E, se você deixar, levo a Ana comigo.

Aquele homem existia, gente? Ele era de verdade? Porque não parecia. Agora, mais essa. Ir para a casa dele. Ficar com ele na casa... dele. Ouvir Bon Jovi gritar *Always* da casa dele. *Céus, vocês estão me enviando um sinal?* Era o que parecia.

Depois, lembrei que Alex dissera algo sobre reunir os amigos. Isto é, não estaríamos sozinhos. Melhor admitir que a oferta era por caridade. Mesmo assim, eu não recusaria. Ah, não! Em que outra vida eu teria a oportunidade de ver Jon Bon Jovi de perto — ou quase — e escutar suas músicas ao vivo? Talvez nunca mais.

Fiz cara de desesperada para Andrej. Tive medo de falar e comprometer o efeito da expressão desolada.

— Alex, que amigos vão estar lá? — meu pai quis saber.

Apertei a mão de tia Marieva com força. Uma súplica velada.

— Alguns, só os mais chegados e confiáveis, Andrej. Ninguém vai tirar pedaço da Ana. Prometo.

Bom, se *ele* quisesse tirar não só um, mas vários pedaços, eu não me oporia.

— E a Laika? Depois daquele episódio...

Meu pai tinha que se lembrar de Nome de Cachorro?

— Ela já está mais calma — assegurou Alex. — Pode ficar sossegado, Andrej, eu tomo conta dela, ok? Ninguém vai se aproximar da nossa Ana, nem sequer encostar um dedo nela.

Homens são uns insensíveis mesmo. Nenhum dos dois se preocupou em pedir minha opinião! E aquela coisa de *nossa Ana*? De onde Alexander tirou essa? Se ele quisesse mesmo ter algum direito sobre minha pessoa, era só pedir. Não deveria ficar fazendo insinuações levianas. Afinal, eu não tinha sangue de barata.

Entretanto, Andrej disse sim. Não sem antes desfiar um terço de recomendações na cabeça de Alex e listar uma infinidade de poréns relacionados a meu bem-estar. Eu era muito sortuda mesmo. Vivera minha vida inteira fazendo quase tudo que queria e agora, com quase 21 anos, eu dependia do consentimento de meu pai para tudo.





# It's. My. Life.

— Ana, pelo amor de Deus, não se exponha. — meu pai pediu minutos antes de eu ser levada por Jorgensen até o apartamento de Alexander.

Fiz que sim de qualquer jeito, dei-lhe um abraço apertado e corri porta afora, com medo de Andrej voltar atrás. Meu coração ribombava dentro de mim, injetando entusiasmo em cada célula de meu corpo. Fazia um bom tempo que eu não curtia um programa de verdade. E esse tinha tudo para ser inesquecível, exceto pelo fato de que Nome de Cachorro também estaria lá.

Azar. Evitaria ficar perto dela. Se fosse preciso, arranjaria um canto isolado e assistiria ao show quietinha, na minha, só para não provocar um alvoroço.

O porteiro do prédio de Alex estava avisado sobre minha chegada. Portanto, quando Jorgensen apareceu na entrada de veículos do edifício, o portão da garagem foi aberto instantaneamente.

Tive uma descarga de adrenalina assim que desci do carro. Prestes a entrar no reduto de Alexander, só conseguia pensar em minha aparência. Sabia que caprichara no visual ao escolher um vestido vermelho bem curto, de um ombro só, com a única manga longa. Calçara sandálias que valorizaram minha silhueta esguia. Deixara os cabelos soltos e me maquiara com sofisticação. Passara perfume atrás das orelhas, nos pulsos e entre os seios. J'adore. Francês. Maravilhoso e sedutor. Estava vestida para causar.

Mas fui obrigada a jogar um casaco comprido por cima de tudo, porque o final do outono em Perla não estava fácil, não. No entanto, era um casaco lindo, cor de pérola.

Ao entrar no elevador, fitei minha imagem no espelho e gostei do que vi. Definitivamente, não me arrumara para parecer uma princesa angelical. Dessa vez, não pensei em decoro nem compostura, muito menos na fama injusta das brasileiras.

Mas ainda assim — ou principalmente por isso —, meu peito retumbava num compasso frenético. A sensação piorou quando finalmente cheguei ao andar de Alexander, o último de um prédio de oito, e toquei a campainha.

Enquanto esperava que abrissem a porta, observei o hall de entrada, com a concentração meio desfocada por conta da agitação interna. Não reparei muito. Notei as cores claras das paredes e o chão de mármore. Também vi umas esculturas num aparador, mas foi difícil definir as formas. Minha visão só queria captar o que estava dentro do apartamento, ou melhor, quem estava lá, o dono.

Tremi quando visualizei uma sombra obscurecendo o olho mágico. E quase caí no momento em que a porta foi aberta. Com uma barba por fazer sombreando seu rosto másculo, calça jeans escura, camisa de botão creme com as mangas arregaçadas até os cotovelos e botas de combate, não podia existir no mundo um homem mais gostoso do que Alex.

Seus olhos se detiveram nos meus durante um breve instante e, logo depois, passearam sobre meu corpo de modo avaliativo. Não dissemos nada enquanto nos examinávamos.

Alexander estendeu uma mão para mim e eu a segurei. Então, ele me puxou para dentro e me deu um beijo rápido, mas suave, no rosto. Minha pele formigou no lugar onde ele encostou os lábios. E meu estômago pareceu ter sido atacado por um enxame de abelhas.

— Então a princesa conseguiu fugir da torre?

— Salva pelo... — Ia dizer “príncipe encantado”. Seria a maior das humilhações que já passara na vida. Ainda bem que refreei minha língua solta, mal comandada por um cérebro lento, e disse: — Cavaleiro sem armadura.

A emenda não ficou muito melhor que a frase original. Esta minha boca só me causa problemas.

Alexander arqueou uma das sobrancelhas e se posicionou atrás de mim. Da última vez que isso acontecera, nossas fotos foram parar nos jornais de fofoca e eu quase perdera a cabeça. Mas agora ele apenas queria me ajudar a tirar o casaco. Aliás, não entendo essa tradição nos países frios. No Brasil, se você sai de casaco, fica com ele até o final da festa. Faz parte do figurino.

Bom, permiti que me ajudasse e até me deixei sonhar um pouquinho, imaginando aquele mesmo gesto num outro contexto, de preferência um que envolvesse travesseiros, lençóis e lingerie da Victoria's Secret.

Voltei a ficar de frente para Alex assim que me vi sem o sobretudo, que foi pendurado num gancho ao lado da porta. Por causa do aquecedor, não senti frio, mesmo estando coberta somente por um ínfimo pedaço de pano.

— Fica bem de vermelho.

Senti que aquele foi o jeito de Alex expressar que tinha me achado bonita. Ou isso, ou eu era uma completa idiota mesmo, por enxergar o impossível.

Despistei minha falta de graça examinando a sala de estar de seu apartamento. O lugar autenticava o trabalho dele como arquiteto, pois era de muito bom gosto. Estranhamente, não havia qualquer outra pessoa lá além de nós dois.

— Onde estão seus amigos? — quis saber, curiosa. Se fosse uma emboscada para ficarmos juntos, eu seria grata pelo resto da vida.

— Lá em cima. — Alexander apontou para uma escada no fundo da sala. Então, minha ilusão se desfez. — Estão na cobertura. O show ainda não começou e o pessoal já está enchendo a cara de álcool. Acredito que o Bon Jovi seja só um pretexto.

— Não para mim — retruquei. — Vim aqui por causa dele e não pelas bebidas.

— Grande fã, hein!

— Desde sempre.

Rimos.

Antes de me levar até seus convidados, Alex me mostrou o primeiro andar do apartamento, sem chegar aos quartos. Demoramos um pouco mais na varanda, cuja visão do palco onde aconteceria o show era espetacular. Não me importaria se tivesse que ficar ali, sozinha, com um binóculo nos olhos, aproveitando a apresentação como se ela fosse dirigida só a mim.

— Venha conhecer o pessoal. Estão todos curiosos a seu respeito.

Eu me encolhi. Torci para que ninguém decidisse me bombardear com perguntas.

Subimos as escadas em caracol, Alexander na frente. Tomei a decisão de ir atrás por medo de dar “showzinho”. Sabe como é. Saia curta, calcinha à vista. Minha avó sempre me alertara sobre esse risco.

Todas as cabeças voltaram-se em minha direção no momento em que pisei na cobertura. Havia pelo menos umas sete pessoas lá,

encarando-me como se eu fosse uma ave rara. Não ensinaram a elas que é feio encarar os outros?

Alex fez uma apresentação geral, em inglês, sempre:

— Gente, esta é a Ana, filha do meu padrasto. Ana, estes são meus amigos.

Devo ter ficado da cor de meu vestido. Lá estava eu no centro das atenções de novo. Ainda bem que não fui ovacionada nem fizeram reverências para mim. Só faltava essa. Breves acenos de mãos e cabeças selaram as apresentações e pronto. Graças ao bom Deus.

Meio sem saber o que fazer, fingi estar interessada nas estrelas que pipocavam no céu. Até que um ser canino, mas pouco amistoso, entrou em meu campo de visão, fazendo meu estômago espantar as abelhas festeiras e receber um bolo de argamassa quente.

— Ana, então você veio! — Laika não era um amor? Criatura mais doce.

— Olá, Laika — disse, já arrependida por estar ali. — Pois é. Não perderia essa por nada.

Antevendo uma tempestade a sudoeste, Alexander se colocou entre nós.

— Laika, a Ana adora o Bon Jovi.

— E quem não gosta, não é? Mas estou admirada por seu pai ter permitido essa escapadinha, Ana. Soube que ele anda tão protetor.

Cada palavra daquela garota continha uma dose quase mortal de veneno. Uma vez eu tentara fazer uma lista de prováveis defeitos de Alexander, mas desistira antes de conseguir chegar ao item um. Agora eu sabia qual encabeçava a lista: Laika. Um homem normal,

com todas as suas faculdades mentais, não namoraria uma ogra daquelas.

*Mas adivinhe, Nome de Cachorro: produz veneno também.*

— Anda mesmo. Protetor demais. Mas basta o Alex entrar no meio da história que o Andrej cede.

*O que foi esse som? Um rugido? Ha, ha, ha, ha! Durma com essa, branquela!*

— Não vai ter que ir embora à meia-noite? — ela questionou, meio que brincando.

Mas Alex não aprovou o comentário, pois olhou para a namorada de um jeito irritado, doido para interromper as alfinetadas.

— Pensei em dormir aqui. — Pensei, coisa nenhuma. Ou melhor, até pensei. Fantasiei, na verdade. Mas não falei sério. Mas vi o rosto de Laika perder o controle e se obscurecer com uma nuvem de indignação e continuei: — Posso, Alexander?

Fiz tudo de propósito. E ainda o chamei do jeito que gostava, enfatizando a pronúncia abrigileirada.

Um leve rubor tingiu as faces dele, o que muito me impressionou, pois nunca vira Alex corar, nem uma vez sequer. Sorri de satisfação. Laika e eu estávamos ansiosas por sua resposta. Eu, particularmente, queria ver como ele sairia dessa.

— Bom...

Cortei-o, pois tive outra ideia brilhante:

— Eu não trouxe roupa, mas não me importo de usar uma camisa velha, Alexander.

— Tudo bem, Ana, mas pensei...

Simulei uma gargalhada, como se a piada tivesse sido hilária, para então esclarecer:

— Gente, estou brincando. Não tenho a menor intenção de passar a noite aqui. O Jorgensen vem me buscar quando eu ligar.

Laika soltou o ar devagar. Numa boa, a insegurança dela beirava a doença. Será que a garota não percebia que Alex não estava nem aí para mim? Que tipo de ameaça ela pensava que eu era?

— Ana, tudo bem se quiser ficar. — Alexander finalmente reencontrou sua voz. Mas reestreeou-a com a frase errada. Nome de Cachorro encarou-o, perplexa. — Amanhã eu te levo de volta ao castelo. Não tem problema.

Convite tentador. Mas eu não tinha vocação para masoquista. E se Laika também resolvesse ficar? E não estava deduzindo que seria no quarto de hóspedes.

— Imagina. Era brincadeira mesmo. Já combinei tudo com o Jorgensen, tá? Mesmo assim, obrigada.

Dito isso, afastei-me do casal. E tomei uma decisão definitiva: depois daquela noite, manter-me-ia afastada deles para sempre. Eu não tinha condições psicológicas para continuar sofrendo a tortura de vê-los juntos, apaixonada como estava por Alex.

Fui até o bar e me servi de uma Coca-Cola. Tomei a bebida devagar, imaginando que talvez fosse melhor antecipar minha volta ao Brasil. Não que isso pudesse me fazer sofrer menos, mas pelo menos não precisaria olhar para ele e pensar que a história teria sido diferente caso eu estivesse no comando.

Também não sei se teria estrutura para seguir em frente e me preparar para outra. Estranho pensar que eu não fazia ideia do que era o amor até conhecer Alexander. E, quando descobri o significado do maldito sentimento, não tinha permissão para desfrutá-lo.



Daria foco a meu curso de Direito assim que retornasse a Belo Horizonte. E nada, nada de homens por um bom tempo. Quem sabe nunca mais?

Na praia, o público explodiu num grito poderoso. Um estrondo como o de um trovão anunciou a entrada de Jon Bon Jovi no palco. Corri até a ponta da cobertura, com o sangue pulsando rápido em minhas veias, mal acreditando que finalmente assistiria ao vivo ao show de uma de minhas bandas favoritas. Deu para enxergar Jon direitinho de onde eu estava, pena que não tão nitidamente quanto eu gostaria.

Os amigos de Alex se apertaram a meu redor e eu praguejei baixinho. Que coisa! Como cantaria a plenos pulmões as músicas que sabia de cor? E na hora que “*Livin’ on a Prayer*” começasse?

Então eu me lembrei da varanda e escapei sorrateiramente para lá. Que maravilha! Sozinha e com o espaço todo para mim, soltei a voz, acompanhando Bon Jovi com a letra de “*Bed of Roses*”.

*I wanna lay you down in a bed of roses*

*For tonight I sleep on a bed of nails*

*I wanna be just as close as the holy ghost is*

*And lay you down on a bed of roses.*

— Uau! Perfeito!

Uma voz estranha surgiu atrás de mim e palmas entusiasmadas fizeram a trilha sonora para ela.

— Além de princesa da Krósvia, linda e sortuda, você canta bem. Que surpresa!

Não gostei do tom. Ou será que a desconfiança passara a ser minha eterna companheira, pelo menos desde que eu me tornara

uma pessoa pública? Mas o dono da voz era um cara bonitinho, com rosto de menino, e não demonstrava sarcasmo nenhum.

Ele estendeu uma mão para mim e disse:

— Sou Viktor. O Alex e eu somos amigos desde os tempos de escola. Acho que não fomos apresentados direito.

Apertei a mão dele, um pouco contrariada por ter perdido o foco do show.

— Ana.

— É claro. Também conhecida como a quase-irmã do Alexander. Estou feliz por finalmente conhecer você.

A expressão quase-irmã era ridícula. Irmão só se é ou não. Nada de quase. Voltei a olhar para o palco exatamente no instante em que Jon Bon Jovi gritava *It's my life*. Fiz uma prece silenciosa para que o tal Viktor ficasse de boca fechada.

Mas ele pensou que podia se aproximar de mim, a ponto de ficar ombro a ombro comigo. Recuei um pouco, só para desencostar.

— Vi você na TV.

— Sério? — *Ai, Senhor!*

— Acompanhei sua cerimônia de apresentação. Foi incrível!

— Nossa! Que bom! — *Que saco!*

— Você aguentou bem.

— Verdade.

Ele fez uma pausa. Suspirei. Ainda era cedo demais para comemorar. Viktor realmente recomeçou a ladainha:

— Não deve ser fácil ter uma vida pública. Dessa última vez, a imprensa pegou pesado.

*It's my life, it's now or never.*

— Sim.

— Não sei por que os jornalistas pensaram que você e o Alex tinham alguma coisa. Ele e a Laika são apaixonados um pelo outro. O país inteiro sabe disso.

*My heart is like an open highway.*

— Pois é. — *Alguém pode tapar a boca desse cara, por favor?*

— Quer dar uma volta?

*It's. My. Life.*

Nem me dei o trabalho de responder. Deixei Viktor com sua própria companhia enfadonha e peguei meu casaco antes de abrir a porta e escapar daquela festinha particular no apartamento de Alex.

Está certo que esse não era o combinado e meu pai poderia me matar se descobrisse. Mas eu não pensei muito e desci de elevador até o hall do prédio, apertando o sobretudo no peito tanto para me esconder do frio quanto com o objetivo de não ser reconhecida pelo porteiro.

Na verdade, quem teria a capacidade de me reconhecer se naquela praia escura eu era apenas mais uma na multidão? Sim, porque foi isso o que fiz. Ao chegar à calçada do edifício, atravessei a rua e pulei na areia. Minhas sandálias afundaram no terreno fofo e eu as retirei do pé. Caminhei descalça, embalada pela voz límpida e melodiosa de Jon Bon Jovi, abrindo caminho entre as pessoas e ciente da possibilidade de ser descoberta por alguém.

Abaixei minha cabeça e usei o cabelo para esconder o rosto, um tanto quanto figurinha carimbada na mídia nos últimos tempos. Ah, e que se danasse tudo! Como a música proclamara minutos antes, aquela era minha vida e eu tinha o direito de fazer o que quisesse.

Ser reconhecida não poderia ser o fim do mundo, poderia? Afinal de contas, o que fariam comigo? Arrancariam minhas roupas?

No palco, a banda iniciou os acordes da canção que me deixava arrepiada toda vez que a ouvia, independentemente do lugar ou da situação. Quando “*In These Arms*” começou, parei de andar entre a plateia e deixei música e letra me consumirem. Até porque, naquele momento, me dei conta de que ela se encaixava perfeitamente à fase “amor platônico” que eu estava vivendo:

<i>You want commitment Take a look into these eyes They burn with fire, yeah Until the end of time I would do anything I'd beg, I'd steal, I'd die To have you in these arms tonight</i>	<i>Você quer compromisso Dê uma olhada dentro destes olhos Eles queimam como fogo, sim Até o fim dos tempos Eu faria qualquer coisa Eu imploraria, eu roubaria, eu morreria Para ter nestes braços esta noite</i>
--	---

Movi meu corpo seguindo as batidas, arrebatada pela letra, pela situação, mas também mortificada pela impossibilidade da concretização de meus desejos. Caso eu decidisse sofrer mais um pouquinho, ficaria bem perto de me tornar uma poetisa ultrarromântica, consumida pelo amor e desesperada porque não era correspondida. Que patética eu era!

Na segunda estrofe da música, já não enxergava ninguém a meu redor. Era como se eu estivesse em meu banheiro, cantando apenas para as paredes.

*Baby I want you like the  
roses  
Want the rain  
You know I need you  
Like a poet needs the pain  
I would give anything  
My blood my love my life  
If you were in these arms  
tonight*

*Querida, eu te quero como as rosas  
Querem a chuva  
Você sabe que eu preciso de você  
Como um poeta precisa da dor  
Eu daria tudo  
Meu sangue, meu amor, minha vida  
Se você estivesse nestes braços esta  
noite*

Inevitável pensar em Alex e em seus braços fortes, além da tatuagem totalmente sexy que preenchia muitos de meus sonhos mais... bom, sabe como é.

Inevitável também foi escutar meu nome emergir de algum lugar no meio do público e ser repetido por um conjunto cada vez maior de vozes. Santa mãe do céu, eu havia sido descoberta!

De uma hora para outra, rostos e corpos se moveram em minha direção e tudo o que consegui fazer foi ficar parada, congelada em estado de choque. Meus pés não saíam do lugar. Eu queria correr, fugir bem depressa. Por que não me movia? Será que estava num sonho?

Soube que a resposta era *não* ao ter o braço agarrado por uma mão forte, que me puxou bruscamente, libertando-me do torpor.

— Corre, Ana!

Ser princesa tem o poder de fazer isso: transformar a vida das pessoas num semiconto de fadas. Eu deixei de estar em apuros para ser literalmente salva por meu príncipe encantado. Só faltou o cavalo branco, mas isso eu dispensava devido às circunstâncias.

Sem raciocinar nada, obriguei minhas pernas a acompanhar o ritmo alucinado de Alexander, que havia se materializado na minha frente por puro milagre de Deus. Ah se não fosse ele... Eu já teria virado massa de panqueca.

— É a princesa Ana! — o povo gritava, mas não todo mundo. Ainda bem. Já pensou se o show fosse interrompido por minha causa?

*Flashes* de máquinas fotográficas espocavam feito fogos de artifício. Não sei que desejo mórbido é esse que as pessoas têm de querer registrar os momentos mais bizarros da vida dos outros.

Na correria, perdi minhas sandálias. Elas teriam sido excelentes armas caso algum engraçadinho tivesse conseguido me alcançar.

Com um solavanco, Alexander mudou de direção numa manobra que era puro ato reflexo. Notando o amontoado de caixas de som agrupadas em pilhas numa das laterais do palco, ele me enfiou num vão entre elas e me escondeu com seu corpo. Para todos os efeitos, éramos um casal aproveitando a greta para dar uns amassos pesados.

Eu ofegava como um maratonista de primeira viagem. A corrida ensandecida e o medo de ser alcançada fizeram minha adrenalina subir até a tampa.

— Acho que os despistamos — eu disse, parando entre as palavras para tomar fôlego.

— Hum-hum.

Alex se mexeu e me encarou com uma fúria que eu não conhecia. Minha cabeça estava entre suas mãos, apoiadas na caixa de som onde eu me encostava. Então ele esbravejou, num tom baixo, mas ainda assim amedrontador:

— O que deu na sua cabeça? Por que veio parar aqui embaixo?

Dava para sentir a respiração dele, tão descompassada quanto a minha. De súbito, dei-me conta de nossa proximidade. Entre nossos corpos não havia frestas e nossos olhos se distanciavam por um ou dois palmos.

Mesmo no escuro, enxerguei a ira em seu olhar e mais alguma coisa. Também vi minúsculos pontinhos dourados misturados com o verde profundo de suas íris.

— Seu amigo Viktor é um chato — sussurrei, incapaz de desviar a atenção do brilho dos olhos de Alex.

— O quê?!

— Sua namorada dá azia em copo de bicarbonato.

Menos de um palmo. Bastava eu ficar um pouquinho na ponta dos pés e nossos lábios se uniriam finalmente. Isso porque Alexander estava todo encurvado em cima de mim.

Bon Jovi ainda proclamava:

*We stared at the sun  
And we made a promise  
A promise this world would  
never blind us  
These were our words  
Our words were our songs  
Our songs are our prayers  
These prayers keep me  
strong  
And I'd still believe  
If you were in these arms*

*Nós olhamos fixamente o sol  
E fizemos uma promessa  
A promessa de que este mundo  
nunca nos cegaria  
Estas eram as nossas palavras  
Nossas palavras eram nossas  
canções  
Nossas canções são nossas orações  
Estas orações me mantém forte  
E eu ainda acreditaria  
Se você estivesse nestes braços esta  
noite*

— E eu amo essa música.

Foi a última coisa que eu disse. Pelo menos por alguns — mas não suficientes — minutos. Porque eu mal havia terminado a frase quando Alex encerrou de vez o assunto colando sua boca na minha. E não foi um simples roçar de lábios, uma coisa de amigos ou *quase-irmãos*, não. Foi um beijo de verdade, desses que fazem o corpo da gente se acender e pedir mais e mais, até que a simples proximidade não seja suficiente e seja necessário adotar outras estratégias para manter os corpos unidos.

E assim eu fiz. Lancei meus braços em volta do pescoço de Alexander e o apertei contra mim, estreitando-nos num abraço desesperado, consequência de meses de espera, de expectativa.

Alex envolveu minha cintura com um braço e enlaçou minha nuca com a mão livre. Ele não queria me soltar. Pelo contrário. Assim como eu, desejava estar cada vez mais perto. Então, aprofundou o beijo, abrindo minha boca com sua língua, que era pura magia, e me fez ter certeza de que aquele — ele — era o melhor lugar do mundo.

Nunca havia sido beijada daquela forma. Jamais alguém demonstrara sentir tanto desejo por mim como Alex naquele momento. O reconhecimento dessa realidade fez minhas pernas vacilarem. Eu estava nos braços do homem de meus sonhos.

O que eu faria quando acordasse?





# Não temos esse direito

Acho que a rotação da Terra mudou de direção. Se antes uma vidente tivesse me avisado que mais tarde Alex e eu estaríamos atracados nos braços um do outro, eu jamais teria acreditado. Mesmo quando meus lábios foram traçados pelos dedos dele semanas antes, em meu quarto, ou no momento em que nos conectamos na Caverna do Pirata, apesar de todas as pistas, eu nunca cogitara essa possibilidade. Alexander *sentia* algo por mim. Agora eu sabia. Podia não ser paixão, mas havia uma força que nos atraía. Isso estava claro, especialmente porque ele não conseguiu esconder o suspiro que soltou ainda com sua boca presa à minha. Nem sei se foi suspiro mesmo ou um gemido baixo. O que importava o nome da coisa, afinal? Bastava para mim o fato de ter me deixado louca, excitada.

Mas, de repente, uma nesga de lucidez surgiu dentro de mim. O que eu estava fazendo, deixando acontecer? Alex não era um cara solteiro. A namorada dele, a maldita Nome de Cachorro e cérebro de toupeira com diarreia, devia estar bebericando calmamente um martíni sentada no sofá da cobertura dele. Nem em seus piores pesadelos ela imaginaria que seu querido Alexander deslizava as mãos fortes e poderosas pela extensão de meu corpo, embora fizesse questão de saltar as partes mais... comprometedoras.

Essa constatação foi um banho de água gelada do Oceano Ártico. Sob uma nova ótica — bastante desesperadora, por sinal —, o título de cachorra da história havia acabado de ser transferido para mim!

Sem aguentar mais a pressão da realidade, espalmei minhas mãos no peito de Alexander e o empurrei com força. Ele não se moveu muito, mas se afastou o suficiente para interromper o beijo e me fazer sentir vazia.

A prova de nosso crime estava estampada no rosto dele: cabelos revoltos, lábios vermelhos e inchados, além da respiração acelerada.

Tapei os olhos com os dedos. Sagrada face, que vergonha de mim!

— Ana... — Alexander disse, com a voz entrecortada, mas sem saber direito o que dizer. Havia fogo em seu olhar.

Estendi os braços e balancei-os em sua direção, gesticulando com ímpeto.

— Não fala nada. Finge que isso não aconteceu.

Suas mãos tentaram me alcançar mais uma vez, mas eu me afastei.

— Não me toque, Alex — supliquei. Talvez tenha sido o pedido mais difícil que fiz na vida, o mais custoso. — Isso não está certo.

Enquanto Bon Jovi entoava as últimas palavras da canção que agora havia se tornado o fundo musical de minha história — curta, eu sei — com Alexander, Alex me encarou com os olhos carregados de confusão, angústia, culpa e um resquício de desejo. Mas acabou balançando a cabeça, um gesto mudo de concordância.

— Tem razão — ele suspirou, bagunçando ainda mais o cabelo com dedos nervosos.

Aquelas duas palavras, tão simples, tão genéricas, deixaram-me arrasadas. Preferia que Alex tivesse negado e dito que desejava aquele beijo desde o dia que nos vimos pela primeira vez, que

estava tão apaixonado quanto eu e que romperia com Laika assim que voltasse para casa. Entretanto, por mais que doesse, concordar comigo era a atitude correta.

Senti um frio gigantesco. Apesar de estar com meu sobretudo, era como se eu estivesse despida. Um tremor percorreu meu corpo e desejei nunca ter batido o pé para assistir ao show de Bon Jovi. Melhor passar a vida imaginando uma situação sonhada do que experimentá-la uma vez e não poder tê-la nunca mais.

— É melhor eu ir embora — disse. — Vou pegar um táxi.

— De jeito nenhum — esbravejou Alex, todo mandão. — Você já correu riscos demais por hoje. Nem precisa ligar para o Jorgensen. Eu mesmo a levo para casa.

Tive que rir. Mas não foi uma risada alegre, com humor. Pelo contrário. Soou como uma ode à derrota, um manifesto à frustração. Fiz um movimento de desdém com a mão e rejeitei a oferta:

— Seu apartamento está cheio de visitas, que já devem estar estranhando seu sumiço. Vou voltar sozinha. Taxistas estão acostumados a carregar celebridades — disse, com ironia.

— Ana, não seja criança. Pense no seu pai, pelo menos, antes de se enfiar num carro qualquer.

Como se eu estivesse louca para sair pelas ruas de Perla a bordo de um táxi. Mas que outra opção eu tinha? O contexto anunciava em letras garrafais que era bem mais seguro voltar para o castelo com um desconhecido ao volante do que ficar na companhia de Alex.

Devo ter deixado esse pensamento transparecer, pois Alexander avançou novamente em minha direção, cheio de fúria, e me segurou pelos ombros, obrigando-me a encará-lo.

— Não vamos discutir isso, Ana. Eu vou levar você de volta para o Palácio Sorvinski com ou sem seu consentimento. E não me fale sobre meus amigos e que já devem ter dado pela minha falta, porque estou me lixando!

Depois de expressar seu argumento de modo tão delicado e tranquilo quanto um general, Alex averiguou se eu ainda corria risco, observando a multidão completamente alheia ao que se passara conosco entre as caixas de som. Estela acharia a situação excitante e daria pulinhos de alegria se ficasse sabendo. Isso se eu contasse a ela, o que estava fora de cogitação. Os beijos e todos os outros detalhes que compuseram meu momento único com Alexander, inclusive Bon Jovi cantando ao fundo, ficariam guardados só comigo, a vida inteira. Bom, contanto que nenhum paparazzo cretino tivesse assistido à cena de camarote, mais uma vez.

— Pegue suas sandálias e venha comigo — ordenou.

— Eu as perdi — sussurrei, agora chateada com o sumiço delas. Na hora da correria, eu não avaliara a ocorrência racionalmente.

Alex desviou os olhos para meus pés e balançou a cabeça. Nossa! Se eu soubesse que me beijar o deixaria tão irritadiço, jamais teria correspondido! Será que meu beijo era ruim? Jesus, será? Ai... Eu não estava pronta para conviver com essa constatação.

— Ana, definitivamente você enlouqueceu — ele me repreendeu. — Primeiro, foge do meu apartamento, depois, sai descalça nesse frio. Vai acabar adoecendo.

Sem me dar chance de justificar, Alexander saiu me puxando pela mão. Caminhamos de cabeça baixa, evitando as pessoas, e num instante entramos no prédio dele e descemos para a garagem. Quando nos viu, o porteiro optou por não fazer comentários, apenas disse uma frase em krosvi, um cumprimento qualquer. Eu acho.

Quanto a mim, não tinha coragem de pronunciar uma palavra. A vergonha pelo que acontecera me calou completamente. Pior foi suportar a consciência de que seria impraticável conviver com Alexander daquele momento em diante. Como olharia para ele outra vez sem visualizar a nós dois naquele amasso fenomenal?

Meu rosto ainda ardia por causa dos arranhões conquistados pela barba por fazer de Alex quando entrei em seu Audi, que estava aberto, com a chave na ignição. Se fosse no Brasil...

Sentei o mais perto possível da porta, de modo que nossos corpos não se tocassem nem por acidente. Fiquei com pena de sujar o tapete do carro com meus pés cheios de areia, mas o que eu podia fazer?

Um clima pesado nos envolveu. Recostei minha cabeça no vidro da janela do carro e fechei os olhos. Não que eu fosse dormir. Apenas criei uma barreira contra uma possível conversa esclarecedora.

Alex ligou o som e uma música suave dominou o ambiente. Mas nem isso conseguiu me acalmar. Ao longe, um novo som deu o ar da graça. Era o celular de Alexander tocando de dentro do bolso de sua calça jeans. Quis olhar para ele e dizer: "Não vai atender?". Mas fiquei na minha, calada, fingindo-me de morta.

Depois de um milhão de tentativas do outro lado da linha, Alex resolveu acabar com o desespero e atendeu à chamada, falando em krosvi. Mesmo não entendendo nada, saquei que se tratava de Laika, até porque foi fácil concluir isso, uma vez que ela mais gritava do que conversava. Alexander também se exaltou e os dois pareceram entrar no modo "ofensas gratuitas".

Ainda de olhos fechados, percebi quando Alex lançou o celular no painel do carro, com força, acho que sem se despedir da namorada. Cheguei a sentir medo. E se ele resolvesse jogar o Audi

de encontro a um poste? Sei lá... Na hora da fúria, o ser humano é capaz de tudo.

Por fingir estar dormindo, não vi quando o cenário urbano de Perla se transformou na paisagem bucólica dos arredores do castelo. Fiquei com pena, porque era uma oportunidade de visualizar tudo no período noturno. Desde minha chegada à Krósvia, eu havia me transformado numa pessoa totalmente diurna. Realmente não vi, mas soube quando entramos no território do Palácio Sorvinski pela mudança de clima. O ar marinho invadiu meus pulmões, anunciando a chegada a meu destino.

Os portões do castelo foram abertos pelos guardas de plantão e eu nem bem esperei Alex terminar de estacionar e já fui saltando do carro, em cima do salto — no sentido figurado, pois meus saltos de verdade já eram. Não consegui ir muito longe. Alex foi mais rápido do que eu e me alcançou antes de eu conseguir dar três passos. Segurando meu pulso — de novo —, disse, ou melhor, ordenou:

— Não vá embora ainda. Precisamos conversar.

Meu coração entrou num ritmo alucinado, bombeando sangue por todas as partes de meu ser. Respirei fundo a fim de me acalmar e encontrar a resposta certa. Então, havia chegado a hora da verdade, ou seja, de Alexander cair fora de minha vida.

— Acho que não — forcei-me a dizer. — O que fizemos foi uma loucura, mas podemos fingir que nada aconteceu. Não tem problema.

— Não? — Alex parecia incrédulo. — Pois, para mim, tem. Ana, será que você não percebe que foi inevitável, que chegaríamos a esse ponto de qualquer jeito?

Ele procurava meus olhos, que fiz questão de manter desfocados dos dele.

— Que ponto? A que ponto chegamos, me explica? Porque só o que sei é que nossa atitude impensada fez você trair sua namorada. — *Não que eu me importe com ela.* Isso eu não disse em voz alta, mas bem que queria deixar claro de uma vez por todas.

— Ana, não faz assim. Não pense que não significou nada para mim.

— Mesmo que tenha significado, Alex. Não vai voltar a acontecer. — Sério, não sei de onde tirei tanta segurança. — Foi errado e eu não vou me sujeitar mais a isso.

Soltei meus pulsos e passei por Alexander, decidida a esquecê-lo de uma vez por todas. Taí. Se ele tinha um defeito, era esse: estar com uma pessoa e pensar em outra.

— Eu não quero que você se afaste — ele gritou, chamando a atenção dos guardas.

— Impossível. Não temos esse direito — suspirei. — Estou decepcionada, Alex. Pensei que você fosse diferente. Mas no momento você está bem perto de se parecer com o imbecil do Artur, que aproveitou minha ausência para dar em cima da Estela. Acho a Laika uma das pessoas mais insuportáveis do mundo — confessei, muito magoada. — Mas ainda assim o que fizemos não foi certo.

Dessa vez eu o choquei. Sua expressão mudou de agonia para apatia. Ele baixou o olhar, derrotado.

— Você tem razão — disse, por fim, num fio de voz fria, sem emoção. — Não é justo mesmo. Mas quero que saiba...

— Não diga nada. Paramos por aqui. — Cortei sua fala e disparei para dentro do castelo. Não queria ouvi-lo dizer que tinha um enorme carinho por mim ou coisa parecida.

Nem sei quando ele se foi. Não parei de correr enquanto não alcancei meu quarto e me joguei sobre a cama, de vestido de noite



e casaco. Com a cabeça enterrada nos travesseiros, chorei como nunca. Deixei as lágrimas levarem embora toda a dor e a decepção que se acumularam em meu peito. Acabei adormecendo daquele jeito: suja, vestida e arrasada. Nem a lembrança do beijo maravilhoso conseguiu me consolar naquela noite.



# O recado de Catarina

De: Estela Rodrigues  
Para: Ana Carina Bernardes  
Assunto: Preciso falar com você.

Ana, liga para mim!

Estou desesperada querendo falar com você, mas não atende minhas ligações nem responde minhas mensagens desde sábado. O que está havendo aí? Sei que não deve ser coisa boa, se não, não teria sumido desse jeito.

Sua mãe também anda preocupada. O que aconteceu, amiga? Tem a ver com os paparazzi de novo? Se for isso, desencana. São todos um bando de sem serviço.

Conversa comigo, vai?

Beijos...

Estela

Fiquei três dias inteiros trancada no quarto. Para todos os efeitos, eu tinha pegado uma virose que me derrubara. Por sorte, meu pai viajou para participar de uma conferência na França e me poupou de maiores explicações. Não que eu tenha ficado totalmente imune a questionamentos. Irina e Karenina passavam para me ver umas dez vezes por dia — cada uma —, indignadas com meu desânimo e minha falta de apetite.

Pois é. Perdi a fome também. Fato inédito em minha vida. Mas como conseguiria engolir se um bolo compacto e resistente havia se

formado em minha garganta e não dava sinais de que desapareceria?

Vejam só o que uma paixão não correspondida faz com a gente. Nunca pensei que fosse sofrer por amor, como as heroínas das histórias de época das quais eu tanto gostava. Mas lá estava eu: entrevada na cama, sem motivação até para receber as meninas do Lar Irmã Celeste. Entretanto, como não desejava chamar atenção para o fato de ter sido meio que rejeitada por Alex — sim, porque ele não me procurara mais depois daquele dia —, inventei a tal virose e tinha que ficar dando uns espirros mentirosos sempre que alguém aparecia para me ver.

Também decidi desligar o celular, de modo que não caísse na tentação de desabafar com quem me ligasse, ou seja, com Estela, minha mãe ou vovó. Se ouvisse a voz delas, juro que cairia em prantos.

Sendo assim, passei três dias meio catatônica, assistindo a filmes água com açúcar na TV a cabo, o que só potencializou minha depressão, já que, vamos combinar, ver casais tendo seus finais felizes, mesmo que na ficção, não era exatamente uma injeção de ânimo. Em 72 horas, revi cenas e mais cenas de beijos *calientes*, chorei baldes de lágrimas revendo *Titanic* e *Um Amor para Recordar*, entreguei-me mesmo a uma autoflagelação. Minha mãe sempre diz que, às vezes, não faz mal ter pena de nós mesmos. Então, eu tive.

Mas também me deixei levar de volta ao show de Bon Jovi e repassei meu amasso com Alexander milhares de vezes em minha cabeça. Nem na milésima primeira vez deixei de me arrepiar ao lembrar o beijo e a sensação que ele provocara em meu corpo. Ah, se eu pudesse voltar atrás e repetir a dose, só que em câmera lenta para durar mais. Porém, de nada adiantava sonhar, pois não havia a menor possibilidade de tudo aquilo voltar a acontecer.

Por isso, na manhã do quarto dia, me levantei da cama decidida a me entregar ao clichê de sacudir a poeira e dar a volta por cima. Ou eu vencia essa fase difícil ou teria que arrumar as malas e partir de volta ao Brasil o mais rápido possível. Só não dava para continuar entregue à apatia.

Minha primeira providência foi tomar um banho relaxante de banheira, com direito a sais e muita espuma. Fiquei perdida em pensamentos até a água esfriar. Depois, vesti uma roupa quente e confortável e me sentei na frente do computador, resolvida a escrever uma resposta para a mensagem desesperada de Estela. Estava disposta a me abrir de vez com minha melhor amiga. Quem sabe aquele bolo desaparecesse de minha garganta?

De: Ana Carina Bernardes

Para: Estela Rodrigues

Assunto: Olá!

Amiga,

Antes de começar, gostaria de lhe pedir desculpas. Não tenho sido uma boa MAPS (Melhor Amiga Para Sempre, lembre-se da nossa sigla secreta?). Porque melhores amigas não escondem coisas uma da outra e tudo o que tenho feito nos últimos tempos é omitir um fato que você já percebeu, mesmo eu não tendo coragem de admitir. Até hoje.

Pois é. Você estava certa quanto ao fato de eu estar apaixonada pelo Alex. Aliás, depois que você foi embora, apaixonada passou a ser eufemismo para meus sentimentos. Estou louca por ele, acho que desde sempre, e isso está me matando. Penso nele o tempo todo e mal consigo articular um raciocínio sem envolver o nome dele na história. Eu sei. É doentio. Mas o que posso fazer? Ainda não descobri uma forma de mandar no meu coração.

Meu maior desejo é acordar numa manhã completamente curada dessa paixão. Adoraria exclamar: Graças a Deus!

Passou! Mas acho que não vai rolar. Está vendo? O negócio é feio mesmo, amiga.

Para piorar tudo, o Alex começou a dar sinais de interesse por mim. Você deve estar aí pensando: *Mas isso não é bom?* Seria, se a Nome de Cachorro já tivesse caído fora da vida dele. Mas, quer saber? A culpa nem é dela. O maior culpado de tudo é o próprio Alex, que, assim como o Artur, fica ciscando em tudo quanto é terreiro. Não dá.

É isso, Estela. Tenho vivido que nem protagonista de novela mexicana, com direito a bastante drama e lágrimas. Não é à toa que meu nome é Ana Carina. Personagens de dramalhões mexicanos sempre têm nomes duplos. (Já sei. A piada foi horrível.)

E você? Como está? Já se livrou do galinha do Artur?

Prometo não desaparecer mais, nem se de repente as coisas piorarem por aqui, o que não é difícil de acontecer.

Obrigada por ser minha grande amiga.

Amo você.

Ana

Não fiquei esperando a resposta de Estela. Logo que enviei a mensagem, desliguei o computador e saí do quarto. Queria visitar Karenina na cozinha e aproveitar para comer alguma coisa.

Desci as escadas sem encontrar uma alma viva, mas na cozinha me deparei com um princípio de caos. Tanto Karenina quanto as arrumadeiras do castelo enchiam uma cesta com produtos de limpeza, como se estivessem prestes a fazer uma grande faxina no mundo inteiro.

— O que estão fazendo?

— Ah, minha querida, você melhorou! — Karenina se aproximou de mim, analisando-me com olhos de médica pediatra. Ali, eu era a

criança dela.

— Sim. Estou bem. Mas para onde estão levando tudo isso? Tem algum evento marcado aqui no castelo?

— Ah, não. É só a limpeza mensal do chalé da Ilha de Catarina. Fazemos isso sempre, para não deixar o lugar deteriorar. Seu pai faz questão.

A Ilha de Catarina. Eu havia me esquecido completamente dela. Mesmo avistando-a da varanda de meu quarto, nunca mais pensara na história trágica de minha bisavó.

— Posso ir com vocês? — perguntei à queima-roupa.

Karenina e as outras mulheres me olharam, espantadas. Será que eu tinha dito alguma bobagem?

— Ir conosco? Mas por quê? Não há muita coisa por lá.

— Estou curiosa e sem nada para fazer. Prometo não atrapalhar, Kare, por favor. Queria tanto saber em que condições minha bisavó Catarina viveu naquele lugar — implorei.

— Será que seu pai não vai achar ruim?

— Ele nem está aqui na Krósvia, Karenina. E não vai reclamar quando souber, garanto. Nem vamos sair dos limites do castelo. Ah, vai. Não custa nada.

Vi que tinha ganhado a batalha quando um sorriso brotou no rosto de Karenina. Ela pediu que eu fosse vestir algo ainda mais quente, porque na ilha fazia muito frio.

— E parece que vai chover — completou, de olho no céu através da vidraça da cozinha.

Voltei para o quarto e me enfiei num jeans justo e num suéter de caxemira. Calcei botas de cano longo e me cobri com um casaco

de lã que batia nos joelhos. Para garantir, levei um par de luvas — aquelas de couro que eu comprara meses antes — e um gorro quentinho. Por fim, dependurei um cachecol no pescoço e me senti pronta.

Encontrei Karenina me esperando no pátio dos fundos do castelo. Ela disse que iríamos de lancha e que o trajeto era curto.

— Quem vai pilotar? — indaguei, meio temerosa.

— Alguém bastante acostumado a fazer isso, Ana — ela respondeu, achando graça de meu medo.

As outras mulheres já estavam na lancha quando chegamos. Ficaram meio tímidas com minha presença e não conversaram muito. Eu também preferi só observar, aproveitando a oportunidade para relaxar diante daquele mar azul, apesar de o céu não estar com a melhor das cores.

Realmente, a viagem foi rápida. Nem cheguei a enjoar, o que sempre acontece quando estou em alto-mar. Desci da lancha no pequeno cais de madeira e fiquei pasma com o que vi.

Erguido sobre um terreno arenoso, um charmoso e romântico chalé imperava na solidão da ilha. E engana-se quem pensou numa cabaninha de pau a pique. Era uma construção sólida, não muito grande, mas espaçosa e firme o suficiente para que pessoas vivessem ali uma vida inteira.

Uma coisa era certa: minha bisavó Catarina devia ter vivido seus dias na ilha sempre de olho no continente. Pois janelas não faltavam. Só na frente da casa contei três, e não eram pequenas. E todo o chalé era contornado por uma varanda, de onde se tinha uma vista de tirar o fôlego.

Caminhei devagar até a entrada, imaginando como deveria ser solitário viver num lugar como aquele, mesmo sendo tão bonito.



Estremeci ao pensar que à noite a escuridão provavelmente engolia tudo, tornando o ar sinistro como o dos cenários de filmes de terror. Cruz-credo!

Karenina avisou que ia entrar, mas eu continuei do lado de fora do chalé. Queria absorver tudo antes de ver o que me esperava lá dentro. Andei pela areia procurando sinais do passado, colocando-me no lugar de Catarina. Eu teria enlouquecido em meu primeiro mês ali. Como ela conseguira sobreviver por anos?

Um trovão barulhento me deu o maior susto e entrei correndo pela porta do chalé. Lamentei não ter levado minha máquina fotográfica, pois o que avistei era digno de ser fotografado. Eu fora transportada para dentro de um livro de história. Que lugar precioso!

Boquiaberta, passei os olhos lentamente pelos móveis e objetos de decoração da sala. Havia de tudo, desde um conjunto de sofás de veludo verde-esmeralda com espaldar de madeira negra até uma estante repleta de bibelôs antigos, raridades, talvez. O piso de madeira exibia lindos tapetes orientais. Só não me perguntem como ainda estavam ali depois de tantos anos. Meu bisavô Miroslav quisera punir sua jovem esposa privando-a de companhia, mas não poupou nada em conforto e ostentação. Mas garanto que ela teria trocado tudo por um casebre de palha se pudesse ter pessoas queridas a seu redor.

De vez em quando, minha atenção voltava para as mulheres que trabalhavam na limpeza dos cômodos do chalé. Mas eu apenas as ouvia. Não apareciam em meu campo de visão.

Continuei examinando os ambientes, ora chocada com a solidão que exalava de cada recanto, ora maravilhada com as relíquias existentes ali. Até a cozinha era peculiar, com seu fogão de ferro fundido e pia de porcelana branca, além da pequena mesa de dois lugares, tão lustrosa que parecia nova.

Corri os dedos na superfície de quase tudo que encontrei, como se meu toque pudesse captar o que Catarina sentira no passado. Posso garantir que tive a nítida impressão de que ela estava me mandando alguma mensagem do além, pois de uma hora para a outra pude perceber que meu sofrimento por Alexander era ínfimo perto do que minha ancestral devia ter passado.

O quarto dela se revelou o cômodo mais mágico do chalé. Ao colocar meus pés lá dentro, dei de cara com uma cama de casal com dossel, forrada por uma colcha de renda branca e almofadas de cetim rosa-chá. Duas das paredes eram cobertas por estantes de livros, ainda conservados ali. De lá, eu não escutava mais as mulheres trabalhando na limpeza.

Aposto que Catarina passava horas olhando-se no espelho da penteadeira instalada de frente para a cama e cheia de frascos de perfumes e cosméticos sobre o tampo de mármore. Minha nossa! Tudo parecia estar do jeito que ela deixara. Inacreditável.

De repente, um pensamento me passou pela cabeça. Será que... Puxei depressa as portas do armário e comprovei minha hipótese. Sim. Lá estavam os vestidos de Catarina, um a um, pendurados com esmero e precisão. Minhas mãos voaram até eles, não resistindo ao desejo de sentir a textura daqueles tecidos tão antigos, sobreviventes de uma época trágica.

No meio de todos eles, um em especial me chamou a atenção. Puxei-o do cabide com cuidado para não rasgar, afinal, quantos anos poderia ter? Tudo me levava a crer que se tratava de um traje de gala. Mas não foi esse detalhe que despertou minha curiosidade. Acontece que o vestido em questão era amarelo-ouro, tomara que caia, idêntico ao que aparecia em meu sonho recorrente. Coloquei-o na frente do corpo e me olhei no espelho. O reflexo era meu eu daquele sonho inexplicável. Eu tremi.

De volta ao armário, preparei-me para recolocar o vestido no lugar e respirei aliviada quando escutei passos atrás de mim. Não me virei para ver quem era, certa de que só poderia ser Karenina. Então, quis saber, sem olhar para trás:

— Por que tudo isso foi mantido aqui durante esses anos todos, Kare? — questionei, ajeitando o vestido no cabide. — É meio sinistro, não acha?

Silêncio.

A vida inteira eu duvidara da existência de fantasmas, mas, naquele instante, com minha adrenalina correndo solta nas veias, cogitei sair correndo e gritando de pavor pelo que poderia estar plantado atrás de mim.

— Totalmente sinistro.

Três coisas aconteceram assim que essa frase foi pronunciada:

1. Meu coração deu um salto mortal dentro do peito.
2. O vestido amarelo-ouro escorregou de minhas mãos e se espalhou pelo chão, bem a meus pés.
3. Eu me virei bruscamente e encontrei um par de olhos verdes transbordando um monte de sentimentos, todos por mim.

Minto. Foram quatro coisas. Também perdi a voz.

— Também me pergunto por que este chalé permanece intacto, principalmente por causa das circunstâncias que motivaram sua construção — Alexander disse, de uma forma tão natural como se estivéssemos batendo um papo informal há horas. — Mas o Andrej diz que é um tributo à antepassada de vocês.

*Tum, tum, tum.* Ainda era meu coração, totalmente acelerado.

— Na verdade, penso que a família não quer se desfazer das coisas para não apagar a história.

Ele olhou para o chão e viu o vestido. Aproveitei o desvio de seu olhar para recobrar meu autocontrole.

*Respira. Respira. Respira.*

— Como você chegou aqui? — Tentei disfarçar meu pânico.

— De lancha, ué. A nado é que não foi. — Um momento sério como aquele e Alexander fazendo piada.

Outro trovão, agora mais alto, rasgou o céu. Estremeci.

— Onde está Karenina? E as outras mulheres?

— Já foram. — Alex não tentou se aproximar, mas sua voz estava cada vez mais sedutora e os olhos, cheios de malícia. Senti-me tonta. — Avisei que tomaria conta de você e que não se preocupassem. Eu disse para elas que só queria lhe fazer uma surpresa.

Ignorei a segunda parte da resposta de propósito.

— E a lancha? Como vamos voltar?

— Ora, Ana, se vocês vieram em uma e eu em outra, ainda nos resta uma lancha para voltar, né?

— Então, vamos — eu disse com firmeza, abaixando-me para pegar o vestido do chão e pendurá-lo de volta no armário antes que estragasse.

Mas Alex parecia outra pessoa. Ele só moveu a cabeça, refutando minha proposta, e acrescentou:

— Não antes de eu te mostrar a surpresa.

Franzi a testa. Para que universo paralelo eu teria sido enviada? Nada daquilo fazia sentido.

— Venha aqui — ele me chamou.

— Alex, o que está acontecendo?

— Ana, não seja chata. Venha ver o que eu trouxe para você. Alexander estendeu um braço em minha direção, oferecendo-se para me guiar. Eu até que me mexi, mas ignorei deliberadamente sua oferta. Não cairia na asneira de tocá-lo de novo.

Ele suspirou, acho que inconformado com meu gesto, mas não retrucou. Saí do quarto de Catarina e Alex me seguiu. Porém, quando percebi que não sabia para onde deveria ir, parei e cruzei os braços sobre o peito.

— Onde está a tal surpresa?

— Na cozinha.

Dessa vez, ele andou na frente e eu pude curtir a paisagem, quero dizer, pude me deleitar com a visão panorâmica de toda a retaguarda de Alexander. Ele ainda era um veneno para minha sanidade, especialmente vestido daquele jeito: calça jeans azul padrão, camisa preta de botão para fora da caça, jaqueta de couro e as velhas botas de combate que eu tanto amava.

Só eu mesma para viajar na aparência espetacular de Alexander depois dos dias de depressão que passara por causa dele. Prometi que procuraria um psiquiatra para analisar meu caso assim que retornasse a Belo Horizonte. Minha mãe deveria conhecer algum.

— Tcharã!

Como um mágico que acabava de finalizar um truque, Alex abriu os braços e apontou para a enorme cesta sobre a mesa da cozinha. Meu estômago roncou, pois associei a cesta a comida e me lembrei de que não tinha comido nada.

— É nosso piquenique particular. Tem de tudo aqui dentro, afinal, eu sei que você adora comer.

Fiquei vermelha. Então, na cabeça de Alexander eu era uma gulosa. Beleza de imagem.

— Ei, não precisa ficar envergonhada. Foi um elogio — ele esclareceu, aproximando-se um pouco. — Porque você é a única mulher que conheço que come com prazer, sem frescura. Mas, mesmo assim, tem um corpo perfeito.

Mulher? Corpo perfeito? Essas palavras não eram exatamente as que melhor caracterizavam minha pessoa.

Perplexa demais para falar, fiquei encarando a cesta. Outro trovão retumbou e a chuva finalmente começou a cair.

— Ana, por que está tão calada? — Alex parou diante de mim, ficando a apenas um passo de distância.

Sentir seu cheiro — másculo, viril — me fez corar ainda mais.

— Não sei o que veio fazer aqui, Alex — reagi, ainda tonta de surpresa. Que nada! A quem queria enganar? Estava tonta de desejo, isso sim.

— Jura que não? — Ele segurou uma mecha de meu cabelo e prendeu-a atrás de minha orelha. — Não acredito que seja tão desligada.

— Do que você está falando? — gemi, quase inconsciente de meus movimentos.

— Estou falando de nós. De mim e de você. Do que sentimos um pelo outro. Fui claro agora?

Seus dedos não se desconectaram de mim. Com a mecha presa, Alex deslizou-os pela pele de meu pescoço, tocando-me tão

levemente que mal dava para sentir. Ainda assim, era muito bom. Uma agonia, mas uma agonia maravilhosa.

— Nem um pouco — retruquei. — A que sentimentos você está se referindo? Só conheço o que há entre você e a Nome de... digo, a Laika.

Meus reflexos mentais não foram rápidos o suficiente para processar a manobra que Alexander fez. Só sei que resultou nele prensando-me contra a mesa, que, apesar de pequena e antiga, era bem firme.

— Ana, tenho consciência de que errei com você — confessou, com os lábios tão próximos de meu rosto que pude sentir seu hálito de menta. — Mas meu erro não foi beijar você enquanto ainda namorava a Laika. O erro foi fazer você acreditar que eu queria estar com ela e não com você. Também errei por não ter terminado meu namoro antes e explicado a você o que eu sentia, o que eu sinto toda vez que fico perto de você. Mas te beijar, Ana, foi a coisa mais certa que já fiz na vida, pois só comprovou tudo o que eu pensava.

*Eu. Não. Acredito.* Eu estava mesmo ouvindo uma declaração de Alex?

— O que você pensava? — instiguei-o, ofegante por antever no que aquilo ia dar.

— Que você me deixa louco.

— E a Laika? — sussurrei, incapaz de raciocinar direito. Era muita informação nova para assimilar de repente.

— Desmanchei o namoro com ela na noite do show.

— Mas então por que só agora...

Alexander colocou o indicador sobre meus lábios. Foi bom, mas eu ansiava por outra parte dele colada neles.

— Para fazer do jeito certo. Do jeito que você merece.

Com suas mãos firmes, Alex me sentou sobre a mesa e se posicionou entre minhas pernas. Nossas respirações ofegantes se misturaram numa só, mas não nos beijamos de imediato. Com os rostos mais ou menos na mesma altura, fizemos nossos olhares se encontrarem e deixamos que eles lessem os sentimentos um do outro.

Os polegares de Alexander desenharam círculos em minhas bochechas e, para encerrar aquela tortura, aquele jogo de quem resiste mais, cruzei minhas pernas atrás de seus quadris e puxei-o para mais perto.

— Ana, qualquer dia desses vou perder a cabeça por você.

— Faz meses que não vejo a hora disso acontecer.

Então, nada mais foi dito. Em um segundo, a boca de Alex se prendeu à minha, beijando-me ainda mais profundamente do que da primeira vez. Recebi-o com prazer, ajeitando-me para ficar ainda mais colada a ele. Com a boca aberta, deixei que ele explorasse todos os cantos dela e aproveitei para explorar a dele também. Nós dois sentíamos a descarga elétrica que passava por nossos corpos e então percebi que queria mais. Muito mais.

Alex também. Desceu as mãos por meus braços e depois acariciou minhas costas. No entanto, havia um excesso de roupas entre nós. Como se tivesse lido meus pensamentos, Alexander desatou o cinto de meu casaco de lã e enfiou suas mãos dentro dele. Ainda assim, era muito pano. Com um movimento desesperado, arrancou o sobretudo de meu corpo e o jogou de qualquer jeito no chão. Mas ele não ficou lá sozinho, largado no piso antigo. Acabou ganhando a companhia da jaqueta de couro de Alexander, que não sei como também já não estava mais cobrindo seus ombros e braços musculosos.



Os lábios de Alex, de repente, estavam em todas as partes. Eu podia senti-los em meu pescoço, meu queixo, minhas orelhas. E eu só pensava: finalmente!

Alisei o tórax dele e contornei todos aqueles músculos que me tiravam do sério havia meses. Então, Alexander gemeu. E desgrudou a boca de cima da minha só para sussurrar:

— Eu quero você, Ana.

Em vez de me derreter de vez e me entregar por inteiro para ele, coisa que eu queria havia tanto tempo, só consegui pensar no terrível fato de não estar usando uma única peça da coleção de lingerie da Victoria's Secret que eu comprara especialmente para uma ocasião como aquela. No momento, eu vestia um par descombinado de calcinha e sutiã cor de areia. Dá para acreditar?

Mas não foi essa constatação que me fez pular da mesa e sair dos braços de Alex, inspirando loucamente para recuperar o fôlego perdido entre os beijos alucinados. Gente, eu ainda era... Eu nunca... Céus!

— Desculpa, Alex, mas não posso continuar.

— O que foi que eu fiz? — questionou ele, rouco de desejo e frustração.

— Nada. É só que... Eu...

Não consegui confessar. Como contar para ele que era virgem e sem experiência nenhuma? Eu queria me deixar levar. Ah, se queria! Mas parecia tão errado... afinal, não tínhamos um relacionamento nem nada. Sem contar que até há poucas noites Alex dormia enroscado com outra pessoa.

Visivelmente confuso, Alexander me puxou delicadamente e me abraçou, apoiando sua cabeça no topo da minha.

— Eu já sei o que vai dizer — disse. Seus dedos desciam e subiam devagar entre meus cabelos. Um carinho desprezioso, até inocente, que me deixou em sinal de alerta novamente. — E não me importo, Ana. — Alex se afastou e me olhou dentro dos olhos. — Porque tudo o que mais quero agora é ficar com você, não importa como. Eu passei esses últimos meses tentando descobrir o que sentia em relação a você. No início, fiquei implicado com sua chegada.

— Eu bem sei. Percebi sua desconfiança. Aliás, pode confessar, Alex. Você achou que eu era uma golpista.

Ele riu de um jeito gostoso, relaxado, sem culpa.

— É verdade. O Andrej sai da Krósvia viúvo e sem filhos e volta todo sorridente com uma filha debaixo dos braços. Custei a assimilar essa novidade, não por ciúme ou medo de perder meu posto, mas porque a história em si era muito incoerente. Não queria que ele se decepcionasse. Você entende meu lado agora, né?

— Mais ou menos. Alex, você me julgou sem me conhecer. Fiquei bastante ofendida, se quer saber.

Com um sorriso que já não saía do rosto, Alexander me levou até um dos sofás verdes da sala e nos sentamos juntos, aconchegados um no outro.

Lá fora, a tarde virou noite de repente devido à intensidade da chuva que caía. Eu nunca gostei de raios e trovões. Mas naquele momento achei-

-os maravilhosos. Eram como música para meus ouvidos. Tudo se tornava lindo só pelo fato de eu estar com Alex.

— Mas não demorei a reconhecer que você é especial — ele disse. — Quando me ofereci para ser seu acompanhante nos passeios pelo país, paguei por tudo o que tinha pensado.

Estiquei o corpo e recostei-me no encosto do sofá para olhar para ele. Não me cansava de me perder naqueles olhos verdes.

— Você é divertida — beijou minha testa —, engraçada — meu nariz —, inteligente — meus olhos —, autêntica — meu pescoço —, extremamente sexy — minha orelha — e linda — minha boca.

Ofeguei, voltando a ficar na expectativa.

— Em poucos dias, eu me apaixonei e não conseguia mais parar de pensar em você. Mas a Laika...

Estremeci. A menção ao nome daquela garota era um banho de água fria.

— Não, por favor, não toque no nome daquele ser canino, quero dizer, no nome dela.

Tentei disfarçar meu fora, mas Alex percebeu.

— Ser canino? Como assim?

— Nada...

— Ana...

— Ah! Ok, eu vou falar. Sempre chamei a Laika de Nome de Cachorro, mesmo antes de conhecê-la, porque na minha terra Laika é nome de cachorro mesmo e eu morria de inveja dela, ainda que não tivesse reconhecido meus sentimentos por você.

Alex soltou uma gargalhada forte, exibindo sua arcada dentária perfeita.

— Agora você já reconheceu?

Fiquei tímida. Não queria discutir meus sentimentos com ele. Nem ao menos sabia como começar a falar deles

— Ei, Ana. — Alexander segurou meu queixo e me fez encará-lo. — Chega de negar o óbvio. Ainda não acredito que nunca notou

meu interesse por você, mas não quero esconder mais nada. Então, por favor, vamos ser honestos um com o outro? Porque eu não aguento mais me segurar e fingir. Aquele dia, na Caverna do Pirata, eu estava pronto para admitir. Não fosse sua reação, toda fria, juro que teria sido franco, inclusive com o Andrej.

— Minha reação foi o de menos. A Laika, sim, era o maior empecilho — discordei. — Não nasci para ser a outra na vida de ninguém.

— Não é a outra, Ana. E nunca vai ser. É a única para mim. Estou apaixonado, louco e quero você. Quantas vezes vou precisar dizer isso para você acreditar?

Alexander tocou a rosa de diamante que pertencera à mãe dele e agora pendia de meu pescoço. De alguma forma, compreendi a simbologia: estávamos ligados. Então, não tive mais medo e despejei tudo o que sentia:

— Você não faz ideia do que eu tenho passado, Alex. Passo os dias tentando esconder até de mim mesma o tamanho do meu sentimento. Estou totalmente apaixonada por você.

Ele se inclinou e pressionou meu corpo com o dele. Fui tomada por uma necessidade quase animal de pertencer a Alex, então, enlacei seu pescoço e o beijei bem ali, sugando e mordendo como se eu fosse uma vampira das histórias sobrenaturais. Enquanto o deixava ofegante, tive consciência de partes de minha anatomia que nem sabia que existiam. Fui amolecendo feito gelatina fora da geladeira.

— Repete o que disse, Ana — Alexander ordenou, agoniado.

— Estou apaixonada por você — sussurrei, perdida nele.

Novamente, nossas bocas se uniram e eu não pensei em mais nada. Simplesmente me deixei levar pela urgência de senti-lo cada

vez mais perto. O desejo de Alex por mim era insano e visível, mas ele se esforçava para se controlar e não avançar o sinal.

Então, percebi que fazê-lo esperar por mim só servia para agradar as convenções ditadas pela sociedade. Eu seria uma boa moça perante os conceitos de moral e bons costumes se me mantivesse “pura” por mais alguns meses. No entanto, estaria indo totalmente contra meus princípios, *minha* verdade, se refreasse minha vontade naquela noite. E ela berrava no fundo do meu cérebro: seja dele!

— Não quero esperar — assumi.

— Ana, a gente não precisa fazer isso hoje.

— Não diga “não precisa” — retruquei. — Porque o verbo certo é *quero*. Eu quero você agora.

Para deixar minha decisão bem clara, puxei as mãos de Alex e coloquei-as sob meu suéter. Larguei o resto por conta dele.

Sem hesitar, ele puxou a barra da blusa, mas parou no meio do caminho para confirmar minha decisão. Fechei os olhos com força e levantei os braços, dando a Alexander uma resposta muda, porém taxativa.

Eu tinha feito minha escolha. E nada no mundo me faria voltar atrás. Alexander demorara para ser meu, mas agora era. E eu era dele. Não me importaria de passar por tudo aquilo novamente se soubesse que acabaríamos como estávamos: nos braços um do outro.

Delicado, ele me carregou até o quarto de Catarina e me deitou sobre a cama de dossel, que só conhecera tristeza e solidão. Mas lá estávamos nós dois para mudar aquela história. Eu nem ligava mais de não estar com aquelas belas peças da Victoria's Secret. Haveria outros momentos para exibi-las com orgulho.

Pois, no instante em que Alex e eu nos unimos, tudo no mundo passou a ser belo. Até minha velha lingerie.



# Meu mundo caiu

Acordei no início da manhã, ainda bem cedo. Apesar de meu corpo estar meio moído, sentia-me muito feliz, realizada e completa. Minha primeira vez fora surreal. Ou eu deveria dizer *primeiras vezes*? Sim, porque, com a tempestade, tivemos que passar a noite inteira na Ilha de Catarina. Portanto, tivemos tempo de sobra para realizar todas as minhas fantasias — no bom sentido, pelo amor de Deus — com Alexander.

Valeu a pena esperar. Eu sempre fora criticada por minhas amigas porque adiara ao máximo a perda de minha virgindade, enquanto a maioria preferira seguir pelo caminho do “deixa rolar”, muitas vezes com qualquer um. Ainda na época da escola, vira muitas meninas de minha sala esconderem cartelas de anticoncepcionais em bolsos falsos da carteira para não serem flagradas pelos pais. Não porque tivessem um namorado, mas porque estavam sempre na expectativa de uma aventura nos finais de semana.

Numa dessas, uma garota acabou engravidando. Ela só tinha 15 anos. E sabem quem era o pai? Um universitário que namorava outra menina havia *séculos*.

Por essas e outras, sempre tive muito medo. Assim, optei por me preservar. E não me arrependo. Eu não poderia ter escolhido um homem mais perfeito para ser meu primeiro, nem um cenário mais ideal que o daquela noite.

Saí da cama com cuidado para não acordar Alexander. Devido à chuva, o clima estava bem frio. Enrolei-me numa manta e fui até a



cozinha, pé ante pé. Meu estômago exigia comida. Também, depois de tanto esforço...

Sorri ao repassar na mente cada momento, desde a chegada de Alex ao chalé, quando me dera o maior susto, até o último suspiro da noite, ou melhor, do final da madrugada. Lembrei-me de termos perdido a razão a ponto de eu não diferenciar meus gemidos dos dele. Acho que a sincronia foi perfeita.

O mais impressionante de tudo foi a pergunta que Alex me fez, enquanto ainda vestíamos parte de nossas roupas. Fiquei completamente desconcertada.

— Ana, o que fez com aquela sacola enorme de lingerie?

— O quê? — ofeguei, com o rosto enterrado em um de seus ombros.

— As lingerie novas. Eu vi a sacola da Victoria's Secret naquele dia da orgia consumista.

Meu rosto quase entrou em combustão espontânea. Ele não podia estar falando sério. Apoiei-me nos cotovelos e o encarei.

— Eu não saio por aí com meus conjuntos lindos e novinhos, principalmente se for para ajudar na faxina de um chalé abandonado.

Alexander gargalhou e desceu os olhos para as peças desconstruídas que eu estava usando. Seu olhar me queimou.

— Garanto que elas não foram estreadas do jeito certo. Temos que providenciar isso. Não vejo a hora de desvendar os segredos de Victoria.

Rimos juntos. Realmente, minhas belezuras de renda e cetim mereciam uma plateia, mesmo que fosse de uma pessoa só.

Meu estômago chiou mais uma vez e enfiei a cara na cesta de piquenique, intocada desde que fora colocada sobre a mesa. Ataquei logo uns três pãezinhos de mel e pulei as frutas sem a menor sensação de culpa. Já tinha perdido calorias demais naquela noite. Mastiguei um pão olhando perdidamente pela janela da cozinha. Ainda chuviscava, mas o pior da tempestade já havia passado. Ainda bem que Andrej não estava na Krósvia. Como explicaria a ele o fato de não ter dormido em casa? Mesmo assim, estremei. Teria que me explicar de qualquer forma. Todos notariam a mudança de clima entre mim e Alex.

Num dos intervalos da madrugada, comentei com Alexander sobre essa minha aflição. Ele disse que se encarregaria de conversar com meu pai.

— Pode deixar comigo, Ana. Eu mesmo quero falar com o Andrej. Como já negamos uma vez, var ser esquisito admitir o contrário. Mas ele vai entender se eu explicar.

Não fiquei muito tranquila, não. Sabia muito bem que minha hora chegaria. Meu pai não perderia a oportunidade de me fuzilar com perguntas.

— Outra coisa está me incomodando, mas não tem nada a ver com o Andrej — Alex disse, com a cabeça apoiada numa mão, enquanto a outra fazia carinho em minha barriga. Quase perdi a concentração. — Essa sua certeza de ir embora. Por que não fica mais? Um ano, pelo menos. Depois a gente pensa numa outra solução.

— Não posso ficar eternamente de férias, Alexander. Preciso terminar meu curso, voltar a trabalhar, dar um jeito na vida.

— Não dá para fazer tudo isso aqui mesmo?

— É complicado. Muita coisa me prende ao Brasil.

— E aqui? Nada?

Dei um beijo na ponta de seu nariz e suspirei.

— Não me torture desse jeito. Não é justo me pedir para escolher. Eu estou presa dos dois lados. Mas, antes de definir minha vida, preciso acabar o que comecei. Me formar é muito importante pra mim.

— E a gente?

— Não quero pensar sobre isso agora. Temos tempo pra achar uma solução.

— Então, venha aqui e me faça esquecer.



Bebericava languidamente um suco de caixinha sabor pêssego quando os braços fortes de Alexander envolveram minha cintura e me puxaram de encontro a seu corpo, coberto apenas pela calça jeans. Ele não sentia frio?

— Não gostei de acordar sozinho — reclamou, com a boca torturando minha nuca. — Por que já está de pé?

Apontei para a cesta de piquenique.

— Fome.

Alexander riu, presunçoso, orgulhoso por ser o motivo de meu apetite voraz. Rodou-me em seus braços para que pudéssemos ficar frente a frente.

— Matou a fome?

— Quase.

Sorrimos um para o outro. Joguei os braços sobre seus ombros e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo. Nunca fora muito descolada

com garotos, mas com Alex eu ficava muito à vontade. Se bem que ele estava longe de ser apenas um garoto.

— O que tem debaixo dessa manta? — quis saber, os olhos carregados de segundas intenções.

— Simplesmente Ana.

Era isso mesmo. Perto de Alex, eu não tinha um título real, não me lembrava de ser filha de um rei e nem morava num castelo de verdade.

Ele me agarrou e recomeçamos todo o processo de amassos, que não teria sido interrompido caso uma terceira pessoa, estranha e deslocada no contexto, não tivesse surgido através da vidraça da cozinha e acionado o botão de uma câmera fotográfica, flagrando Alex e eu, agora sim, numa posição para lá de comprometedora.

Dei um pulo para trás, com o coração aos pulos, e puxei a manta até o queixo, perplexa demais para reagir de outra forma. Alexander se colocou na minha frente, encobrendo-me com seu corpo. Sua expressão mudou instantaneamente de sedutora para irada.

Mas o fotógrafo não se acanhou. Pelo contrário! Ficou ainda mais confiante quando outros dois apareceram não sei de onde e fizeram o mesmo: nos fotografaram sem parar.

Tive a impressão de que ia desmaiar. Eu não podia passar por toda aquela especulação outra vez, principalmente porque agora o fato seria respaldado pelas malditas fotos! E, pelo amor de Deus, como aquele bando de urubus chegara à ilha, ou, melhor dizendo, a mim e Alex?

E então, como se tivesse lido meus pensamentos, um dos paparazzi disse, caprichando no inglês, de modo que não houve chance de eu não entender:

— Pronto, Alex. Tarefa cumprida. Fizemos do jeito que você combinou.

Levei uns dez segundos para processar aquelas três frases. Até que a compreensão me atingiu em cheio e dilacerou meu coração em milhares de pedaços: eu havia sido enganada da maneira mais sórdida e repugnante possível. Caíra num joguinho ordinário, que provavelmente fora orquestrado com bastante antecedência por Alex e a nojenta da Nome de Cachorro. Meu Deus, quantas noites aqueles dois deviam ter passado arquitetando minha humilhação e rindo da minha cara! E eu, toda boba e apaixonada, agora prestes a ser ridicularizada na frente do mundo inteiro.

Retesei o corpo e me agarrei à borda da pia para não cair. Alex tentou me amparar, mas me afastei bruscamente. Até quando continuaria fingindo?

Enquanto isso, os flashes não paravam de pipocar. Meu estômago deu uma cambalhota, anunciando um enjoo horrroso.

— Sumam daqui! — Alex gritou. Pura encenação. — Desapareçam, senão vou processar vocês!

— Processar? Mas por que, se foi você que nos contratou?

Corri para o banheiro, desesperada, e me agarrei ao vaso sanitário. Vomitei os três pães de mel e o suco de pêssego. E mesmo quando não tinha mais nada no estômago, continuei tendo espasmos. Senti minha energia indo embora.

Alex disparou atrás de mim e se agachou a meu lado. Suas mãos seguraram meus cabelos para que não se sujassem, mas, tão logo recobrei a consciência, rejeitei-as com tapas histéricos.

— Não me toque! Não ouse colocar essas mãos imundas sobre mim! — berrei. Lágrimas desciam feito cachoeiras por meu rosto, nublando minha visão.

Chorei convulsivamente. Mais uma vez, Alex tentou me segurar, mas eu o impedi. Ele tinha estraçalhado meus sentimentos, minha confiança.

— Ana, para com isso. Me escuta. Eu não sei quem são esses caras. Não tenho nada a ver com essa loucura. Por favor, olha para mim!

— Se você falar que é coincidência eles estarem aqui, eu não respondo por meus atos. — Levantei com vontade de sumir do mapa. Mas antes precisava vestir minhas roupas e dar um jeito de escapar dali. — Você jogou sujo, Alex, e agora eu vejo há quanto tempo você e a safada da Laika andam armando para mim! — gritei.

— Não viaja, Ana! Eu não fiz nada disso. Pelo amor de Deus, depois de tudo, da noite maravilhosa que tivemos, você não pode estar falando sério!

Fulminei-o com o olhar. As lágrimas ainda caíam e não davam sinal de que iam cessar tão cedo.

— Não acredito que confiei em você! Não acredito que tive coragem de confessar o meu...

Cobri o rosto com as mãos e desabei. Não conseguia nem falar, nem olhar para ele. Alex agarrou meus ombros, sem me dar chance de escapar, e suplicou:

— Ana, não faça isso. Por favor, não entre nessa paranoia. Tem alguma coisa errada nessa história. Você precisa acreditar em mim. Eu te amo!

Não. Essa foi demais. Apelar para uma declaração de amor a essa altura? Eu não merecia aquilo. A que ponto chegamos, meu pai!

Usando uma força sobre-humana, soltei-me dos braços de Alex e passei por ele, tendo o cuidado de manter a manta que me cobria

ainda mais fechada.

— Alex, eu vou sair daqui. Sozinha. Não me siga, não me procure, nem me peça para ouvir sua versão, porque não vou cair na besteira de acreditar em você novamente. Porque eu acreditei totalmente. Confiei cegamente nos seus sentimentos, a ponto de me entregar a você.

— Ana... — Ele engasgou. Seus olhos verdes, antes tão lindos e sedutores, agora me eram estranhos. Estavam encharcados de lágrimas, assim como os meus.

— Não fala nada. Eu não mereço ouvir suas desculpas. Me poupe disso. Não acredito no seu amor. Pode voltar para a Nome de Cachorro e comemorar o sucesso do planinho sórdido de vocês. E prepare-se para se explicar ao Andrej. Ele, sim, vai querer entender cada detalhe.

Enxuguei o rosto e saí na direção do quarto. Só parei para completar, soltei:

— Difícil vai ser revelar o que nós dois ficamos fazendo aqui na ilha a noite inteira. Não quero estar no seu lugar.

Então, entrei no quarto de minha bisavó Catarina, tranquei a porta com chave e caí na cama, ainda impregnada do cheiro de Alex e com marcas dos momentos que tivéramos ali. Queria extravasar minha dor, mas não tinha tempo para isso. Precisava sair da ilha o mais rápido possível e resolver o que faria de minha vida. Uma coisa era certa: minha imagem estava acabada. Para sempre eu seria lembrada como a princesa que dormiu com o quase-irmão comprometido. A princesa apaixonada que se prestou ao papel de ser a outra.

Vesti rapidamente minhas roupas, calcei minhas botas e respirei fundo antes de correr rumo à porta e escapar para a areia da praia,

molhada demais por causa da chuva.

Alex não tentou me deter. Apenas olhou para mim com uma expressão derrotada, recostado na mureta da varanda.

Não vi os fotógrafos. Ainda bem. Senão, teria sido capaz de agredi-los fisicamente, o que só pioraria minha situação.

Havia duas lanchas no cais: a que levava Alex até a ilha e a dos paparazzi. Mesmo sem nunca ter pilotado uma antes, dei partida no motor. Só queria sair dali e me esconder do mundo.



Fazer sozinha o trajeto de volta foi complicado. Só sei que girei a chave na ignição e guiei a lancha meio que no piloto automático. Por sorte, a distância entre a ilha e a praia do castelo era curta e bastava dirigir em linha reta.

Ao chegar ao cais, larguei a lancha aos cuidados do piloto que havia me transportado no dia anterior. Ele me olhou com espanto, talvez assombrado por minha expressão nada amistosa ou pelo fato de ter voltado sozinha. Não sei. Também não dei chance a ele de me perguntar nada.

Atravessei a areia sem olhar para os lados e irrompi castelo adentro, preocupada apenas em chegar a meu quarto e me fechar para o mundo. Sabia o que teria que enfrentar mais tarde, mas precisava me concentrar antes de receber a chuva de críticas e reprovações.

Arranquei depressa as roupas de meu corpo e deixei o chuveiro lavar os vestígios de minha vergonha. Só lamentava não poder voltar no tempo e apagar outras coisas, como as lembranças dos lábios de Alex percorrendo minhas costas e suas mãos apertando-me contra ele.



Encostei a testa no azulejo e chorei de novo. Como resolveria esse problema? Se ao menos pudesse evitar a publicação daquelas fotos ordinárias... Por que não exigi que os fotógrafos me entregassem as câmeras, ameaçando mandar meu pai atrás deles ou, sei lá, assassinos de aluguel para liquidar de vez com a raça dos filhos da mãe?

O que eu faria agora?

Resolvi telefonar para minha mãe. Alguém tinha que me apresentar uma solução, e quem poderia ser melhor do que ela?

O celular dela chamou até cair na caixa postal. Só então me dei conta de que, no Brasil, ainda era o final da madrugada. Deixei uma mensagem de voz que revelava exatamente o tamanho de meu desespero:

— Mãe, por favor, atende o telefone. Preciso falar com você. Me meti numa encrenca enorme.

Tive a sensação de que demorou uma eternidade para ela me retornar. Mas foram só alguns minutos — um milagre, considerando o fuso horário de cinco horas a menos lá em Belo Horizonte.

— Filha, o que aconteceu? — mamãe quis saber, bastante preocupada.

Caí no choro. Outra vez. E fiquei assim, quase afogada em lágrimas, enquanto minha mãe me metralhava com perguntas. Só quando me acalmei um pouco fui capaz de responder:

— Cometi o maior erro da minha vida, tanto de julgamento quanto de atitude. Estou muito encrencada, mãe.

Então, contei tudo, desde o princípio. Falei de minha paixão por Alex, da química que tínhamos, de meu sofrimento silencioso. Depois, respirei fundo e admiti o restante, desde o momento elétrico

na Caverna do Pirata até o fatídico fim da noite anterior. Não escondi nada.

— Mas, Ana, como é que você tem certeza de que o Alex está envolvido com os paparazzi? Porque eu o conheci e não acredito que ele tenha um caráter tão doentio.

— Os fotógrafos deixaram isso bem claro. E, mesmo que eu estivesse na dúvida, só o fato de eles terem aparecido na ilha já é um comprovante da culpa dele. Quem mais sabia que estávamos sozinhos lá? Ninguém, a não ser a Karenina e as outras empregadas, e elas não teriam motivos para armar essa palhaçada para mim!

— E por que o Alex teria? — minha mãe questionou, tentando me fazer raciocinar com imparcialidade. Só ela mesmo para me ajudar a entender o ocorrido, em vez de me crucificar por ter dormido com Alex.

— Você não viu como ele me olhou quando me conheceu, mãe. Cheio de desconfiança, de acusações veladas. Depois, começou a se aproximar, todo legal, mas agora percebo as verdadeiras intenções dele. Ele me usou para provar para meu pai que eu não valho nada.

— Não fale assim, Ana — ela me repreendeu. — O que você fez não foi pecado. Você estava apaixonada e acreditava que era correspondida. O Andrej vai entender. Quanto aos paparazzi, deve haver uma forma de impedi-los de publicar as fotos. Seu pai tem poder para isso. Mas você vai ter que se abrir com ele.

— Eu sei. O problema é que ele não está na Krósvia e eu não quero ter essa conversa por telefone. Vai ser difícil esfregar na cara do meu pai o mau caráter que o enteado querido dele tem. Nem imagino como começar...

— Do mesmo jeito que fez comigo. Seja sincera.

Outra onda de lágrimas ameaçou cair, mas dessa vez eu a segurei. Não queria ficar desidratada.

— Eu quero voltar para o Brasil, mãe. Quero voltar para casa. Acho que não consigo mais viver aqui.

— Faça isso, filha. Volte depressa. Não vou deixar você sofrendo longe de casa. Converse com seu pai e venha. Chega de deixar sua vida à mercê desses fofoqueiros krosvianos sem noção. Acha que consegue partir ainda hoje?

— Vou tentar. Quero acabar logo com isso.

— Ótimo. Dê notícias. Estamos te esperando.

Funguei. Uma caixa de lenços de papel não seria nada má agora.

— E, mãe... Desculpa. Não planejei te decepcionar.

— Não fale assim. Não estou decepcionada, Ana. Estou agradecida por ter confiado em mim. Sei que não é moleza admitir para sua mãe que deixou de ser uma menina. Também passei por isso, esqueceu?

*É mesmo. Que grande ironia do destino!*

— Agora, vá procurar seu pai. Ele também vai apoiar você. Não tenha medo.

— Te amo, mãe. E obrigada.



Não foi fácil localizar meu pai. Tive que pedir ajuda a Irina e ser muito persuasiva. Disse que o caso era sério, mas não abri o jogo. Queria falar o mínimo possível sobre a enrascada em que tinha me metido.

Andrej participava de um congresso na França. Eu sentia muito por ter que incomodá-lo, mas não sosseitaria enquanto não conseguisse me explicar para ele. Como eu tinha a intenção de sair da Krósvia quanto antes, contentei-me em conversar com meu pai via Skype. Pelo menos, não foi por MSN. Eu precisava olhá-lo nos olhos de modo que ele visse o tamanho de minha culpa e, assim, quem sabe, conseguisse me perdoar.

Estava decidida a fazer isso até que Andrej apareceu diante de mim, através da tela do computador. Ao vê-lo, minhas mãos ficaram suadas e senti o sangue sumir. Tive vontade de desistir e sair correndo, largando as explicações por conta de qualquer outra pessoa que não fosse eu.

Meu pai, um sujeito quase sempre ponderado e tranquilo, não demonstrava estar melhor do que eu, emocionalmente falando. Claro que ele previa algo ruim. Se não fosse má notícia, ele não teria sido chamado com tanta urgência.

Depois de quase sugar todo o ar do ambiente de tanto inspirar, soltei a bomba toda de uma vez. Devo ter gastado uns dez minutos ininterruptos para resumir a história inteira e falei até sobre a última conversa que tivera com minha mãe. Enquanto relatava os fatos, não tirei os dedos de meu colar de diamante. Inconscientemente, elegi o pingente de rosa como meu apoio.

Durante a confissão, não consegui segurar as lágrimas. Havia chegado a meu limite e, àquela altura, eu estava prestes a desabar de vez.

Andrej ouviu o relato. Ficou calado o tempo todo. Parecia uma estátua de pedra, sem demonstrar uma mísera expressão. Mas podia muito bem estar pensando: *O que fui arrumar para minha vida? Por que não deixei essa filha pirada para trás?*

Quando terminei, um longo silêncio pairou entre nós. Andrej abaixou a cabeça e deixou o tempo passar. Pensei que não quisesse mais falar comigo e usasse esse gesto para me dispensar.

Mas aí, assim que eu desisti de esperar, ele falou, num tom até bem calmo para quem havia acabado de receber uma batata quente nas mãos:

— Eu não acredito que o Alex esteja envolvido nessa confusão.

Um “o” redondinho se formou em minha boca. Eu esperava ouvir de tudo — que eu não merecia ser sua filha, que podia pegar minha trouxa e dar no pé —, menos aquilo, uma defesa tão convicta da inocência do enteado.

— Aquele menino sempre teve um caráter impecável. Nunca deu trabalho para ninguém, mesmo na adolescência. Ana, eu ponho minha mão no fogo por ele. O Alex não contratou os fotógrafos.

— Se não foi ele, então quem foi? Porque, apesar de você avalizar a conduta do seu enteado, eu não consigo enxergar outra hipótese. Eu sei o que ouvi, pai. Não é viagem da minha cabeça, pode acreditar.

— Para mim, foi uma armação. Ou não. Também pode ter sido uma desculpa de última hora que os fotógrafos deram para justificar a presença deles na ilha. Não adianta, Ana. Não vou crucificar o Alex.

— Ok — murmurei, arrasada. Quem dera eu pudesse acreditar na inocência dele assim como meu pai estava fazendo!

— Filha, por mais que eu esteja com vontade de torcer o pescoço dele por ter te colocado nessa posição vulnerável, para não dizer coisa pior, estou do lado do Alex.

— E contra mim? — gritei, mal acreditando no que meus ouvidos tinham escutado. Típico pensamento machista.

— Não estou contra você, Ana, embora não tenha engolido essa história de você e o Alex terem dormido juntos assim tão depressa. Nesse ponto, os dois são culpados.

— Pai! — exclamei, chocada. — Só falta você me acusar de ter pedido para ser fotografada pelos paparazzi só porque... por isso. Aconteceu, não consegui evitar.

— Bom, o que eu posso dizer, então? Você já é adulta e sabe o que faz. Mas agora o mais importante é tentar impedir que as fotos sejam publicadas. Vou entrar em contato com meus advogados. Se pelo menos soubéssemos para qual veículo de comunicação esses caras trabalham...

— É — concordei, desanimada. — Mas isso é fácil de resolver. Pergunte para o Alex.

Andrej incorporou uma postura tensa e me chamou a atenção:

— Ana, eu sei que está encucada e que os fatos te levaram a pensar mal dele. Mas eu acho que está se precipitando. Vou descobrir o que aconteceu e então teremos a prova da inocência do Alex. Aí, sim, vocês poderão namorar e aproveitar essa paixão toda.

— Acontece, pai, que decidi voltar para o Brasil — disse de uma vez, para não perder a coragem. — Não consigo mais ficar aqui depois disso tudo. Desculpe.

Ele só ficou me olhando, confuso, como se não acreditasse no que havia acabado de escutar. Fiquei com pena — não apenas de meu pai, mas de mim mesma também. Se eu tivesse sido uma boa menina, comportada e menos passional, ainda poderia desfrutar de mais uns meses na Krósvia, no maior bem-bom, sem me preocupar com absolutamente nada. Mas não, eu tinha que estragar tudo e jogar para o alto toda a confiança e as regalias que Andrej Markov, o

impressionante rei de uma feliz nação europeia, havia dado de bandeja para mim.

— Quero voltar, se possível, hoje mesmo. Já conversei com mamãe e ela concorda que essa é a atitude mais certa agora. Sinto muito se te decepcionei. Você não merece passar por isso.

Emocionado, além de bastante contrariado, Andrej tentou argumentar:

— Que absurdo, filha! Isso não é motivo para sair correndo do país, como uma *persona non grata*. Também não estou decepcionado. Você não vai embora assim, de jeito nenhum.

— Eu preciso, pai. Preciso dar um tempo, deixar a poeira baixar. É uma questão de autopreservação. No momento, é o melhor a ser feito. Não fique chateado comigo. Eu vou voltar. Um dia, eu sei que vou.

Então ele balançou a cabeça, meio que resignado, e se calou. Assim que se despediu, pediu que eu ao menos o esperasse voltar da França, pois queria estar comigo pessoalmente antes de minha viagem.

Saí do Skype e fiquei encarando o computador em estado catatônico. Meu celular não tocou nem uma vez, o que indicava que Alexander não havia entrado em contato. Melhor assim.

Chequei meus e-mails só para constatar a mesma coisa: nada de mensagens. Dele, quero dizer. Porque havia outras. Inclusive a resposta de Estela para minha declaração aflita no dia anterior. Meu Deus! Só havia passado um dia mesmo?

Desavisada, minha amiga escrevera um texto cheio de hipérboles e interjeições, provavelmente pensando que sua animação me contaminaria. Pobre Estela! Estava um dia atrasada.

De: Estela Rodrigues  
Para: Ana Carina Bernardes  
Assunto: Uhuuuuu!!!

Ana, minha amiga!

Que notícia maravilhosa (embora não seja nenhuma novidade para mim)! Mas finalmente admitir que está apaixonada por um gato daqueles é um primeiro passo muito importante. E parece que você não está sozinha nessa, não. Porque, como assim? Então o gostosão do Alex anda retribuindo seu interesse por ele? Não sei, não, hein! Isso vai dar namoro, dos quentes.

Já posso prever você e ele, o casal mais badalado do Leste Europeu — se a Krósvia estiver no leste mesmo. Está? Bom, preciso consultar um atlas. Mas, amiga, estou muito contente e confiante que agora vai! Porque vai, não vai? Pelo amor de Deus, já está mais do que na hora. Vê se dá seu jeito.

Quanto à Nome de Cachorro, escreve o que estou dizendo: já é carta fora do baralho. Só de olhar para os dois consegui pressentir isso. E você sabe como sou sensível e tal.

Aninha do meu coração, pelo menos dessa vez siga meu conselho: ouça seu coração e não se deixe abater pelo pessimismo. Sei que deve estar torcendo o nariz para as minhas palavras filosóficas, mas é isso mesmo. Tente não ser tão precavida, tão preocupada. O Alex é um deus — e um amor também. Não o deixe escapar.

Ah! Sobre o Artur. Última atualização do status: virou um chiclete, dos mais grudentos. Cismou comigo mesmo. Não sei mais o que fazer. Será que devo denunciá-lo para a polícia? Sim, porque está beirando a assédio. Ai, ai...

Responde logo, viu? Estou louca para saber as novidades.

Beijos!

Estela



Pobre amiga. Tão desatualizada! Como eu conseguiria contar que o “deus”, o “amor” do Alex era um farsante, um filho de uma boa mãe sem coração, que fizera comigo uma das piores coisas que um ser humano pode fazer com o outro?

Não tive vontade de responder. De qualquer forma, assim que eu aterrissasse em Belo Horizonte, ela seria uma das primeiras pessoas a descobrir a novidade. Bom, isso se os tabloides de plantão não fossem mais rápidos do que eu — e provavelmente seriam, não?

Deixei o computador de lado e puxei minha velha mala pink de uma das prateleiras do closet. Joguei-a sobre a cama e tratei de organizar minha bagagem. Pelo menos, ocupava a cabeça com algo produtivo.

Enchi-a com as roupas que trouxera do Brasil, mas resolvi deixar tudo o que comprara na Krósvia para trás. Não fora uma garota exemplar, a filhinha com a qual todo pai sonha. Portanto, não tinha o direito de ir embora com tudo o que Andrej me dera enquanto acreditava que eu era um doce, um anjo de candura.

Larguei os jeans caros, os vestidos de alta-costura, os sapatos italianos, tudo impecavelmente guardado dentro do armário. Mas o mais difícil foi abrir mão das lingerie da Victoria’s Secret, as tão sonhadas, fantasiadas e almejadas coleções que povoaram meus pensamentos por meses e que acabaram esquecidas numa gaveta qualquer, sem uso. Quem cuidaria delas? Quem as admiraria com tanto ardor? Talvez fosse melhor dá-las a Irina ou Karenina. Se bem que, com elas, aqueles rendas todas também virariam peças de museu, de qualquer forma.

Passei a tarde inteira nessa função de fazer as malas. Na hora do almoço, pedi na cozinha que fizessem o favor de levar minha comida até o quarto. Não estava disposta a interagir com ninguém.

Sendo assim, evitei as pessoas deliberadamente, inclusive Irina e Karenina.

Devolvi livros à biblioteca e caí no choro quando encontrei uma boneca de pano esquecida entre as almofadas da sala de leitura. Logo pensei nas meninas do Lar Irmã Celeste e isso me deprimiu. Não poderia me despedir delas e sabia que meu retorno repentino para o Brasil as deixaria tristes, talvez até mesmo magoadas.

Coloquei a boneca na mala. Que mal teria levar comigo uma recordação de momentos de tanta brincadeira e felicidade? Daria um jeito de substituir o brinquedo por outro, comprado especialmente numa loja brasileira para a dona da bonequinha. E, se minha memória estivesse bem calibrada, ela pertencia a Karol.

Da mesma forma, não tive coragem de ligar para tia Marieva. Ela exigiria saber o que acontecera para me fazer voltar tão cedo para casa e eu não estava com disposição para narrar a história mais uma vez. Ficaria em débito com ela e meus lindos primos também.

Felizmente, as fotos feitas pelos paparazzi na manhã daquele dia ainda não haviam sido publicadas. À noite, quando meu pai chegou, ele informou que seus advogados trabalharam duro e acabaram conseguindo uma liminar na justiça que impedia a divulgação das imagens até a próxima quinta-feira, ou seja, dois dias depois. Fiquei mais tranquila.

Então ele quis saber se eu realmente estava decidida a ir embora, se não tinha desistido da viagem.

— Infelizmente, não, pai. Está mais do que na hora de eu ir. Preciso respirar um pouco.

— Vamos sentir muito a sua falta. Você trouxe alegria e cor para este castelo, qualidades que há muito tempo estavam perdidas. Vai ser difícil me acostumar com a sua ausência — declarou, todo

emotivo. — Eu sei que não fui um pai muito presente, que deixei você meio de lado, aos cuidados de outras pessoas, mas você é tudo para mim, Ana. Não nos conhecemos desde sempre, mas eu te amo como se tivéssemos vivido juntos desde o começo.

Abracei-o com força, enterrando meu rosto manchado de lágrimas em sua camisa de linho.

— Também vou sentir sua falta, papai. Muita. Ou melhor, vou sentir *saudades*. Gostaria de ter sido uma filha melhor, menos exigente, menos reclamona, mais amorosa.

— E quem disse que não foi? Que não é? Filha, você pode não gostar de ser chamada de Ana Carina, mas seu segundo nome resume bem o que é.

Olhei para ele, com as sobrancelhas arqueadas, curiosa. É sério, eu nunca tinha pesquisado o significado de meu nome.

— Carina — continuou — significa *querida* em latim. E, onde quer que esteja, sempre será minha queridinha.

Enxuguei as lágrimas com as costas das mãos. Minha garganta estava apertada demais para que eu pudesse falar.

— O nome Carina também indica uma pessoa charmosa, amável e expressiva, muito criativa e um tanto curiosa, como você — completou. Eu fiquei encantada. Que legal era meu segundo nome! E pensar que eu nunca tinha gostado dele. — Portanto, não há a menor possibilidade de você ter sido uma filha ruim, porque isso não combina nem com seus atos, nem com quem você é.

Andrej pediu que eu dormisse mais uma noite na Krósvia e deixasse para viajar na manhã seguinte. Atendi a esse último pedido e fui me deitar.

Com a cabeça no travesseiro, fiz um balanço de minha vida pós-garota comum. Em poucos meses, deixara minha pacata existência

de universitária para morar num castelo, ser apresentada para o mundo inteiro como a única princesa da Krósvia, ser perseguida por paparazzi e ter fotos comprometedoras divulgadas na imprensa. Ah! Também fora entrevistada pelo *Fantástico*.

Mas nada disso, nem uma mísera pontinha, fora mais difícil do que meu último ato no país de meu pai: dormir com o homem de meus sonhos e acordar com um ogro em vez de um príncipe.



# Só sentimos saudade em português?

Foi muito mais complicado deixar a Krósvia do que ir embora do Brasil. Naquele dia, na festa surpresa no salão de eventos do prédio de meus avós, as despedidas foram dolorosas, mas suportáveis, pois eu tinha me dado um prazo de permanência fora do país. No entanto, no momento em que me vi diante de Irina e Karenina, de Jorgensen e de todos os demais funcionários do castelo, meu mundo virou uma cambalhota. Pois ao virar as costas para aquelas pessoas que se tornaram parte de minha vida, eu não sabia quando — nem se — voltaria a encontrá-las.

Ninguém entendeu direito minha partida repentina. Pedi a meu pai que desse uma desculpa qualquer, mas acabei me justificando de uma forma bem boba: estava com saudade de casa.

Karenina estreitou o olhar e pareceu ver em meu rosto o tamanho da mentira. Sei que desconfiou de algo, mas deixou passar. A ausência de Alex em minha despedida também foi notada e só aumentou a suspeita de todos.

Mais cedo, ainda a sós, meu pai contou que tinha conversado com Alexander logo depois que eu fora dormir. Eles se encontraram no escritório de Andrej no castelo e os dois tiveram um papo de homem para homem, sem considerar a relação afetiva ou o grau de parentesco.

Levei um susto ao saber que Alex havia estado tão perto. Poderíamos ter nos esbarrado, o que me mataria de desgosto. Mas

não deixei de me abalar por ele não ter me procurado. Se Alex fosse mesmo inocente, será não tentaria me convencer de qualquer jeito?

Meu pai disse que a conversa só comprovou o que ele já sabia: Alex era tão vítima da situação como eu e estava, além de chocado e com raiva, muito, mas muito mesmo, magoado comigo.

Ora, faça-me um favor! O cara apronta uma megaemboscada para cima de mim e depois vai dar um de coitado com meu pai? Fique sabendo, cara-pálida, que mágoa maior do que a minha estava para existir!

— Escute o que estou dizendo, Ana. Você ainda vai se arrepender por não ter acreditado no Alex. Ele é inocente, disso eu tenho certeza.

— Pai, vai me desculpar, mas esse seu enteado é um ator e tanto. Hollywood não sabe o que está perdendo. O Brad Pitt que se cuide.

— É por isso que ele está chateado. Pela sua falta de confiança, seu descrédito, como se ele não tivesse lhe dado provas suficientes do tamanho do amor que sente por você.

Fiquei constrangida. Esse não é um tema ideal para se discutir com um pai. Mas Andrej prosseguiu, um advogado de defesa nato:

— Ana, ele desmanchou o namoro com a Laika. Não enganou você.

— Ha, ha, ha! — desdenhei. — Isso é o que ele disse para você. Aposto que neste exato momento os dois estão tomando café da manhã de frente um para o outro, envolvidos por roupões felpudos e macios, com os cabelos molhados.

— Filha, não seja cínica. Essa característica não combina com você.

*Ah, que seja!*

— Pai, por favor, não vamos mais falar do Alex — pedi. — Pretendo esquecê-lo e vou ser bem forte para alcançar esse objetivo. E o primeiro passo é não pronunciar o nome dele, nem em pensamento. Posso contar com você?

Andrej fez que sim. Mas sua contrariedade ficou bem explícita.

— Só uma última notícia. Na verdade, é um recado, um pedido do Alex.

— Pai...

— Ana, ele quer que você descubra que está errada e diz que vai conseguir provar isso em breve.

— Até parece — retruquei, sufocando uma vontade louca de atirar um objeto qualquer na parede. — Pois diga a ele que não precisa se preocupar tanto. Não quero mais saber. E diga também que já estou deixando vago o lugarzinho dele, que, no fim das contas, é o que ele sempre quis.

— Jesus, quanto rancor! — exclamou meu pai. — Mas fique tranquila. Alex sabe que você está indo embora. Conte para ele ontem.

— Então, já deu tempo de ele organizar uma festa para comemorar.

Dessa vez Andrej riu.

— Do jeito que ele recebeu a notícia, é mais fácil o pobre coitado estar agarrado a uma garrafa de tequila, tentando esquecer essa minha filha cabeça-dura e turrona. Nesse aspecto, você é igualzinha à sua mãe.

Não pude deixar de conectar as duas histórias: a de minha mãe, há 20 anos, e a minha. A diferença era que ela abandonara meu pai



por medo de um futuro com ele. Enquanto que, no meu caso, não havia futuro nenhum com Alex. O resultado? Dois corações partidos em duas gerações seguidas.

Meu pai não me acompanhou até o aeroporto. Como escolhi viajar por uma companhia aérea comercial e não no avião da família real da Krósvia, ele achou melhor que eu fosse sozinha para não despertar a atenção das pessoas. Mas fez questão de me comprar uma passagem na primeira classe, para que eu tivesse privacidade.

Ah! Também me obrigou a levar Boris e Zlafer comigo, pelo menos para ficarem por perto, como quem não quer nada, e agirem caso fosse necessário. Não gostei, mas deixei passar. Seria inútil discutir.

Tentei parecer bem normal. Então, vesti um figurino básico e não tirei os óculos escuros do rosto. Se eles escondiam celebridades que viviam com a cara nas telas de cinema, por que não eu?

Embarquei às 9h da manhã do dia 2 de dezembro. Exatamente quatro meses depois de eu ter colocado meus pés, pela primeira vez, em solo krosviano.

Lá do alto, no meio das nuvens, Perla foi diminuindo até se tornar um pontinho minúsculo abaixo do avião. Eu não fora até lá para encontrar um amor, mas acabara me apaixonando. Também não percorrera quilômetros e mais quilômetros para ser decepcionada. De um modo ordinário, eu tinha aprendido que do futuro não sabemos nada. Pois, se eu tivesse previsto tudo aquilo, jamais teria aceitado passar nem um único dia com meu pai na Krósvia.



# Meu caminho é você

Imaginei que o tempo seria meu maior aliado na luta contra a doença chamada Alexander, mas me enganei.

Um mês havia se passado e eu continuava deprimida, desgostosa, sem ânimo. Pelo menos, algo positivo aconteceu: as fotos jamais foram publicadas. E quem resolveu esse problema não foi nem meu pai, nem seus advogados. Soube, dias depois de desembarcar no aeroporto de Confins, que Alex impediu a divulgação usando seu excelente poder de persuasão. Irina me contou que ele não só ameaçou os fotógrafos como chegou a quebrar uma das câmeras assim que eu fui embora às pressas da Ilha de Catarina.

Também ficou provada sua não participação na emboscada. Isso foi meu pai quem me relatou, com um tom de *eu não disse?* Pelo telefone, Andrej esclareceu como tudo ocorreu:

— O namoro entre o Alex e a Laika não andava bem há muito tempo, mesmo antes de você chegar. E ele piorou depois, porque ela morria de ciúmes de vocês dois. Com razão, né?

— Como assim? — questionei. — Eu não ficava dando em cima do Alexander, como se eu fosse uma piriguete.

— Mas ele dava sinais de que estava interessado em você. Por que outro motivo ficaria passeando para todo lado com você, Ana? Quando ele deu essa sugestão, eu não refleti, mas a verdade era clara. E a raiva da maluca da Laika foi só aumentando. A gota d'água foi o término do namoro. Desesperada, ela contratou os paparazzi e pediu a eles que ficassem no pé do Alex.

— Até encontrarem a oportunidade para fazer o que fizeram — completei, totalmente sem chão.

Foi difícil encarar minha burrice. Tanto tempo louca de amor por Alex, tanta expectativa, para eu simplesmente estragar tudo. Como eu me odiei naquele momento!

Mais horrível ainda foi escutar meu pai dizer que Alexander ainda estava bastante magoado, a ponto de não querer conversar comigo. E eu poderia criticá-lo? Eu fora uma megera, uma insensível sem coração.

Aqui no Brasil, todo mundo tentou me animar. Passei o mês de dezembro sendo paparicada em excesso por minha mãe e meus avós. Até Estela entrou na onda deles. Resultado: o dia inteiro tinha alguém me perguntando: *você está bem?*

Também tive outros problemas, a maioria de readaptação. Eu ficara tão habituada a pensar em inglês que passei a falar tudo misturado, muitas vezes usando palavras da língua inglesa no meio de frases em português.

E o que posso dizer do clima? O calor de dezembro quase me matou. Acostumada com o inverno rigoroso da Krósvia, o verão brasileiro me levava a pensar nas camadas mais profundas da Terra.

Mas pelo menos eu continuava de férias. Portanto, consegui evitar o sol forte ao máximo — e as pessoas também. Minhas atitudes nada sociáveis deixaram minha família e meus amigos muito assustados. Até porque eu costumava ser uma garota extrovertida e animada, o oposto do que havia me tornado.

Claro que a qualquer momento eu teria que sair daquela fossa. Burra eu não sou, portanto, ou eu fazia um esforço e me recuperava, ou ficava doente e me enterrava de vez na depressão.

Então, entendi que, para virar esse capítulo nebuloso, eu precisava tomar uma atitude. E o primeiro passo seria me desculpar com Alexander. Não pessoalmente, nem por telefone, pois não possuía tanta coragem assim. Quem sabe se eu escrevesse uma mensagem bem sincera ele acabasse me perdoadando? Não custava tentar. E foi o que fiz.

No décimo segundo dia após meu retorno ao Brasil, sentei-me diante do computador e digitei:

De: Ana Carina Bernardes  
Para: Alexander Jankowski  
Assunto: Desculpa

Alex,

Nem sei por onde começar esta mensagem. Tenho consciência do tamanho da sua mágoa e, acredite, dou razão a você. Porque, se fosse o contrário, se você tivesse duvidado de mim como duvidei da sua palavra, eu também teria preferido me afastar, pois confiança é a base para qualquer relacionamento.

Estou com vergonha da minha atitude infantil, principalmente porque minha imaturidade causou sofrimento para muitas pessoas: meu pai, Irina, Karenina, tia Marieva, meus primos e as meninas do Lar Irmã Celeste. E, claro, também fiz você sofrer, depois de tudo o que fez por mim.

Mas, por favor, não me queira mal. Perdoe-me por ter sido burra, ridícula e paranoica. Estou muito arrependida, com vontade de voltar no tempo e fazer tudo de novo, só que da maneira certa.

Liga para mim para a gente conversar, por favor. E, se não fizer isso, vou aceitar sua decisão, mesmo que contrariada. Não quero perder você, Alex. Agora eu sei.

Porque eu amo você.

Meu dedo indicador ficou passeando pelo ícone *Enviar* do gerenciador de e-mails antes de finalmente clicar e mandar a mensagem para a caixa de entrada de Alexander. Depois disso, passei algumas horas checando

meu Outlook para ver se a resposta estava lá. Mas as horas viraram dias, que se transformaram em semanas. E Alex nunca respondeu.

Sim. Eu era cabeça-dura. Mas igual a ele nunca conheci ninguém!

Dias mais tarde, soube por meu pai que Alexander havia tirado umas férias e saído pelo mundo, numa dessas viagens de mochila cheia nas costas e preocupação zero na cabeça.

Então, era assim que nossa história terminava? Cada um seguindo seu próprio caminho, em sentidos inteiramente opostos?

O Natal chegou e passou depressa e eu pude voltar a experimentar uma reunião de família normal. Foi legal, porque ninguém tocou no assunto proibido. Não mencionaram sequer o nome Krósvia. Só tive notícias de lá quando meu pai ligou à noite, mas me recusei a perguntar sobre mais Alex e a ouvir informações sobre ele. Se era para esquecer, o tratamento tinha que ser de choque.

Por falar em normalidade, agradecia a Deus todos os dias por ter voltado a ser uma pessoa comum. Felizmente, a imprensa brasileira não estava mais interessada na atrapalhada filha do rei da Krósvia e, tirando algumas poucas ocorrências, deixaram-me em paz. Afinal, os tabloides vivem de novidades e tinham gente famosa de verdade para perseguir.



— Eu *proíbo* você de ficar em casa hoje. — Estela apontou o dedo para minha cara e esbravejou: — Já lhe demos seu período de luto, mas agora chega! Não vou deixar você sofrer eternamente. Faça-me o favor!

Era 31 de dezembro. Eu tinha passado o dia deitada em minha cama, lendo um romance água com açúcar e enchendo minha barriga de porcaria, tipo brigadeiro e doce de leite em barra. Até Estela chegar e começar a metralhar meus ouvidos com sua ladainha sem fim. Será que o ser humano não tem o direito de escolher passar sua virada de ano da maneira que bem entender? Por acaso é algum tipo de crime escolher ficar em casa?

Minha mãe insistira para que eu fosse com ela a uma festa que seu buffet havia organizado. Dissera que só ia dar gente bonita e jovem e que a banda seria uma dessas que tocam em festas de formatura. Traduzindo: bem animada. Eu negara com veemência, mesmo ela tendo quase me arrastado para fora da cama.

Ela saíra contrariada. Eu, por outro lado, suspirara de alívio. Seríamos apenas eu e meu livrinho.

Mas as pessoas têm a mania de pensar que querer ficar sozinho é sinônimo de suicídio. Como se eu fosse pular da varanda do quarto sobre o trânsito caótico da Avenida Amazonas ou enfiar a cabeça dentro do forno com o gás ligado. Até parece.

Prova disso é que nem bem curti uma hora de solidão e Estela apareceu toda saltitante, exalando felicidade e otimismo pelos poros. A personificação de Poliana, aquela menina ultrapositiva, personagem de um livro que li na infância.

— Daqui a pouco é *reveillon* e você aqui, toda largada e malvestida.

Olhei para minhas roupas. Qual mal havia em usar um short de corrida velho e a camisa do terceiro ano do Ensino Médio se não pretendia ir a lugar nenhum?

— Estela, eu estou em casa. Sozinha. Não sabia que precisava estar de longo.

— Ai, que engraçado! Você sabe o que eu quis dizer, Ana. Não seja carrancuda.

Suspirei. Estela é um amor de pessoa, mas também sabe ser uma chata quando quer. Nossa Senhora!

— E o que você pretende fazer mais tarde? — perguntei por perguntar.

— Eu, não. Nós. Nós vamos a uma festa, uma festa super-restrita que o noivo da minha prima Paula ajudou a organizar. Vai ser lá no Minas Náutico Alphaville, com ninguém menos que o Fat Boy Slim.

— Ah não, Estela. Não estou no clima de balada. O Fat Boy Slim até que é legal, mas hoje, não. Minha cabeça é capaz de estourar num lugar desses.

— Ana, o Fat Boy Slim até que é legal? Só legal? Você pirou, minha filha? Ele é um dos DJs mais badalados do mundo. Fala besteira, não! E você não tem como se recusar a ir, porque para nós a festa saiu ao estilo 0800. De graça.

Engoli em seco. A coisa estava começando a ficar feia para meu lado. A danada da Estela sempre tinha uma carta na manga.

— Eu tenho mesmo que ir? — choraminguei. — Estou tão desanimada!

— Vai tomar um banho e botar uma roupa bonita. Garanto que não vai conseguir ficar parada quando chegar lá. De mais a mais, é



hora de enterrar aquela história que estou proibida de mencionar. Quem sabe apareça um gato novo no pedaço e tire você de uma vez por todas dessa fossa.

— Não estou na fossa — discordei, ainda sem me levantar da cama.

— Claro que não. — Estela revirou os olhos e me puxou pelas mãos. — Mesmo assim, vale a pena dar uma saída. Fiquei sabendo que o Tiago, aquele pedaço de mau caminho da Engenharia Mecatrônica, vai estar lá. Hum... Não ligaria nem um pouco de dar uns beijos nele. Nem você, espero.

— Pode parar. Se for para me obrigar a ficar com qualquer um hoje, eu me recuso a ir. Não quero beijar ninguém.

— Mas não é qualquer um, não, minha filha, é o Tiago. Ô!

É desse jeito. Estela é que nem criança. Não sabe receber um não como resposta. Fiquei sem saída. Ou ia com ela àquela maldita festa ou aguentava sua ladainha descontrolada pelo resto da vida. Nem sei o que poderia ser pior. Mas pensei melhor e concluí que deixá-la insistir até a morte não era a opção mais adequada.

Tomei um banho rápido de chuveiro — que saudade da banheira de meu quarto no castelo! — e coloquei um vestido curto, simples e branco, para não fugir à tradição do *réveillon*. Liguei para minha mãe e avisei que tinha resolvido sair, o que muito a agradou.

Estela e eu pegamos um táxi. Por mais que a corrida ficasse cara, seria mais seguro. Pois quem garantiria que não beberíamos todas?

Chegamos à festa por volta das 23h. Nunca vi tanta gente debaixo do mesmo teto. Parecia um mar de pessoas ensandecidas, sendo guiadas pela batida da música.

— Ai, que maravilha! — gritou Estela ao se deparar com as possibilidades. Ela sempre defendia a seguinte teoria: quanto mais pessoas estivessem num lugar, maiores eram suas chances de conseguir um bom amasso durante a noite. — Acho que deve ter uns 20 gatos por metro quadrado. Uau! Deu até calor.

— Amiga, *está* fazendo calor, independente da quantidade de gatos que você esteja enxergando.

— Deixa de ser rabugenta, Ana! Se joga na noite. E vê se esquece os problemas. Hoje é dia de curtir, de largar o passado para trás. Vamos beber!

A festa era do tipo *open bar*. Então, poderíamos beber à vontade, pois as bebidas estavam incluídas no preço da entrada. Mas, no nosso caso, sairiam de graça, já que tínhamos ganhado os ingressos.

— Hoje eu quero só Absolut. — anunciou Estela aos berros, para fazer-se ouvir. E olhe que eu estava a dois passos dela.

— Vodca? Não sei, não... — respondi, temerosa. Uma vez eu tomara um porre de vodca, quando tinha acabado de completar 18 anos, e ficara mal, mas *muito* mal mesmo, a ponto de ter amnésia alcoólica. A última cena que ficara registrada em meu cérebro fora um poste e eu agarrada a ele para não cair de cara no chão. Quando recobrei a lucidez, já estava em casa, com a maior dor de cabeça e um balde ao lado de minha cama. Nem preciso explicar por quê, né?

— Ah, só um pouquinho não vai fazer mal.

— O problema é a gente ficar no “só um pouquinho”.

— Vamos tentar, ok?

E lá fomos nós! Começamos timidamente, mas nem bem chegamos aos últimos minutos do ano e já estávamos meio tontas. Ou melhor, eu estava. Porque, num determinado momento, acho

que Estela parou de beber. Pelo menos, não vi mais nenhum copo na mão dela.

E aí houve a contagem regressiva para o término do ano, seguida de uma chuva de papel prateado picado e muito champanhe estourando sobre a multidão. De repente, fui abraçada por pessoas que nunca tinha visto na vida, mas àquela altura não me importava muito com isso. Até que o calor humano estava agradável. Ou seria a Absolut?

— Estela, já falei que você é uma amiga maravilhosa? — Quem pensa que a frase saiu bonitinha assim está enganado. Levei uns 15 segundos para pronunciar aquelas nove palavras. — E que eu tenho muita sorte?

— É claro que tem — concordou ela, mais sóbria, mas nem tanto. — Além de ser minha amiga, é também uma princesa. De verdade.

— É... E meu pai é um rei e ele mora num castelo. E eu deixei todas as minhas roupas bonitas lá!

Alguém esbarrou em mim, quase levando-me ao chão. Eu me segurei a tempo no braço de Estela e soltei uma gargalhada de hiena, horrorosa. Mas logo a gargalhada se transformou em choro e um guincho agudo escapou de minha garganta.

— Larguei tudo para trás, Estela. Meus Manolos, meu Dior Couture, minhas lingerie da Victoria's Secret. Eu quero tudo de volta. Estou com saudade até do Bruce, aquele labrador pateta.

— Por que você não liga para o seu pai e diz isso para ele? — sugeriu minha amiga, tentando se equilibrar em cima de seus sapatos meia pata de verniz rosa-choque.

— Porque eu bebi muito e ele vai brigar comigo e eu não lembro o número do celular dele! — Minhas lágrimas desciam

copiosamente.

— Então, liga para o Alex. Isso! Liga para ele, Ana. Diz que tá aqui totalmente bêbada e que a culpa é dele.

Dei outra gargalhada medonha. Que vexame!

— Você tá louca! Não posso fazer isso. Ele não quer mais saber de mim. — Mais choradeira.

— Porque você é uma tonta. Como conseguiu dormir com ele e dizer tanta asneira no dia seguinte?

— Psiu! Fala baixo! Quer que todo mundo saiba desse detalhe?

— Ah, e daí? De que importa para esse povo se você não é mais virgem?

Sabe esses momentos peculiares da existência do ser humano nos quais o universo inteiro parece conspirar contra você? Pois é. Ultimamente, o universo resolveu me fazer de Cristo. A música fez uma pausa justamente no instante em que Estela berrou aos quatro ventos aquela maldita frase. E todo ser vivo num raio de 20 metros escutou com nitidez a indagação infeliz de minha amiga.

Olhei para ela com ódio, quase curada do pileque, e saí marchando — quero dizer, cambaleando — até a porta de saída, ouvindo risinhos ordinários enquanto eu passava.

Estela me seguiu.

— Ana, volta aqui! Que culpa eu tenho se a música parou bem na hora?

— Táxi! — Balancei a mão no ar, igual a uma donzela de filme de época, mas muito mais desajeitada. — Eu vou embora. Já chega.

— Para com isso, amiga. Relaxa. Ninguém ali dentro te conhece. Quero dizer, não se a gente não contar para eles que você é a Ana

Markov.

— Bernardes Markov — corriji.

— Você tá completamente bêbada, Ana. Não pode ir para casa assim. E se o taxista for um tarado?

— Que tarado o quê, Estela! Nunca ouvi nenhuma história de taxista estuprador. Agora, me deixa ir. É verdade. Eu tô bêbada. Prefiro passar mal em casa.

Com uma sincronia perfeita, um táxi breiou bem a meu lado e eu entrei pela porta de trás, enquanto tentava lembrar meu endereço para passar ao motorista. Maldita vodca!

— Então eu vou com você. — Estela me empurrou para o meio do banco e se sentou, bufando de contrariedade.

Pelo retrovisor, o taxista nos olhou com impaciência, talvez desejando ter passado a madrugada comemorando a virada de ano em vez de transportar passageiras com alto teor alcoólico no sangue e zero juízo na cabeça.

— Para onde, senhoritas?

— Para a Krósvia! — gritei, iniciando mais uma sessão de lágrimas.

— Hein?

— Desculpa, moço. Minha amiga aqui não tá passando bem e se confundiu — Estela explicou com a voz mais doce do mundo e uma fúria assassina no olhar. — Na verdade, estamos indo para a rua Paracatu, no Santo Agostinho.

— Perto da Praça da Assembleia? — quis saber o motorista, um pouco mais amistoso.

— Issssssso — confirmei, tanto com a boca quanto com o dedo indicador, que mexia para baixo e para cima, como o Chaves da televisão.

— Tsc, tsc. Essa meninada de hoje só sabe beber — resmungou o taxista para si mesmo.

— Moço, hoje é *reveillon* — Estela argumentou. — Normalmente não fazemos isso, não, sabia?

Ele só balançou a cabeça, nem um pouquinho convencido.

— Ah... Queria que ele fosse o Jorgensen... — solucei. — Por que, hein, moço? Por que você não pode ser o Jorgensen?

— Ana, pelo amor de Deus!

— O Jorgensen era bonzinho comigo e me levava para onde eu queria. E você — quase enfiei o dedo na cara pálida do motorista — está me magoando.

— Ana! Quer calar essa boca? — Estela esbravejou e depois disse baixinho, em meu ouvido: — E se ele resolver deixar a gente na BR ou no meio da Raja Gabaglia?

— Então, põe uma música! Pelo menos tem música neste carro? — indaguei, com uma mão em cada encosto de cabeça dos bancos da frente, prestes a meter o indicador no botão "ligar" do aparelho de som.

— Só tenho música sertaneja — respondeu o motorista, meio que se justificando. — Vocês gostam?

— Sim — disse Estela, resignada.

— Serve — respondi, topetuda.

— Humpf — fez ele.

De repente, a voz anasalada de Luan Santana dominou o interior do veículo. Num dia normal, eu não prestaria muita atenção, pois não sou fã desse gênero musical. Mas naquela hora soltei a voz — num volume bem alto — e cantei junto com ele. Gritei mesmo. Estela até tapou os ouvidos e fez careta. O taxista devia estar se perguntando se merecia aquele castigo.

*Eu tô apaixonado*

*Eu tô contando tudo*

*E não tô nem ligando pro que vão dizer*

*Amar não é pecado*

*E se eu tiver errado*

*Que se dane o mundo*

*Eu só quero você*

— Eu quero o Alex! — desatei a chorar novamente. Dali para a frente eu só chorei, que nem criança contrariada.

Até o pobre coitado do motorista se sensibilizou e me passou uma caixa de lenços de papel, gentileza que eu aceitei prontamente.

— Por que ela está tão triste? — escutei-o perguntar para Estela.

— Desilusão amorosa.

— Entendo — concordou o taxista, cheio de piedade no olhar. — Escuta, filha. Não fique triste. Já passei por isso. Fique tranquila que o tempo cura tudo, viu?

Funguei. Olhei para Estela e a vi encolhida de vergonha. Não entendi o motivo. Eu só estava botando para fora todo o meu desespero. Que mal havia nisso?

Só sei que em poucos minutos paramos em frente do meu prédio. Mal consegui alcançar o elevador sem quase cair umas três vezes. Estela quis me acompanhar, mas recusei a oferta. Nada melhor do que uma fossa bem curtida na companhia da completa solidão.



— Ai, minha cabeça — choraminguei, enquanto tentava me levantar da cama para tomar um comprimido de Neosaldina.

— Que bonito, né, dona Ana Carina? Bebendo sem moderação!

Seriam meus tímpanos ou a voz de minha mãe havia subido para uns 200 decibéis?

— Não me diga que agora vai começar a compensar suas mágoas com bebida?

Joguei o travesseiro sobre o rosto e abafei um grito. Tinha uma caixa de abelha zunindo dentro de meu cérebro e minha mãe ficava armando sermão.

— Mãe — gemi —, pode acreditar. A bebedeira de ontem foi um fato isolado. Não vou virar alcoólatra por isso, né? Agora, me deixa dormir. Ainda é muito cedo.

— Realmente — disse ela, escancarando as cortinas para que eu visse o céu. — Cedo demais, afinal são “só” cinco horas da tarde.

Como era horário de verão, o sol ainda reluzia sobre a cidade.

— Você está dormindo há mais de 12 horas. E deve ter tido um sono agitado, pois gemeu e falou o tempo inteiro, principalmente o nome do Alex.

Encolhi. Por que o amor nos transforma em seres tão ridículos?



— Não me diga que continua tendo aquele sonho recorrente. Pensei que já tivesse passado.

Olhei para minha mãe, não querendo exatamente enxergá-la, mas fiquei pensando sobre o que ela disse, sobre os dois assuntos que mamãe, sem querer, abordou na mesma conversa. Ela afirmou que eu havia dito o nome de Alex enquanto dormia e perguntou se meu sonho recorrente ainda existia.

De repente, algo se acendeu dentro de mim. Foi como se uma luz tivesse entrado em minha cabeça para iluminar meu raciocínio. Por que eu nunca tinha feito as conexões corretas? Por que ficara cega por tanto tempo? O tempo todo, a resposta estivera bem na minha frente.

— Está escutando, Ana?

— O quê? — Minha cabeça estava longe.

— Eu mandei você levantar dessa cama e tomar um banho para ver se esse corpo melhora. Depois, vê se come alguma coisa. Fiz uma lasanha. Vou ter que sair agora, pois tenho um evento mais tarde.

Concordei. Mas, depois de minha brilhante constatação, concordaria com tudo para me livrar logo de minha mãe. Assim que ela saiu, fui para o chuveiro. Prestes a tomar uma decisão importante, eu precisava estar cem por cento segura a respeito do que faria.

Minha boca continuava seca, sintoma da bebedeira da noite anterior, mas meu corpo não exalava mais nenhum cheiro da noitada. Respirando fundo para acalmar meus ânimos, liguei o computador, acessei o gerenciador de e-mails e me pus a escrever o texto mais difícil — e também o mais libertador — de minha vida.

De: Ana Carina Bernardes  
Para: Alexander Jankowski  
Assunto: Meu lugar

Querido Alexander,

Esta é a última vez que procuro você. Prometo que não o incomodarei mais depois que terminar de escrever esta mensagem. Aliás, já estava determinada a te esquecer desde aquele meu e-mail que ficou sem resposta. Sou boa em interpretação e entendi seu recado silencioso. Sei que pareço insistente e pegajosa, mas não posso deixar de compartilhar com você a revelação que tive hoje mais cedo, depois de quase ter morrido de tanto beber vodca na virada do ano. Pelo menos, a bebedeira serviu para clarear minha mente. Contraditório, não?

Bom, estou enrolando. É melhor eu ir direto ao assunto antes que você decida deletar a mensagem. Espero conseguir me expressar com clareza, de modo que, depois de ler este texto, você pelo menos entenda minhas atitudes durante o tempo que fiquei na Krósvia.

Alex, nunca comentei isso com você, mas desde pequena uma história se apodera de meus sonhos. Sempre a mesma história. Não que eu tenha o mesmo sonho todas as noites, mas ele é frequente, a ponto de eu conhecer intimamente cada detalhe. Começou quando eu tinha uns 7 anos e entendi que era diferente das outras crianças porque, ao contrário delas, o nome do meu pai não estava registrado na minha certidão de nascimento.

A história falsa que minha mãe me contou foi compreensível, mas deixou um buraco no meu peito, pois não é fácil para uma menininha ficar sabendo que o pai abandonou a mãe quando soube da gravidez. Claro que, na época, ela amenizou o fato, mas eu me via como a garota com o registro de nascimento incompleto.

De certa forma, acredito que o conhecimento desse episódio tenha provocado o sonho. Sei lá! O surgimento dele foi tão imediato! E olha que eu tentei entendê-lo recorrendo a tudo

quanto é tipo de profissional, desde psicólogos até sensitivos. Mas ninguém me deu uma explicação satisfatória.

Até que o Andrej apareceu. Ao mesmo tempo em que foi maravilhoso descobrir que eu tinha, sim, um pai e que ele também estava feliz por me conhecer, fiquei apavorada ao saber que ele era um rei e queria que eu me tornasse a princesa do país dele.

Foi aí que conectei meu sonho com a descoberta da outra metade de minha vida. Ambos pareciam tão semelhantes! Para que você mesmo tire suas conclusões, vou resumir a história: nesse sonho, eu sempre apareço sozinha, num campo muito verde, com flores numa espécie de canteiro nas laterais. Uso um vestido amarelo-ouro, longo, tomara que caia e bem rodado a partir da cintura. Para meu espanto, ele é idêntico a um que encontrei no armário de minha bisavó Catarina, na ilha. Pensando nisso, agora vejo claramente como tudo faz sentido. Meus cabelos estão presos num coque perfeito. Atrás de mim existe uma escadaria sem fim. Não sei para onde ela vai. Fico olhando para o alto, primeiro com uma expressão confusa, mas sorrio depois. Então, de repente, começa a ventar, e venta tanto que meus cabelos se soltam e rodopiam em volta de minha cabeça. Olho para cima outra vez e fico transtornada. Não sei o que vejo, mas não deve ser coisa boa. Em seguida, algo chama minha atenção do outro lado do campo e eu me viro. Alguma coisa me deixa contente e então estendo a mão. Mas não chego a tocar em nada, pois, quando estou prestes a fazer isso, acordo.

Não me considero uma garota espiritualista, com dons mediúnicos nem nada. Mas desde que "encontrei" o vestido amarelo do sonho, tenho me perguntado sobre a possibilidade de estar recebendo algum sinal do céu, dos deuses, sei lá! Então, concluí que o sonho foi uma premonição, um aviso para que eu me preparasse para encarar a nova vida que caiu de surpresa sobre mim. Também deduzi que estar entre dois lados no meio da ventania simbolizava minha dificuldade de conviver com minhas duas nacionalidades: a brasileira e a krosviana.

Como eu estava enganada! De certa forma. Porque o problema verdadeiro é outro. Eu só me permiti ser dividida em duas — uma Ana do Brasil e uma Ana da Krósvia — porque não enxerguei antes que só posso ser uma pessoa plena se me

aceitar como a união de minhas partes. Não posso ser só Ana Bernardes, nem só Ana Markov, pois o que define minha identidade é a soma de todos esses nomes, ou seja, sou Ana Carina Bernardes Markov. Independentemente do país onde esteja, da língua que fale, sou una.

Portanto, não preciso optar entre o Brasil e a Krósvia. Pertengo aos dois. E, se naquele dia não acreditei em sua palavra, hoje sei que foi por medo. Inconscientemente, associei a escolha de ficar com você com a extinção de minha personalidade brasileira. Como fui burra! A ventania de meu sonho é a paranoia que me consumiu nos últimos meses. O susto em meu olhar simboliza o tal receio de me perder. A escadaria sem fim, minha indecisão. Mas a mão que estendo para algo ou alguém que não vejo é para você, porque você é que está lá do outro lado, que é o cara que me deixou à vontade para ser eu mesma. E o vestido? Apenas um recado da Catarina. Ela queria que eu escolhesse o caminho certo e me conduziu até ele.

Pena que eu não soube reconhecê-lo no momento certo. Mas agora tudo está claro. Meu caminho é você.

Alex, se tiver lido até aqui, peço, mais uma vez, que me perdoe. Entretanto, se nossa história não tiver mais jeito, saiba que vou seguir minha vida. Já sofri e me condenei demais. Agora, chega. Também não vou desaparecer da Krósvia só para evitar esbarrar em você. Lá é meu lugar também.

Eu realmente te amo demais, mas não posso viver afundada no que perdi.

Sinto sua falta. Chega a doer. Mas, se tiver que ser assim, vou superar.

Um grande beijo!

Ana

Nem sei quantas vezes reli a mensagem. Também não tinha certeza se fizera bem de escrevê-la. Mas o que mais poderia fazer?

Eu devia explicações para Alexander e pelo menos pude contar a verdade, já que finalmente eu a tinha descoberto.

Fechei os olhos e enviei. Meu coração batia acelerado de tanto imaginar as repercussões daquele e-mail, se é que teria alguma. No entanto, eu não queria me iludir. Vai saber o que Alex faria quando lesse meu nome em sua caixa de entrada. Talvez nem chegasse a abrir a mensagem. Porém, eu encerrava por ali. Não me manifestaria mais. Meu orgulho me impedia de prosseguir.



# O melhor lugar do mundo

Passei a semana me policiando para evitar a Internet durante o dia. Se eu me permitisse, checaria meu Outlook o tempo inteiro, mas não estava disposta a me prender diante do computador, nem a deixar a ansiedade me dominar.

Mesmo assim, de vez em quando eu dava uma olhadinha na caixa de entrada e verificava se havia uma resposta de Alex. Mas ela nunca apareceu. Eu poderia tentar me convencer de que talvez seu endereço de e-mail tivesse mudado ou de que ele estava sem acesso à Internet no lugar por onde andava, caso ainda estivesse viajando. Porém, no fundo, já conhecia a verdade: o amor de Alexander por mim não era tão grande e ele me deletara de sua vida bem rapidinho.

Não contei minha última façanha para ninguém, nem para Estela. Aquele fracasso eu guardaria só para mim. Bom, pelo menos, era essa minha intenção...

Mas foi só tia Marieva me ligar para eu despejar em cima dela toda a frustração que sentia.

— Tia, eu sei que magoei o Alex com minha desconfiança, mas não acha que já fui punida o suficiente?

Eu sempre conversava com ela por telefone ou MSN e isso me ajudava a me manter conectada com a Krósvia. Tia Marieva me falava sobre seus filhos e as meninas do Lar Irmã Celeste e dizia que todos eles sentiam minha falta. Eu morria de saudade também.

— O Alex é muito cabeça-dura — comentou ela naquele dia, ao telefone.

— A questão não é bem essa — discordei. — Ele pode não ter participado da armação contra mim, como ficou provado, mas também não estava tão interessado. Caso contrário, teria me dado uma segunda chance, né?

— Não sei, querida. O Alexander é um homem incrível, mas é teimoso como ele só, desde criança.

— Bom, se é questão de teimosia, a coisa ainda é pior. Não dá para acreditar que não respondeu ao meu e-mail, nem ao menos para pedir que eu não o procure mais.

— Não sei, Ana. É estranho. De todo modo, você sabe, ele não está aqui em Perla. Nem o Natal Alex passou conosco. Está pelo mundo afora, de mochila nas costas, viajando por aí. Talvez nem tenha recebido sua mensagem.

— Duvido muito, tia. Mas tudo bem. Acabou. Vou procurar não me preocupar mais com essa história. — Suspirei, mudando de assunto: — Estou pensando em trabalhar como voluntária numa instituição assistencial aqui na minha cidade. Não decidi nada ainda, mas...

— Que notícia ótima, querida! Você leva o maior jeito mesmo. Mas por que não volta para cá e continua o trabalho que já começou aqui? — sugeriu ela, empolgada.

— Pelos mesmos motivos que me levaram a voltar para o Brasil antes do tempo.

— Você não pode fugir dele a vida toda. Ou vai deixar de nos visitar para sempre?

— Claro que não. Vou estar aí em breve. Mas não para morar. Eu tenho meu curso, minha mãe, meus avós...



— Eu sei — tia Marieva me interrompeu. — Conheço esses argumentos e não é de hoje. Porém, Ana querida, para tudo há um jeito. Tenho certeza de que você logo, logo vai encontrar o seu. Porque nós também não queremos viver longe da nossa princesa.

Faz um bem enorme para a alma a gente se sentir amada. Eu não tinha do que reclamar quanto a isso, pois tanto minha família brasileira quanto a da Krósvia eram maravilhosas.

Desliguei o telefone mais aliviada, já que tinha desabafado e tirado um pedaço do nó que andara fixando residência em meu estômago.

Como era sábado, decidi sair um pouco de casa e aproveitar a tarde bonita para fazer uma caminhada na Praça da Assembleia. Vesti uma malha de ginástica, calcei meus tênis de corrida e fiz um rabo de cavalo alto, pois detesto me exercitar com os cabelos soltos, grudando na pele. Enfieei uma nota de 20 reais no cós da calça e saí, depois de avisar minha mãe para onde eu ia.

— Também estou de saída — ela gritou da cozinha. — Vou para aquele evento em Sabará. Só volto amanhã.

— Ah, é? Então a festa lá vai ser das boas — comentei.

— Sim. São bodas de ouro e os filhos do casal programaram dois dias de comemoração.

— Bom, boa sorte então — gritei de volta.

— Obrigada, filha! Estou deixando um pastelão de frango. Ah! E uma torta de pão.

— Beleza! Beijo!

Fechei a porta sorrindo. Ter uma mãe craque no fogão tem suas vantagens. A gente nunca passa fome. O lado ruim é que fica impossível controlar as calorias extras com tanta comida boa em

casa. Mais um motivo para eu caminhar na praça. Aliás, já que eu passaria o final de semana em casa só comendo, melhor mesmo seria correr de uma vez.

E foi justamente isso que fiz. Apertei meus óculos escuros no rosto, liguei o iPod e segui o fluxo de corredores. No começo, tive um pouco de dificuldade para manter o ritmo, uma vez que andava meio fora de forma. Mas acabei pegando o jeito e me animei a dar mais de dez voltas — meu recorde até então.

Não prestei atenção em nada a meu redor. Não posso nem afirmar se o lugar estava cheio ou não. Só corria, procurando eliminar qualquer tipo de pensamento de meu cérebro. Meia hora depois, já podia sentir o efeito animador da endorfina em meu organismo.

Só parei quando minha panturrilha direita reclamou. Notei que o músculo deu uma repuxada, então desacelerei. Caminhei devagar até um vendedor ambulante e comprei uma garrafa de água mineral.

— Você é a Ana, né? — perguntou ele, com os olhos brilhando de empolgação. — A princesa.

— Sim — respondi com cuidado. A última coisa que desejava era chamar atenção.

— Eu sabia! Falei para minha mulher que já tinha visto você caminhando por aqui, muito tempo atrás, mas ela me chamou de mentiroso. Vê se pode!

Sorri encabulada, doida para escapar dali.

— Meu nome é Romeu e fiquei surpreso quando te vi no *Fantástico*. Quase caí do sofá. Não acreditei que era você, a garota mais bonita da Praça da Assembleia. Que história, hein!

— Nem me fale! — Revirei os olhos, tirando um pouco da importância do fato.

— Você se importa de tirar uma foto comigo?

Quase engasguei com a água.

— Tirar um foto? — repeti, insegura. — Aqui?

— É. Rapidinho. Meu celular tem uma câmera excelente — ele assegurou, enquanto retirava o aparelho do bolso de trás da calça. — Eu só preciso pedir para alguém bater.

— Certo — concordei, resignada. Se eu dissesse não, pareceria uma dessas celebridades esnobes. E não queria ser nem uma coisa, nem outra.

— Ali. Tem um moço lá.

Romeu apontou para um homem parado a poucos metros de distância. Aproveitei o momento e tomei um bom gole da água. O calor estava demais! Quando desgrudei o gargalo da garrafa dos lábios e olhei na direção do vendedor, minhas pernas fraquejaram. De calça jeans clara, surrada, até com uns rasgos no joelho, camisa verde, botas marrons, óculos Ray Ban e uma barba que havia dias devia estar por fazer, a imagem de Alex preencheu todo o meu campo de visão. Miragem ou não, só sei que a garrafa de plástico escorregou de minha mão e se espatifou a meus pés.

Não consegui pronunciar nenhuma palavra. Perplexa, acompanhei com o olhar a aproximação de Romeu e Alexander, os dois lado a lado, vindo em minha direção.

— Esse cara aqui não fala português, mas acho que entendeu meu pedido. — Alheio ao fio elétrico que me ligava a Alex, Romeu preparou a câmera do celular.

Acho que todo o sangue de meu corpo se esvaiu e meu raciocínio lógico se foi. Eu não sabia o que fazer. Alex não tirava os olhos de mim. Nem os óculos escuros foram capazes de esconder isso.

— Pronto, princesa Ana — Romeu falou. — Posso chegar mais perto?

A essa altura, Alexander segurava o celular de Romeu e o apontava para nós. Mexi a cabeça, concordando. Então, fizemos uma pose e a foto foi tirada. Em seguida, o vendedor pegou o telefone de volta e conferiu a qualidade da imagem.

— Obrigado! — ele agradeceu. — Agora, quero ver minha mulher duvidar de eu que conheço você!

E então Romeu desapareceu com seu carrinho, permitindo que Alex e eu ficássemos cara a cara e a sós. Mas eu não sabia como agir. Decidi não fazer nada e esperar Alexander se manifestar.

— A gente pode conversar? — Aquela voz maravilhosa e profunda, que eu não escutava havia tanto tempo, atingiu meus ouvidos num inglês carregado com o delicioso sotaque da Krósvia.

Num segundo, os óculos de Alex foram parar na gola de sua camisa e eu pude visualizar aqueles olhos verdes que me levavam à loucura. Ele deu um passo, aproximando-se, e eu dei outro, só que na direção oposta. Eu me recusava a ser decepcionada novamente.

— Conversar sobre o quê? — questionei.

Alexander esfregou os cabelos, que estavam mais curtos, com uma das mãos e sua tatuagem tribal se insinuou debaixo da manga da blusa. Na mesma hora, meu estômago deu uma cambalhota.

— Sobre nós, Ana, é claro. Por que outro motivo eu estaria aqui se não fosse por você? — Ele parecia impaciente.

E eu mantive o mesmo tom.

— Bom, faz tempo, você não acha? E eu não entendo o que te trouxe a BH, já que, ao não dar bola para meus e-mails, os *dois*, você deixou bem clara sua decisão.

— É por isso que precisamos conversar — insistiu ele, ainda bastante sisudo, mas ansioso. — Preciso explicar umas coisas.

Sempre tão mandão...

— Por favor — completou. — Essa história já foi longe demais.

*E como*, pensei. *Mas não por minha culpa*. Parece que Alex adivinhou meu pensamento, pois começou a explicar:

— Sei que não facilitei as coisas, Ana. Fui um idiota completo. Agora, estou apavorado aqui, na sua frente, com medo de você virar as costas e dizer que não tem mais jeito.

Meus olhos começaram a lacrimejar. Entretanto me recusei a chorar diante dele. Já tinha feito isso uma vez, por puro desespero, e depois quase desidratara durante um mês de muitas lágrimas. *Chega!*

— Alex, eu não sei o que dizer — confessei, puxando nervosamente a barra de minha blusa de ginástica.

— Então, deixa que eu falo.

Olhei ao redor. Havia gente demais por perto e muito barulho de conversas, gritinhos de crianças e motores de carros.

— Aqui não é o lugar ideal.

— Concordo. Vamos até sua casa, então.

Franzi a testa, desconfiada.

— Como sabe que moro perto daqui?

— Ora, Ana, eu tive que correr atrás para te encontrar, né? E eu tenho fontes confiáveis.

— Posso presumir que minha mãe faz parte delas?

Alex riu pela primeira vez desde que se materializara diante de mim. Fiquei sem fôlego. O sorriso dele não tinha explicação. Aquela pintinha sobre a boca... Hummm...

— Lógico que sim. Além de me contar onde você estava, a Olívia me deu uma carona.

Por que eu estava impressionada? Alex sempre conseguia o que queria.

O trajeto de volta a meu apartamento foi tenso. Caminhamos lado a lado, mas não permiti que nos tocássemos. Já havíamos estado naquela situação, quando passeávamos despreocupadamente pelas estradas e cidades da Krósvia. A diferença era que, naquela época, não tínhamos experimentado estar nos braços um do outro. Portanto, ficar perto de Alex sem sentir seu calor era como ir a uma bomboniere e não se empanturrar de doces.

Ele até tentou engatar um início de conversa, mas preferi esperar o momento certo, quando estivéssemos dentro de casa. Falamos apenas sobre banalidades no elevador, que demorou demais até parar em meu andar. Ao chegarmos, abri a porta e anunciei:

— Vou tomar um banho primeiro.

— Ah, qual é, Ana! — Alex quase estourou. — Vai ficar adiando só para me castigar?

— Não, Alex. Preciso de um banho porque corri demais e estou suada, né? Já reparou como faz calor aqui? Toma. — Entreguei na mão dele o controle remoto da televisão. — Assiste a um pouco de TV. Não vou demorar nada.

E saí sem dar chance a ele de retrucar. Na verdade, a chuveirada era um pretexto. Eu precisava me acalmar e colocar a cabeça para pensar com coerência, pois não queria me fazer de difícil, mas também não podia baixar a guarda assim, de cara. Sabe-se lá o que Alexander diria, no fim das contas.

Deixei a água da ducha massagear minhas costas e meu coro cabeludo. Notei que a tensão que me dominava se esvaía aos poucos, então decidi não protelar mais a tal conversa decisiva e desliguei o chuveiro. Enrolei meu corpo numa toalha e os cabelos em outra, moldando uma espécie de turbante em cima da cabeça.

Não me preocupei em sair do banheiro desse jeito porque meu quarto é uma suíte. Portanto, abri a porta, que eu nem tinha trancado com chave, com a intenção de me vestir logo e encarar Alex em seguida.

— Gosto mais do seu quarto do castelo.

Literalmente pulei de susto. Como de costume, Alexander me surpreendeu dentro de meu quarto, sem dar aviso prévio. Agarrei o nó da toalha com força. Se ela resolvesse cair, o negócio ficaria feio para o meu lado.

— Sei lá — continuou ele, todo à vontade. — A vista é mais bonita e a cama... bem maior.

Alex já tinha perdido o ar de preocupação e agora falava com a segurança de quem sabia que teria sucesso em seu propósito. Seu olhar passeou de minha pequena cama de solteiro para a toalha que cobria insuficientemente meu trêmulo e apavorado corpo. Estremeci.

— Você não perde a mania de invadir os lugares sem ser convidado — acusei. — Eu pedi para você me esperar.

— E foi o que fiz.

Alexander avançou em minha direção até me prender contra a parede. Tive, então, a consciência de seu perfume e da rigidez de seu corpo. Sem que eu pudesse prever, ele estendeu a mão e retirou a toalha de minha cabeça. Meus cabelos caíram molhados e completamente bagunçados sobre meus ombros. Mas, como minhas mãos seguravam a outra toalha, não pude arrumá-los.

Mais uma vez prevendo minha intenção, Alex penteou os fios indomados com os dedos, tanto ajeitando a cabeleira quanto me torturando. Minha respiração acelerou.

— O que você está fazendo? — ofeguei.

— Tentando te persuadir a baixar a guarda para mim.

Ai, meu Deus! Alexander era tão seguro de si, tão autossuficiente!

Empurrei-o para longe. Quero dizer, não tão longe, mas o suficiente para seu corpo deixar de pressionar o meu.

— Você acha que pode resolver as coisas assim, me seduzindo como se eu fosse uma adolescente cheia de hormônios e incapaz de resistir ao seu toque? — indaguei, estressada demais para ser delicada. — Alex, no momento nós precisamos de palavras. Eu preciso entender o que houve no último mês, o que aconteceu para você desaparecer e não aceitar meus dois pedidos de desculpas. E o que mudou para agora você estar aqui na minha frente, tentando retomar de onde paramos, como se nada tivesse acontecido nesse intervalo de quatro semanas!

Ele me encarou por um tempo e depois se sentou em minha cama, desviando o olhar para meu mural de fotos. Eu mantinha uma espécie de linha de tempo num painel de metal sobre a escrivaninha. Havia retratos desde minha infância até meu período na Krósvia. Mas tive o cuidado de não colar nenhuma foto dele. Para



quê? A imagem de Alex jamais substituiria sua pessoa, e olhar para ele no papel me faria sofrer ainda mais.

— Ana, eu tive muita raiva de você.

Agora, sim. Conversaríamos sem joguinhos de sedução. E, mesmo não gostando de escutar aquela primeira frase, não o interrompi.

— Eu fiquei puto, porque nunca imaginei que você fosse acreditar na palavra de desconhecidos em vez de confiar em mim. Eu tinha aberto meu coração, coisa que não faço com frequência, tinha lhe dado a escolha de ficar ou não comigo. Porque eu não forcei a barra com você, não no que diz respeito a dormirmos juntos. Verdade ou não?

Balancei a cabeça, concordando.

— Então, como pôde pensar mal de mim? Desde o princípio, aquela história tinha cara de armação!

— Alex, tudo aconteceu muito depressa. Fui pega de surpresa — justifiquei-me, sentada de frente para ele na cadeira de estudo. — E um dos fotógrafos falou com você, te chamou pelo nome. Acha que consegui raciocinar com clareza?

— Era só olhar para mim que enxergaria a verdade. Eu estava tão chocado quanto você. Até mais, porque eu vi repulsa no rosto da mulher que eu amo, uma repulsa *por mim*. Isso depois de ter passado com ela a melhor noite da minha vida, de ter feito de tudo para que fosse perfeita.

Alexander enterrou o rosto nas mãos, mas não parou de falar. Enquanto isso, minha mente se fixou na afirmativa “mulher que eu amo”, dita no presente.

— Eu esperava um pouco mais de crédito — continuou ele.

— Com a cabeça quente, nem sempre agimos com lucidez — interrompi. Meu coração batia aos pulos, dificultando bastante a pronúncia das palavras, que saíram meio entrecortadas, como numa transmissão ruim de rádio.

— Certo. Isso eu até entendo. Mas você só mudou sua opinião a meu respeito quando ficou provado que eu não estava envolvido na armação. E já tinha dado tempo de esfriar a cabeça, não é?

Diabo de homem que tinha argumento para tudo!

— Sim, Alex. Por isso é que eu praticamente implorei para você me perdoar, porque tive consciência do tamanho da minha burrada.

— No dia que recebi aquele e-mail, eu estava mal. — Seus olhos prenderam os meus. — Não consegui te desculpar naquela hora, Ana.

— Nem depois, né? — completei para ele. — E olha que meu segundo e-mail foi ainda mais desesperado. Eu confessei coisas inéditas até para mim mesma.

Com um movimento inesperado, Alex ficou de pé e enfiou a mão num dos bolsos de trás da calça. Retirou de lá um papel dobrado e se ajoelhou para ficar com o rosto no mesmo nível do meu. Eu só conseguia olhar para a folha branca, que se revelou, depois de desdobrada, ser minha segunda mensagem.

— Ana, quando recebi isto aqui — Alexander balançou o papel —, estava prestes a ceder. Viajei por um tempo, o que me ajudou a pensar com mais calma. Eu viria atrás de você de qualquer forma. Sua mensagem só reforçou minha decisão. E se eu não respondi foi porque queria te olhar e falar olhando nos seus olhos, porque apesar das nossas falhas, de nós dois termos sido cabeças-duras, eu só consigo ficar feliz perto de você.

Senti que um sorriso tímido se insinuou em meus lábios e Alex os contornou com o polegar, como já havia feito antes, em meu outro quarto, na Krósvia.

— Sinto falta de tudo em você, Ana — ele continuou, sussurrando, a voz meio embargada. Seus olhos verdes não largavam os meus. — Tenho *saudade* da sua alegria, do seu amor pelas pessoas, do seu entusiasmo diante das situações mais simples, até do seu humor variável.

Quase chorei quando a palavra *saudade* foi dita em português. Significava muito para mim, não pelo uso de meu idioma, mas porque traduzia a enormidade de seus sentimentos.

Com a boca colada em meu ouvido, Alexander completou:

— Sinto saudade da sua pele, dos seus lábios macios e do seu corpo apaixonado. Não posso mais viver sem tudo isso, Ana. Então, por favor, diz que me aceita de volta e acaba com essa agonia.

Mais inebriada de paixão do que qualquer princesa de contos de fadas, respondi ao apelo de Alex jogando meus braços em volta de seu pescoço, puxando-o para um beijo daqueles. Nem preciso dizer que a toalha que envolvia meu corpo afrouxou e, num instante, não estava mais a meu redor. Alexander me tirou da cadeira e me levou até minha minúscula cama, mas, em vez de matar a saudade dos momentos que vivêramos na Ilha de Catarina, ele primeiro contornou minhas feições com o indicador e declarou:

— Você é a pessoa mais importante da minha vida, Ana. Esse último mês foi um pesadelo.

Fechei os olhos e me entreguei a meu amor. Eu estava certa: o melhor lugar do mundo era onde eu estivesse com Alexander.



— Quer dizer que encheu a cara na noite da virada do ano?

Curtindo a letargia pós-maratona de exercícios físicos noturnos, Alex e eu estávamos aconchegados um no outro, tanto pela vontade de não nos desgrudarmos nunca mais quanto pelo tamanho reduzido de minha cama de solteiro. Eu descansava minha cabeça em seu tórax bem delineado e mantinha meus dedos entrelaçados aos dele. Com a outra mão, Alexander traçava preguiçosamente os ossos de minha coluna vertebral enquanto falávamos sobre todos os assuntos atrasados, ocorridos no mês anterior.

— Que modo mais pré-histórico de afogar as mágoas, hein! — Alex brincou. Eu dei um tapa em seu ombro.

— Deixa de ser convencido! Minha bebedeira não teve nada a ver com você. Foi uma questão de ingerir a bebida errada, ou seja, vodca.

— Então, no *reveillon* a senhorita se esqueceu dos nossos problemas e caiu na gandaia. Que bonito!

Abracei-o ainda mais, adorando aquela discussõzinha de mentira, o que tornava nosso relacionamento mais leve. Mais normal.

— Exatamente — confirmei, dando em seguida uma mordida sobre a tatuagem tribal de Alex, aquela que me deixava doida. — Saí com a Estela e quebramos tudo.

Eu só estava querendo provocá-lo. Todo mundo sabia que aquela noite havia sido um fiasco.

Com um movimento rápido, Alexander me prendeu sob seu corpo e me encarou com cara de bravo.

— Grande sofrimento esse seu!

Comecei a rir. Nem fazendo esforço para parecer zangado ele ficava menos bonito. E aquele homem era todo meu. Será que um dia minha ficha cairia?

Um barulho fora do quarto desviou nossa atenção e Alex deu um pulo da cama. Vestiu a calça em dois segundos, como se o fato de estar semivestido fosse fazer alguma diferença caso fôssemos flagrados por minha mãe.

Apoiei a cabeça na palma da mão e o observei passar por aquele aperto.

— Será que é a Olívia? — quis saber, ofegante de susto.

Fiz cara de mistério, mas careca de saber que não era ela. Deveria ser no apartamento do vizinho.

— Ana, puxa, será que sua mãe...

— Desencana, Alex! Não é ela. Minha mãe só chega à noite. Agora, volte aqui.

Os ombros dele relaxaram automaticamente.

— Hum... Que tal se a gente comer alguma coisa? Estou meio sem energia — ele propôs.

Concordei. Também, depois de tanta ginástica, não dava para ficar de estômago vazio.

Na cozinha, servi para nós dois um pedaço de torta de pão. Ela estava geladinha e suculenta, irresistível. Entre uma garfada e outra, tomei coragem para fazer a pergunta que não queria calar:

— Como ficamos daqui para a frente?

Pensei que Alexander se retrairia diante desse tema não muito agradável, mas parecia que ele já havia previsto a conversa e planejado as respostas.

— Juntos. Ou ainda tem dúvida?

— Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer.

Ele largou o garfo sobre o prato e me olhou nos olhos.

— Minha linda, tudo vai se ajeitar. Posso muito bem dividir meu tempo entre a Krósvia e o Brasil. Estava até pensando em aprender português.

— Jura? — Segurei as lágrimas, que tentavam a todo custo romper minha resistência.

— Vou estar aqui sempre, quando for possível conciliar meu trabalho com uma temporada de descanso. Não quero que você se sinta pressionada a largar seu curso e partir de mala e cuia para Perla de novo.

— Vai ficar tudo bem entre a gente, então? Mesmo se cada um estiver numa parte do mundo?

Alex se levantou da cadeira e me puxou para um abraço apertado.

— É claro que sim. Não vai ser gostoso passar umas temporadas longe de você, mas vamos sentir a tal da saudade boa, já que vamos poder matá-la sempre que quisermos.

— Meu pai vai ficar feliz. Porque não pretendo ficar tão longe da Krósvia.

— E eu, mais ainda — Alexander garantiu. — Pena que não vou poder sequestrar você para meu apartamento todas as vezes, senão seu pai manda aqueles dois brutamontes atrás de mim.

Caí na gargalhada.

— Nada disso! Daqui para a frente, acho bom o Andrej arranjar uma nova função para o Boris e o Zlafer.

— Com certeza. Nem em sonhos minha linda namorada vai andar com homens seguindo seus passos. Pode deixar que eu mesmo cuido da sua retaguarda.





## Dois anos depois...

— Ah, minha filha, você está linda!

Minha mãe avançou a passos largos até mim e enxugou os olhos com um lenço de linho que alguém do castelo providenciara para ela. Desde que chegara à Krósvia, vivia emocionada, chorando pelos cantos.

— Mãe, por favor, não vai chorar de novo. Desse jeito seu nariz vai ficar vermelho em todas as fotos.

Mas não teve jeito. Só o fato de eu estar vestida daquela forma era um novo motivo para ela se debulhar em lágrimas. E minutos depois vovó Nair fez o mesmo, seguida por Estela, Irina e até Karenina. Eu não estava conseguindo acreditar naquilo. Quanto exagero! Afinal, eu só estava a ponto de oficializar uma situação que já estava consolidada havia muito tempo.

Muita coisa havia acontecido desde o dia em que Alex fora me procurar em Belo Horizonte e nós finalmente ficáramos juntos. Bom, tivemos muitos contratemplos, como o fato de morarmos em países diferentes.

Eu continuei vivendo no Brasil, cursando direito na PUC, trabalhando como voluntária numa instituição assistencial para crianças abandonadas e estagiando na embaixada da Krósvia. Meu pai mexeu uns pauzinhos e *voilà!*

Claro que viajei bastante para Perla, mas não tanto quanto Alex foi ao Brasil. Passei todas as férias no país de meu pai, mas Alexander reestruturou sua vida de modo que aparecesse em Belo

Horizonte pelo menos uma vez a cada dois meses. E sempre ficava de uma semana a 15 dias comigo.

Mesmo assim, não foi fácil. Os tempos sem ele eram cinzentos, sem graça, sem cor. Eu sentia a falta dele nas mínimas coisas, desde assistindo a um filme na TV até escutando Bon Jovi cantar, pela enésima vez consecutiva, a música-tema de nossa história: "*In These Arms*".

Mas fiz de tudo para me manter firme, pois sabia que essa fase passaria. Então, aproveitei para curtir minha família e meus amigos e me dediquei ao máximo a eles. Não deixei de ir aos churrascos de minha turma de faculdade nem às reuniões no sítio de meu tio em Itabirito. Porque eu estava decidida a partir de vez para a Krósvia logo que recebesse meu diploma de bacharel em Direito das mãos do reitor da universidade. Ou melhor, assim que fizesse a prova da OAB.

Afinal, e daí não morar mais no Brasil? Ainda assim, minha família estaria lá e eu poderia fugir para eles sempre que quisesse. O que não dava era para continuar vivendo com um oceano, um continente e um mar entre mim e Alex. O restante eu suportaria.

Ao saber de minha decisão, cada pessoa teve uma reação diferente:

- minha mãe caiu em prantos;
- meu pai organizou uma festa para comemorar;
- Alex ficou todo convencido;
- Estela me concedeu dois dias de gelo, mesmo dando a maior força para meu romance de novela;
- o pessoal do Palácio Sorvinski se desdobrou para ajeitar minha mudança.

E, quando eu dei por mim, sobrevoava definitivamente parte do mapa-múndi rumo à terra de meus ancestrais paternos. Ah! E com um item inédito em minha bagagem: o domínio total da língua krosviana. Mas vamos combinar que minha pronúncia era um fracasso.

Agora, ali estava eu, cercada por um bando de choronas e tendo que lidar com um penteado nada confortável, elaborado minutos antes pelo queridíssimo Patrick, com o qual eu havia conseguido dialogar pela primeira vez em krosvi.

— Gente, não estou acreditando nisso — declarei, de braços cruzados sobre a parte de cima de meu lindo vestido de cetim. — Ainda não consegui processar o motivo de tanta choradeira. Por acaso tem alguém morrendo?

Uma sinfonia de fungadas foi a resposta mais imediata à minha pergunta, seguida pela explicação de minha avó:

— É que você está tão linda e hoje é um dia tão especial que fica difícil controlar as lágrimas.

— Fiz suco de maracujá para todas nós, Ana — Karenina anunciou na maior inocência, com o nariz tão vermelho quanto o das outras.

— Vocês são inacreditáveis — falei, revirando os olhos. — E a tia Marieva? Já apareceu? Como vou entrar se as crianças não tiverem chegado?

Meus primos me acompanhariam ao longo do trajeto que me levaria ao altar. Além deles, um cortejo de meninas do Lar Irmã Celeste abriria a cerimônia, preparada com bastante antecedência pela equipe de relações públicas da família real.

Minha vida estava perfeita, mas um fato jamais fora solucionado. Nunca soubera por que Marcus, marido de tia Marieva,

agia de forma tão estranha perto de mim. Alex dizia que ele era um invejoso e aceitei essa justificativa por não encontrar outra melhor — ou pior, dependendo do ponto de vista.

— Estão a caminho — Irina respondeu, dividida entre a eficiência e a emoção. Nos últimos dois anos, tínhamos aprofundado nossos laços e nos tornáramos grandes amigas. Mas entre ela e meu pai as coisas continuavam só na vontade. Dela. Irina preferia cultivar seu amor platônico a arriscar perder seu cargo de confiança ao lado de Andrej. Vai entender.

Depois de minha partida, mamãe não aguentara a solidão por muito tempo. Resistente como uma dama recatada do século XVIII, custara a aceitar as investidas de Lúcio, um médico bonito e certinho, que caíra de quatro por ela assim que a conheceu num evento que seu buffet organizara para o hospital onde ele trabalhava. Mas, enfim, acabou aceitando.

Mas a maior novidade do século aconteceu poucos meses após eu ter deixado o Brasil. Contrariando todas as expectativas, Estela decidiu dar uma chance a Artur e disse sim. Entretanto, isso só foi possível porque ele a convenceu de que sempre estivera apaixonado por ela, mesmo na época em que ficava comigo. Só não sabia disso ainda. Por mim, tudo bem. Nada contra o amor dos dois. Esse tipo de situação é comum por aí afora, quero dizer, um cara achar que gosta de uma garota e depois descobrir que prefere a melhor amiga dela.

— Chegaram! — avisou Irina, num ir e vir irritante. — Está pronta, Ana?

— Mais do que nunca.

Então, meus pequenos primos se juntaram a mim e as primeiras notas de um conjunto de cornetas soaram do salão de solenidades do palácio.

Meu coração palpitou de expectativa, mas eu me mantive firme, até serena. Caminhei atrás de Giovana, Luce e Luka e parei no topo da escada. Todos os olhares se voltaram para mim. Tive medo de desmaiar e cair rolando degraus abaixo. Tanta gente desconhecida! Vi de chefes de Estado a primeiros-ministros e localizei, de pé num dos locais mais privilegiados do salão, a presidente do Brasil. Quanta honra!

No entanto, no meio de toda aquela gente, um rosto especial se destacava. Foi só avistar Alexander olhando embevecido e orgulhoso para mim que me senti fortalecida. Dois anos haviam se passado e nada mudara entre nós. Isto é, estávamos mais maduros, mas ainda sentíamos um frio na barriga quando nos beijávamos, ainda tínhamos prazer em estar juntos, e acho que essas coisas nunca mudariam. Pode soar piegas, mas fomos feitos um para o outro.

Ele ainda me surpreendia com gestos especiais, como no dia em que aparecera em Belo Horizonte com uma sacola de lingerie da Victoria's Secret — as que eu tinha deixado no castelo. Quase morri de vergonha, principalmente porque Alex me fez usar cada uma delas e depois elegeu os três primeiros lugares.

Por essas e outras é que jamais me cansaria dele. Portanto, vê-lo de fraque, todo lindo e irresistível, incentivando-me apenas com o olhar, fez meu coração se derreter. De novo. E me mantive firme até me encontrar com meu pai sobre o altar dos tronos do Palácio Sorvinski, usando um traje formal antigo, parecido com os dos príncipes de filmes da Disney.

Ei! Esperem aí. Não acredito que você estava pensando que toda aquela pompa e circunstância faziam parte de meu casamento. Alô-ô. É claro que não. Só tenho 22 anos e muita coisa para fazer antes de me casar. Espero que, quando chegar o momento certo, seja mesmo com Alexander. Mas aquela ali era minha coroação

como princesa da Krósvia. Andrej fazia questão de enfiar uma coroa em minha cabeça. Quem sou eu para negar um pedido de meu pai?

O legal foi que pude usar o vestido de minha bisavó Catarina, aquele amarelo-ouro, tomara que caia, enfim, o que aparecia em meu sonho. É. Aparecia. Pois, desde que eu decifrara seu significado, ele me abandonara de vez. Graças a Deus!

Finalmente coroada e adornada com o manto real — feito de seda pura e bordado com fios de ouro —, depois de jantar formalmente com a comitiva de políticos convidados especialmente para minha coroação, pude enfim sair à francesa com Alex e me livrar dos sapatos apertados.

— Como está se sentindo? — ele quis saber, enquanto eu puxava o vestido até o meio das coxas e me sentava na traseira de sua BMW turbinada.

— Muito bem. E você?

Alexander ainda estava de pé, mas completamente grudado na lateral de meu corpo. Massageou uma das minhas pernas e disse:

— Melhor impossível. Sabe por quê?

Fiz que não com a cabeça, ansiosa para ouvir a resposta.

— Porque, no final da história, eu ganhei a princesa.

Então, ele me beijou loucamente e depois partimos em alta velocidade através da noite de Perla.

Como em todo conto de fadas, vivemos felizes para sempre.

*Fim*



# Agradecimentos

Escrever um livro é um trabalho de duas mãos, mas com muitas outras mentes e corações envolvidos. Portanto, assim que *Simplesmente Ana* foi aceito pela Editora Novo Conceito, pensei: Tomara que a editora permita que eu tenha uma página de agradecimentos. Como ela é demais, aqui estou eu.

Em primeiro lugar, nada disso seria possível sem o exemplo dos meus pais. Bons leitores que eram — e ainda são —, passaram-me a paixão pela leitura e pelo prazer que ela proporciona. Da minha mãe, Rita, também herdei a familiaridade com as palavras, um dos bens mais preciosos da minha vida. Pai, mãe, sou imensamente grata a vocês.

Agradeço a minha irmã, Priscila, por ter lido e criticado todas as histórias que tentei escrever durante a nossa adolescência. Suas gargalhadas, de certa forma, me fizeram enxergar que o drama anda longe dos meus textos.

Sem o incentivo do meu marido, Rogério, talvez minhas histórias jamais tivessem saído da minha cabeça. Obrigada por entender meu isolamento diante do computador, minha presença apenas de corpo, enquanto dava asas à criatividade. Obrigada também a Hugo e João, meus filhos queridos, cujos olhos brilham quando falo sobre meus textos. Eles sentem orgulho de mim!

Gostaria de registrar minha gratidão a uma pessoa que só recentemente ocupou o posto de grande amiga e que, por ela, *Simplesmente Ana* existe de fato: Glauciane Faria. Não tenho palavras suficientes para agradecer sua boa vontade, seu incentivo,



sua confiança. Escolher continuar na luta comigo foi a maior prova de que acredita no meu potencial. Ah! E a cor creme ainda existe, viu?

E a todas as pessoas que torceram e depois vibraram comigo dedico esta obra: família (Carvalho, Oliveira, Rocha), amigos (em especial Adriana Rangel, Dace e Márcia Karina), colegas da Escola Nossa Senhora Auxiliadora, alunos queridos — especialmente os meus afilhados do 9º ano de 2012 (meus bebezinhos), além de Ana Luísa Campos Rocha e Vinícius Dias Costa, meus primeiros leitores e críticos. Vocês são incríveis!

Copyright © 2013 Editora Novo Conceito  
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2013

Edição: Edgar Costa Silva

Produção Editorial: Alline Salles, Livia Fernandes, Tamires Cianci

Preparação de Texto: Camila Fernandes

Revisão de Texto: Sandra Brazil

Diagramação: Futura

Diagramação ePub: Lucas Borges

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Carvalho Oliveira Rocha, Marina

Simplemente Ana / Marina Carvalho Oliveira Rocha. -- Ribeirão Preto, SP : Novo  
Conceito Editora, 2013.

ISBN 978-85-8163-155-4

1. Ficção brasileira I. Título.

13-01796 CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha  
14095-260 — Ribeirão Preto — SP  
[www.editoranovoconceito.com.br](http://www.editoranovoconceito.com.br)